

Every day dawn and dusk arise, but today... Today it will be Azure

# 解放

紺碧獵師の伝説

# KAIHO

The legend Of the Azure Hunter

かいほう

デレゲンドオブデアズレハンタル

- Livro 1 -

**O levantar-se de Azure**

Autor: Bedengus Crowley Nightwalker

----- Participações Especiais -----

Gustavo Lopes de Araújo*	Ian Victor	Denis
Gabriel Moraes Leite*	Loislene Mendonça Rios	Iuri
Marcos Vinicius Lazarim Lemes*	Stephanie Rios	Felipe
Túlio Cunha Lima*	Samuel Costa	Dilton
Jonas Fialho*	Jean Antonio*	Saulo
Vagner Luciano Peruchini*	José João de Jesus	Larissa
Vitor Manuel	Aginaldo Filho	Lucas
Thiago Pinheiro	Erinaldo Rios	
Arthur Vinuesa*	Maria Aurilene	
Herikz Nawarro	Rebecca Keyla	
Joanderson Rios	Marcus Leal	
Icaro Carvalho	Henrique	
Adrion	Jessica Ann Juliet	
Lenilda Silva	João Fialho	
Sabrina	Micaelle	
Eliabe	Cleiton Souza	
Cledison Cunha	Pedro Henrique	
Junior Teixeira	Tales	
Reginaldo	Isael	
Raick Cerqueira	Leandro Rios	
Ronaldo Rios	Daniel Souza	
Vici	Jonas Azevedo	

*Todos os direitos autorais reservados ao autor. Membros das 'participações especiais' participaram por apenas existirem e com exceção dos marcados com um asterisco eles nem ao menos sabem sobre seus personagens – portanto em caso de desagrado devem ser considerados também como fictícios.*

*“Alison - Bom dia... Jocu-sama.*

*Jocu-sama - É definitivamente um belo dia, Azure...*

...

*Alison - Talvez eu escreva um livro...”*

---

Prólogo

---

Livro de fantasia baseado na própria fantasia em si. Todas as criaturas mitológicas e fictícias que tive acesso, toda a experiência de ler, ver ou ouvir sobre tais criaturas em jogos, desenhos, séries, filmes, livros, internet e outras formas de mídia; toda esta experiência junta-se para criar um universo de fantasia com suas próprias leis paralelas as da realidade no qual vai além de apenas ‘o bem’ e ‘o mal’. O livro tenta passar a ideia de que o mundo – real ou de fantasia – vai muito além disto; que não se deve ter conceitos imutáveis sobre as coisas e de sempre estar aberto a mudanças. Este livro acompanha a jornada na qual Alison explora e faz parte de tal novo e maravilhoso universo. A estória é contada em primeira pessoa a uma linguagem popular e de fácil entendimento. Não é um livro apenas de drama, romantismo, humor ou de alguma característica específica; é um livro que tentar passar algo mais real, todas estas características de um modo balanceado, como no dia-a-dia de cada um nós. Muitos personagens são baseados em pessoas reais, meus amigos, portanto tais personagens possuem a mesma personalidade da pessoa na qual foram baseados, tornando assim uma experiência mais realística em um mundo de fantasia.

Kaiho é um livro de heróis e monstros; exércitos poderosos e feitos épicos. Assistiremos enquanto tais feitos pelos deuses e homens mudam o inteiro mundo que conhecíamos.

Aprecie a estranha estória do ‘Azure Hunter’.

## Prefácio

Era mais um dia normal na Terra que conhecemos; a humanidade em progresso, sonhos de um futuro estável e a maioria das pessoas se empenhando para atingir uma boa condição financeira e status na sociedade.

Como as mudanças mais importantes da humanidade; esta também veio de repente e inesperadamente – os chamados 'Kaihos' (解放).

Os Kaihos foram descritos como 'poderes anormais'; o mundo foi cético com respeito a tais, mas em pouco tempo, questão de meses, boa parte da população mundial já possuía seus Kaihos.

Filmes de ficção científica sempre falaram da possibilidade disto e do desastre que causaria, porém estes novos poderes foram bem aceitos pelo mundo.

Ao relembrar da história cruel que o mundo vem sofrendo por pré-conceitos ao longo das eras foi decidido dar uma chance para os 'Kaihojins' (解放人); como são chamados os que possuem Kaiho.

Logo a vida foi acostumando-se com os Kaihos. Matérias de escolas foram criadas especificamente para isto; muitos campos de pesquisa de o porquê tal coisa aconteceu e o porquê existem Kaihos comuns e raros, o que, como, porque e assim por diante. Era algo totalmente misterioso que o mundo estava muito excitado para se saber mais sobre.

Foi-se notado também que o mundo começou a ter muito mais relatos sobre coisas sobrenaturais como vampiros, lobisomens, elfos, orcs e coisas de teor semelhante.

No início não foi dada muita atenção a isto – tudo estava voltado para o novo poder que os humanos possuíam que transcendiam a lógica e a razão –, contudo se tornou algo alarmante em pouco tempo.

Pessoas passaram a ser encontradas mortas sem causas identificáveis: muitos viajantes que nunca mais eram vistos e não apenas alguns casos isolados; estava a acontecer em escala global. Após longas investigações sobre isto, tudo que descobriram foram mais e mais coisas estranhas; cheiros até agora desconhecidos, resíduos de matérias nunca vistos antes e sinais daquilo que pareciam ser apenas lendas. Todos os sinais indicavam que tudo aquilo que foi tido como lendas eram na verdade reais, nem todas é claro, mas as mais difundidas, com infinitudes de versões, e estavam vivendo ali lado a lado com os humanos.

Foi incrível a humanidade ter aceito tão facilmente os Kaihojins, todavia isto que agora acontecia já era demais. O governo tomou ação imediata sobre isto e foi decretada a eliminação de todos os vampiros, lobisomens, necrófagos, fantasmas, quimeras, sereias, centauros, orcs, elfos, grifos e assim por diante. Foi decretada a eliminação de todas as criaturas que 'não pertencem' a este mundo – obviamente foi um fracasso.

Armas de fogo, armas medievais ou tudo que tentavam falhavam miseravelmente contra a maioria destas criaturas – não havia como o governo contra-atacar tal ameaça (os inimigos

atacavam e fugiam; nem houve a chance dos exércitos enfrentá-los). Mas no horizonte a alvorada de uma nova era surge: A era dos Kaihojins!

Por sorte os humanos aceitaram facilmente os Kaihos e aquilo que havia acabado de chegar a em torno de três meses agora parecia ser a última esperança da humanidade. “Combater o desconhecido com o desconhecido.” – este foi o pensamento de esperança da época.

Muitos Kaihos eram inapropriados para combate, já outros pareciam terem sido 'dados' para isto – nasce então a "GUFMC - Governmental Unit For Mythical Combat" – o governo selecionou os militares de todo o mundo que já possuíam Kaihos para treinarem suas habilidades voltadas ao combate e então conter o crescente perigo que se aproximava com a chegada destas novas criaturas.

Muitas vilas isoladas, pessoas que viviam no campo, cidades pequenas, casos misteriosos nas cidades grandes, estranhas criaturas nas florestas, rios, montanhas, mar e algumas vezes até nos céus; o mundo estava muito cheio de problemas para o governo solucionar por si só. Foi daí que muitos usuários de Kaiho voltados para o combate começaram a agir. Tais Kaihojins eram contratados para lidar com problemas envolvendo o sobrenatural enquanto o governo não conseguia lidar com todos – estes contratados resolviam rapidamente os problemas daqueles que estavam pagando por aquilo. Infelizmente estes poderes não foram usados apenas para o ‘bem’; alguns contratavam Kaihojins para outros fins como assassinatos, roubo de bancos, ajudar outros a fugirem da prisão e atividades ilegais que ficavam fáceis usando esses novos 'superpoderes' – isto fez com que o mundo entrasse em um estado de caos. Agora não só o governo tinha que lidar com os incontáveis casos que apareciam a cada segundo no mundo, mas também lidar com pessoas que usavam seus Kaihos para o ‘mal’.

Com isto os governos começaram a desmoronar um após o outro e logo os maiores governos ainda restantes no mundo – US, Rússia, Japão, Alemanha e França – se uniram e criaram um governo que regesse sobre todo o planeta. Os cinco líderes mundiais que estavam no comando destes países chegaram lá por serem vistos como heróis de guerra; eles possuem um alto nível de controle sobre seus Kaihos em combate e tentam acabar com o caos através da força.

O planeta estava em um regime totalitarista; todos Kaihojins deveriam se apresentar ao governo e receber um implante de um chip pelo qual seriam monitorados – todo e qualquer uso de Kaiho era visto como ilegal e punido severamente. Todo este caos dentro da própria humanidade permitiu que as criaturas se organizassem, lutassem entre si e arranjassem seus próprios territórios em nosso mundo; não eram mais animais selvagens que viviam de matar os humanos e causar o caos sem pensar nas consequências. Muitas foram para altas montanhas, cavernas profundas ou densas florestas. Muitas delas tinham uma forma humana na qual era quase indistinguível da humanidade e com isto alguns como vampiros e lobisomens começaram a viver junto com os humanos. Alguns realmente eram pacíficos e tentavam viver em paz; já outros viam os humanos apenas como presas e alimento. Havia constantes guerras contra o chamado 'Submundo Kaihotico' onde os Kaihojins ainda se opunham ao governo e continuavam a realizar trabalhos contra as criaturas míticas e atividades 'ilegais' de todo tipo usando os Kaihos.

Mesmo que tudo parecesse estar se acalmando sempre era preciso de alguém lá e cá, sempre aparecia do nada uma invasão de zumbis, espíritos atormentados em tal lugar ou um assassino sobrenatural em série que se alimentava de suas vítimas. Recorrer a GUFMC não era a mais rápida nem prática das alternativas; exige-se grandes formulários, provas do problema e a burocracia de sempre. Logo o uso do submundo Kaihotico nestas áreas se tornou muito comum e estava crescendo mais a cada dia. Armas consideradas medievais como espadas, machados e lanças agora podiam ser usadas melhor do que armas de fogo. Ao combinar o uso de Kaiho com o de armas medievais o resultado é grandioso e com isto começou-se a desenvolver armas para serem usadas assim; até mesmo armas que usassem os Kaihos como fonte de energia ou como uma extensão de seu poder. A tecnologia também avançou bem com respeito a não prejudicar o planeta já que alguns Kaihos afetavam a inteligência e imaginação. Sem criar tanta poluição era mais fácil de permanecer escondidos do governo.

E este é o estado do mundo em 27/10/2017, ou devo dizer, ano 001 dia 300. É; o ano passou a ser contado após o surgimento do Kaiho no mundo.

Mesmo com o governo tentando acabar com o submundo Kaihotico a população apoiava bastante o uso independente de Kaiho para ajudar a combater os ‘monstros’. O governo não é capaz de cuidar de todos os problemas e então liberou que ‘missões’ fossem postadas com recompensas para aqueles que usassem o Kaiho contra alguma criatura que estivesse prejudicando a população. Com isto muitos usuários de Kaihos puderam sair do submundo Kaihotico, porém eram apenas missões simples; o governo ainda tentava esconder grandes massacres e criaturas que nunca haviam sido nem mesmo imaginadas – estes tipos de missões são feitas pela mais alta classe do governo, ou pela mais alta classe do submundo Kaihotico, ou melhor, eram feitas pelos “Guardians”, a elite dos Kaihojins do governo, e os “Freelers”, que são a elite dos ‘caçadores’ do submundo Kaihotico que lida com o uso do Kaiho contra o governo e criaturas míticas.

A humanidade ainda lutava entre si mesma e nem ao menos tentavam entender sobre as novas espécies que chegaram ao planeta; muitas das quais eram criaturas inteligentes e que por algum motivo absurdo falavam inglês além de seus idiomas nativos. Com todo este caos e unificação das nações ficou decidido que o inglês seria a língua usada no mundo inteiro. Isto tudo aconteceu em um período de apenas um ano e meio, parece pouco tempo, contudo é impressionante como a vida pode mudar totalmente em apenas uma semana.

Sobre Kaiho tem que se manter em mente que não é uma arte toda poderosa e infinita; muitos nem sabem que têm Kaiho porque a habilidade geralmente vem a um baixo nível no qual mal se percebe. É algo que tem que ser treinado e aperfeiçoado para que possa ser usado e apenas alguns poucos que vêm com poderes fantásticos do nada, mas é importante ter em mente duas coisas: assim como numa maratona o usuário de Kaiho não usa tudo o que ele tem de vez, isso iria esgotá-lo e então não chegaria muito longe. Assim como na maratona ele vai usando o Kaiho no seu próprio nível, porém em algum momento ele irá se cansar e não poderá usar mais seu Kaiho até se recuperar. O Kaiho é semelhante à estamina. 1 – Se tentar usar muito de vez simplesmente perderá o controle sobre seu próprio Kaiho e ficará incapaz de usar por algum tempo. 2 – Mesmo se usar conscientemente chegará a um momento que não vai mais ter energia para usá-lo e só poderá ser usado após regenerar *completamente* a energia.





















## Índice:

Capítulo 1 – Um Kaiho Diferente De Todos	.....0013
-----Primeiro Ato-----	
Capítulo 2 – O Comandante Vampiro	.....0026
Capítulo 3 – O Início Da ‘Aliança’	.....0041
Capítulo 4 – A Viagem	.....0056
Capítulo 5 – The Azure Hunter	.....0072
-----Segundo Ato-----	
Capítulo 6 – A Jornada Ao ‘Submundo’	.....0091
Capítulo 7 – A Vila Troll	.....0108
Capítulo 8 – Engajando Em Algo Muito Maior	.....0125
Capítulo 9 – O Resgate	.....0143
Capítulo 10 – The Dark Queen	.....0159
Capítulo 11 – Apresentando Um Novo Mundo – O Nenokuni	.....0174
Capítulo 12 – Duat; O Reino Da Areia	.....0193
Capítulo 13 – Diferentes Objetivos, Mesmo Caminho	.....0201
Capítulo 14 – Unidos Por Um Propósito	.....0221
Capítulo 15 – The Flame Emperor	.....0235
Capítulo 16 – Um Final Feliz	.....0258
Capítulo 17 – A Ordem Do Nenokuni	.....0299
Capítulo 18 – A Usurpação Do Trono Anão	.....0321
Capítulo 19 – O Ascender Dos Profundos	.....0334
Capítulo 20 – O Resplendor Azure – Drytomos!	.....0348
Capítulo 21 – Propositalmente A Esmo	.....0368
Capítulo 22 – O Melhor Modo De Aprender	.....0386
Capítulo 23 – O Reino De Lendas	.....0399

Capítulo 24 – A Conquista Do Olympus	.....0410
Capítulo 25 – The Doomsday	.....0430
Capítulo 26 – Em Busca De Ainda Outro Portal	.....0444
Capítulo 27 – Recomeçando O Fim	.....0459
Capítulo 28 – O Levantar-se De Azure	.....0473



# Cores

Alizarina.....	
Amarelo.....	
Amarelo Esverdeado.	
Âmbar.....	
Ameixa.....	
Ametista.....	
Amêndoa.....	
Azul.....	
Azul Ardósia.....	
<b>Azul Celeste (Azure)...</b>	
Azul Celeste Brilhante	
Azul Claro.....	
Carmesim.....	
Carmesim Celeste.....	
Castanho Claro.....	
Cinza.....	
Coral.....	
Couro.....	
Dainise.....	
Dourado.....	
Escarlate.....	
Esmeralda.....	
Fuligem.....	
Herbal.....	

Jade.....	
Laranja.....	
Magenta.....	
<b>Marfim.....</b>	
Ocre.....	
Oliva.....	
Orquídea Escura.....	
Perse.....	
Prata.....	
Preto.....	
Púrpura.....	
Quantum.....	
Rosa.....	
Rosa Forte.....	
Roxo.....	
Tan (Castanho).....	
Triássico.....	
Turquesa Pálida.....	
Verde.....	
Verde Azulado.....	
Verde Espectro.....	
Vermelho.....	



## Um Kaiho Diferente De Todos

*“Três todos são, e separados eles remanesçam em equilíbrio. Caia um e talvez não hajam os outros, ainda, destes, o físico é em menor importância.” – Kaiho, Canto 1.*

\*TOC\*\*TOC\*\*TOC\* \*TOC \*\*TOC\*\*TOC\* \*TOC\*\*TOC\*\*TOC\*

??????? – Acorda vai vagabundo!

Eu – Ahhhhh (bocejo)... Fica quieto aí vai.

??????? – Levanta logo e vai trabalhar vai.

Eu – Sou mais ir ‘upar\*’; trabalhar nessa merda é muito ruim... Ahhhh (bocejo).

??????? – Ah, vai logo, eu já vou ir pro meu trabalho.

Eu – Thau...

Este é o começo de mais um dia. Atualmente é ano 002, dia 59(02/28) e no começo deste ano a vida começou a parecer bem ‘normal’; pessoas voltaram a trabalhar, notícias de casos sobrenaturais agora são tidas como comuns e tem-se muito trabalho a se fazer reconstruindo o que foi destruído durante estes dois anos de caos.

Meu nome é Alison. Eu tenho vinte anos e ainda moro com meus pais; com todo o caos que teve não houve como continuar a vida normalmente. Há dois meses eu consegui um emprego no qual eu ajudo a restaurar a internet ao redor do mundo; são dez horas diárias na frente do computador tentando restaurar aquilo que foi perdido (não que eu também não passe o resto do meu tempo na frente do computador).

Aquele que me acordara foi Gustavo; os seus parentes mais próximos morreram durante o caos dos últimos dois anos e como ele é meu amigo desde a infância ele passou a morar aqui. Ele trabalha em uma lanchonete/café há alguns quarteirões daqui; o que é muito bom porque ele agiliza meus lanches e isto é algo muito agradável. Ahhhh... (bocejo), mas deixa-me levantar agora antes que eu volte a dormir.

Ah, o dia está muito claro hoje, acho que o sol está com um ‘boost\*’, bem, aqui na Bahia sempre é assim.

Levanto-me da cama, boto uma blusa de frio sem fechá-la, uma calça, pego minhas chaves e saio.

Vou à lanchonete que fica bem próxima de onde moro e no caminho vejo que ainda estão a consertar a rede elétrica.

Eu – Eta cara; essa treta aí não fica pronta não? Já tem uma semana que a energia fica caindo o tempo todo!

Cara da eletricidade – Calma mano; relaxa aí. Nós tá tentano arruma, só que o bagulho é loco, vai levar mais uns dois dias ainda... Eu acho... Relaxa aê.

Dois dias ainda!? É; Brasil é Brasil. Com todo este tempo de falta de energia eu já estou atrasado no trabalho, mas deixa pra lá; tenho que me preocupar em ir comer por agora e se ainda estiver sem energia eu voltarei a dormi.

Passo por Tande; um amigo meu que trabalha vendendo peixe. Ele ainda está a montar sua barraquinha.

Eu – Iaê Tande.

Tande – Iaê ‘mestre Bedengo’ hahahaha.

Eu – Só de boa né? Tá com algum peixe bom aí?

Tande – Hum, tô nada; só as mesmas piabas de sempre, mas tô juntando dinheiro para começar um negócio de verdade.

?????? – Ôii, Tande, ‘meio-gay’.

Tande – Aí Erinho aí.

Eu – Iaê, já passou lá em Zé? Como que tu trabalha em dois lugares no mesmo horário? Isso é roubo...

Erinho – Que nada ‘meio-gay’, vai fazer algo da vida vai hahahahahahahaha.

Eu – Tu devia pagar só metade do salario e Zé metade, nerá Tande?

Tande – HÔHÔHÔHÔ, era mesmo né, vou falar com Zé João HÔHÔHÔ.

Erinho – Ôh, não faça isso não ôh, Zé é doido ele vai querer fazer isso mesmo. Vou ir entregar esses peixes logo, os caras já querem tirar meu dinheiro de ir para festa, não, sai viu.

Tande – Hahahahahahaahhahahaha, só falar disso já fica doido aí ôh.

Eu – Muito roubado ele trabalhar de entregador aqui e para zé... Bota a barraca lá na lanchonete.

Tande – Nem, Zé é muito cafungo, fica só falando coisa, querendo cobrar aluguel, aqui na rua é de graça HÔHÔHÔHÔ.

Chego à lanchonete; a qual está estranhamente mais vazia hoje, bem, é bom que fico mais confortável.

Eu – Ei vagal; para de brincar com o fogo aí e pega um achocolatado para mim.

Em torno de cinco dias atrás Gustavo estava usando o fogão na lanchonete e é burro, tropeçou e caiu com a mão encima da boca que estava ligada, porém ele não se queimou e foi assim que ele descobriu que possui um Kaiho de fogo. Ele caiu com a mão no fogo e em seguida olhou para o fogo; depois olhou para a mão e falou: “Uia; não me queimei não! =D .”. Agora ele é capaz de criar e manipular o fogo como parte de seu corpo, embora no momento ele mal consiga clarear algo com a minúscula chama dele – parece ser uma habilidade muito poderosa em um nível mais alto. Ele tenta ‘treinar’ todos os dias, contudo só faz ficar brincando com o fogo.

Gustavo – Hahahahaha, veio aqui para comprar um achocolatado foi? Acabou os que tinham na geladeira? e.e .

Eu – É... Tu que bebeu tudo né? Ainda tão consertando a porcaria da energia ali, nem tem como trabalhar assim, pra que você me acordou? >\_>.

Gustavo – Para você deixar de ser preguiçoso e... Éh... Porque já tô acostumado também; eu acho...

Eu – Ah, tive que vim aqui só para comprar dois achocolatados, arriscar minha vida passando por esses fios todos jogados e meio soltos aí enquanto eu podia tá lá dormindo, valeu ein.

Gustavo – Para de reclamar vai, qualquer coisa tu é imortal mesmo haha (existe uma brincadeira que quando reclamo falam ‘tu é imortal mesmo então...’).

Eu – Ah, é mesmo... Vai aprender a fazer algo de bom com o fogo vai; eu vou ir jogar um pouco ali. Thau valeu.

Gustavo – Tu é inútil né; tchau valeu.

Eu estou a andar na rua quando um grito chama minha atenção:

????? – EI! BEDENGO!

Eu – Ah, oi Icaro, iaê.

Icaro – Iaê, tá fazendo o que aqui?

Eu – Acabei de acordar e tava ali comprando uma alimentação; acabou os achocolatados lá em casa, mas com a energia ruim tá tudo quente.

Icaro – Tu também só bebe isso né; é avançado hahahahaha.

Eu – É algo mais pratico; é bom.

Icaro – Não tá fazendo nada não né? Bora ali comigo junto com os caras no ginásio dar uma treinada nos Kaiho (ele faz os sons com a boca \*pa\* \*pou\* \*tusss\*); e aí sai uns poderes. Já tô ficando bom no meu Kaiho.

Eu – Você tem um Kaiho comum de energia verde, né?

Os Kaihos de energia verde, azul e vermelha são Kaihos bastante comuns, eles simplesmente podem manipular tal novo tipo de energia. Assim podem lançar projéteis de energia e identificar outras fontes da mesma energia. Cada cor deste novo tipo de energia é uma energia com propriedades diferentes.

Icaro – É. Só pá pá pá e sai os poderes verdes, já tô virando um ‘super herói’ já; tu só vai ir jogar mesmo vamo lá logo.

Eu – Vou lá pra que? Nem tenho nenhum Kaiho e ir upar é melhor mesmo.

Icaro – Haha, tu só fala disso. Vamo lá que você vai descobrir que Kaiho você tem ou então pelo menos assiste lá; tem umas lutas bem avançadas, tá ligado?

Eu – Vai lá treinar vai; eu tenho que ir pra casa jogar um pouco e pensar sobre esse negócio da energia. Vai ficar ruim por mais dois dias parece.

Icaro – Vixi e tu trabalha com essas coisas de refazer a internet né? Vai lá então, valeu, depois eu passo lá para a gente jogar um jogo de dança.

Eu – Haha, valeu, e como que vai jogar se não tem energia? Hahahaha.

Icaro – Ah, é mesmo... Usa uma super inteligência e cria uma fonte de energia infinita lá, falar nisso, teu Kaiho pode ser daqueles que da super inteligência, não?

Eu – Nem, tô do mesmo jeito de sempre, não mudou nada desde a chegada dos Kaihos, sou super inteligente de natureza hahahaha; fui.

Icaro – Fui; fica na paz de Jah.

Consequentemente eu vou pra casa jogar alguns jogos de ‘super heróis’ enquanto muitos agora têm poderes de ‘super heróis’. Quando chego em casa eu já estou com muito calor, mas calor é energia. Se alguém tivesse um Kaiho do gelo e tentasse usar aqui iria derreter instantaneamente e iria sair apenas água (hipérbole).

Às vezes eu fico a pensar como seria se eu possuísse algum Kaiho bem legal; imagino dezenas de ‘golpes especiais’ para cada um dos Kaihos que poderiam ser – um de meus favoritos é um Kaiho envolvendo gelo. Imagino que eu pararia de jogar videogames e como que upar no Kaiho, todavia tenho em mente que pensar que o progresso seria como o dos videogames é uma mera ilusão – ainda assim é bom ficar imaginando.

Entro no meu quarto, ligo o ar condicionado – o qual fica ligando e desligando pela energia instável – e fico a jogar com meu portátil na minha cama até que dá sono e volto a dormir. Meu sono é todo irregular assim, deve ser por isto que é difícil acordar cedo. Acordo são quatro da tarde.

Eu tive um sonho sobre eu tendo poderes; foi um sonho muito estranho onde eu tinha o ‘Kaiho do amor’. Não posso negar que era bem útil; podia como que encantar usando apenas o charme e também lançava poderes que não causavam dano, porém possuíam efeitos bem variados e bons; só que eram cor de rosa e geralmente em formato de coração – não é bem o ‘meu estilo’. Foi um sonho muito estranho, mas daí enquanto eu tento lembrar-se de mais

coisas sobre o sonho minha mente muda de foco quando meu estômago ronca e eu descubro que está na hora de comer.

Eu desço as escadas – meu quarto fica no primeiro andar da casa – e vou à cozinha onde acho um pouco de cozido de peixe e arroz; não gosto muito de comer peixe porque dá muito trabalho ficar tirando todas as espinhas, mas fazer o que né. Eu engajo em comer aos poucos e pacientemente enquanto deixo meu portátil carregando – embora se falta energia constantemente dá para ir carregando de pouco em pouco.

Como no caos dos dois anos foi bastante comum as ‘criaturas da escuridão’ destruírem redes elétricas para manter a cidade no escuro – são criaturas inteligentes e não apenas bestas selvagens – todos já possuem luzes reservas que são recarregáveis, portanto quando está sem energia ainda podemos usar tais.

Antes que eu percebesse o céu já havia se tornado escuro e o sol se posto; já são sete da noite. Quando penso ‘Gustavo está atrasado...’ eu ouço a porta se abrindo; ele chega e vai botar sua comida enquanto me conta sobre dois clientes muito estranhos que estavam na lanchonete hoje. Depois disto eu não tenho muito o que fazer e fico assistindo Gustavo praticar o Kaiho de fogo dele.

Eu – Tu consegue fazer um fogo tipo o de uma vela né?

Gustavo – É, mas é estranho; não clareia quase nada meu fogo.

Eu – Tenta queimar essa folha de papel aí.

Gustavo – Tá bom.

Ele acende uma pequena chama sobre a palma da mão – pouco maior que a chama de uma vela comum –, porém muito fraca e nem parece ter calor. Após colocar a folha sobre a chama não tem efeito; a folha nem mesmo muda um pouco a cor para **preto**.

Eu – Haha; como que pode um fogo que não queima?

Gustavo – É. É dos ‘pebal\*’ essa porcaria. Calma aí que vou pegar uma do fogão aqui para testar...

Eu – Cuidado para não explodir essa porra aí ein...

Gustavo – Tá bom...

...

Gustavo – Consegui!

Neste momento Gustavo consegue pegar uma chama da boca/bacia do fogão na palma da mão. A chama está crepitando e parece viva; é como se está fosse uma chama de verdade e todas as outras já vistas fossem apenas imitações – é um chama de cor **coral**. O sentimento que ver tal chama pela primeira vez passa é indescritível; entretanto logo quando ele tenta

controlar a chama ele perde o controle – o que faz com que a chama infle, atinja o teto como um pilar de fogo e então se apague...

Eu – ...

Gustavo – ...

Eu – Meio perigoso...

“ETA VEI, PENSEI QUE EU IA MORRER, AHHHHHH (suspiro profundo).” – fala Gustavo com um tom de excitação entre pavor e alívio.

Eu – Muahahahahahaha; olha a cor do teto.

Gustavo – Eta porra, tá **pretão**, tua mãe chega ‘nestante\*’, ela vai brigar com nós.

Eu – Que nada, tu que fez essa porra aí, limpa logo vai... Parece que queimou uma metade do forno também.

Gustavo – Eta porra, queimou mesmo, chega tá todo **pretão** e ‘derretidão\*’ ao redor e agora vej; vamo fazer o que?

Eu – Pelo menos agora já tem um poder de fogo poderoso; hahahahahaha.

Gustavo – Ein vei, vamo fazer o que? Nestante tua mãe vai chega, faz alguma coisa vai; rápido!

Eu – Calma.

Gustavo continua desesperado por causa do forro destruído, todavia logo é interrompido pelo som de alguém chegando em casa.

Gustavo – Ahhhhhhh; ‘fudeu\*’. Chegou e o forro já derreteu mais uma metade no chão.

Quando minha mãe chega em casa ela grita:

Mãe – ALISOOOOOOOOOOON!!

Eu – É o que?

Mãe – Ah; tu não tá no teu quarto não?

Eu – Tô não; tô aqui na cozinha.

Mãe – Ah, tá bom, eu trouxe esses pastel aqui pra tu.

Ela entra na cozinha sem perceber nada, bota os pasteis encima da mesa e fala:

Mãe – Hunf (cheirada forte no ar); tá um fedor de queimado aqui... Tu tava fazendo o que?

...

Mãe – Oh; oi Gustavo.



Gustavo – Oi...

Eu – Eu não tava fazendo nada; eu tô aqui de boa.

Mãe – Esse cheiro deve tá vindo ali da rua então...! o que é esse coisa **preto** derretido aqui no chão!?

Eu – É uma metade do forro e do forno aí que derreteu...

Mãe – Quê!? Que forro!?

Eu – Olha pra cima ai; tem um buracão grandão no teto. Hahahahaha.

Mãe – o queeeeeeee!!!? Como que você fez isso? Tá loco é menino?

Gustavo – ...

Eu – Eu tava aqui de boa; foi Gustavo tentando virar um mestre do fogo aí, mas deu crítico e destruiu o forro e metade do forno.

Mãe – QUE!? E PORQUE TÁ FAZENDO ISSO AQUI DENTRO DE CASA!!?? PORQUE TÁ MEXENDO COM PODER DE FOGO DO LADO DE UM FOGÃO E UM BUJÃO?

Eu – É porque o fogo dele é bem ‘pebal’ e não serve pra nada; por isso ele tentou usar o fogo do fogão para ver se conseguia, mas daí ele não conseguiu controlar e o fogo ficou ‘locão\*’ e fez isso...

Mãe – Ah, tá bom, tá bom; vai mexer com isso em outro lugar e limpa essa sujeira do chão vai.

Basicamente Gustavo limpa tudo enquanto eu falo sobre o fogo que teve e como seria legal se ele conseguisse controlar aquilo.

Depois de limparmos o chão vamos ao quintal da casa dar mais uma treinada no poder de fogo; tentando fazer alguma coisa – lembrando-se dos desenhos onde os personagens tinham poderes de fogo e como eles faziam. Quanto mais Gustavo usa seu Kaiho mais acostumado ele fica; parece que é apenas uma questão de tempo e prática para se poder usar um ‘fogo de verdade’.

Depois de um tempo treinando seu Kaiho ele fica esgotado. Ele está cansado com respeito ao Kaiho e por ter trabalhado o dia todo; por isto vai dormir. Eu estou sem sono algum e resolvo ir dar uma passeada sem rumo pela cidade; somente caminhar mesmo enquanto como os pastéis.

Eu estou andando e passo perto da lanchonete; resolvo ir olhar de perto como está o estado do poste de energia no qual os caras estavam trabalhando hoje.

Ao chegar vejo que está bem feio; a caixa de energia está totalmente estragada por dentro e até enferrujada. Há um fio desencapado e este fio está caído no chão entre um poste e outro. Embora tenha umas fitinhas rodeando o local a segurança é mínima; qualquer um pode entrar e morrer eletrocutado neste fio, mas acho que não deve ter energia nele – os caras não devem

ser tão irresponsáveis a este ponto. Ele está só aqui caído no chão; sem nenhum sinal de eletricidade. E só alguém muito burro tocaria nele.

Enquanto eu analiso o fio cuidadosamente por de trás das fitinhas de segurança eu acabo pisando em um resto de bolo da lanchonete que alguém deixou cair no chão; com isto eu escorrego e começo a cair em direção ao fio. Enquanto caio o tempo como que fica lento e a única coisa que me vem à mente é “Chegou a hora de ir ver Bishamon (de morrer)...”. Não tento botar as mãos para aparar a queda nem fazer nada – simplesmente fecho os olhos e aceito o inevitável.

...

Eu – Ai (um pequeno ‘ai’ alguns segundos depois de sentir o impacto da queda – a qual foi bastante dolorosa).

Eu caio com o rosto ao chão; foi uma queda muito horrível e o fio parece mesmo estar sem energia – apenas caí atoa achando que iria morrer e quando pego no fio não tem nada. Por sorte acho que ninguém viu isto acontecer; conseqüentemente eu sacudo um pouco da sujeira da queda e vou pra casa tomar banho para jogar e dormir.

Na alva (manhã) seguinte foi como sempre, porém quando Gustavo me acordou eu não estava tão cansado como deveria. Por isto vou à lanchonete junto com ele tomar o café da manhã; ao chegarmos eu conto o que aconteceu na noite anterior.

Gustavo – Vai que tinha eletricidade, mas você tem o Kaiho do raio; hahaha.

Ao passarmos pelos que trabalham com a rede elétrica ouvimos que falam que alguém havia quebrado a fita e entrado na área que não deveria; falo brevemente que fui eu e o que tinha acontecido. Eles falam que não pode ser por que o fio possuía eletricidade e mesmo que fosse um Chaho – no qual pode transformar o corpo em outra matéria – mesmo que fosse tal tipo de Kaiho ainda morreria com um choque deste nível. Explodiria com a voltagem por que muitos outros postes não estão funcionando e já que a caixa de energia desta área está destruída não se tem o limite de energia no fio.

Eu começo a ponderar o que realmente aconteceu naquele momento e fico a tentar usar algum poder elétrico – como criar uma faísca ou algo que pareça eletricidade – para ver se eu realmente possuo tal Kaiho, contudo não obtenho sucesso algum. Mesmo com um Kaiho de raio não faria sentido não ter nenhum efeito porque pela lógica eu não teria como conter tanta energia com o nível iniciante de controle sobre meu Kaiho.

Consecutivamente Gustavo tem a ideia de assim como ele tentou usar o fogo do fogão eu tentar usar alguma outra fonte de eletricidade; então fazemos uma armação na tomada usando dois arames e eu – embora receoso sobre isto – pego no fio positivo de energia.

Eu posso sentir a energia fluindo, mas não consigo fazer nada com ela; nem criar uma faísca, nem lançar a energia para fora do meu corpo nem nada, apenas a sinto fluir levemente sem me causar nenhum dano – é um sentimento muito prazeroso. É como se pudesse sentir o sangue passando em cada veia, como se tivesse o sentido de tato em uma grande área.

Eu sinto como se a eletricidade é parte de mim, eu posso agora sentir a eletricidade fluindo em cada fio, em cada casa, em cada tomada, cada uso da eletricidade ao meu redor agora me é perceptível; parece que realmente possuo um Kaiho de raio ou eletricidade.

Fico bem surpreso com tal Kaiho; nunca ouvi falar sobre alguém no mundo com um Kaiho que usa a eletricidade – usam apenas outros tipos de energia –, porém um dos cinco líderes mundiais possui um Kaiho que o permite usar eletricidade para criar magnetismo.

Com isto vou para casa para tentar descobrir mais sobre meu Kaiho. Primeiro tento achar a eletricidade dentro do meu corpo e posso sentir que há eletricidade dentro de mim. Não sei se por causa da eletricidade que peguei da tomada ou do fio na noite passada, mas meu corpo está repleto de energia e faz com que a energia à minha volta que está nas tomadas, nos aparelhos elétricos e até no próprio ar pareçam insignificantes; é uma quantidade muito alta.

Eu tento e tento, mas mesmo sabendo que possuo tanta energia em mim eu não consigo produzir nem uma faísca, ligar nenhum aparelho elétrico usando meu corpo nem nada do tipo. É como se a energia no meu corpo não quisesse sair; o polo de meu corpo parece ‘puxar’ mais energia que as coisas ao meu redor – portando a energia simplesmente não sai.

Mal percebo a hora que Gustavo chega em casa; eu estou muito concentrado em meu próprio Kaiho. Eu não jogo, nem trabalho e mal como durante três dias; apenas tento entender o meu Kaiho. Quem possui Kaiho diz que simplesmente conseguem usar como algo natural. Não se tem como realmente explicar como conseguimos mexer um braço ou ensinar alguém deficiente como se faz para andar; simplesmente conseguimos fazer e é algo semelhante com o Kaiho – simplesmente me dizem que conseguem usá-lo. Embora eu possa usar o meu Kaiho para sentir toda energia ao meu redor isto não pode ser o máximo que eu consigo fazer; deve ter algum detalhe que eu estou deixando passar sobre como usar meu Kaiho... É isto; USAR! Não acho que eu deva tentar transmitir eletricidade por outros meios para usá-la; eu mesmo posso gastar a minha energia dentro de mim... Ou pelo menos eu acho.

Com esta teoria em mente eu começo a tentar usar minha energia para fazer coisas, como aumentar minha força ou fazer algo mais rapidamente. Ao tentar levantar algo pesado eu sinto que eu posso usar minha energia para me ajudar com aquilo e é aí que aprendo como utilizar meu Kaiho.

Começo a levantar algo e concentrar-me em minha energia de modo que ela aumente minha força física – e dá certo! Eu posso sentir a energia fluindo pelo meu corpo; dá até mesmo para ver algumas faíscas elétricas crepitando pelo meu braço enquanto eu uso a energia para levantar facilmente o que é muito pesado sem o Kaiho.

Então, em suma\*, eu descubro que posso usar meu Kaiho não como os outros que atiram projéteis, fazem coisas levitar ou lidam com interações interpessoais. Eu posso usá-lo como um ‘boost’ para minhas próprias habilidades como para aumentar minha força física ou minha velocidade; também serve para criar uma barreira em meu corpo que diminui o dano que eu recebo – afinal uma força além do comum seria inútil em um corpo que também não aumentasse sua resistência porque se ele seria destruído ao tentar usar tal força. Fazer coisas em uma velocidade muitas vezes acima da de um humano comum não é algo fácil; tive que

treinar minha mente para perceber tudo ao meu redor, mesmo sem precisar usar os olhos, apenas por sentir a energia que nos rodeia. Começo a desenvolver habilidades físicas usando meu Kaiho – como me mover muito rápido – e no caso de combate poder bater muitas vezes acima do que um humano comum. Mesmo que eu não possa atirar raios para destruir as coisas eu posso atacar fortemente em corpo-a-corpo; parece ser uma habilidade bastante poderosa usando alguma arma de corpo-a-corpo.

Gustavo não fica atrasado e começa a treinar comigo todos os dias sobre o domínio do Kaiho. Ele agora é capaz de criar bolas de fogo e queimar coisas facilmente. Ele pode até ‘voar’ por transformar-se parcialmente em fogo – da cintura para baixo – ficando mais alto e lançando chamas de longe, porém isto destrói a roupa que ele estiver usando. Nós treinamos sempre e estamos aprendendo a como lidar com nossos Kaihos.

Não precisamos necessariamente usar nossos Kaiho apenas para combate; eles também ajudam muito em nossas vidas diárias. Não obstante decidimos que podemos fazer mais; decidimos que devemos trabalhar usando nossos Kaihos.

O tanto pago para destruir monstros é uma ótima quantia. É basicamente assim: se você for forte suficiente para fazer o trabalho você receberá com uma boa recompensa; se não for você provavelmente morrerá para os monstros. É um trabalho muito arriscado, porém é melhor que passar a vida toda tendo que trabalhar para sobreviver – nunca podendo visitar as diferentes culturas e locais do mundo. Sempre gostei de coisas do estilo ‘tudo ou nada’.

A internet não está em condições de uso; logo pouco se sabe sobre o que é verdade sobre os monstros ou quais tipos de monstros existem por aí. Cidades grandes ainda têm suas próprias internets e raramente são conectadas a outras cidades. Pensar em enfrentar tais monstros, conhecer tais criaturas, ajudar pessoas que sofrem com isto e ganhar dinheiro é algo bastante tentador. Vez por outra se ouve aqui na cidade – que possui apenas uns cinquenta mil habitantes – que viram vampiros, outros dizem que viram lobisomens e logo eu e Gustavo começamos a perguntar as pessoas que dizem isto o que elas realmente sabem; assim começa a nossa primeira ‘caçada’. Algumas pessoas haviam desaparecido e é dito que um vampiro foi o responsável por tê-las pego; levando-as para algum lugar na área norte da cidade – a qual é uma antiga área residencial abandonada.

“Vai mesmo fazer isso vei?” – chega Gustavo na varanda superior da casa onde estou sentado com as pernas cruzadas, na posição de lótus, e observando a chuva que cai fortemente entre a escuridão que é interrompida apenas pelos raios ao longe.

Ele deseja confirmar se irei mesmo seguir em frente pois ele sabe que caso eu comece irei continuar até descobrir o resultado final.

Eu – Buda e eu temos grandes diferenças no que acreditamos ser o caminho para beatitude, porém ambos concordamos que nossa existência não é apenas física. São os animais que preocupam-se primariamente com o mundo físico e lutam para meramente sobreviver. Já nós humanos não possuímos apenas necessidades físicas, mas também mentais e espirituais. Dos muitos idiomas que conheço, Kaiho é uma palavra apenas em um – significa ‘libertação’ em japonês. Este poder me permite transcender os limites humanos; libertar-me das fraquezas

naturais que impossibilitavam a completa satisfação em vida. Se este poder me conceder tais coisas então eu certamente o usarei.

E assim Gustavo viu que meu cometimento como um Kaihojin não seria apenas uma tentativa.

## Epílogo —

Ao atingir o final de cada capítulo haverá um epílogo; a base do que foi o capítulo, explicações, informações e o significado de palavras e expressões usadas. Tais palavras não de possuir um ‘\*’.

Pebal – Algo de má qualidade, algo ruim.

Boost – Um aumento incomum em alguma característica de algo. Um bônus.

Upar – O ato de aumentar o nível em algo, conjugação de ‘up’ que significa diretamente ‘para cima’; logo ‘upar’ é o equivalente de ‘melhorar em determinada habilidade’.

Nestante – Se refere a um curto período de tempo; junção de ‘neste’ + ‘instante’.

Derretidão – Extremamente derretido. Suposto aumentativo popular de derretido.

Locão – Extremamente louco, insano, fora de seu senso comum.

Fudeu – Se refere a alguma coisa que deu errado; uma situação qual problema é eminente.

Suma – Resumo.

‘e.e’, ‘i.i’, ‘>\_>’, ‘T.T’, ‘o.o’ e semelhantes são usado no final de diálogos e representam expressões faciais ou estado de espírito (humor de quem o usa).

Neste capítulo foi mencionado o ‘Chaho’.

Chaho é uma das classificações de Kaiho; um de seus tipos. Os Kaihos podem ser classificados em pelo menos cinco classes:

Enmaho – Tipo de Kaiho que lida com a manipulação e criação de um tipo único de energia, como o de Icaro mencionado neste capítulo.

Elho – Tipo de Kaiho que lida com a manipulação e/ou criação de algum elemento; como o de Gustavo que pode criar e manipular o fogo.

Chaho – Tipo de Kaiho que permite mudança na forma física do usuário. Alguns que possuem este tipo de Kaiho podem adquirir forma de animais ou de materiais; como metal ou madeira.

Menho – Tipo de Kaiho que lida com mudanças mentais; seja um extremo nível de inteligência, habilidade de controlar objetos com a mente (telequinesia) e assim por diante.

Phisho – Tipo de Kaiho que lida com mudança em habilidades físicas; seja um aumento na força, agilidade, visão, audição e assim por diante.

Elhos e principalmente Chahos são raros; Menhos, Enmahos e Phishos são bastante comuns. É de nota que o Kaiho de Alison é diferente dos outros; como diz o tema do primeiro capítulo é um Kaiho ‘único’ – não se tem informações suficientes para classificá-lo ainda.

**Gustavo Lopes**

グスタボ。ロペス

Ele nasceu em 19 AEK (antes da era Kaihojin) (1997). É um Kaihojin que pode criar, controlar e assumir a forma de seu elemento; o fogo.

Ele tem 1,75m de altura. Seu cabelo é **castanho claro** e ele o mantém curto; quando cresce um pouco é semelhante a um topete que cresce para um 'black power'. Parte notável de sua vestimenta é que quase sempre estará com uma bermuda. Sua pele é branca e possui olhos **castanhos**. Ele é de físico magro, contudo não é fora do normal; apenas um magro comum.

Gustavo – Vão pensar que sou igual àqueles carinhas de África que já tão quase morrendo de fome. D: .

Pois bem. Ele tem o corpo 'normal' e é magro apenas no sentido muscular.

Gustavo – Agora ficou melhor; só meus braços que são meio finos... E as pernas.

Ele tenta obedecer às leis do governo e ajudar a todos que ele pode. Ele é simples e amigável e por não ter nenhum objetivo específico de vida ele facilmente evita ter inimigos. Ele geralmente é brincalhão e alegre, mas também sabe como agir em cada situação.

Ele não usa nenhum tipo de arma e luta geralmente à distância. Ele usa seu Kaiho de fogo para atacar seu inimigo com bastante poder, porém há uma falta de agilidade e defesa em seu modo de luta. Ele geralmente evita combate e é extremamente hesitante antes de matar algo.

Ele tem duas risadas principais:

Risada intensa da zoeira:

Huehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehue.

Risada intensa comum:

Asuhasuhasuhasuhasuhasuhasuhasuhasuhasu.

Existe também a risada intensa da zoeira especial. Ocorre quando ele começa a usar as duas risadas anteriores de vez e começa a ficar sem ar; ele ri e tentar respirar ao mesmo tempo – criando então a risada intensa da zoeira especial.

Humano Kaihojin.

# PRIMEIRO

# ATO

# 原則

げんそく

Princípio





## O Comandante Vampiro

*“E cingiu-se ele contra mim; tendo dominado acima de mim, sua mão direita cintilou como o olhar frio da Morte. Não muito o machado foi movido, e lá eu fui salvo.” – Kaiho, Canto 2.*

Dois meses se passaram desde que Gustavo e eu descobrimos nossos Kaihos; meus amigos já sabem que tenho um Kaiho e que treino constantemente, porém apenas Gustavo sabe como meu é Kaiho.

Um torneio amigável entre Kaihojins está a acontecer hoje e eu pretendo analisar as habilidades e o modo de luta dos participantes – ver como é o nível de luta médio daqueles que usam Kaiho e observar se estou com o nível muito atrás. Se eu não possuir pelo menos o nível de luta deles não é sábio eu ir à área norte procurar por vampiros.

Icaro – Iaê Alison; tá só treinando as técnicas avançadas escondido né? Vem treinar com a gente aí depois para a gente fazer umas coisas bem avançadas.

???? – Alison! Quão raro ver-te aqui; tu ficas o tempo inteiro em casa.

Eu – Iaê Icaro, Kimo. Eu tava aprendendo umas técnicas com Gustavo sobre Kaiho, mas nem dá para usar no torneio. Esses torneios são sem emoção; ninguém pode chegar e bater de verdade em outra pessoa assim. Eu queria testar em algo de verdade; tipo uns zumbis ‘mongões\*’ hahaha.

Icaro – Esse bicho é muito doido né; eu ouvi dizer que tem uns monstros bem fortes mesmo... Ei; viu que desapareceu mais dois ontem de noite? Uma das que desapareceu treinava aqui no ginásio e tinha Kaiho de energia verde também.

Eu – Mas só se pode testar de verdade se for contra esses monstros; se achar uns monstros fracos dá até para trabalhar de ‘caçador’(quem pega as missões sobrenaturais), mas daí também não sei nada dos bichos e é perigoso morrer sem nem ver o que foi que matou o cara...

Kimo – Creio que é muito perigoso tentar isso, há muitas criaturas mortíferas por aí, se não souber julgar o nível de perigo vai acabar morrendo cedo; é inapropriado para vocês humanos... Quer dizer, nós humanos, os humanos em geral...

Icaro – É, sai fora, sou mais ficar trabalhando em paz ali do que se arriscar para enfrentar monstros pelos outros. Vai que encontra ‘um Exu’ doido aí e o orixá mata o cara.

Eu – Mas os monstros tão em todos os lugares; ouviu dizer dos vampiros que tão na parte abandonada da cidade?

Kimo – ...

Icaro – Que nada, aí é só pressão, acho que se tivesse vampiros aqui eles já teriam atacado geral e vampiro só pode sair de noite e muitos dos que dizem ter desaparecido foi de dia; nada haver com vampiro aqui.

Eu – Tem estórias que dizem que vampiros só podem sair de noite, mas quem sabe se é de verdade; depois eu vou lá investigar – vai que acho um vampiro do bem e ele me ajuda a saber o que é verdade das estórias.

Icaro – Hahahaha; tu vai é morrer lá. Para de falar besteira e deixa eu ir para o torneio que já tá quase na hora de começar.

Eu – Vai lá; quando for começar as finais eu volto e vejo. Agora vou ir pesquisar mais sobre os vampiros. E você Kimo?

Kimo – Devo assistir o torneio; há uma pouca quantidade de pessoas ainda e logo acharei um local favorável.

Saindo do ginásio eu encontro Gustavo e pergunto o que ele aprendeu a mais sobre vampiros. Ele fala sobre estacas, crucifixos, alho, não aparecer em espelhos, não ser capaz de atravessar o oceano ou outros grandes corpos de água sozinhos, não poder entrar em casas sem ser convidado, precisar beber o sangue de moças virgens para sobreviver e muitos boatos que até muitas vezes se contradizem; a conclusão que chegamos é: tem que abandonar estes boatos e descobrir por si próprio o que é e não é verdade – e para isto teremos que explorar a parte abandonada da cidade. Ler algo e acreditar é simplesmente confiar em alguém que nunca nem conheceu. Quase tudo que as pessoas ‘sabem’ é apenas um falso conhecimento; apenas ouvem, acreditam e repetem. O único jeito de realmente sabermos é por irmos direto à fonte.

Eu e Gustavo voltamos ao ginásio para ver o resto do torneio; agora é uma batalha entre Pedro e Icaro. Pedro possui um Menho que o permite usar poderes psíquicos como telequinesia e enviar ondas supersônicas no ar. Icaro, como já disse, é um usuário de Enmaho. Os dois ficam esperando o outro atacar e então tentam acertar o oponente com um contra-ataque, porém Icaro já está mais acostumado com seu Kaiho e por isto vence.

Dildes Junior (juiz) – Cebinho (Icaro) venceu!

Próxima batalha é Tales, um usuário de Enmaho **vermelho**, contra Cledison, um usuário de Enmaho **azul**, o qual tem uma vantagem sobre o Enmaho de Tales. Cledison vence a luta por causa de tal vantagem.

Dildes – Cledison venceu!

O combate final é entre Cledison e Icaro; Icaro vence por ter melhor controle sobre seu Kaiho e também foi beneficiado pelo tipo de Kaiho de seu oponente. É quase como um jogo de

jankenpon (pedra, papel e tesoura). Enmahos **azuis** tem vantagem sobre os **vermelhos**; os quais tem vantagem sobre os **verdes** e os **verdes** vencem os **azuis**.

Dildes – Cebinho venceu todo mundo; acabou!

Usuários de Menho são bem interessantes; eles desenvolvem diferentes poderes mentais. Alguns se tornam geniais a um nível muito acima do humano enquanto outros ganham a habilidade de ler pensamentos, de terem pressentimentos ou de sentirem as presenças ao seu redor. Eles são comuns e mesmo assim são misteriosos.

É sabido que apenas os humanos desenvolveram o Kaiho, porém é dito que muitas das criaturas possuem poderes além da capacidade física; que têm sua própria forma de energia. Não posso saber o quanto disto é verdade até que eu conheça tais criaturas.

Gustavo – É; foi meio ‘noob\*’ as lutas aqui.

Eu – Só um pouco... Só tem Kaihos comuns e nem sabem fazer nada além do obvio; achar um raro é raro... Obviamente.

...

Eu – Já tá escurecendo; vamo ir comer algo para irmos investigar sobre os vampiros.

Gustavo – Bora. Ir de noite não parece seguro, mas de dia é menos provável de achar alguma coisa.

Eu – Tá com medo não?

Gustavo – Acho que não vai ter nada e daí não tô com medo. e.e .

Vamos para casa e nos preparamos para os vampiros. Guardo um alho no meu bolso, Gustavo pega um crucifixo, pegamos dois pedaços de pau para serem estacas e vamos.

Entrando na área abandonada parece não haver nada além das casas arrombadas e destruídas – muitas das quais estão com resto de fumo, drogas e preservativos usados – ouvimos apenas o som de nossos próprios passos. Depois de andar aleatoriamente e não acharmos nada, vamos em direção ao antigo cemitério; é perceptível o ar em volta ficando cada vez mais tenso como se algo maligno estivesse aproximando-se com cada um de nossos passos. Entramos no cemitério onde não parece haver nada, porém de repente vemos uma figura entre os túmulos. As nuvens bloqueiam o resplendor do luar sobre o local da figura e tudo que vemos é uma vaga sombra à nossa frente. Quando Gustavo já está prestes a sair correndo ouvimos uma voz atrás de nós.

???? – o que fazem aqui!?

Eu viro-me em direção à voz já preparado para engajar em combate; agora é a hora de botar a prova aquilo que aprendi. Porém percebo algo antes de desferir o primeiro ataque: é apenas o meu amigo Kimo.

Eu – Haha; quer me matar do coração cara?

Gustavo – Eta porra; pensei que era um bicho que ia matar a gente.

Kimo – Vocês vieram aqui mesmo; aqui é perigoso e vocês não deveriam estar aqui.

Eu – Mas você tá aqui também... E quem é aquele outro cara que ainda tá ali nas sombras?

Kimo – Outro cara!?

Suas pupilas dilatam-se ao ouvir isto; parece estar ainda mais assustado que Gustavo.

Ele vê que há alguém nas sombras olhando para nós e fala rapidamente: “Devemos sair daqui de uma vez!”. Logo após ele falar isto, antes de podermos tomar ação, a figura que estava nas sombras sai para a luz e começa a rir: é ainda outro amigo meu chamado Jonh (Sim; ‘Jonh’ e não ‘John’).

Jonh – Calma rapaiz; tá com medo de que? Tá fugindo da policia? Haahahaahaaaaahaaa (risada de drogado). O bicho tá com medo ó.

Eu – Jonh!? Tá fazendo o que aqui louco!?

Jonh – Tô aqui de boa fumano um baseado e (faz um sinal com a mão). Sabe o que é isso? Haahahaahaaaaahaaa.

Eu – Que? Tá todo de **preto** ai, maior viadagem, até você assim? Não ouviu falar que aqui tem vampiros?

Gustavo – Porra Jonh; fica fazendo medo ao cara aí invés de falar ‘oi’ logo.

Jonh – Eu tava vendo se assustava vocês, mas daí chegou o cara aí e vocês já ia sair correndo... Eu sempre venho aqui com os caras e as mina... Tem nada de vampiro aqui não... Isso é coisa de gente besta que fica inventando coisa... Sabe como é né? Conspiração de dominar o mundo.

Eu – Esse local é muito suspeito; posso sentir que tem algo de errado aqui.

Jonh – Que nada. Vamo pegar um bagulho loco ali; tamo na cova ali do lado.

...

Jonh – Os caras tavam aqui agorinha; como que sairo sem falar nada?

Eu – Aqui? Tá cheio de sangue aqui; tá louco cara!?

Gustavo – Eta porra; isso é sangue!? Pensei que era tinta que tinha derramado; olha o tanto!

Antes que pudéssemos terminar de falar sobre o que está acontecendo aqui, ouvimos gritos vindos do final do cemitério.

Kimi – Já adverti que temos de sair o quanto antes; já é tarde demais para quem estava aqui!

Jonh – Calma aí cara, isso não deve ser sangue não, esse grito... Deve... Os caras aí (Jonh está bastante drogado já).

Gustavo – Que!? Huehuehuehuehuehuehuehuehue.

Eu – Vamos ver o que é; vai que seja os vampiros que fizeram isso.

Gustavo – Tá locão cara? Mataram uns caras, bora sair daqui, vai que a policia chega e só acha os corpos e a gente ou vai que quem fez isso ainda esteja por aqui!

Eu – Mas a gente veio para achar os vampiros cara.

Gustavo – Mas agora eu tô com medo. D: .

Eu – Que medo que nada. Solta uns fogos aí e clareia lá o que tá acontecendo.

Kimo – Eu concordo com Gustavo; devemos deixar este lugar imediatamente!

Eu – Que nada. Vamo logo; vamo logo.

Ao Gustavo clarear o local notamos que os prováveis amigos de Jonh estão lá, porém não estão mais ‘inteiros’ e provavelmente agora não se dá para reconhecer à quem pertencia cada corpo.

Oque parece com a descrição de lobisomens está atacando ‘pessoas’. As tais ‘pessoas’ possuem pele extremamente pálida e estão tentando enfrentar os lobisomens, contudo são facilmente despedaçadas por apenas uma patada.

Mal conseguimos ver e os lobisomens exterminaram todas aquelas ‘pessoas’ ali presentes e em seguida os três lobisomens mudaram sua atenção para nós. Kimo toma nossa frente como se estivesse pronto para lutar, porém todos supostamente sabem que ele não possui nenhum Kaiho. Por algum motivo os lobisomens correm e não acho que foi por causa de Kimo; parecem estar com medo de algo mais.

Kimo fala que algo está chegando e diz que precisamos sair daqui agora. Começamos a correr, mas ao chegarmos à porta do cemitério vemos um ‘homem’ e uma ‘mulher’ de pele pálida, porém de pele menos pálida que os de antes e estes estão com roupas incomuns.

Pálido – Kimonoho; como ousa voltar aqui!?

Kimo – Alison! Gustavo! Afastem-se daqui o mais rápido possível! Eu cuidarei destes dois vampiros.

Pálida – Você vai se sacrificar por dois míseros humanos Kimo-chan? Não importa; nenhum de vocês sairá vivo daqui. Fufufufufufufufufun.

Gustavo – Que?

Eu – Hum... Parece que Kimo é um vampiro que por algum motivo traiu os outros vampiros e agora vive com os humanos...

Gustavo – Como que isso veio a tua mente? Tá locão?

Kimo – Vão! Corram enquanto ainda há tempo!

Eu – Nós viemos aqui para achar vampiros e se eles querem batalhar que seja; tem tempo que estou esperando para testar minhas técnicas.

Vampira – Fufufufufun, mas que humano corajoso. Quão presunçoso você é para achar que pode lutar com uma vampira de sangue puro!?

Sem mais espera o vampiro ataca de surpresa em direção a Kimo, mas eu pude perceber a tempo e bloqueio seu ataque. O vampiro recua um pouco para perto da vampira enquanto eu e Gustavo entramos em posição de combate.

Vampira – Hunhunhun; parece que querem mesmo morrer! Isto será divertido!

Ela fala com a real intenção de nos matar; ela tem um olhar e sorriso insano no rosto.

Começa um combate entre nós enquanto Kimo não sabe o que deve fazer. Ele acredita que eu e Gustavo vamos morrer se enfrentarmos os vampiros e parece querer apenas tirar-nos daqui.

Com uma velocidade muito superior a que o vampiro havia demonstrado em seu ataque anterior, eu atinjo seu tórax levemente; apenas o suficiente para criar uma abertura em sua postura e Gustavo acertá-lo em cheio com uma rajada de fogo. O ataque de Gustavo não faz efeito algum e foi bloqueado usando apenas uma estranha aura de cor **ameixa** que agora está a emanar dos vampiros.

Gustavo entende que será melhor ele usar um ataque pequeno e mais poderoso do que um ataque mais vasto.

Os vampiros começam o contra ataque e o concentram em mim. Seus olhos estão **vermelhos** como sangue e a aura que possuem está ficando bem mais poderosa do que antes da luta começar. Eu posso apenas esquivar dos ataques. Estou a desviar e Kimo entra no combate para me ajudar a segurá-los no corpo-a-corpo enquanto Gustavo acerta ainda outro ataque; desta vez um projétil de fogo em forma de lança.

Tal projétil atravessa o corpo da vampira – que apenas sorri e se regenera instantaneamente, todavia permite tempo para que eu concentre uma grande quantidade de energia em um golpe; eu acerto o centro de seu tórax com um poderoso 'teisho\*'. A força do impacto arremessa-a vinte metros e ela choca-se contra uma parede; quebrando-a e deixando a vampira inconsciente.

Vendo que eles haviam nos subestimados o vampiro voa rapidamente até a vampira e ambos saem voando; o vampiro carregando a vampira inconsciente.

Kimo – Eu não possuía conhecimento que vocês têm poderes assim!

Eu – E eu não sabia que você era um vampiro. >\_> .

Gustavo – Huehuehuehuehuehueheueheuehue. e.e .

Eu – Viemos treinando para enfrentar criaturas muito mais poderosas que esses vampiros, mas você é um vampiro também; certo? Tudo que precisávamos era de alguém que soubesse do que é real e o que é falso sobre os monstros; acho que você poderá ajudar bastante a gente.

Gustavo – Tu viu como foi filé? Dei uma ‘fogada\*’ que atravessou a vampira, aí em seguida tu deu um murro, aí fez um combo mortal e deu ‘K.O.\*’ nela. =D.

Kimo – ...

Eu – ...

Gustavo – ... E o que foi essa estória de tu já conhecer eles Kimo?

Kimo – Bem, em suma é como Alison disse. Eu sou um vampiro e fui enviado para colonizar os humanos nesta cidade, todavia acabou que eu vi que os humanos são seres tão importantes quanto os vampiros e falei isso para o comandante vampiro Ramisen; ele não me ouviu e após eu recusar de usar os humanos como soldados-escravos ele me considerou um traidor. Eu tive que fugir e fiquei vivendo com os humanos tentando evitar que Ramisen atinja seu alvo.

Eu – O alvo dele é transformar todos os humanos em vampiros para usá-los como um exército descartável?

Kimo – Exatamente. Ele é o comandante régio do Império Vampírico, mas está aqui por escolha própria; ele não quer ser apenas o comandante – ele quer ganhar poder para si mesmo e reinar. Eu acho.

Gustavo – E tem um reino de vampiros todo organizado é?

Kimo – Sim; tem. Todas as criaturas que aqui são consideradas monstros vieram de um mesmo local. Em alguns locais do planeta existem portões; os quais ao serem atravessados levam ao que vocês conhecem como ‘submundo’. Lá os que aqui são chamados de monstros são os habitantes e vivem em relativa paz no geral.

Eu – Vixi; você é muito útil né? Hahaha.

Gustavo – E porque eles estão vindo para o nosso mundo daqui? E por que só agora?

Kimo – Os portões para o ‘submundo’ simplesmente apareceram sem motivo aparente; foi neste ponto que os humanos passaram a ser capazes de controlar energia como o Kaiho. Logo os humanos poderão atingir força física, metal e espiritual de alto nível mesmo sem possuírem um Kaiho específico para isto. A união dos dois mundos que permite isto e também- .

????? – UUUUhhhhhhh.

O uivo interrompe Kimo.

Kimo – Os lobisomens são inimigos mortais dos vampiros e parece-me que eles estão em guerra contra Ramisen aqui. Devemos sair antes de sermos pego no meio de uma batalha.

Com isso nós resolvemos deixar esta parte da cidade e voltar para a parte onde moramos; onde se tem um falso senso de segurança.

Ao sairmos da zona norte da cidade nós decidimos não irmos para o centro já que estamos muito agitados para ficarmos perto de outras pessoas. Começamos a discutir qual é o estado

do problema; se Ramisen já está perto de tentar o golpe para fazer da cidade seu exército e o que podemos realizar para impedi-lo.

Aprendemos que os vampiros estão bebendo sangue humano constantemente e que isto os deixa temporariamente mais poderosos. Também que um vampiro completo não é afetado pela luz do sol, alho, crucifixo ou outras bobagens que lendas falam; nada disso funciona contra vampiros de verdade. Para matá-los Kimo aconselha atingir fatalmente a cabeça ou o coração. Algumas criaturas podem ser derrotadas por primeiro ir enfraquecendo seu corpo com danos menores antes do golpe final; já os vampiros tem uma boa regeneração e acabaria não sendo uma boa ideia prolongar a luta.

Os vampiros são bem mais resistentes que os humanos em muitos sentidos; talvez eles até sobrevivam a algo que apenas danifique seu cérebro. Por isso não se pode hesitar; temos que usar todas as oportunidades para vencer antes que sejamos mortos – separar a cabeça do corpo parece ser o modo mais efetivo.

Mesmo se sua coluna vertebral for quebrada ao meio um vampiro não morrerá e com alguns dias se regenerará, porém é uma maneira de imobilizá-los pelo momento.

Kimo – Vampiros são beneficiados de todas as luas e lobisomens sob o luar da lua cheia. Provavelmente os lobisomens devem atacar Ramisen na próxima lua cheia. Ramisen é um comandante régio dos vampiros e está muito acima do nível médio deles; devemos evitá-lo a todo custo.

Gustavo – Hoje é dia 121(01/05); foi lua cheia ontem... Daqui a sete dias é minguante.

Eu – Como que você sabe? O.o .

Gustavo – Quando não tem o que fazer lá em zé (na lanchonete) eu fico olhando o calendário.

Kimo – Ramisen deve atacá-lo antes da próxima lua cheia; eu apostaria durante a minguante já que a lua nova está há duas semanas e ele não gosta de esperar.

Eu – Entendo; estamos em guerra e as pessoas daqui nem sabem e se soubesse só iriam entrar em pânico e não podem fazer nada para evitar... Vai servir como treinamento para caçador.

Gustavo – É, mas só se a gente não morrer... Eu acho que a gente devia falar pro povo; vai deixar o povo aí morrendo sem nem saber?

Eu – Mas se falar não vão nem acreditar ou então entrar em pânico; a melhor solução é aprender a lidar com vampiros e lobisomens e acabar com o problema logo. Se for virar caçador não vai sair pedindo ajuda para resolver as coisas.

Gustavo – Aqueles dois que atacaro são dos fortes?

Kimo – Eles são soldados vampiros comuns; além daqueles dois tem mais outros três soldados comuns aqui. Eu sou o único soldado real e portanto sou bem mais forte que os soldados comuns, entretanto eles vêm a beber sangue e eu era mais como um estudante guarda e não um lutador. Geralmente bebemos sangue, mas aqui estamos enfraquecidos pela diferença de lugar e a caça é abundante então compensam por se fortalecerem com sangue. E tem mais



Ramisen e seu exército de vampiros de classe baixa e vampirelhos; seres escravizados por sangue são chamados vampirelhos enquanto os mordidos que decidem tornarem-se vampiros são chamados com desprezo de 'vampiros de classe baixa'.

Eu – E de nosso lado tem eu, Gustavo, você e os lobisomens, mas os lobisomens devem nos atacar em seguida se conseguirem destruir os vampiros...

Gustavo – A gente tem muita pouca gente, devia chamar mais uns caras para isso; é muito perigoso. D: .

Eu – Mas os caras que tem são fracos, como os lá do torneio, iam morrer até para os vampirelhos.

Gustavo – É... 'Vampirelhos'; esse nome é engraçado demais, tipo de uma banda ou desenho.

Kimo – Os vampirelhos podem ser destruídos até pelo sol; o problema é Ramisen. Se acabarmos com ele os outros vampiros irão fugir, mas ele é muito poderoso. Teremos que esperar os lobisomens ataquem e então atacar Ramisen de surpresa enquanto ele esta ocupado com os lobisomens. Ainda assim é demasiadamente arriscado... Ramisen já tem dezenas de soldados vampirelhos sob seu controle... Com sorte os lobisomens irão ocupar os soldados; deixando Ramisen livre para nosso ataque. Devemos esperar a lua minguante que será daqui a uma semana e enquanto isso nos prepararemos. Os vampiros e lobisomens podem me achar facilmente pela minha 'presença' e essência; por isso ficarei fora da cidade por esses dias. Encontrar-nos-emos daqui a sete dias. Cuidado; não façam nada estúpido.

Eu – Calma, vai ser de boa, parece só um caso de um vampiro com ilusões de grandeza.

Gustavo – Então tá bom; daqui a uma semana é a hora do 'pvp\*' louco.

Vamos para casa e pensamos em treinar bem durante a próxima semana. Pensamos em tentar interceptar os vampiros que atacassem a cidade durante este período, contudo não houve nenhum incidente.

Logo chega o dia e nenhuma notícia de Kimo. Depois de esperarmos por horas e ele não aparecer nós decidimos ir em frente – apenas eu e Gustavo – para onde Kimo dissera ser a central dos vampiros; a qual está aparentemente vazia.

Gustavo – Será que é aqui mesmo?

Eu – Deve ser, não tá empoeirada nem nada, parece que tavam aqui e saíram.

Gustavo – Saíram pra onde? Já começou o pvp?

Eu – Mas se tivesse tendo o pvp devia dá para ouvir o povo morrendo e gritando daqui...

Gustavo – ...

Eu – Devem estar atacando os lobisomens já estão.

Gustavo – É mesmo... Vamo fazer o que agora?

Eu – Vamo na área dos lobisomens ver.

Gustavo – E se eles atacarem a gente? T.T .

Eu – Aí a gente corre. e.e .

Gustavo – e.e .

Vamos para a parte rural da área abandonada onde deve ser o covil dos lobisomens. Chegando encontramos tudo destruído; parece que a batalha já terminou...

Gustavo – ‘Eta\*’ porra; oia o tanto de cara morto. D: .

Eu – Tem vampiros e lobisomens mortos; parece que o ‘pvp’ foi aqui... Tenta achar algum vivo aí para perguntarmos.

Gustavo – Olha! Parece que é Kimo ali!

Andamos até onde Gustavo apontou e achamos Kimo com o corpo parcialmente esfaqueado.

Gustavo – PORRA; KIMO!? KIMOO!?? KIMOOOOOOOO... HUUURRN (grunhido de dor e raiva).

Vampira – Fufun (risada para provocar), vocês são aqueles que estavam com, \*huun\* (tosse sangue), Kimo-chan naquela noite... Ele poderia ter fugido, mas... O tolo se envolveu na batalha... E a culpa é de vocês. Fufufufufufufun.

Eu – o que foi que teve aqui?

Vampira – Eu já estou na beira da morte mesmo, \*huun\*, Ramisen de repente decidiu atacar os lobisomens antes da fase lunar completa... Este foi o resultado... Nós vampiros somos apenas peões para ele... Para o inferno com aquele infeliz... É bom que vocês consigam me vingar... Ele foi para o moinho pelo caminho do monte... \*Huun\*.

Ela tosse sangue, dá um último suspiro e morre. Faria uma ótima fantasia se uma personagem tão personalidade tão forte e tortuosa malmente sobrevivesse, eu e Gustavo levássemos-la para um hospital e ela, sem ter para onde ir, voltasse para casa conosco dizendo que não quer nada conosco, mas que irá se recuperar para derrubar Ramisen – então em tempo nós três sairíamos em uma jornada juntos com caçadores.

Gustavo parece estar tomado por raiva; Kimo costumava tomar café todo dia na alva e ao cair da noite na lanchonete. Ao continuarmos andando vemos dezenas de corpos; talvez centenas. Realmente Ramisen possuía um exército e sem a intervenção dos lobisomens as coisas iriam ficar ruins na cidade; quando alguém poderoso chegasse para acabar com isto já seria tarde demais.

Ao nos aproximarmos do monte começamos a ouvir sons de combate; aumentamos nossa velocidade para ir ver o que está acontecendo.

Um único vampiro está engajado em combate, ou melhor, brincando de combate com quatro Kaihojins. Logo o vampiro percebe nossa presença e envia dois soldados à nosso encontro; um deles é o vampiro que já encontramos antes. Já que ele parece ter autoridade sobre os

outros vampiros e é capaz de enfrentar cinco Kaihojins sem ter trabalho algum então ele deve ser Ramisen. Não temos mais tempo, eles já estão aqui, agora é o momento de testar nossas habilidades.

Eu – Espera Gustavo! Vamos usar nosso treinamento para lutar como uma equipe; um contra um é muito mais difícil!

Gustavo – ... (parece que ele não está prestando atenção; está muito focado em ter vingança).

Sem mais tempo para argumentar a batalha começa.

Eu começo liberando todo meu Kaiho para ficar com a percepção, força e velocidade em meu máximo. Gustavo já viu que longa distância não é muito efetivo com seu poder de luta atual e vem lutar em corpo-a-corpo junto comigo. Ele usa a técnica dele dos ‘punhos de fogo’ que parece ser bem efetiva; é então que os vampiros recuam.

Vampiro 1 – Hahahaha; estes míseros humanos acham que têm alguma chance contra nós; hunhun. Deixe-me lidar com eles sozinho.

Gustavo está prestes a atacar, mas a razão fala mais alto e ele decide batalhar estrategicamente.

Vampiro 2 – Como desejares; apenas seja rápido.

Gustavo olha de relance para mim e já sabe o que fazer – lutar apenas para achar o ponto fraco dele, aproveitar enquanto ele ainda não está lutando a sério para pegá-lo com a guarda baixa e assim eliminá-lo do combate.

O vampiro começa a voar e lançar ondas de energia de cor **ameixa** que caem como asas de morcego batendo. Gustavo começa a usar ataques à distância e tudo que posso fazer é desviar e analisar como ele ataca; se eu tentar pular até tal altura ele me pegaria vulnerável no ar.

Ele decide descer e lutar corpo-a-corpo. Eu vou para o corpo-a-corpo e começo a lutar usando minha agilidade para achar alguma falha em sua defesa. Gustavo continua usando longa distância para atrapalhá-lo e me ajudar a achar o ponto fraco. Chego à conclusão que não é fácil fazer isto e decido ‘criar’ o ponto fraco usando a autoconfiança dele. Gustavo de alguma maneira vai entendendo meus movimentos e segue-me em aumentar nosso nível de luta para parecer que estamos dando nosso máximo; com isto ele nos subestima e decide acabar logo com nossas vidas.

Ele vem com um ataque de frente e é neste momento que eu e Gustavo atacamos com tudo que temos; de modo que ele não pôde desviar a um aumento tão repentino e é atingido – o que cria a perfeita oportunidade para acabarmos com ele. Gustavo lança imediatamente uma rajada de fogo em direção a sua cabeça enquanto ele ainda está no chão; ele pode parar tal rajada usando sua aura como um escudo, porém com isto ele tirou a atenção de mim e isto me permite acertar um ataque com força total em peito esquerdo. Tal ataque quebra as costelas do vampiro e as costelas perfuraram seu coração em múltiplos locais. Enquanto o vampiro grita com a dor Gustavo ataca seu pescoço e separa sua cabeça de seu corpo.

Esta virada de eventos faz com que o outro vampiro tente atacar-nos por trás, todavia um dos Kaihojins que estava lutando contra Ramisen o interceptou; o que abre a oportunidade de percebemos o que o vampiro havia tentado. Nós três começamos um assalto frenético a tal vampiro; o qual não consegue manter a luta e é destruído.

O Kaihojin é um usuário de Phisho e sua habilidade é mais especificamente 'super força'.

Usuário de Phisho – o que vocês estão fazendo aqui? A caçada desse vampiro foi pega por nosso grupo; a recompensa é nossa!

Eu – Calma cara; não peguei caçada nenhuma não. Só tô aqui porque ele tava usando a cidade que eu moro para fazer o exército dele.

Ramisen – Parece que esta noite verdadeiramente acabou com todos os meus súditos... Hahahaaha. Tolos desprezíveis! Eu acabarei com todos vocês aqui e resumirei meu exército.

Usuário de Phisho – Esse vampiro é bem mais forte do que os que já enfrentamos. Eu vi que vocês usaram uma boa estratégia contra aquele outro vampiro. Já que vocês querem salvar a cidade vamos fazer isso juntos. Os outros três ali também são Kaihojins; juntos nós venceremos!

Eu – Hum; então estamos com má sorte... É minha primeira vez enfrentando um inimigo de verdade; vamos apenas atacar com tudo que temos e procurar um ponto fraco.

Gustavo – Vamo morrer. Sente a presença desse cara; até o ar tá tenso aqui. D: .

A sensação passada por Ramisen é totalmente diferente da dos outros vampiros que vimos aqui; é obviamente em outro platô de poder.

Ramisen – Ahhhh(bocejo); já terminaram o seu pequeno plano? Eu verdadeiramente não tenho tempo para perder aqui; vamos terminar com isto de uma vez!

E assim começa a batalha contra o comandante vampiro.

A velocidade dele é 'verdadeiramente' impressionante e supera muitas vezes a minha própria; ele não tem trabalho algum desviando das flechas que um usuário de Menho de percepção atira contra ele. Gustavo também tenta usar ataques à distância, porém sem sucesso algum. O usuário de Phisho tenta acertá-lo freneticamente com seu machado, mas o vampiro pode parar o grande machado de batalha usando apenas sua aura, assim como detém todas as flechas e ataque de longa distância lançados por Gustavo e dos outros membros do grupo que são usuários de Enmaho. Após mostrar como nossos ataques são fúteis, o comandante vampiro bota o usuário de Phisho de joelhos usando apenas sua aura e está pronto para matá-lo, contudo eu consigo impedi-lo e engajo em um combate corpo-a-corpo com ele. Com sua velocidade superior ele simplesmente zomba de meus ataques. Gustavo já usou muito de seu poder e agora não consegue mais criar nem mesmo uma chama. Os dois usuários de Enmaho passam a me ajudar no corpo-a-corpo enquanto o usuário do Enmaho de percepção tenta acertar ao vampiro com suas flechas. O comandante vampiro não tem nenhum problema em atingir um dos usuários de Enmaho e em seguida bebe do sangue que jorra do pescoço de sua vítima que fora quebrado pelo ataque.

Ao beber o sangue de um Kaihojin um vampiro pode por um tempo usar o Kaiho de sua vítima!

Em seguida Ramisen lança-me ao chão usando uma rajada de energia verde do Enmaho que ele acabara de absorver. Ele ataca usando o Enmaho apenas para mostrar que ele é 'superior' e que pode matar a todos aqui quando ele bem desejar – parece que serei o próximo. Quando Ramisen está prestes a me atacar o usuário de Phisho acerta um golpe em cheio nele enquanto ele estava com a atenção voltada à mim, contudo não teve efeito algum no vampiro. Em seguida o vampiro morde o usuário de Phisho e absorve seu poder. Agora é o fim; ele já era capaz de derrotar a todos sem problemas usando apenas parte de seu poder e agora ele tem ainda mais poder do que quando começou.

A alva começa a raiar e do horizonte o resplendor do sol trás esperança para nossos corações e mentes. O sol não afeta um vampiro comum e muitos menos um do nível de Ramisen, mas por algum motivo ele se move mais rapidamente que do que eu possa ver e tenta esconder-se do sol nos escombros restantes de um antigo moinho. Ao perceber isto o usuário do Menho de percepção usa suas flechas para destruir o que restava do antigo moinho; o que faz com que a luz do sol atinja diretamente a Ramisen.

Ele começa a queimar e gritar em agonia; está afetando-o como afeta aos vampirelhos. Logo sua carne se derrete e derrama-se entre os ossos; seu sangue está espichando ao seu redor e em pouco tempo há apenas as cinzas ensanguentadas com o resto de sua carne.

Cara do Kaiho de percepção – Ahr (grunhido de revolta); como que tal vampiro era apenas um fantoche!!?

Cara do Enmaho – Isso é insano; um fantoche tão poderoso significa que o seu controlador é de força inimaginável!!!

Eu – o que querem dizer com isso?

Gustavo – Eta porra; os caras que ajudaram a gente e foram mordidos tão começando a derreter também!

Cara do Enmaho – Eles foram mordidos e se tornaram vampirelhos. Este vampiro só foi destruído porque não era um vampiro de verdade; o verdadeiro vampiro estava apenas controlando aquele corpo de algum outro lugar seguro. Foi por isso que o corpo foi destruído pelo sol; apenas um mísero fantoche e mesmo assim matou a dois dos nossos. Se vocês não tivessem aparecido provavelmente nós quatro estaríamos mortos; nenhum dinheiro pode valer a pena um trabalho como esse de caçador (a este ponto a voz dele já estava muito trêmula e ele só consegue chorar pela morte de seus companheiros).

Eu – Acho que acabou; tal vampiro não deve voltar aqui. No final salvamos milhares de vidas, porém também perdemos algumas; um de meus amigos morreu no confronto entre os vampiros e os lobisomens. Acho que eu voltarei para casa agora...

Gustavo – ... Como aquele vampiro usou o Kaiho de quem ele mordeu?

Cara do Kaiho de percepção – Vampiros podem sugar temporariamente o Kaiho de alguém.

Eu e Gustavo decidimos voltar para casa. Após passar a noite toda em combates e vendo tais coisas tudo que podíamos fazer era cair na cama e dormir. Nenhuma outra palavra foi dita até que fomos dormir; precisasse de tempo para acalmar a mente depois de presenciar e fazer parte de um evento assim.

## Epílogo 二

Mongões – Extremamente mongos, lentos.

Noob – ‘Iniciante’, ruim em algo.

Fogada – Projétil de fogo.

K.O. – Ficar inconsciente por algum tipo de ataque/impacto. Nocaute.

Pvp – Combate entre dois seres inteligentes/rationais. Mvp é um combate contra um ‘animal’.

Teisho – Um golpe que utiliza a base da mão, um ataque de mão aberta com forte impacto.

‘Tá’ é ‘está’, ‘Tô’ é ‘estou’, ‘Tava’ é ‘estava’ e semelhantes são sempre usados na fala.

Neste capítulo foi mencionada uma aura **ameixa** em torno dos vampiros e que seus poderes têm a mesma coloração. Isto é chamado de ‘reiteki’ ou ‘energia espiritual’.

O reiteki dos vampiros é normalmente de cor **ameixa** suave e tem como principal característica a facilidade que possui em absorver outros tipos de energia. Dependendo da concentração de poder sua aura ficará mais escura; não são incomuns vampiros que atinjam uma cor **ametista** em seus reitekis.

O reiteki de elfos é normalmente de cor esbranquiçada intensa e tem como principal característica a intensidade do poder; ainda mais quando se trata de cura.

O reiteki é uma fonte de energia manipulável diferente do Kaiho e ela difere entre as raças. Muitos reitekis são restritos para uma determinada raça ou povo. Os humanos podem usar os três tipos básicos de reiteki por treinarem sua energia espiritual. Vampiros e muitas outras raças geralmente não usam apenas seu reiteki como forma de luta. É bastante comum encontrar criaturas que usam sua energia espiritual assim. O reiteki também pode ser usado para sentir a presença de outros seres e seu nível de energia espiritual. Os reitekis diferem entre si, porém têm suas semelhanças. É como uma grande árvore genealógica; como se todos tivessem vindo de apenas a energia espiritual neutra.

Existem diversas maneiras de ‘sentir a presença’ de alguém. Quando Alison e Gustavo sentiram foi algo chamado de ‘presença’; que é a manifestação da vida ou poder de alguém e pode até ser usada para ‘oprimir’ seu adversário. Alguém muito poderoso pode simplesmente fazer outros desmaiarem usando a mera manifestação de sua ‘presença’ (de seu poder).

Este é o significado de ‘presença’ na história, porém há também a presença no sentido de estar presente; de existir em algum lugar. Neste caso há diversas habilidades para sentir onde alguém está; é algo totalmente diferente quando se refere a ‘presença’ no sentido de poder.

O ponto deste capítulo foi sobre o primeiro contato com criaturas do ‘submundo’ e de como são bastante diferentes e interessantes.

Icaro Carvalho

イカロ。カラバロウ

Ele nasceu em 19 AEK (1997). É um Kaihojin usuário de Enmaho **verde**.

Ele tem 1,79m de altura. Seu cabelo é **castanho** e ele geralmente o mantém curto, mas vive mudando seu estilo de corte. Ele se veste com roupas 'normais' e de marca. Sua pele é branca e possui olhos **castanhos**. Ele é de físico 'normal', mas aparenta ser magro por causa de sua altura.

Icaro – Sou avançado né?

Ele não se importa muito em obedecer às leis do governo e ajuda a todos que ele pode. Ele é amigável e tem muitos amigos. Ele geralmente é brincalhão e alegre mesmo que ele não esteja tentando ser. Seu modo de ser não é adequado para combate, mas mesmo assim ele apenas 'vai lá e faz'.

Icaro – Isso aê; vida louca. Uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuhhhhhhhhhhh (gritinho de vitória).

Ele não usa nenhum tipo de arma e seu modo de luta geralmente é à distância. Ele usa seu Enmaho para lutar e é bastante habilidoso com ele; ele é diferente dos outros e sempre pensa em novas possibilidades. Ele geralmente evita lutar e tem medo de não saber o que fazer durante o combate; logo ele raramente faz o primeiro movimento.

Icaro – Se o Exu não vir o cara fica de boa; é isso aê. Tá ligado? Na paz de Jah e Iemanjá.

Embora ele seja amigável o tempo inteiro ele também defende suas opiniões e vez por outra manda alguém ir se...

A sua facilidade de fazer amigos e sua simplicidade em fazê-lo são qualidades muito úteis se ele for progredir em seu uso de Kaiho e se tornar um caçador.

Humano Kaihojin.





## O Início Da ‘Aliança’

*“E quando o Mundo Acima sobre nós caia, um Novo Mundo surgia, e a Graça Celestial eu aceitei.” – Kaiho, Canto 3.*

‘Era uma vez um... E então ele... Mas o bruxo mal... E viveram felizes para sempre...’.

Gustavo – Acorda logo vagabundo; vai dormir o dia todo é?

Eu – Ahhh (bocejo)... Fica quieto vai.

Gustavo – Levanta logo.

Eu – Ah vagabundo; você atrapalhou meu sonho e agora esqueci sobre o que era... Eu quase morri ontem ou foi hoje; tenho que descansar pelo mesmo pelo resto da semana.

Gustavo – Que nada; eu tava lá também e-(interrompido).

Eu – Que nada o que? Você tava só de longe jogando uns fogos inúteis que nem atingiam ninguém enquanto eu tava morrendo no corpo-a-corpo e seu fogo ainda acabou no meio da luta e você ficou lá só assistindo o cara me espancar.

Gustavo – Se os caras eram rápidos; não dava para acertar o fogo neles. i.i .

...

Gustavo – E o fogo acabou mesmo. Tava muito emocionante e esqueci de prestar atenção no meu Kaiho aí acabei que gastei todo antes da hora.

Eu – Pronto; deixa eu dormir vai... Como que você entrou no meu quarto?

Gustavo – Você só chegou e foi dormir, todo sujo, nem pra tomar um banho antes, nem fechou a porta.

Eu – E você quer o que aqui? Vai ir dormir também vai.

Gustavo – Eu tava querendo dormir, mas Zé João (dono da lanchonete) ficou o dia todo ligando pra mim aí teve uma hora que deu uma revolta e fui lá logo.

Eu – É mesmo, você é vagabundo; não foi trabalhar hoje; hahahahaha.

Gustavo – Claro, quase morri de noite, mal consegui andar até em casa.

Eu – E teve o que lá na lanchonete?

Gustavo – Eu falei que foi mal e teve umas paradas aí que não deu para eu ir para a lanchonete hoje.

Eu – Você é burro né; falava só “teve um imprevisto que não pude vir hoje”, mas aí você vai e fala igual um marginal, o cara vai te demitir, o dinheiro para você comprar o seu portátil. e.e .

Gustavo – Zé ficou meia hora lá só reclamando comigo, dizendo que ia tirar o dinheiro daquele dia e tal; deu uma loucura lá e falei para ele que eu não ia ir trabalhar lá mais não então, que é o primeiro dia que falto e o cara já fica com essas viadagens, aí só saí de lá e pronto... Acho que perdi o emprego... Meu portátil. D: .

Eu – Êh caralho; você é locão né... Vais fazer o que agora?

Gustavo – Não sei... A gente não ia trabalhar caçando os bichos não? e.e .

Eu – É mesmo! Aqueles vampiros foram muito fáceis... Como que vamo achar esses empregos e essas coisas? É do submundo Kaihotico, é ilegal, pode ir preso se sair perguntando isso na rua. Mas acho que tem uns caçador que não são ilegais...

Gustavo – É mesmo; teria que conhecer algum vagabundo que já é de lá para apresentar a gente o submundo Kaihotico... Você é burro né; fez eu me demitir atoa.

Eu – Que nada você que deu a loca e se demitiu; vai procurar alguém que trabalha como caçador então vai.

Gustavo – Como que vou fazer isso? ‘-‘ .

Eu – Sei lá... Vai onde tá tendo alguma treta com algum tipo de coisa anormal que deve aparecer alguém para fazer a caçada.

Gustavo – É mesmo! Só ficar onde tem os bichos que vai aparecer alguém que é caçador para matar os bichos!

...

Gustavo – Como vou saber onde tem bichos? i.i .

Eu – Você também só sabe perguntar as coisas né. >\_> .

Gustavo – Se eu não sei. D: .

Eu – Vai procurar algum bicho que vive na parte abandonada da cidade ou onde ficava os lobisomens; daí diz pro bicho liberar as informações se não tu mata ele... Mais ou menos isso... Cuidado para o bicho não te matar.

Gustavo – Eu não vou sozinho não né; levanta da cama logo e bora lá.

Eu – Tô cansado; se eu for lutar com um bicho desse jeito eu posso morrer. e.e .

Gustavo – Que nada, só tá com preguiça aí; já é quase seis da tarde e quando tu foi dormir era nem oito da manhã ainda.

Eu – É verdade... Tô com fome; vou ir me alimentar e daí vamos lá procurar como virar caçadores. Se a gente for preso a culpa é sua.

Gustavo – Porque minha!? Você que começou com isso de ficar só treinando e ir matar os bichos.

Eu – Mas você que ficou locão e se demitiu do emprego e tá me fazendo ir caçar os bichos assim do nada sem planejar antes e sem descanso do sono de beleza.

Eu levanto-me da cama e vou banhar-me. Quando termino eu boto uma camisa e desço para a cozinha; a qual ainda está com o teto parcialmente destruído.

Eu – Tô com fome. Você é o cara da lanchonete; faz um X-tudo aí para mim.

Gustavo – Tá bom... Dez reais. e.e .

Eu – Hahahaha; tá bom, mas você paga os ingredientes daí.

Gustavo – i.i .

Eu – Tem o que aí para comer? Teve almoço hoje não?

Gustavo – Eu comi metade duma pizza de micro-ondas hoje; come o resto ali ó.

Eu – Tá toda babada e você já comeu o recheio todo também.

Não está literalmente babada; é apenas uma expressão que uso quando alguém já comeu parte de algo e deixou o resto.

Gustavo – e.e .

Eu – Pega uns queijos e uns presuntos aí então para eu restaurar o recheio que você destruiu.

...

Eu – Pronto; só esquentar no micro-ondas agora.

Depois de três minutos no micro-ondas...

Eu – Eta porra; acho que deixei muito tempo...

Gustavo – ‘Cheu\*’ ver aí... Hahahahahahaha. Tá toda ‘alejadona\*’; o queijo derreteu todo e começou a sair do prato e uma parte do queijo tá toda **pretona**. Parece aqueles bichos tóxicos morrendo e murchando com dor nos filmes.

Eu – Culpa sua que comeu todo o recheio bom que tinha.

Após terminar de comer – e me queimar no processo – é hora de continuar a jornada e se preparar (apenas mentalmente porque não temos nada mais que podemos preparar) para qualquer tipo de aberração que talvez apareça.

Gustavo – Pronto; bora.

Eu – Calma aí; deixa eu trocar essa camisa... Camisa é ruim demais; fica toda apertada na pessoa sem deixar a pessoa se movimentar direito e só dando uma agonia.

Gustavo – Tá um calor da ‘porra\*’ e tu vai com essa blusa de frio? Tá sempre o maior calor e tu sempre com essa blusa de frio.

Eu – A de frio quando fica aberta ela recebe mais vento e refresca o cara do calor e evita que o sol queime os braços do cara, etc. A de frio é muito superior. Nunca viu que nas partes lá das Arábias onde é muito calor todo mundo fica com muita roupa ao invés de pelados? O sol atingir diretamente a pessoa é bem pior. E tá de noite; vai ficar frio nestante. Calor é energia.

Gustavo – Tá bom; vamo logo antes que tua mãe chegue e pergunte onde a gente tava ontem e porque não trabalhamos hoje.

Eu – Eta, é mesmo, já é quase sete horas; vamo lá na parte abandonada da cidade mesmo?

Gustavo – Tu que sabe; será que tem algum bicho lá que sabe de alguma coisa?

Eu – Se o bicho tá lá deve ser porque não foi aceito em um lugar de bichos nível mais altos e bichos de nível mais alto são caçados; daí achamos os caçadores.

Gustavo – Tá bom... Se isso funcionar vai ser um milagre; acho que o bicho só vai atacar na doida, aí tu vai dar um murrão no bicho para tentar controlar ele, mas vai ser forte demais e o bicho vai começar a morrer e não vamos aprender nada. i.i .

Vamos novamente à parte abandonada da cidade e começamos a andar sem rumo; acho que depois do que aconteceu com os vampiros as criaturas daqui não irão atacar um humano antes de pensar duas vezes – se tiverem a capacidade de pensar, é claro, e se houve criaturas aqui.

Eu – Ah, os bichos tão com medo, vamo tentar aquilo que Kimo falou de sentir as presenças das coisas.

Gustavo – Vai tu. Tu tem o poder do raio que dá para sentir as coisas mais direito; não sei fazer essas coisas não, vou ficar aqui vigiando – se aparecer um bicho eu corro. e.e .

Eu – Você é vagal né; vamo ali no cemitério que essas ruas daqui são muito imundas para se sentar e tentar meditar. No cemitério os caras lá do ‘heavy metal’ já limpam as covas.

...

Eu – Falar nisso; aconteceu o que com Jonh naquele dia mesmo? Deixamo ele lá para morrer?

Gustavo – Huehuehuehue. É mesmo, nem lembramo do cara, acho que naquela hora ele desmaiou e não viu o que aconteceu; se ele tivesse morrido ou desaparecido a gente com certeza ia ter ouvido falar. e.e .

Eu – Aquele bicho é doido né. Quase morreu com essas loucuras dele. Pronto chegamo; faz silêncio aí que vou ver se identifico alguma coisa...

Gustavo – Tu vai fazer o que mesmo?

Eu – Vou sentir as auras das criaturas que nos rodeiam e saber onde elas estão.

Gustavo – Tu já fez isso?

Eu – Não.

Gustavo – Sabe como faz?

Eu – Talvez. e.e .

Gustavo – e.e .

Eu sento-me e começo a tentar sentir algo além de meus sentidos comuns como aquela vez que fui capaz de sentir a energia elétrica fluindo ao meu redor. Desta vez tento sentir toda a energia de vida que nos rodeia. Kimo disse que é uma habilidade bastante comum para qualquer lutador no ‘submundo’, porém já é algo natural para eles e para um humano requer muitos mais treino. Alguns Kaihos têm esta habilidade de sentir coisas de um modo diferente como os do ‘submundo’ sentem a chamada ‘presença’; tentarei achar algo relacionado ao meu Kaiho que me permita sentir a localização de algo.

Eu começo por permitir que minha presença se expanda e usá-la como meu Kaiho para sentir a eletricidade ao meu redor. Eu posso levemente sentir a energia que o próprio ar carrega e sentir levemente as vibrações de baterias deixadas para trás nas casas abandonadas; já é um bom começo. Tento me concentrar na minha própria energia – a energia de algo vivo. Após isto tento me concentrar na energia de Gustavo; um ser vivo que eu sei onde está.

Depois de muita concentração e esforço eu começo a perder os meus sentidos, eu não posso mais ouvir, não sinto mais o vendo que estava a balançar meu longo cabelo nem sinto mais o peso de meu próprio corpo. Deixo também de sentir a terrível essência que este lugar possui e ao abrir meus olhos eu não enxergo nada – nem mesmo a escuridão e apenas o nada que um cedo ‘vê’. Parece que finalmente consigo ver além do óbvio – eu não estou vendo literalmente, contudo posso sentir a energia emanando de cada ser vivo e de cada objeto. A energia está transbordando ao meu redor; é abundante e eu nem sequer era capaz de notar o mundo de cores que todos os seres vivos juntos são.

Existe algo chamado propriocepção e é o que permite que batamos palmas de olhos fechados ou pegar em qualquer parte do corpo mesmo sem estar vendo-as; propriocepção permite que saibamos exatamente onde cada parte de nosso corpo está em relação à outra parte. Agora eu posso sentir além de meu próprio corpo como se todos os organismos vivos fossem um só ser; eu posso sentir onde está cada um deles. Posso sentir a energia que emana de Gustavo e também de pequenas formigas que estão a mover-se abaixo do chão. Sinto inexplicáveis formas de energia vindas dos céus e sinto uma grande massa de energias concentradas em um local: no centro da cidade onde muitas pessoas estão – há também a energia individual daqueles que estão separados da multidão.

Um tipo de energia diferente da humana emerge. É um tipo de energia realmente densa e pesada; deve ser uma criatura do ‘submundo’, todavia é totalmente diferente da de um vampiro.

Eu 'fecho' os olhos de minha mente e 'volto' a meu corpo. Eu respiro profundamente e sinto que tenho meus sentidos normais de volta. Eu olho para Gustavo – que parece impressionado por algo – e falo: “Achei.”.

Gustavo – Uhhhhhhhhhhhhhhhhhh (grito baixo de emoção); como tu fez isso!?

Eu – o que?

Gustavo – Tu ficou todo estranho aí com os olhos assim: “\_ \Ó/. \Ò/\_” e com um brilho azul... Pensei que tu tava 'pifando\*’.

Eu – Hahahaha; eu senti a energia de meio mundo de coisas que não dá nem para ver com os olhos e também acho que descobri onde estão os bichos. Parece que tão no subsolo; tem meio mundo de túneis no subsolo como se fosse uma cidade.

Gustavo – PORRA; uma cidade toda de bichos?

Eu – Não sei; não senti a presença de bichos direito. Só sei que tem alguma coisa no subsolo e uma tem uma presença bem ameaçadora.

Gustavo – ... Que...

Eu – Só senti a uma 'aura' estranha e meia do mal emanando de lá. Acho que tem uma entrada ali do lado onde é a capela do cemitério; vamo lá.

Gustavo – Vamo lá!? Tô com medo, vei.

Eu – Toda hora você fala isso e sempre acaba indo de todo jeito; vamo logo.

Ao entrarmos pela capela encontramos um túnel (bem exposto na verdade, qualquer um poderia ter achado), vamos descendo horizontalmente (eu já não estou me sentindo muito bem porque tenho claustrofobia) e chegamos a uma parte com dois caminhos.

Gustavo – Por qual?

Eu – Pela direita.

Gustavo – Usou teu novo poder foi?

Eu – Não; fui na sorte. e.e .

Gustavo – Vai logo; vai que tenha um bichão aí e mate a gente. >\_> .

Eu – Olha para esse túnel; nem cabe um bichão aqui.

Gustavo – É mesmo... Mas usa logo aí vai se não vamos ir pelo caminho errado e os bichos vão perseguir a gente por aí e tem que lembrar o caminho de volta também.

Eu – Usar aquilo é difícil, eu nem sabia o que tava fazendo, ainda tô meio tonto aqui e ainda com claustrofobia aqui me agoniando. Nem tem como fazer de novo aqui, vamo pela direita mesmo, se aparecer um 'mob\*' a gente mata e ganha uma experiência.

Gustavo – Você é locão né, tá bom, vamo com cuidado então.

Eu – E os dois vão parar no mesmo lugar mesmo...

Gustavo – Por que tu não disse logo? Tu é burro é? >\_> .

Prosseguimos andando pelo túnel que está ficando mais largo de acordo com quanto mais nos profundamos até que chegamos a um precipício subterrâneo enorme.

Ao olharmos para baixo vemos que é em uma forma espiral e tem um caminho para ir descendo pela lateral na qual há muitos outros túneis. É como se aqui fosse o centro de um formigueiro ou de algum tipo de inseto grande, bem grande... (cada túnel tem três metros de altura e quatro de largura).

Gustavo – Olha para aquele besouro ali; parece aqueles besouros que ficam fedendo quando a gente mata só que bem gigantão!

Eu – Eta porra, é um escaravelho gigante, sempre tive medo de um dos pequenos perfurar minha pele e entrar no meu corpo e daí ficar andando por dentro do meu corpo enquanto eu sentia uma dor excruciante e então, finalmente, o besouro ia ao meu coração ou cérebro e eu morria, mas um desse tamanho faz é esmagar a gente igual à gente faz com aqueles pequenos.

Gustavo – Porra, ali outro, e ali mais um; tá chegando um 'bucado\*'!

Eu – Acho que eu errei quando analisei aqui. Não é como uma cidade de monstros; é uma colmeia ou um formigueiro gigantesco de besouros – desde quando besouros fazem lugares assim!? Aquilo que eu senti que era do mal deve ser algum bicho além dos besouros que tão aqui... Não lembro de sentir esses besouros.

Gustavo – Olha o tamanho dessas porras; como que tem tantos besouros desse tamanho aqui? Dá para destruir a cidade toda 'facinho\*' com isso; não faz sentido cara!!

Eu – o que eu posso fazer se não faz sentido!? Aqui no interior deve ser um lugar infinitamente melhor para se esconder e criar esses bichos do que numa cidade grande. É só pensar um pouco que qualquer coisa pode fazer sentido.

?????? – Oh, humanos, milênios fazem desde tais criaturas inferiores vi- .

Gustavo – MAS o que QUE É ISSO? UM CARA COM CABEÇA DE BESOURO AGORA!?

Eu – Porra, essa vida de caçador é uma randômica, a gente não tem nem ideia do que vai aparecer.

?????? – Como a um deus interromper ousam!?

Eu – Deus? Cabeça de escaravelho, roupas egípcias... Khepri!?

Khepri – Parece-me que lembrar-se de mim essas criaturas inferiores fazem, impressionante isto é, mesmo apenas algumas décadas vivendo até hoje a memória de mim preservaram.

Gustavo – Quem é esse? Um deus do Egito? Não lembro de nenhum com cabeça de besouro... Tem de passarinho, cachorro etc. Mas de besouro nunca vi... Como tu sabe o nome dele? >\_> .

Eu – Eu sei das coisas né... Mas eu nunca pensei que algo da ‘mitologia’ como deuses fossem reais!

Khepri – Prestes a saber o quão real sou o mundo está! A este mundo de volta estou depois de quase dois milênios! A mim os primeiros a serem sacrificados vocês podem ser, mas que meus escaravelhos cuidem disto eu deixarei; problemas maiores que meros humanos no momento eu tenho.

Khepri rapidamente voa de volta pelo túnel que veio e desaparece de nossa visão.

Gustavo – Os bichos começaram a se aproximar de novo; vamo fazer o que?

Eu – É só uns besouros e a gente treinou uns Kaihos muito loucos; vamo ver quão forte são.

Gustavo – Tá doido cara? Aquele cara que saiu daqui agora é um deus! UM DEUS!

Eu – Se todos os deuses de todas as culturas forem reais então tem milhares deles. Logo já não é algo tão especial e o verdadeiro poder do Egito se concentrava em Ísis, Set e Osíris – que são como bisnetos desse Khepri – e mais tarde Rá. Ele não tinha muitos poderes e pelo que li ele só tem haver com besouros e alguns poderes com alguma coisa lá do sol.

Gustavo – Vai tentar matar um deus do Egito? >\_> .

Eu – Pensa direito aí. Atualmente talvez sejamos até mais poderosos que muitas deidades fracas como Khepri. E ele disse que tem problemas maiores que nós no momento; isso deve significar que o poder ‘maligno’ que senti antes deve ser alguns monstros que tão aqui e que tão lutando contra Khepri. Agora é só ir lá e dar gangue nele que dá para ganhar dele; aí os besouros devem desaparecer – eles são algum tipo de criatura invocada eu acho.

Gustavo – Humm... E isso tudo você ‘acha’; se você tiver errado a gente vai lá e morre.

Antes que pudéssemos continuar conversando um escaravelho gigante me ataca usando seus enormes chifres. Eu desvio facilmente; o besouro é grande e por isto é lento. Eu uso seus chifres como apoio e pulo em direção a sua cabeça e acerto-lhe com um poderoso ‘seiken\*’. O ataque faz com que o som ecoe entre os túneis e uma rajada de vento seja lançada; parte do terroso chão cede e faz com que o besouro caia no abismo enquanto o impacto do seiken me lança em um solo seguro.

Eu – Haha; tá vendo? São fracos demais; deve até dá para você sair queimando eles todos enquanto vamos em direção a Khepri.

Antes que Gustavo pudesse falar algo começamos a ouvir um zumbido se aproximando rapidamente; o besouro que caíra no abismo volta e não parece nada contente. Ah; e agora ele está voando.

Gustavo – Porraaaa; olha o que você fez! Essa merda voa!



Todos os outros besouros que estavam mantendo suas posições começam a voar e parecem estar se preparando para atacar.

Gustavo – Merda; vamo fazer o que agora? VAMO FAZER o que AGORA!??

Eu – Para que você tá perguntando!?? Vamo correr né animal!

Gustavo começa a correr de volta pelo caminho que viemos; em direção à saída.

Eu – Por aí não né cara; bora por onde o cabeça de besouro foi. Só dá para vir um de cada vez pelo túnel e se a gente salvar os monstros que devem tá lá eles talvez ajudem a gente sobre os caçadores.

Gustavo começa a correr de volta em minha direção e vamos ao túnel que Khepri foi, porém um besouro ataca de longe com uma gosma **amarelo-esverdeada**; a qual passa bem próxima a mim e ao atingir a parede a gosma começa a dissolvê-la e a liberar uma forte miasma.

Eu – Eta caralho; sorte que esse bicho tem a mira ruim. i.i .

Continuamos correndo e conversando.

Gustavo – Porra; vamo morrer cara! VAMO MORRER!!!

Eu – Para de falar isso. Nós estamos aqui para matar tais bichos e não morrer... Essa porra **verde** parece ser inflamável; mete um fogo neles aí logo vai.

Ao ouvir isto Gustavo lança uma esfera de fogo ao besouro que está mais próximo – o que havia caído no abismo e voltado. O besouro tinha acabado de cuspir mais gosma a qual atinge a esfera de fogo e explode; exatamente como eu havia predito.

Gustavo lança o próximo ataque diretamente no besouro. Ao atingir a boca do besouro ele começa a pegar fogo; sua carapaça que parece tão forte começa a brilhar e a ficar cheia de rachaduras. O besouro para de voar, nós paramos de correr por um instante e olhamos o que irá acontecer. Repentinamente o escaravelho explode em milhares de pedaços; o impacto da explosão lança a mim e a Gustavo contra a parede além de provocar um barulho ensurdecedor.

Ainda tontos da explosão nós nos levantamos e voltamos a correr enquanto os outros besouros continuam a atacar-nos. Gustavo tenta explodir um besouro que está mais longe para não sermos atingidos novamente, contudo ao fazer isto o besouro explode e afeta os besouros ao seu lado fazendo com que também explodam e causem uma reação em cadeia na qual todos os besouros entram em combustão.

As explosões formam um imenso pilar de fogo que enchem o abismo. Gustavo evita que o fogo nos atinja, mas o local agora está em chamas, todos os túneis estão desmoronando, o oxigênio está escarço e Gustavo usou todo seu poder para evitar que fossemos cremados pela explosão.

O teto começa a cair e evitamos ser esmagados e mortos por entrarmos em um dos túneis, mas agora estamos soterrados, sem saída e com pouco oxigênio.

Podemos tentar tirar a terra para achar uma saída antes que o oxigênio acabe ou que sejamos esmagados, ou podemos ir procurar Khepri; ele deve saber outras saídas e deve ter mais oxigênio nos túneis mais longes de onde foi a explosão.

Sem termos nenhuma habilidade para abrir caminho pela terra nós decidimos ir procurar Khepri. No atual momento Gustavo está sem ter nenhum pouco de Kaiho sobrando e logo não passa de um humano comum – temos que encontrar uma saída antes que mais uma batalha aconteça.

Ao seguirmos o túnel sentimos o oxigênio melhorando e passamos a ouvir um som semelhante ao de besouros voando. Ao andarmos mais começamos a ouvir sons de combate; Gustavo anda mais devagar e eu vou à frente para a batalha.

Depois de passar por duas pequenas câmaras subterrâneas eu chego a uma maior onde estão dezenas de besouros mortos caído pelo chão. Khepri está flutuando no ar acima dos besouros que estão lutando contra um vampiro e um lobisomem – logo Khepri me avista.

Khepri – o que com meu exército fizestes!?

Eu – Transformei-os em barbecue (churrasco); hahahahaha.

Khepri – o que é isso? Como ousa tal coisa fazer, criatura insolente!?

Eu – Muitos humanos hoje são poderosos; até mais do que o que tu achas que és. Eu sou um deles, um Kaihojin, e agora irei exterminar um deus!

Isso faz com que o lobisomem dê um leve sorriso enquanto Khepri está claramente tomado por fúria. Khepri começa a invocar novos besouros vindos do nada; estes são maiores, **dourados/pretos** e são bem mais ameaçadores do que os anteriormente encontrados.

Os besouros vêm em minha direção e eu me preparo para contra-atacar, todavia os besouros são parados pelo lobisomem.

Lobisomem – Vamos destruir esse ‘deus’; hahahahaha. Eu cuidarei destes insetos; mostre-me essa confiança que faz você desafiar um ‘deus’!

O lobisomem e o vampiro (que parecem ser amigos; muito estranho isso) cuidam dos escaravelhos enquanto abrem caminho para que eu possa ir diretamente à Khepri.

Khepri – Tolo; destruir-te-ei eu mesmo se é o que desejas!

Eu pulo em direção a Khepri; o qual voa para o lado e tenta me atingir com algum tipo de magia lançada de seu was (cetro régio egípcio). Eu desvio e movo-me para um terreno mais alto para que Khepri não seja capaz desviar de meus ataques.

Khepri percebe o que estou tentando fazer e que tenho uma velocidade superior; o que o leva a parecer desesperado. Eu aproveito a distração de Khepri e concentro minha energia por todo o corpo indo em alta velocidade com um ataque contra Khepri.

Eu uso um 'uraken\*' de esquerda; o qual Khepri tenta defender usando algum tipo de barreira mágica criada de seu cetro – faíscas elétricas crepitam em meu braço enquanto aumento a concentração de energia que por conseguinte acrescenta mais força ao ataque. A barreira se quebra assim como eu planejei com fosse.

Eu usei o uraken de esquerda exatamente para tirar suas defesas e poder atingi-lo com meu segundo ataque. Sem perder tempo dou o golpe que penso que será o último; um rápido e poderoso 'mawashi geri\*' de direita, porém quando estou prestes a atingi-lo ele simplesmente some diante de meus olhos e um de seus escaravelhos aparece em seu lugar. O mawashi geri atinge o escaravelho com força suficiente para rachar sua carapaça e cravá-lo na terra – mais que força suficiente para ter separado a cabeça de Khepri de seu corpo; que era meu objetivo.

Khepri começa uma fuga desesperada e vai por um dos túneis enquanto seus escaravelhos vão a outras três direções. Ao persegui-lo e tentar atacá-lo ele troca com outro escaravelho; estando agora em um túnel diferente.

O lobisomem e o vampiro vão em direções diferentes para me ajudar a capturar Khepri enquanto Gustavo vem em um dos túneis comigo – embora o seu Kaiho esteja esgotado ele ainda parece perfeitamente bem em estado físico.

Os túneis estão levando para cima em direção à superfície. Eu finalmente alcanço o escaravelho de meu túnel e destruo-o; sobrando assim apenas o do lobisomem e o do vampiro para onde Khepri pode estar.

Por sorte os túneis se convergem e divergem constantemente; fazendo assim mais simples de segui-lo. Logo vejo o lobisomem que diz que tentou atacar Khepri e acabou destruindo mais um escaravelho; o que significa que ele está lutando com o vampiro agora.

Corremos pelo último túnel que falta e avistamos o vampiro; pouco a frente do vampiro vemos Khepri – o qual está em um beco sem saída. O desabamento causado pelas explosões fez com que a maioria dos túneis ficassem bloqueados causando que Khepri ficasse preso aqui.

O vampiro concentra sua energia espiritual em torno de sua mão e ataca Khepri como se fosse as garras de um animal. As quatro lâminas/garras de energia vampírica cortam Khepri em pedaços com apenas um ataque.

Lobisomem – É; acho que é isso para esse 'deus'... Meu nome é Marth a propósito.

...

Marth – Ah; e este daqui é meu parceiro, Manuel.

Eu – Estranha combinação um lobisomem e um vampiro, não? Pode me chamar de Alison e esse é meu amigo Gustavo.

Marth – É, sempre ouvimos isso, mas ser inimigos por diferenças como de raça é algo estúpido, vejo que você também pensa isto já que parece estar aqui conosco sem nenhum receio.

Eu – É, pelo que já vi existem tantos lobisomens bons quanto ruins; mesmo para vampiros e humanos e talvez todas as outras raças sejam o mesmo.

Marth – Exatamente... Você lutou bem e usou até o terreno contra aquele cabeça-de-besouro ali; e pelo barulho que teve parece que também fez a festa lá encima. Hahahahaha.

Eu – Haha. Lá encima foi meu amigo Gustavo; ele tem um Kaiho de fogo.

Marth – Eu vi que você tem um desses Kaihos bem diferentes. Parece ser de raio, mas ao invés de lançar raios você simplesmente os usou para aumentar seu próprio poder de luta... Muito interessante.

Eu – É bem estranhamente diferente e ainda estou aprendendo a controlar... A propósito; por que vocês estão aqui? Se tiver qualquer problema não precisa responder.

Marth – Ah; não tem problema nenhum. Eu soube da batalha que teve entre uma tribo de lobisomens aqui perto e entre vampiros e por isso vim dar uma olhada no local, mas só achei alguns corpos e sinais de batalha e nada do comandante vampiro que é alguém poderoso daí acabamos que viemos parar aqui.

Eu – Nós viemos aqui por que estamos procurando alguma criatura do ‘submundo’ que talvez pudesse nos ajudar a entrar no submundo Kaihotico para nos tornarmos caçadores. Com respeito à guerra entre os vampiros e lobisomens eu e Gustavo estávamos presentes e até fizemos parte dela...

Contei sobre como foi a batalha e sobre os planos de Ramisen.

Marth – Ah, entendo, isso foi muito útil e com respeito aos caçadores nós dois somos caçadores e depois de como você se mostrou útil nessas duas situações você deve poder se tornar um bom caçador também. Vamos descansar um pouco na cidade (volta à forma humana) e então veremos melhor sobre isso.

Gustavo – Vamos sair daqui; tá ficando difícil de respirar e pode desmoronar a qualquer momento...

Marth – Você tem razão, vamos por ali, lobisomens possuem ótimo olfato e audição; só seguir o ar fresco que chegaremos à saída.

Chegamos a uma saída e fomos andando em direção à cidade enquanto Marth explica sobre os caçadores. Caçadores são classificados e para aceitar algumas missões precisa ter a classificação igual ou superior ao requerido. Além da classificação individual de cada caçador se tem também a do grupo ou equipe que ele faz parte; isto é chamado de ‘team’. Quando vai se ganhando fama que uma team ou caçador é melhor em tal assunto pode ser que venham convite de missões para tal.

Os caçadores são divididos em quatro níveis de classificação; bronze, prata, ouro e platina. As team são divididas em cinco níveis de classificação; bronze, prata, ouro, platina e diamante. Algumas poucas missões são tão extremas que requerem uma grande team de Kaihojins poderosos e tais são as teams nível diamante.

A maior parte do mundo vive sem internet e com conexão de celular apenas a curta distância; como dentro da mesma cidade. Cidades grandes têm internet, todavia raramente a internet de

uma cidade entra em contato com a de outra. Os caçadores, a elite social e o governo desfrutam de uma tecnologia muito melhor que grande parte da população e possuem sua própria forma de 'internet' e lojas que funcionam em escala mundial.

Muitos caçadores gastam o dinheiro que ganham para comprar armas e equipamentos especializados para batalha contra mobs. Muitas vezes o conhecimento sobre espécies é vendido e mantido privado; também é importante não entrar no caminho do governo.

Freelers são os que se opõe ao governo e são a elite dos caçadores; destacam-se 'The White Sentinel' e 'Ian The Titan' como os mais conhecidos.

Guardians são os Kaihojins que servem ao governo para 'trazerem a paz'; destacam-se que possuem milhões de soldados, o Kaihojin 'The Frost General' e os cinco líderes mundiais.

Ao chegarmos à cidade já são seis horas da alva (10/05/2018 ou ano 2 dia 131). Marth e Manuel falam que vão ao hotel onde se hospedaram e que geralmente dormem de dia. Quando for entono de quatro da tarde já devem estar prontos para irmos à Salvador; capital da Bahia.

Em Salvador há missões simples e uma base dos caçadores. Muitas vezes os caçadores brigam entre si sobre qual vai pegar a missão ou para coletar a recompensa que o governo bota em vários; por isto decidimos formar uma aliança entre nossas duas teams.

Eu – Poderíamos fazer algo além de apenas uma aliança entre as teams...

Marth – Como assim?

De repente me vem uma ideia de fazer uma guilda; um grupo no qual varias teams vão se unir como em uma grande aliança e uns ajudarem os outros.

Gustavo – Uia. Parece bom; será que acha mais gente?

Marth – Pode ser uma ótima ideia; vai se fortalecendo a cada caçador decente que acharmos.

Eu – É. O nome da guilda vai ser... 'Alliance'!

Manuel – Aliança?

Eu – Sim. 'A aliança'.

Manuel – Realmente não parece ser uma má ideia.

E assim criamos a guilda 'Alliance' ou 'Aliança'.

## Epílogo 三

Eta – ‘Eita’, expressão de surpresa.

Cheu – ‘Deixa eu’.

Alejadona – Extremamente torta, danificada ou destruída.

Porra – Possui amplo significado, mas geralmente é um demonstrativo de intensidade (calor da porra = muito calor).

Pifando – Falhando, dando defeito, mal funcionamento de algo.

Mob – Qualquer violenta criatura ou criaturas que atacam. Qualquer inimigo sem capacidade de raciocínio.

Facinho – Fácil não possui diminutivo, 'facílmo' é superlativo, mas na fala se usa comumente 'facinho' como diminutivo de fácil; algo muito fácil.

Seiken – Golpe de punho fechado com impacto nos dedos médio e indicador; um soco.

Uraken – Um golpe com o punho fechado que se usa a parte de trás do punho.

Mawashi geri – Um chute circular onde se usa a parte superior do pé como impacto.

Vei – Usada para a frase ficar mais amigável.

Bucado/um bucado – Uma grande quantidade de algo, bocado.

As falas demonstram características de determinado personagem e é por isso que muitas vezes é visto ‘vamo’ ao invés de ‘vamos’ ou palavras sem o último ‘d’ como ‘comeno’ e ‘comendo’, ‘correno’ e ‘correndo’ e assim por diante. Isto é uma grande característica do sotaque baiano e a maioria nem chegam a perceber quando usam.

O ponto do capítulo foi o envolvimento com os caçadores e a formação da ‘Aliança’.

Neste capítulo foi mencionado que Marth ‘voltou à forma humana’.

Um vampiro, um lobisomem e muitas outras criaturas podem ser reconhecidos facilmente apenas pela aparência, porém a maioria de tais criaturas possui uma ‘forma humana’ que apenas alguém que possa sentir a presença do ser diferenciará um humano de outra raça em forma humana.

É assim que muitas criaturas vivem em sociedade. Algumas raças como os lobisomens não possuem reiteki, contudo possuem habilidades como ‘super-força’ e transformações corporais.

Além da forma humana os lobisomens podem estar na forma de um lobo comum, lobo humanoide e assim por diante.

## Marth Brownfeng

マルト。ボルフエング

Ele nasceu em 25 AEK (1991). É um lobisomem que tem habilidade em suas transformações.

Ele tem 1,75m de altura em sua forma humana. Seu cabelo é cor de **couro**, é liso e ele o mantém curto – ele sempre mantém as costeletas de sua barba. Ele se veste com uma camiseta sem mangas e bastante folgada ou então fica sem camisa; ele faz isto porque uma roupa que se ajuste a sua forma humana seria destruída quando ele se transformasse em lobisomem, porém ele também gosta de usar roupas assim – não raro ele utiliza correntes de metal como colar ou pulseira como é comum de lobisomens adultos. Sua pele é branca e possui olhos de cor **azul claro** com apenas um pequeno ponto preto como pupila; como o de um husky siberiano. Ele é de físico forte e bem definido.

Marth – Woof woof (latido).

Ele tenta viver em paz com as leis do governo e ajuda a todos que ele pode, porém tem seus próprios objetivos como prioridade. Ele possui uma voz bastante grave (grossa), porém pode-se sentir seu modo de falar amigável e também ele sempre está rindo.

Ele pode se comunicar com outros caninos e adora ajudá-los. Ele sempre está vigilante em combate e luta para proteger aquilo que ama; ele é decisivo e não hesita em se sacrificar por outros. Ele é bastante popular com mulheres humanas, porém seu orgulho de guerreiro lobo faz com que ele seja apenas atraído a lobisomens fêmeas.

Marth – Uma humana jamais poderia atender as necessidades na época de acasalamento! Hahahahahahaha.

Ele não usa nenhum tipo de arma e seu modo de luta é corpo-a-corpo. Ele usa sua força para lutar e também seus sentidos apurados; ele rapidamente pensa em um plano simples e executa-o. Ele evita usar as garras a não ser que ele tenha a intenção de matar seu oponente e mesmo assim ele sempre os trata com respeito e mantém o orgulho de guerreiro.

Marth – Nunca se pode humilhar as crenças de um homem pois o verdadeiro homem é aquele que mantém seu orgulho até o fim.

Ele é um grande amigo e tenta perdoar pequenas ofensas; não é bom telo como inimigo visto que mesmo sendo afável e gentil ele não hesitará contra aqueles que causam ‘injustiças’.

A sua facilidade de fazer amigos até mesmo entre raças que são inimigas – como vampiros e lobisomens – mostra seu profundo desejo de quebrar estas barreiras sociais, físicas e nacionais que levam as pessoas a terem preconceitos e racismo. Seu objetivo de vida é já o que ele faz lutando ativamente para superar e eliminar tais distâncias entre raças.

Lobisomem.

# 四

## A Viagem

*“Eu encontro-me em meio à eles, mesmo que eu não seja um deles, e sem que eu os conheça nós prosseguimos e nisto o caminho a frente se tornara claro.” – Kaiho, Canto*

4.

Marth mostra onde estão hospedados e ficamos de nos encontrarmos aqui na frente para irmos à Salvador.

No caminho para casa eu e Gustavo conversamos sobre o que aconteceu.

Eu – Deve tá um buracão lá no meio da parte abandonada da cidade...

Gustavo – Será que os povo da cidade não ouviram a explosão?

Eu – Tem nada não se acharem; não vai dar para saber que foi tu mesmo e fizemos foi salvar a vida deles. De novo.

Gustavo – Tamo ficando profissionais; o povo da cidade devia pagar para a gente né? e.e .

Eu – Eu tô aqui me perguntando sobre os deuses... Deve ter deuses muito poderosos; por que será que não estão aqui na Terra dominando tudo? Khepri falou algo de alguma coisa que aconteceu há dois mil anos...

Gustavo – Quem sabe né? Sendo caçador deve descobrir mais coisa.

Deixando as perguntas de lados eu chego em casa, tomo um banho quente – mas que energia fica caindo e deixando frio – e então vou dormir.

Eu estou dormindo em paz e está ótimo porque passei a madrugada toda ocupado; quanto mais cansado se está mais prazeroso pode ser o descanso. O interfone toca enquanto estou aproveitando meu sono e decido continuar na cama. O interfone continua a tocar incessantemente e a cada tocada eu fico mais revoltado com meu descanso sendo interrompido até que decido ir ver quem é após a oitava vez.

Vou só de short e sem camisa. Ao olhar eu fico surpreso ao ver que é o Kaihojin que estava comigo contra Ramisen; o que tem poderes de percepção. Logo eu boto minha blusa de frio com o zip aberto e vou abrir a porta.

Eu – Erh... Oi. Boa tarde.

Cara do Kaiho de percepção – Oi; foi mal de te acordar agora, mas eu decidi passar aqui antes de sair da cidade.



Eu – Como você me achou aqui? Haha.

Cara do Kaiho de percepção – K (um tipo de sorriso com risada que ele faz). Com meu Kaiho eu posso sentir tudo a minha volta. Eu também vi que teve alguma batalha nessa madrugada lá na parte abandonada da cidade. Foi mal não ir; ainda tô descansando.

Eu – E como que usa seu Kaiho na batalha?

Cara do Kaiho de percepção – Eu sinto os inimigos e daí fica difícil me acertarem; posso me comunicar mentalmente com os outros para fazer uma estratégia em grupo e também estão testando umas armas que funcionam usando o Kaiho – compro quando lançar.

Eu – Eta; que apelação.

Cara do Kaiho de percepção – É nada. K.

Eu – No que aconteceu de madrugada; eu estava procurando algum bicho que pudesse me levar até os caçadores para que eu comece a trabalhar como caçador, mas tudo que achamos foi um ‘deus’. Hahahahaha.

Cara do Kaiho de percepção – Eu estou indo para o norte; lá os bichos são mais selvagens e por não terem características humanas e nem falarem são melhores de se caçar. Vai para Salvador; lá tem uma base onde você pode se tornar um caçador – só procurar que acha. K. Ah é; meu nome é Marcos.

Eu – Marcus?

Marcos – Marcos.

Eu – Marcus.

Marcos – Marcos!

Eu – Marcus.

Marcos – ...

Eu – Pode me chamar de Alison e aquele que estava comigo é Gustavo. Ontem eu conheci dois caçadores e eles vão até Salvador comigo. Nós também formamos uma ‘guilda’ na qual os caçadores poderão ajudar uns aos outros se precisarem dividir algum trabalho ou se forem ameaçados por alguma outra team.

Marcos – Top. Eu vou começar a trabalhar sozinho agora e vou me concentrar em melhorar meu Kaiho e em pegar trabalhos mais fáceis, mas com a ‘guilda’ eu poderia chamar alguém uma vez ou outra para trabalhos mais difíceis... É... Passa o nome da guilda aê.

Eu – O nome da guilda é ‘Aliança’, mas eu nem sou um caçador ainda e só tem eu, Gustavo e os dois caçadores que falei; quando eu ganhar um ‘coisa desse de caçador’ eu faço a guilda aí você entra. Não vai ser diferente de um chat em grupo, mas vai servir.

Marcos – Tá bom; anota meu nick (nome) 'King-Whites' aí e me adiciona quando virar caçador. Eu já vou indo. Vemo-nos por aí. Não morrão nos trabalhos ein hahaha. K.

Eu – Haha; tentarei.

Marcos sai e parece determinado a ficar mais forte para que no futuro possa evitar que aconteça o que aconteceu com seus amigos na batalha contra Ramisen.

Olho para o relógio e já são quase três da tarde; falta apenas uma hora para o tempo combinado de sairmos à Salvador.

Eu acordo Gustavo, falo que já é tarde, comemos algo e saímos para encontrarmos com Marth e Manuel. Também deixei uma mensagem escrita em casa para minha mãe dizendo que eu viajarei e não há com o que se preocupar.

Chegamos ao hotel e encontramos Marth e Manuel. Marth fala que não se tem muitos meios de transporte disponíveis. Alguns caçadores usam algum tipo de criatura voadora, outros usam cavalos ou criaturas do 'submundo' que são similares e muitos caçadores possuem Kaihos que são propícios para viajarem mais facilmente ou alguém rico simplesmente usa um dos meios de transporte que eram comuns. No nosso caso teremos que ir andando.

Gustavo – Andando cara!? 'Pqp\*!' Nunca vamo chegar lá!

Eu – Caralho... É quase quinhentos quilômetros daqui...

Manuel – Huh. Eu posso ir voando; espero vocês lá.

Marth – Geralmente eu vou correndo em forma de lobo enquanto o Vitor (primeiro nome de Manuel) vai voando.

Eu – Eu tenho um alto nível de velocidade, mas nunca tentei correr assim e quando eu tentava correr antes de ter Kaiho eu ficava cansado em menos de cem metros...

Gustavo – Meu poder não serve para viajar. >\_> .

Eu – Dá para você ir igual um foguete saindo fogo dos pés; hahahahahahaha.

Gustavo – Mas daí rapidinho fico sem Kaiho se eu usar assim né.

Eu – É mesmo... Se eu ficar usando sem parar, como numa corrida, deve acabar o meu também...

Gustavo – Acho melhor a gente montar em algum bicho mesmo; devíamos ter deixado uns besouros daqueles para levar a gente voando. e.e .

Eu – Dava para ir e roubar um cavalo ou uma moto por aí; tem roça para todo lado... Mas cavalos tão raros também; tão dizendo que é um 'chupa-cabra'... Cavalo não que sempre foi raro; única coisa que se acha aqui é jegue.

Gustavo – Um 'chupa-cavalo'. Huehuehuehue.

Marth – ...

Vitor – ...

Marth – Se achasse algo como uma riquixá dava para eu levar vocês...

Gustavo – Riquixá? Dafuq is that (o que que é isso)?

Eu – Aquelas cadeirinhas com rodas que um chinês sai puxando.

Gustavo – Ahhhhhhh; tô ligado.

Eu – Mas isso é feio demais; é como uma carroça puxada por seres humanos. Usar algo assim é contra qualquer código ou norma de moral considerado 'certo'; é algo desumano – até quando animais são usados eu já acho algo inaceitável e vil de ser fazer.

Marth – Hum. Isso é nobre de sua parte e para a visão de um humano pode parecer algo assim, mas para os lobisomens ou um para centauros isso é algo normal; muitas vezes é até prazeroso como um exercício.

Eu – Então tá... O mais parecido com uma riquixa que se pode achar aqui é uma carroça, mas é meio sinistro sair puxando uma carroça por quinhentos quilômetros.

Marth – Haha. Tendo rodas fica mais fácil do que parece e na minha forma de transformação inteira não vai nem dar para considerar isso como um aquecimento para treinamento.

Gustavo – Onde vamo arrumar uma carroça?

Eu – Você que vive só na rua que deve saber.

Gustavo – Como vou saber de alguém que tem uma carroça?

Eu – Aqui é basicamente uma roça; é claro que você deve conhecer alguém que tem uma carroça.

Gustavo – Não sei não... Usa seu poder aí de achar as coisas e acha uma carroça vai.

Eu – Hahahaha! Você é desrespeitoso né; carroças não são seres vivos e mesmo se fossem eu não saberia como é a energia delas – sentir o terreno físico ainda é curto e duvidoso.

Marth – Acho que eu consigo fazer uma carroça... Mas os pneus tem que pegar da cidade.

Eu – Pronto. Vocês cuidam da carroça, Marth e Vitor, e Gustavo vai roubar dois pneus em algum lugar aí.

Gustavo – E tu vai fazer o que? >\_> .

Eu – Vou ir pegar uma mochila e botar algo para comer; como que íamos para Salvador sem nada mesmo? Somos burros né; sorte que lembrei.

Gustavo – PORRA; é mesmo! Huehuehuehuehue.

Cada um vai fazer sua designada parte.

Pego as coisas que provavelmente precisaremos – apenas alguns lanches – e saio. Se não conseguirmos ganhar dinheiro para comer algo lá como caçadores é porque não conseguiremos ser caçadores. Volto para a estrada onde estávamos para construir a carroça.

Gustavo – Não achei nenhum pneu não, vei.

Eu – Tem meio mundo de pneu nas coisas de carro por aí.

Gustavo – Tu quer que eu roube mesmo vei? A gente pode ser preso sabia?

Eu – A gente já salvou a cidade duas vezes; explodimos metade da parte abandonada da cidade e estamos indo nos tornamos caçadores ilegais... Roubar dois pneus vai ser a última causa de prisão que teremos.

Marth – Se um policial ver podemos bater nele facilmente; hahahahaha.

Vitor – Não seria melhor roubar algo de qualidade já que vamos precisar roubar? Também não gosto de roubar, mas como você falou salvamos a cidade e tudo mais.

Gustavo – Não cara; esse não é ponto. Roubar é errado; o cara que vai ser roubado vai ficar sem os pneus que ele sofreu trabalhando para comprar.

Eu – Eu já falei; se não fossemos nós esse cara dos pneus provavelmente já estaria morto ou seria um vampiro de classe baixa servindo a Ramisen por aí. Vai logo roubar e fica de boa. Além de que quase ninguém tem um carro que não seja uma lata-velha; os mecânicos estão todos fechados com os pneus só pegando poeira nas prateleiras.

Gustavo – Tá bom... É tudo você; sou inocente de qualquer coisa que der.

Eu – Tá bom, tá bom. Vai logo.

Gustavo vai e rouba os pneus; Marth constrói uma carroça bem primitiva enquanto eu apenas fico falando sobre o que mais poderia ter na carroça e Vitor reclama sobre o que eu falo.

Estamos prontos para ir. Gustavo está indo na carroça enquanto Marth puxa-a; eu estou testando se meu Kaiho serve para correr enquanto Vitor está voando. Para a mochila não me atrapalhar Gustavo leva-a consigo na carroça.

Eu estou mantendo o passo facilmente e usando meu Kaiho para sustentar a estamina – não há nenhum sinal que eu esteja cansando.

Marth corre bem rápido; mais rápido que um humano poderia mesmo sem levar peso algum. Eu e Vitor estamos mantendo a velocidade facilmente; sinto como se eu pudesse correr os quinhentos quilômetros sem parar!

Decido testar se meu Kaiho não irá acabar e até qual velocidade chego e por isto passo a correr mais rápido; Vitor voa mais rápido e vai me acompanhando. Eu começo a correr com ainda mais velocidade; meu senso de velocidade é horrível, mas devo estar em torno de cem quilômetros por hora. Eu diminuo um pouco a velocidade para que Vitor possa continuar me

acompanhando; não é bom ele se esforçar voando porque quanto mais ele tentar mais de seu reiteki ele gastará e também será mais fácil de alguém sentir sua presença.

\*Enquanto isto com Gustavo e Marth\*

Gustavo – Como que fizeram essa ‘carroça’ mesmo?

Marth – o que você quer dizer com ‘carroça’?

Referindo-se à entonação que Gustavo usou; qual foi simulada pelas aspas.

Gustavo – O negócio é só um pau todo torto que tá grudado no meio das rodas e outro pau que você tá usando para puxar...

Marth – Deu muito trabalho fazer isso; você está só aí sentando de boa e tá reclamando? Vou lhe deixar aqui e fazer você ir andando assim.

Gustavo – Calma; só tô falando. e.e .

Marth – Para fazer eu ranqueei duas árvores do chão. Daí o Manuel usou seu reiteki para cortar a madeira. Daí o Alison concentrou o poder em dois dedos, atacou a madeira e assim fez os buracos no pau para poder encaixar um pau no outro. Pronto; fez uma carroça.

Gustavo – Oia. São profissionais mesmo, mas a qualquer momento vai quebrar esse negócio aqui; huehuehuehuehuehuehuehue.

Pouco depois de falar isto Gustavo vai melhorar o jeito no qual está sentado e toca na roda sem querer; a roda está em alta velocidade e a mão de Gustavo fica presa na roda. Ele sai rodando junto com a roda, cai da carroça e é arrastado na pista em alta velocidade; na tentativa de aparar a queda ele começa a soltar fogo pelas mãos em direção ao chão, porém o fogo também atinge o pneu. O pneu explode e a pressão do ar no pneu junto com a alta velocidade na qual estava rodando fazem com que o pneu saia voando e atinja a perna de Marth; o qual cai no chão por causa do impacto.

Marth – o que FOI QUE VOCÊ FEZ CARA!?

Gustavo – Au... Ui... Foi mal; eu tentei aparar a queda e atingi o pneu...

Marth – Você é burro né!? Como que vamos continuar agora!!?

Gustavo – Só ficar equilibrando um lado e usar só uma roda da carroça. e.e .

Ao se levantar Marth percebe que sua perna foi machucada ao ponto de não conseguir mais correr e a carroça também foi destruída; por isto decidem continuar andando.

\*Voltando à Alison\*

Eu e Vitor estamos bem à frente de Gustavo e Marth, porém Vitor para de voar repentinamente.

Vitor – Sinto algo na cidade que está a uns seis quilômetros daqui... Zumbis talvez?

Eu – Zumbis? Melhor fazer o que então?

Vitor – Vamos passar em torno da cidade; pelo caminho de terra e não através da cidade. Obviamente Marth vai identificar a essência dos zumbis e também usar este caminho alternativo.

Eu – Mas, mesmo vindo por aqui, os zumbis vão estar por toda essa área e não apenas pela cidade. Não?

Vitor – Não. Eu já vi que as pessoas têm ideias erradas sobre os zumbis. Os zumbis são cadáveres recém-mortos que são ressuscitados por um necromante\*; esses e apenas esses ressuscitados diretamente pelo necromante têm o poder para transformar outras pessoas em zumbis e apenas se a pessoa chegar a morrer antes de doze horas de que foi infectada. Depois de doze horas o vírus perde o efeito. Zumbis que viraram zumbis através desse vírus não podem transformar outros em zumbis; portanto não é tão mortal como muitos pensam. Eles são lentos, fracos e estão sobrevivendo pelo poder do necromante; se o poder do necromante acabar eles voltarão a serem apenas cadáveres.

Eu – Hum... Então é suposto que tenha um necromante na cidade e ele fez como um exército de zumbis lá?

Vitor – Exato. Os necromantes são especialistas em coisas mortas; por isso é difícil sentir a presença de um deles se ele não quiser que seja sentida. Eu não sinto a presença dele, mas o fato de os zumbis da cidade estarem vivos significa que tem algum necromante mantendo-os assim.

Eu – E ele vai fazer o que? Sair conquistando mais cidades e aumentando o exército?

Vitor – Não; como falei precisaria de muito poder para manter tantos zumbis e eles são bem fracos. Geralmente os necromantes usam zumbis apenas como testes antes que possam criar criaturas mais poderosas como esqueletos guerreiros; se ele tentar criar algo poderoso antes de dominar a ressurreição dos mortos ele pode perder a própria vida fazendo-o ou então o ressuscitado pode se voltar contra seu mestre já que tais criaturas mais poderosas não precisam do necromante para permanecerem vivas.

Eu – Hum, então é por isso que devemos evitar a cidade, por que o necromante não iria ser simples como os zumbis. Encontrar os zumbis não seria problema, mas o necromante sim.

Vitor – É. Necromancia\* é bastante raro e por isso pode ser perigoso ir contra um necromante. Na verdade grande parte da necromancia é proibida; os necromantes apenas reanimam o corpo ou restos vitais e invocam 'criaturas das trevas' por que tentar trazer alguém de volta a vida, criar itens usando força vital ou coisas do tipo são artes estritamente proibidas.

Continuamos pelo caminho alternativo. Na trilha há sinais de atividades recentes, como pegadas e odor no ar, mas não parece que estão mais aqui. Continuamos pelo caminho até que chegamos a uma casa; o que é muito estranho por que todas as casas que encontramos até agora estão em ruínas, contudo esta parece estar intacta.

Enquanto aproximamo-nos da casa algo me segura pouco acima de meu tornozelo. É uma mão vinda do solo; apenas os ossos de uma mão – sem carne, músculos ou sangue.

Ser segurado enquanto estava andando me faz tropeçar, porém evito a queda usando minha mão como apoio no chão. Eu não apenas evito a queda, mas uso a mesma mão para fazer força e levantar o que quer que seja que está me segurando; um esqueleto inteiro sai do solo.

Eu estou de ponta-a-cabeça em um ângulo reto sustentando meu peso com uma mão enquanto o esqueleto está segurando na minha perna direita a um ângulo de sessenta graus em relação a mim. O esqueleto aproveita a posição favorável e me ataca com uma espada rudimentar de osso. Eu uso minha perna esquerda para chutar a cabeça do esqueleto antes que ele me atinja; sua cabeça/crânio é destruída e isto o causa a errar o ataque. Embora ele tenha perdido a cabeça ele continua em movimento e pronto para me atacar novamente; eu uso meu braço que está me sustentando para movimentar meu corpo e arremessar o esqueleto contra o chão – o impacto quebra a maioria de seus ossos e ele não parece mais ser capaz de mover-se.

Vitor – Sorte que você tem bons reflexos.

Eu – Porque você não destruiu ele enquanto ele estava tentando me matar!?

Vitor – Tudo aconteceu em menos de três segundos; como eu iria fazer algo?

Eu – Três segundos? A adrenalina liberada na hora deve ter feito parecer mais tempo então...

Vitor – Mas um esqueleto já é algo mais avançado que um zumbi e não se acha esqueletos animados enterrados no meio do nada; essa casa é muito estranha... Será que ao tentar desviar do necromante que devia estar na cidade acabamos achando o esconderijo dele?

Eu – Esse bicho foi muito vadio; ficou querendo lutar sem a cabeça. Tem alguma coisa especial para matar esqueletos mais facilmente ou é só destruindo ele todo mesmo?

Vitor – Não que eu saiba, mas destruindo a coluna ele não terá mais como sustentar o corpo e se tornará uma pilha de ossos; mesma coisa com os zumbis. Não faz efeito arrancar a cabeça ou destruí-la; tem que destruí-lo completamente, mas quebrar a coluna de qualquer coisa deve ser o suficiente para pelo menos pará-la.

Eu – É; faz sentido. A coluna é um bom alvo.

Vários esqueletos passam a emergir do solo; alguns com enxadas e ferramentas de cultivar o solo e outros com armas rudimentares feitas de osso. Uma miasma **roxa** começa a sair da casa e uma figura com mantos velhos, desgastados e com um capuz sai de dentro da casa empunhando um cajado que possui uma brilhante pedra **azul** na extremidade superior.

Figura misteriosa – Estão querendo o que aqui? São caçadores!?

Sem esperar a resposta ele continua; desta vez falando aos esqueletos.

Figura misteriosa – MATAI-OS E TRAGAM-ME SEUS CORPOS!

A figura misteriosa assiste enquanto mais esqueletos levantam-se do solo e vêm atacar a mim e a Manuel. Eu uso meu Kaiho e movo-me rapidamente entre os muitos esqueletos acertando 'nukites\*' na coluna dos que estão à minha frente e 'hiji wazas\*' nos que estão atrás.

Vitor desce ao solo e abre os braços em forma de uma lua crescente na horizontal; o que libera uma poderosa onda de reiteki vampírico e sai destruindo os esqueletos em seu caminho.

Os esqueletos continuam a serem dizimados. Meu Kaiho não parece diminuir e eu posso continuar lutando sem me preocupar, porém o reiteki de Vitor vai gastando a cada uso. Vendo que seu exército não tem efeito, a estranha figura encapuzada começa a recitar uma conjuração.

Um círculo de um forte brilho azul aparece no chão; os ossos dos esqueletos já derrotados são sugados pelo círculo e entram em combustão. A fumaça gerada pela queima instantânea dos ossos é extremamente sobrenatural e começa a tomar forma; toma a forma de um esqueleto gigante. O esqueleto tem cinco metros de altura e a fumaça ainda não acabou; ela começa a formar uma armadura e duas espadões para o esqueleto. Os esqueletos que ainda estão de pé caem ao chão e a força vital pertencente a eles vai ao esqueleto gigante; o qual parece ter ganhando vida pois seus olhos começam a emitir uma luz vermelha.

A figura encapuzada solta uma risada insana.

Figura misteriosa – Sintam o poder do Grande Necromante Gabriel! Hahahaha; vamos ver o que vocês podem fazer contra meu titã!

Gabriel ordena ao grande esqueleto que ele nos ataque; o círculo que estava restringindo-o se desfaz, ele olha lentamente para frente, solta um grito monstruoso e se apressa em engajar em combate.

Cada um de seus passos faz um estrondo; como apenas ossos podem ser tão pesados? Seus ossos não são como ossos comuns; têm a massa extremamente concentrada para serem mais resistentes.

Ele ataca cegamente usando suas espadões e o ataque pode ser facilmente desviado; ele pode ser resistente, mas também é pesado e lento.

Manuel – Vamos no necromante! O esqueleto vai deixar de existir com a luz do sol no amanhecer se ele não for protegido pelo poder de seu mestre.

Manuel voa em direção ao necromante; o qual lança raios para atrasar Manuel e então ter tempo de fazer mais uma conjuração.

Ele começa a conjuração e dois círculos aparecem a sua volta; um a sua direita e outro a sua esquerda. Em seguida parte da própria sombra do necromante é sugada para os círculos e de sua boca sai uma fumaça negra para o centro de cada círculo. A fumaça e a sombra dão forma a uma criatura envolta em escuridão; ela tem a aparência de um fantasma negro. A criatura tem um véu negro e está flutuando e tudo ao seu redor está congelando. O necromante invocou dois Wraiths!



Vitor recua de seu ataque e decide esperar pelo movimento do necromante. O necromante mantém os wraiths presos em seus círculos de invocação apenas para proteger a si mesmo – irá soltá-los se nos aproximarmos. Enquanto ele está protegido pelos wraiths ele assiste o esqueleto atacando-me descontroladamente.

O esqueleto deixa muitas aberturas em sua defesa enquanto ataca; eu aproveito uma das aberturas e pulo com força em direção a sua cabeça. Usando o impulso do pulo eu ataco sua cabeça com um ‘fumikomi geri\*’, todavia o esqueleto não sofre nenhum dano e apenas dá um passo para trás sustentando o impacto do ataque; sem esperar por nada ele resume seu ataque frenético.

Gabriel – Vocês não têm chance contra meu poderoso esqueleto, não têm para onde fugirem e se tentarem me atacar morrerão para meus poderes ou para meus wraiths! Desistam logo e morram sem muita dor, míseras criaturas!

Vitor vem me ajudar contra o esqueleto gigante. Vitor precisa economizar seu poder já que não sabemos quão poderoso o necromante é ou o que mais ele pode invocar; por isto ele me ajuda usando corpo-a-corpo e não ataques feitos totalmente de seu reiteki.

Usando uma série de ataques combinados nós derrubamos o esqueleto no chão, contudo ele levanta-se rapidamente e volta a atacar-nos. Para desviar do ataque Vitor começa a voar e o esqueleto passa a segui-lo.

Vitor voa em direção ao necromante; Gabriel ordena que o esqueleto pare, porém não há reação do esqueleto e ele continua indo em direção a Gabriel. Vitor voa para a esquerda e o esqueleto deixa de segui-lo e continua indo a Gabriel. Chegando ao seu mestre ele ataca-o sem nem pensar; do mesmo modo que estava a atacar nós que somos seus inimigos.

Gabriel evita o ataque por desaparecer em uma miasma **roxa** e reaparecer a alguns metros do esqueleto; por ter que fazer isto os círculos que predem os wraiths se quebram e eles ficam amoque assim como o esqueleto. Todos os bichos ficam ‘berserkers\*’ e atacam tanto a mim quanto a Gabriel e Vitor. Gabriel foi capaz de trazê-los, porém não parece ser capaz de controlá-los.

Gabriel começa a atacá-los com raios e algum tipo de ‘fumaça congelante’, todavia seus ataques são apenas uma distração enquanto ele tenta fugir. Eu e Vitor aproveitamos que Gabriel ainda está atordoado na mudança repentina na luta e atacamos-lhe, mas ele simplesmente desaparece e desta vez sem deixar traços – simplesmente desapareceu no ar.

Eu – Mas o que!?

Manuel – Depois eu explico; temos problemas maiores no momento!

Logo após Vitor replicar minha exclamação nós desviamos de um ataque do esqueleto e vamos enfrentar as criaturas que Gabriel deixou para nós.

Os wraiths podem atravessar matéria se assim desejarem; logo qualquer tipo comum de arma de fogo ou corpo-a-corpo é inútil contra eles, porém ao imbuir\* algo em meu Kaiho eu posso tocá-los e atacá-los normalmente.

Vitor voa para distraí-los e sabe que eu devo criar alguma estratégia para ele ter a oportunidade de destruí-los. Eu aproveito a distração e pulo nas costas de um wraiths; meu Kaiho evita que sua temperatura congelante me cause dano. Estando nas costas do wraiths eu seguro seus braços por trás; o que deixa seu tórax exposto para Vitor fazer um ataque direto. Vitor para no ar e estende a palma de sua mão em direção ao wraiths; em seguida ele lança um ataque de reiteki vampírico que é muito mais rápido do que os que já vi. O ataque assemelha-se a uma bola de canhão e atravessa o wraiths do mesmo modo que um tiro de canhão faria – por pouco eu desvio e não sou atingido. O wraith vibra violentamente e desintegra-se no ar.

Eu – Tá louco cara!? Quer me matar também!!?

Vitor – Foi mal... Eu sabia que você desviaria. e.e .

Eu seguro o wraith restante para fazermos o mesmo, porém o esqueleto tenta me atacar enquanto estou segurando o wraith. Eu desvio do ataque por usar o wraith como apoio para um pulo; o ataque do esqueleto brutalmente corta o wraith ao meio e ele desintegra-se no ar enquanto solta um grito estridente – parece que quando eu toquei-o ele deixou de usar sua habilidade de atravessar matéria.

Vitor flutua no ar na altura do torso do esqueleto, sua aura começa a aumentar e se concentra na palma de sua mão que está estendida em direção ao esqueleto. Vitor atira um raio (forma do ataque, como um 'raio laser') de cor ametista formado do resto de seu reiteki. O esqueleto tenta se defender por colocar suas duas espadões em forma de um 'X' a sua frente, contudo o raio de reiteki vampírico atravessa as espadas, o esqueleto e até a casa que estava atrás dele além de ainda desenhar uma linha no terreno por onde passou por cima.

O esqueleto foi obviamente aniquilado pelo ataque e todo o resquício são os sinais de destruição – as características do terreno de uma batalha. Não temos mais motivos para ficarmos aqui e resolvemos continuar em nosso caminho.

Vitor – Esse 'necromante' foi muito boçal; mal pôde criar essas criaturas e ainda perdeu o controle. No máximo deve ser um aprendiz de necromante que mal sabe o que está fazendo.

Eu – É. Ele quase morre para o esqueleto naquela hora; hahaha... E como se vence um necromante se ele pode simplesmente se teletransportar assim do nada?

Vitor – O teletransporte que ele usou quando o esqueleto o atacou é lento e quando se tornar mais poderoso ele fica inutilizável em batalhas. Quando ele desapareceu da outra vez não foi um poder dele; ele simplesmente tomou uma poção, contudo não entendo como ela funcionou se estamos na 'Superfície'...

Eu – Hum... Tô entendendo... E cadê Gustavo e Marth que não chegaram ainda?

Vitor – Gastamos muito tempo aqui; eles já deveriam ter passado a um bom tempo... Devem ter ido por outro caminho e já devem estar perto de Salvador.

Eu – Eu tô só com um pouco de preguiça, mas se usar meu Kaiho dá para eu continuar correndo.

Vitor – Eu usei todo meu reiteki e mal tenho energia para flutuar.

Eu – Vamo ir andando então.

Andamos até chegar à pista. Ao chegarmos não vemos nenhum zumbi – o que é estranho já que o necromante os abandonou e eles deviam estar andando sem rumo até ficarem sem energia. Resolvemos ir em direção à cidade. Depois de uns dez minutos indo em direção à cidade nós avistamos Gustavo e Marth. Gustavo está chorando e Marth tentando acalmá-lo.

Gustavo – Ahhhhhhhhhhhhhhhhh (choro alto).

Marth – Mas- (interrompido).

Gustavo – Ahhhhhhhhh (antes que Marth possa falar algo Gustavo o interrompe com o choro).

Eu – TÁ LOCO CARA!? CALA A BOCA AÍ! QUE ZOADA DA PORRA!!!

Gustavo – É... É... É... E-eu tava lá lutando e, e meu fogo acabou e, e um zumbi tava lá e, e \*hunhun' (solução de choro) e me mordeu. Ahhhhhhhhhhhhhhhhh (mais choro).

...

Gustavo – E agora vei, e-eu vou mo-morrer? Se eu virar um zumbi tu me-me mata viu?

Eu – Cala a boca vai; só uns zumbis específicos podem transformar a pessoa em zumbi e só se você morrer em menos de 12h depois de ser infectado.

Gustavo – Ah é!? PORQUE NINGUÉM ME DISSE NADA NESSA PORRA!? EU TÔ AQUI PENSANDO QUE VOU MORRER!!!

Marth – Eu tentei dizer, mas você não ouvia nada do que eu falava...

Vitor – E por que vocês dois passaram por uma cidade cheia de zumbis...?

Marth – Esse cara caiu da carroça e no processo queimou o pneu. Com isso eu machuquei minha perna; o que fez que eu não pudesse simplesmente sair destruindo os zumbis facilmente e também o cheiro do pneu queimado ainda está em meu olfato – quando fui perceber os zumbis já era tarde demais.

Eu – ...

Vitor – ...

Eu – Vocês são burros demais né; hahahaha.

Gustavo – Foi um acidente... E porque que vocês tão aqui também ein? Ein!?

Eu – Nós estávamos upando (ato de 'upar'), matando uns desafios esqueletos e enfrentando um necromante.

Marth – Vocês encontraram o necromante que estava por trás desses zumbis?

Vitor – Sim, mas ele acabou fugindo e acabei sem ter mais energia para voar.

Marth – E eu ainda estou mancando aqui.

Gustavo – Desde o começo eu só consigo andar normal.

Eu – Só eu que ainda tô de boa então.

Gustavo – Já tá amanhecendo e a gente mal saiu da nossa cidade. i.i .

Eu – É... Que desgraça... Todo mundo dessa cidade já deve tá morto mesmo; vamo roubar umas bicicleta ou motos.

Gustavo – Tô com fome.

Eu – Eu deixei a mochila com as coisas na carroça.

Gustavo – PORRA! FOI MESMO; SOU BURRO!!

Marth – Eu peguei a mochila, mas a comida deve estar ‘um pouco’ amassada da queda.

Eu – É pão; tem nada não.

Comemos e fomos à cidade roubar algumas motos (o dono está morto; não é bem roubar). Roubamos as motos, porém ninguém sabe como pilotar.

Gustavo – Aí ó! Tem que rodar esse daí para acelerar... Só sei disso. e.e .

Eu – Eu sei que primeiro tem a embreagem... Só sei teoricamente como usar; se vira aí. Pegarei uma bicicleta que é até melhor que uma moto se usar meu Kaiho.

Depois de algumas dificuldades eles conseguem ‘andar sem cair’. Marth não tem muito controle no acelerador e parece estar gostando muito de pilotar. Muitas vezes eles não conseguem manter o equilíbrio e caem, porém são ágeis o suficiente para pularem na hora da queda e caírem em pé; o que é hilário como se fosse em um jogo de vídeo game.

Logo desenvolvem a habilidade necessária para pilotar ‘normalmente’ e é rápido de chegar à Salvador. Antes de chegarmos a gasolina de cada uma das motos vai acabando aos poucos e no final eu acabo tendo que levar a todos eles na bicicleta, porém o resto da viagem foi bem tranquilo.

Chegamos em Salvador para nos tornarmos caçadores. Aprendemos que vamos encontrar seres do ‘submundo’ que serão amigáveis e falar nossos nomes para eles é algo essencial para ficarmos mais famosos e recebermos missões também dadas por tais criaturas.

Eu – Vamo ter quais nomes?

Gustavo – Sei lá... Vou falar só ‘Gustavo’ mesmo; não deve ter ninguém com ‘Gustavo’.

Eu – Hum... Lá na hora eu penso em algo.

## Epílogo 四

Berserker – É um estado no qual se luta em um frenesi selvagem; atacando freneticamente sem controle.

Frenesi – Um estado ou período de excitação incontrolável ou comportamento selvagem; algo frenético.

Imbuir – Inspirar ou permear com um sentimento ou qualidade; preencher ou cercar algo com uma determinada característica (como uma forma de poder/energia sobre a arma).

Pqp – Uma gíria que demonstra alta intensidade; algo absurdo.

Nukite – Golpe que usa as pontas dos dedos juntas em forma de espada ou garfo.

Hiji waza – Golpe que usa o cotovelo.

Espadón – Uma espada grande feita para ser usada com duas mãos.

Fumikomi geri – Golpe que usa a sola do pé de forma descendente; uma forma de pisotear.

Neste capítulo vimos um necromante. A energia usada por um necromante é conhecida como 'mana'; a mana é a fonte de energia da magia. Magia é o mais usado em combate pelos habitantes do 'submundo' e a mana está presente em todos os seres; precisa-se apenas aprender a usá-la.

A mana pode ser usada em uma infinidade de formas, porém algumas específicas são mais populares; como as 'magias elementares'.

'Necromante' é aquele que usa 'Necromancia' – magia através de restos mortais.

'Pyromante' é aquele que usa 'Pyromancia' – magia de fogo.

'Glacemante' é aquele que usa 'Glacemancia' – magia de gelo.

'Almante' é aquele que usa 'Almancia' – magia da luz.

'Yamimante' é aquele que usa 'Yamimancia' – magia da escuridão.

'Iarmante' é aquele que usa 'Iarmancia' – magia de ar.

'Taromante' é aquele que usa 'Taromancia' – magia de terra.

'Denkoumante' é aquele que usa 'Denkoumancia' – magia de raio.

'Tobimante' é aquele que usa 'Tobimancia' – magia da natureza; uma arte secreta.

'Inkaner' é aquele que usa 'Inkaning' – magia através de 'selos'; é incomum e avançada.

'Shoukan' é aquele que invoca criaturas para batalha; as quais são chamadas 'Yobidasus'.

Estes são os tipos conhecidos e considerados 'básicos' para os que usam magia. Alguns combinam varias das artes mágicas para criarem técnicas mias poderosas.

E assim conclui a apresentação dos três tipos básicos de energias aqui utilizados. Eles irão usar Kaiho (apenas humanos), Reiteki (tipo depende da raça) e Mana (magia avaliável para todos).

Com o passar da estória e dos diferentes usos que cada uma demonstrar se entenderá melhor como cada uma delas 'funciona'.

Muitos buscam poder em desenvolver apenas um dos tipos e confiam plenamente em tal técnica. Já outros irão preferir desenvolver-se igualmente em varias técnicas para terem um modo de combate mais versátil. Mas todos utilizarão técnicas e armas de luta em conjunto com o estilo que escolheu e ao se enfrentarem e os dois poderes colidirem vão mostrar até onde podem chegar.

Talvez uma técnica que impeça alguém que use magia permita que continue o uso de reiteki. Talvez o reiteki acabe, porém ele ainda poderá usar a mana que tem.

Existem infinitas possibilidades para o uso de cada um das energias e para combiná-las em batalhas; isto é algo que será claramente mostrado.

Até agora foi apenas um viagem para vocês leitores – e também Alison e Gustavo – conhecerem e se envolverem no universo descrito aqui. Alguém não pode simplesmente fazer algo do nada; o universo aqui apresentado tenta passar coisas lógicas de como usam os poderes – simplesmente é um tipo de energia controlável com infinidades de funções, porém seguindo 'regras' estabelecidas no universo da estória.

A partir de agora a estória se concentrará a explorar este novo mundo de fantasia e não apenas nos principais da estória, mas também mostrará sobre estado político, econômico e social do mundo enquanto ele vai sofrendo eventos que mudarão o curso de sua inteira história! Mas sempre; sempre haverá batalhas entre os personagens. Sempre que duas filosofias diferentes se encontraram; dois objetivos se cruzarem ou duas pessoas desejarem algo oposto elas lutaram com técnicas que são demonstrações de seu caráter, modo de vida e vontades.

Vamos mergulhar neste novo mundo através da perspectiva de Alison após o próximo capítulo; que é o último capítulo do 'Primeiro Ato; Principio' – o qual teve como propósito apresentar o sistema no qual a verdadeira estória se passará além de dar a base sobre como tudo começou.

Neste capítulo também houve um 'enquanto isto'.

Geralmente é escrito em primeira pessoa por Alison, porém a situações na qual Alison não está presente ou é 'fora do capítulo' como cada parte entre um capítulo e outro; tais partes são feitas por mim – o Narrador. Tais mudança em capítulos serão marcadas com '\* (frase)\*'.

Vitor Manuel

ビートル。マヌエル

Ele nasceu em 27 AEK (1989). É um vampiro que usa apenas seu reiteki.

Ele tem 1,80m de altura. Seu cabelo é de cor **fuligem** e ele o mantém em tamanho mediano; penteado para cima por todos os lados. Sua vestimenta são roupas do cotidiano na 'Terra' e em algumas ocasiões ele utiliza suas próprias roupas que lhe dão uma aparência de um vampiro mesmo com sua pele incomumente escura para um. Sua pele é **branco-latina (amorenado)** e possui olhos **castanhos**. Ele é de corpo médio em sentido muscular.

Manuel – ...

Ele é bem jovem para um vampiro, mas mesmo tendo vivendo relativamente pouco ele já não se importa em obedecer às leis e é contra os governos. Ele é bondoso e sempre ajuda quando não há nenhum empecilho para fazê-lo. Ele é bastante quieto, mas tem um ótimo entendimento de muitos assuntos e opiniões interessantes sobre as coisas; muitas das quais são incomuns. Por ter seus próprios meios de pensar e agir ele pode facilmente fazer inimigos de pessoas que tem ideias contrárias as dele.

Manuel – ...

Ele não usa nenhum tipo de arma, contudo usa seu reiteki de modo inteligente e luta tanto à distância quanto no corpo-a-corpo. Muitas vezes ele forma lâminas ou armas de reiteki e usa-as para um ataque ou então lança seu reiteki de um modo apropriado para a situação – ele tem bastante controle com sua energia espiritual. Ele começa a luta a qualquer sinal de agressividade, observa o inimigo e então o ataca em seu ponto mais vulnerável.

Manuel – ...

Como um vampiro ele prefere locais escuros; o que acaba como que realçando as características de sua personalidade quieta. Embora não seja um vampiro de sangue puro ele não pode se transformar em morcego; algo que vampiros de sangue puro não podem e os que não têm sangue puro quase sempre podem. Ele não julga ninguém por raça ou habilidades, mas seu julgamento pode mudar rapidamente dependendo das opiniões e filosofias nas quais o outro acredita.

Manuel – Raça não quer dizer nada, mas mesmo assim tem muito nego boçal por aí.

Ele tem conhecimento em línguas incomuns e é acostumado a estudar e pesquisar sobre algo para aprender o que é. Ele toma decisões com base na lógica e é preciso sobre elas.

Vampiro.

# 五

## The Azure Hunter

*“Então eu vi O Profundo de pé na forma de tempestade, e Ele me golpeou e Ele deixou-me, mas não havia nada deixado para trás, porém eu vivi.” – Kaiho, Canto 5.*

Ao chegarmos à Salvador eu sento algo maligno aproximando-se e rapidamente dou uma esquivada para a esquerda; ao fazer isto uma bala (tiro) passa raspando à direita de minha face.

Gustavo – PORRA! TÃO ATACANDO A GENTE!!! CORREEEE!!

Eu – Para de loucura aí vai.

Gustavo – MAS TÃO ATACANDO! NÃO VIU QUE ACABARO DE ATIRAR EM TU!!?

Marth – Não atiraram nele; foi apenas uma bala perdida.

Eu – Ali pelo lado do Pelourinho é sempre assim; esqueceu? Só ficar parado lá desviando das balas que dá para treinar os reflexos.

Gustavo – É mesmo; tinha esquecido que tamo em Salvador. e.e .

Continuamos normalmente até chegarmos a um prédio velho em Cajazeiras 5, parece apenas mais um prédio abandonado em uma rua de casas destruídas e velhas onde apenas os antigos mendigos ainda usam como morada. Ao entrarmos pegamos um elevador para o subterrâneo e ao sairmos do elevador o cenário é totalmente diferente; um local bem organizado e limpo não muito diferente dos refeitórios de naves em ficção científica.

Gustavo – Que? O.O .

Marth – Este ainda é do tempo quando o governo estava perseguindo ferozmente aos caçadores; por isso ainda é disfarçado.

Gustavo – Hum; entendi.

Andamos até um balcão e o atendente reconhece a Vitor e a Marth; eles falam que eu e Gustavo estamos aqui para nos tornarmos caçadores. Nós somos aceitos sem precisarmos fazer uma missão de teste porque fomos indicados por uma team já existente de caçadores. Recebemos um ‘pager’; que é semelhante a um tablet e é usado pelos caçadores para pegar missões, comprar itens, conhecer outros caçadores e assim por diante – é a rede de conexões exclusiva dos caçadores, governo e daqueles ricos o suficiente para pagarem por.

Atendente – Precisa-se também fazer uma ficha sobre vocês, porém não quero fazer por agora e vocês devem morrer logo mesmo... Escolham um nick e vamos terminar logo com isso.



Gustavo – Hum...

Eu – Hum... ...

Gustavo – Hum... ... ..

Eu – Hum... ... ..

Gustavo – Não sei nenhum nome bom. D: .

Eu – Tô sem querer fazer nome por agora, mas não quero usar ‘Bedengo’ como em todos os jogos sem antes saber o que tô fazendo... Bota lótus **azul** aí no meu; depois penso em algo melhor e eu gosto de lótus.

Gustavo – Pensei em ‘homem-de-fogo’, mas lótus **vermelho** fica filé também... Vou ser o lótus **vermelho**; daí fica o nome ‘team lótus’. =D .

E assim nos tornamos caçadores, porém não é de graça e mesmo que não precisemos fazer a missão de teste temos que pagar para podermos manter o pager – o que nos força a ter que fazer uma missão para pegar por ele. Inicialmente somos classificados como nível bronze menos e cada missão se recebe mais ‘experiência’ ou pontos para subir de nível de classificação – cada nível possui três subníveis como: bronze menos, bronze, bronze mais e só então prata menos e assim por diante. O nível da team é classificado pelo nível de todos os Kaihojins presentes nela – são necessários doze níveis ouro para a team ser considerada nível diamante.

Marth – Pronto; já podem começar a trabalhar com isso. Vocês irão conhecer muitas pessoas nesse ramo e logo as criaturas tão misteriosas para vocês vão se tornar algo comum; você vai saber as características delas facilmente. Nós já vamos para a nossa próxima missão e eu já adicionei o seu endereço aqui no meu pager. Até mais.

Vitor – Se cuidem e tentem não ‘bançar o herói’.

Gustavo – Valeu mesmo aí; quando ficarmos melhores vamo ajudar vocês nas missões.

Eu – Valeu; depois nos vemos por aí.

A missão que pegamos para pagar pelos pagers é nível bronze mais – podemos pegá-la porque a team ‘unnatural’ (Vitor e Marth) põe como se eles fossem ir juntos já que são nível prata. O alvo da missão é um necrófago que vive na agora chamada ‘zona baixa de Salvador’; a qual foi alagada pelo mar – muitas mudanças geológicas também aconteceram com a chegada das criaturas do ‘submundo’. O necrófago está no parque de Pituaçu qual foi alagado, perdeu o contato com o mar e se expandiu rapidamente em um grande pântano de floresta tropical e água salgada invadindo Patamares ao leste e ambos Imbuí e Boca do Rio ao oeste.

Gustavo – Necrófago é o que? Igual a um ghoul? Ghoul do Brasil? Huehuehuehuehue... É mesmo né; desde que começou a ter os Kaihos não teve olimpíada ou copa do mundo.

Eu – Ghouls são uma raça desenvolvida assim como humanos e vampiros, porém eles se alimentam de outras raças desenvolvidas ou algo do tipo. Necrófagos geralmente se

alimentam de carcaças e as humanas parecem ser o alvo principal deles, porém são bem feios tipo uns gorilas e são burro; acho que é assim, mas não tenho certeza não.

Gustavo – Esse cara vale dois mil reais.

Eu – Tô ligado, mas temos que fazer para pagar por essas coisas ‘filés\*’ que a gente ganhou. Depois a gente acha umas para ganhar dinheiro e comprar coisas.

Gustavo – Bora lá para o pântano então; o negócio aí diz que ele vive lá né?

Eu – É; só diz isso e que ele faz uns tráficos por lá e é conhecido como Gubu. Parece que ele é um chefe de uma gangue de outros necrófagos mais fracos.

Gustavo – Gubu? Quem vai botar um nome desse em alguém? ASUhuashuashuhsuhsuahu.

Eu – É um monstro feio que come mortos; poderia ser bem pior...

No pager há um mapa bem feito do mundo e muitas missões vêm mostrando o local no mapa. Nesta missão mostra que ele supostamente vive pelo lado leste do pântano. O mapa também mostra a posição dos outros membros da team quando está com uma missão ativa. Quando se está apenas explorando pelo mapa ele mostra caçadores, teams, lojas, covis de criaturas, missões na área ou eventos e coisas semelhantes que ajudam os caçadores. Há a opção de não aparecer no mapa de outros caçadores e os procurados geralmente removem o localizador que fica em seus pagers. Com classificação mais elevado se adquire pagers melhores.

Enquanto andamos pelo pântano vemos varias ‘espécimes’ que vivem aqui e que parecem intimidadas por estarmos em ‘seu território’. Não é um simples pântano qualquer; é a casa deles, por isto há como que ruas e se dá para andar pelo pântano normalmente.

Gustavo – Olha esses bichos que passam bem ‘rapidão\*’ toda hora aí; parecem uns ‘sereios’ só que com metade de cobra ao invés de metade de peixe.

Eu – O masculino de sereia é tritão... E não vai achar eles em um pântano né; esses são nugas. Nugas são tipo serpentes e vivem tanto na água quanto na terra; são inimigos mortais da raça sereia. Eu vejo também vários necrófagos passando; esses que parecem macacos meio **verdes**; tá vendo?

Gustavo – Esse lugar é perigoso demais; o que vamos fazer se esses bichos derem a louca aí e atacarem a gente?

Eu – Se fosse para atacarem já teriam atacado. A gente não tem problemas com eles e eles não tem com a gente; eles devem saber somos caçadores e então devem tá tentando ficar fora de problemas – aí vamos ficar na nossa também.

Gustavo – Hum; é mesmo. Deve ter uns caçadores bem fortes; daí os monstros daqui são mais sabidos e ficam fora de problema – não são igual aqueles lá da roça não. e.e .

Quanto mais profundo entramos no pântano mais organizado ele fica. As casas agora não são mais em árvores ou em tocas no chão; agora são as casas que já estavam aqui quando o pântano chegou, porém estão parcialmente fundidas com árvores e partes do pântano.

Andamos até o centro de onde o pager diz ser os locais no quais avistaram Gubu; o centro deve ser a base dele se seguir simples lógica.

Chegamos a um local semelhante a uma garagem, mas bem grande e parece ser a central de comando de Gubu. Há vários necrófagos no local e alguns estão fumando e até usando óculos escuros de sol. Ao chegarmos todos os olhares direcionam-se a nós.

Eu – Somos caçadores. Todo mundo parado! Mãos para o alto! Gubu será preso; cadê ele? Se tentarem resistir seremos forçados a usar a força, e atirar.

Gustavo – Huehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehuehue. Atirar com o que? Ficou locão vei; para que chegou falando isso!?

Eu – É ‘filé’ demais falar isso; tem nada não eles iriam atacar a gente de qualquer jeito mesmo.

Os necrófagos pegam varias armas inclusive submetralhadoras e abrem fogo em nossa direção. Vários nagas que estavam próximos correram assim que falei que somos caçadores e agora eu sei porque.

Desviamos dos tiros por pularmos para o lado; para fora do alcance deles enquanto eles estiverem dentro da garagem/base.

Gustavo – PORRA; OS CARAS TÊM ARMAS!!!! DAFUQQQQ???. Pensei que iam vir no murro!

Eu – Isso foi inesperado; parecem a máfia... Vamo para cima da telhado e atacamos eles assim que saírem de dentro da casa.

Gustavo – Tá bom, mas por que tu falou aquilo ein vei? >\_> .

Eu – Pensei que eram burros e que não sabiam falar.

Ao pularmos para cima da casa avistamos um necrófago que é da altura da casa e está do outro lado dela. Ele está de costa e vira-se lentamente para nós.

Necrófago – o que... Que... Tá... Acon-...-tecendo... Aqui!!!??

Sua voz é extremamente rouca e mal parece ser capaz de falar a linguagem humana. Em seguida ele pula e vai parar na frente da casa onde os outros necrófagos já estão.

Necrófago fumante – Eles são caçadores que estão procurando você ‘boss\*’!

Gustavo – Esse grandão é o Gubu? ‘Vixi\*’.

Eu – Não vai dar para levar ele não; vamo só matar mesmo. Hahahahahahahahahahaha.

Gubu – É... Mesmo?

Gubu balança seu braço violentamente em nossa direção; nós desviamos do ataque, contudo o ataque teve poder suficiente para destruir parte do telhado como se estivesse amassando um pedaço papel.

Gustavo – Eta porra!



Meu próximo movimento é atacar Gubu com o tronco da árvore; eu atinjo o alto de sua cabeça em cheio e ele cospe sangue com o ataque, porém permanece de pé. O próximo golpe que tento é um ataque lateral para atingir o lado de seu rosto e cabeça, contudo ele levanta o braço e impede o ataque. Os nagas aproveitam a oportunidade para finalmente atingirem o necrófago, mas tudo que são capazes de causar são alguns pequenos corte para alguém desse tamanho.

Repentinamente um guerreiro naga maior e de melhor armadura entra em cena carregando uma lança (spear\*) e atravessa Gubu de um lado a outro em seu estômago. Gubu solta o troco da árvore e esmaga o naga usando um ataque com os dois punhos; quem afunda na lama pela pressão do ataque – dificilmente ele sobreviverá a isso.

Eu aproveito a chance e balanço violentamente o tronco em direção ao necrófago. Atinjo o lado de seu rosto com força suficiente para quebrar o tronco e fazer sua cabeça girar duzentos e setenta graus. Gubu ainda está de pé e coloca seu pescoço de volta à posição original.

Gustavo – Eita meu deus!

Eu – Esse cara não é leviano não...

Os nagas permanecem parados sem saber se continuam o assalto (acometimento, ofensiva, ataque) ou se tentam fugir. Gubu toma ação e com suas grandes garras pega seus subordinados e passa a devorá-lo. É uma cena grotesca na qual os pelos **verdes** e enlameados que ele possui se tornam **vermelhos**; ele solta um urro gutural enquanto aumenta de tamanho.

Sendo agora maior e mais forte ele pega nagas e espreme-os em suas mãos. É possível ouvir claramente os ossos sendo quebrando e os gritos de dor de cada naga que morre em um instante. O naga lanceiro que parecia ter morrido levanta-se da lama e parece ansioso para por um fim a chacina que está acontecendo.

Eu – Naga! Dá-me tua lança!

Ele olha em minha direção e sabendo muito bem que não há muito o que ele possa fazer ele realiza meu pedido por jogar a lança para mim. Agora que estou com uma arma de verdade eu devo ser capaz de por um fim a esta luta. Eu não sinto quase nenhuma empatia para com os nagas que estão a morrer, porém o cenário, cheio e sons são totalmente repugnantes e eu considero Gubu uma criatura desprezível. Há também o fato do naga que confiou sua lança – sua última esperança – a mim. Eu expresso tudo isso em meu ataque.

Eu – Hizamazuite!

Ponho a lança à minha esquerda enquanto seguro-a com minha mão direita e nesta posição eu arremesso-a não de cima ao alvo, mas de modo que ela vá em linha reta como um míssil, como um tiro, como uma flecha que perfura seu alvo. Gubu está totalmente amoque e em estado berserker, porém tudo muda assim que a ponta da lança toca seu crânio.

A lança vai aprofundando-se como se não houvesse nada em seu caminho. O crânio de Gubu vai rachando e ele vai perdendo o equilíbrio e caindo na direção que a lança vai levando-o. Ele solta um naga que ele estava prestes a esmagar e logo a ponta da lança sai do lado oposto do

qual entrou em sua cabeça. Os pedaços do crânio e cérebro são visíveis enquanto são expelidos de sua cabeça em alta pressão. A lança atinge o pântano e abre um caminho na lama antes que pare; Gubu cai ao chão tendo convulsões antes de perecer completamente.

Eu pego meu pager e mando uma foto com a legenda: “A missão foi realizada com sucesso.”. Agora somos oficialmente caçadores e esta missão ficará em meu perfil como missões já concluídas. Eu chamo Gustavo e digo que é hora de ir, entretanto ele parece relutante; ele quer ajudar os nagas sobreviventes.

Naga lanceiro – Hey maluco; valeu aí pela ajuda.

Eu – Eu não tive a intenção de ajudar; vim apenas pela missão de eliminá-lo.

Viro-me e continuo andando; poucos lugares são mais desagradáveis do que este.

Naga lanceiro – Então tá, mas mesmo assim somos gratos pela ajuda aê.

Gustavo – Foi mal que morreram tantos amigos seus.

Naga lanceiro – Aquele necrófago é inimigo da tribo naga aqui, porém ele era muito forte para vencermos sozinhos; foi quando vocês apareceram que decidimos atacar. Vocês não têm culpa nenhuma pelos mortos; na verdade vocês nos salvaram!

Gustavo – Viu; tá bem então.

Naga lanceiro – Meu nome é Jonas; sou parte dos nagas que vivem aqui na Superfície. Quais são seus nomes? Talvez eu possa ajudá-los a conseguir mais missões.

Eu – Eu acabei de me tornar um caçador; não tenho certeza ainda... Talvez... Azure... The Azure Hunter!

Gustavo – Eu sou só Gustavo mesmo...

Jonas – Nós nagas estamos tentando fazer daqui um lugar melhor; não queremos guerra com os humanos. Talvez vocês possam aceitar um trabalho para eliminar os necrófagos sobreviventes?

Eu smirko e falo:

Eu – Vai depender de quanto pagas.

Não obstante fico bem atento; este naga Jonas é muito estranho – pode ser uma armadilha.

Andamos até o local onde os nagas moram; é totalmente diferente do resto do pântano. A água é quase cristalina e se pode ver as casas subaquáticas dos nagas. Também há belas casas feitas nas árvores e tem um espaço bastante amplo em contrastes com o abafado ambiente do pântano tropical.

Jonas – Precisamos que vocês eliminem os necrófagos restantes e a tribo dos swampers.

Eu – Swampers? Os monstros de lama?

Jonas – Sim. Não há nome para eles; são chamados de ‘monstros do pântano’ ou ‘swampers’.

Gustavo – Paga quanto? e.e .

Jonas – Em unidade monetária humana é vinte créditos o swamper e cinquenta o necrófago.

Gustavo – Vinte créditos para matar um cara? Que esmola é essa!!?

Jonas – Oxe; quanto você quer? Há em torno de cinquenta swampers; já são mil créditos... Eu posso pagar vinte e cinco por cada se você eliminar todos; sendo um total de mil duzentos e cinquenta créditos.

Eu – Como se mata um swamper?

Jonas – Ele é imune a ataques físicos; tem que se usar magia, mas com o Kaiho de fogo deve ser possível.

Eu – Então tá bom. Faltam quantos necrófagos?

Jonas – Faltam uns oito e são dos pequenos. Pago quinhentos pelos oito ou cinquenta por cada eliminado se deixar algum sobreviver.

Eu – Certo; vamos lá, mas preciso de uma arma primeiro.

Jonas – Uma espada comum serve?

Eu – Uma cimitarra dessas?

Gustavo vai com alguns nagas para o local da vila dos swampers e os fazem ferverem com seu Kaiho; quando chegam a ferver eles simplesmente morrem – são desprovidos de inteligência. Eu caço e elimino os oito necrófagos. Nos encontramos novamente na vila dos nagas.

Gustavo – Uia; foi até fácil.

Eu – Foi; gostei de usar uma arma.

Jonas – Aqui o pagamento total: mil setecentos e cinquenta. Chamarei vocês novamente se aparecer mais algum trabalho.

Gustavo – Um cliente satisfeito; somos profissionais. =D .

Eu devolvo a cimitarra e voltamos à cidade.

Eu – O cara pagou com um bucado de notas de cem reais.

Gustavo – Nas missões normais o dinheiro entra como crédito no coisa aí né?

Eu – É... Vamo comprar alguma coisa?

Gustavo – Vamo. =D .

Cada um de nós tem seu próprio pager; sentamos no banco de uma praça e ficamos navegando pelas lojas virtuais.

Eu – Quando eu ataco com o corpo é perigoso eu me ferir... Acho que vou comprar umas armas.

Gustavo – Tipo uma ‘doze’ (arma de fogo) ou tipo uma espada?

Eu – Algo físico né; não faria sentido usar uma que atira se eu tenho Kaiho de ficar mais forte e tal.

Gustavo – Onde é que tu vai achar uma espada para vender?

Eu – Tem centenas de espadas aí na loja principal olha.

...

Gustavo – Êh filé; quero uma espada também então. Eu boto fogo nela e fico atacando com a espada de fogo bem forte.

Eu – Isso só iria estragar a lâmina da espada e nem faria efeito no dano; além de seu Kaiho ser ruim para esse tipo de arma.

Gustavo – É mesmo. Os desenhos me enganaram então. D: .

...

Gustavo – Só comprar dessas de laser que corta tudo; parecem fodonas demais.

Eu – Mas a mais barata delas é três milhões e pouco. e.e .

Gustavo – Pelo menos deve matar tudo só de triscar. e.e .

Eu – Prefiro uma arma de metal. Essas novas são apenas para fracos – foram feitas para compensar a falta de manejo de espada do usuário. O mais importante em usar uma arma é a habilidade ao usá-la. Por isso considero essas de laser como obsoletas.

Gustavo – Ainda prefiro as de laser. :v .

Eu – Hahahahahahaha; você não sabe nada sobre armas não.

Gustavo – Meu fogo foi inútil contra os bichos lá; quero uma espada também.

Eu – Com seu nível de força não iria nem fazer efeito no monstro um ataque seu; além de que você ficaria lento carregando uma espada. Se seu fogo não teve efeito então treine-o para que fique mais poderoso e tenha efeito.

Gustavo – É. Vou treinar e ficar forte no meu tipo de luta e tu compra as espadas para ficar melhor no teu. Tamo evoluindo.

Eu – Olha essa espada aqui que avançada; quase cem milhões.

Gustavo – Porra! É tão do futuro que nem tô entendendo o que tô lendo. e.e .

Eu – ASUhsuhasuhushsuhasuhushauhasuhausuahuahuasuasushuas.



Gustavo – Huehhuehuehuehuehuehuehuehuehuehue. É engraçado ser burro né?

Ainda rindo eu falo:

Eu – Para de ficar falando besteira aí e vamo para um hotel que já nos limpamos dessa lama e descansamos.

Andamos até um hotel no qual é apenas cem reais o quarto. Temos direito a banho, lavagem das roupas e o passar da noite. Após terminar o banho eu vejo que a noite já está chegando.

Eu – Termina logo o banho aí para irmos comer algo na rua antes de irmos dormir.

Gustavo – Viu.

Nós descemos pela Rua do Julião e logo estamos no Mercado Modelo onde compramos uns acarajés gastando mais cinquenta reais. Nós comemos enquanto subindo o Elevador Lacerda para ver o Forte São Marcelo no porto enquanto descemos pelo Pelourinho. Antes de irmos dormir eu gasto o resto do dinheiro em equipamentos para ajudar-nos como caçadores.

Gustavo deita em sua cama e passa a conversar comigo.

Gustavo – O dia hoje foi bom né? Viajamo, viramo caçadores, matamos uns bichos e ganhamo dinheiro. Eu nunca tinha vista da visão do Elevador Lacerda de noite.

Eu – É; foi filé. Fica quieto aí que tô cansado. De dia é mais bonito com os barcos na baía.

Gustavo – Tá cansado de que?

Eu – Eu corri metade da noite, lutei com esqueletos, pedalei centenas de quilômetros de bicicleta, cacei criaturas e lutei mais.

Gustavo – É mesmo né; vamo dormir então. Amanhã vamo ficar rico com trabalhos bons. =D .

Acordamos em torno de seis da alva crescente.

Gustavo – Tá acordado vei?

Eu – Ahhh (bocejo)... Acabei de acordar.

Gustavo – Quero ir na praia.

Eu – Pra que?

Gustavo – Pra nada; só pra ver.

Eu – ... Então tá bom, mas vamo lá no lugar dos caçadores primeiro.

Gustavo – Pra que?

Eu – Comprei umas coisas ontem e já deve ter chegado.

Gustavo – Tu gastou o dinheiro foi? >\_> .

Eu – Os caras tem um sistema bem avançado de entrega que usa uns Kaihojins com determinadas habilidades para fazerem as entregas das coisas. Com o dinheiro que gastei vai ficar extremamente mais fácil de ganhar mais dinheiro.

Gustavo – Comprou uma espada?

Eu – Comprei duas katanas.

Gustavo – Uma pra mim? =D .

Eu – Não né; usarei estilo de combate com duas espadas.

Gustavo – Ahhhhhhhhhh (expressão de desapontamento)... Lutar com duas espadas é filé, mas depois quero uma arma também.

Vamos até a base dos caçadores e pego os pacotes que comprei; frete grátis.

Eu – Cada katana foi setecentos e cinquenta e veio esse bokuto (bokken) de brinde e essa bolsa de carregar espada junto; sobraram cem reais e comprei esse par de luvas para tu.

Gustavo – Para que vou querer luva vei? E como que a luva é cem reais? Mas eu gosto de luva.

Eu – É bem resistente e é uma luva de combustão; se tu estalar o dedo usando ela vai sair uma faísca. Daí pode ajudar no teu poder.

Gustavo – Gostei. =D .

...

Gustavo – Bokuto é o que? Essa espada de madeira? Pra que tu quer uma espada de madeira?

Eu – Bokuto é usado para treinar os movimentos da katana. Tu quer que eu vá usando as katanas de verdade sendo que nunca nem havia pegado em uma antes? Se eu errar um movimento com essa porra eu posso perder um braço ou uma perna.

Gustavo – É mesmo né; pensei que ia sair já matando tudo com as katanas... E como tu usou a cimitarra lá do cara?

Eu – Eu simplesmente cortava os caras; nada de técnica. Com as katanas tenho que aprender a usá-las corretamente; é tudo uma questão de técnica e não é sábio tentar desenvolver técnicas sendo que nem sei empunhar a arma.

Gustavo – Tô ligado... Isso aí foi sabido de pensar antes de usar...

Depois disso engajamos em andar pela praia enquanto exploramos mais sobre os pagers.

Vemos fóruns sobre o desenvolvimento de armas e itens que podem ser usados e ativados usando o Kaiho como fonte de energia. Também sobre atualizações nos pagers de última geração que agora podem escanear líquidos ou matéria e dizer qual a composição; também possuem enciclopédia sobre os tipos de Kaihos já registrados e sobre as criaturas. Podem também simplesmente escanear o ser e dizer se está entre o banco de dados de criaturas já

conhecidas. Entre muitas outras modalidades que até agora eu acreditava ser apenas tema de filmes de ficção científica.

Eu – Esses óculos que escaneiam as coisas é bem top.

Gustavo – Parece que vai ser bem filé quando lançar essas coisas que usam o Kaiho. Daqui pra lá já devemos estarmos bem fodões.

...

Gustavo – Como tu comprou as coisas se tu tava com o dinheiro físico?

Eu – Quando saímos para comprar os lanches eu achei um lugar que recebia dinheiro físico e botava em forma de crédito no pager.

Gustavo – Ahhh; tô ligado. Que pratico.

Eu – Tem lugares que fazem isso aqui; parece que nas cidades grandes é tudo em forma de crédito pelo pager.

Vimos que há vários tipos de missões. Algumas são para simplesmente eliminar uma determinada criatura. Algumas são cartazes de procurado que oferecem recompensas por determinados Kaihojins. Algumas missões são apenas de reconhecimento e dar informações em determinado assunto. Algumas missões são para capturar criaturas em boas condições para estudo – existe uma infinidade de tipos de trabalhos disponíveis.

Gustavo – Cansei de andar na praia; vamo fazer o que agora? Pegar uma missão?

Eu – Eu tava aqui analisando e há países e locais com poucos caçadores e que tem muitas missões ou então lugares que são cheios de pessoas ricas que pagam muito por coisas simples.

Gustavo – Como o que?

Eu – Parece que o Havaí está totalmente dominado pelos monstros e pagam muito para liberar cada bangalô e hotel de luxo lá; se liberar uma das ilhas de lá fica rico para a vida toda.

Gustavo – Mas um lugar tipo uma ilha vai ter um bicho bem chefão dominando o lugar; não?

Eu – Isso que imaginei; pode ser perigoso. Vários países europeus parecem ser mais seguros e também pagam bem.

Enquanto conversamos eu percebo alguém no mar assistindo-nos.

Eu – Tem uma ‘shoujo’ ,guria, ali no mar e ela tá seguindo a gente tem um tempo já.

Gustavo – Vamo lá ver o que ela quer; não deve ser nada do mal não... ‘Shoujo’; ahsuahsuhua.

Eu – o que é isso? Um Rpg e eu sou o DM!? O mundo é perigoso. Cuidado...

“Que foi?” – Gustavo pergunto ao realizar meu silêncio repentino.

Eu – Não tenho certeza, mas acho que ela não é humana não.

Gustavo – Que? Daqui ela tá parecendo humana... Rola um D20 e pergunta para ela.

Gustavo grita para a moça que está no mar e olhando para nossa direção:

Gustavo – EI FIA! VOCÊ É HUMANA?

Eu – Como você pergunta isso? Se for alguém do mal poderia simplesmente mentir.

Moça – NÃO!

Gustavo – Aí; eu disse que é útil perguntar. e.e .

Ela desperta nossa curiosidade e decidimos ver o que ela é ou o que quer.

Moça – Vocês são humanos!? o que vocês comem? Que tipo de coisas vocês fazem? É verdade que vocês não usam mana? É verdade que são os únicos seres inteligentes na Superfície?

Ela começa um frenesi de perguntas e seus olhos estão como que brilhando de excitação; ela parece estar extremamente ansiosa para saber sobre os humanos.

Gustavo – o que!? Calma aí!

Eu – Sim. Tudo. Tudo. Talvez. Éramos.

Moça – Uhhhhhhh (vibra em excitação por finalmente aprender algo sobre humanos). Meu nome é Anna. Eu sou uma sereia e vim aqui aprender sobre os humanos. Que tipo de roupa é essa? Como é não poder respirar debaixo da água? É ruim ficar o tempo inteiro com pernas? Vocês conseguem mexer os dedos do pé?

Gustavo – Os humanos são tipos os bichos aí do ‘submundo’, mas sem os poderes. Só isso. Como você veio parar aqui? Existe uma cidade de sereias aqui perto?

Eu – Tecido. Ruim. Não. Talvez.

Anna – Há sereias e tritões ao redor do mundooo todo, mas a cidade fica quilômetros ao norte.

Eu – Quanto ao norte?

Anna – Entre um lugar que chamam Estados Unidos e aqui... Opsss; eu não deveria ter falo isso.

Eu – Hahahahahaha; não deveria mesmo. Há muitos humanos ruins; você não deveria estar andando sozinha perto dos humanos. Já ouviu falar de Kaiho? Os humanos são perigosos agora.

Gustavo – É; se a gente fosse do mal já iríamos tentar fazer alguma coisa... Do mal? Que coisa do mal que ia ter veí? Não sei fazer as coisas do mal. i.i .

Eu – Existem todo tipo de humano a um nível extremos. Alguns iriam tentar matá-la e usar como uma fina iguaria rara. Alguns talvez tentassem fazer coisas imorais com ela. Alguns iriam prendê-la para botar em um aquário. E a maioria dos caçadores a capturaria para vender para um desses tipos de pessoas.

Gustavo – Porra; os humanos são do mal né?

Eu – Sim; somos desprezíveis.

Gustavo – Olha o que tu fez vei; assustou a menina.

Eu – É melhor você não se envolver com os humanos por causa disso; pelo menos não ficar muito exposta assim e discretamente conhecer uma boa pessoa. Existem pessoas boas em meio a toda repugnância.

Anna – C-Certo! Mas eu não estou sozinha aqui; varias sereias e tritões estão na área. Em algum tempo dominaremos os oceanos novamente e daí poderei conhecer melhor os humanos. Bye-bye! =) .

A sereia que tem a aparência de uma jovem de quatorze anos nada feliz após conhecer mais sobre os humanos.

Gustavo – Ela é gente boa né?

Eu – Parece que é...

Gustavo – Que foi? Sentiu mais alguma coisa?

Eu – Sinto uma treta no ar. HAHAHAHAHAAHHAHHAHHAHHAHHAHHA! (risada convencida).

Gustavo – Huehuehuehuehuehuehuehuehuehuehue. Dafuq!?

Eu – Não viu que a raça sereia quer dominar o oceano? Primariamente sinto a treta que vai ser a guerra entre sereias e nagas e depois com outras criaturas aquáticas ou com os humanos mesmo. Sei que vai ter algo bem louco acontecendo e vindo do mar. Posso pressentir!

Gustavo – Hummmm; tô ligado. Vai dar treta então.

Eu – Altas tretas, mas acho que ainda vai demorar um pouco.

Gustavo – Uia! Um navio! Nunca andei de navio; deve ser filé né?

Eu – Uia; a placa no porto diz que vai à Portugal.

Gustavo – Portugal é na Europa né? Vai pra lá mesmo?

Eu – Vamo; o pager pega no mundo todo mesmo. Só chegar lá e ver as missões disponíveis da área. Na Europa tem os países com missões boas que falei.

...

Gustavo – Vamo logo; tá esperando o que?

Eu – Calma aí vei; carregar essas espadas é muito difícil. Uma fica se batendo na outra e fica puxando o cara para o lado com o peso delas. Só o bokuto que fica na bolsa nas costas que é fácil de andar com.

Gustavo – É claro! Tu tá levando as duas de um lado só. Bota uma de cada lado.

Eu – As duas de um lado ficam bem melhor para empunhá-las de vez; se botar uma de cada lado a pessoa também sente mais o peso como se tivesse puxando o cara para baixo e tira minha agilidade.

Gustavo – Você que sabe então.

Andamos até o navio e entramos escondidos para o dormitório do deck inferior; ninguém vem aqui. O deck inferior também está cheio de caixas que parecem ser recursos e suprimentos.

...

Gustavo – Tô com fome vei; vamo comer o que aqui?

Eu – Acho que tem comida ali nas caixas.

Gustavo – Vai roubar vei?

Eu – Vou testar para ver se não está envenenada ou estragada e também é o preço por estarmos vigiando o navio; se um inimigo atacar eu salvo eles.

Gustavo – Ninguém te contratou para fazer nada. >\_> .

Eu – Então fique com fome. Eu vou ir comer.

Quando vou até as caixas de suprimentos fico perguntando-me o porquê isto está indo para Portugal – logo eu descubro a resposta.

Eu – Poooooraaaaa!

Gustavo – Que foi!?

Eu – Na caixa tá escrito que é para a Austrália...

Gustavo – Pra Austrália? Lá tá tendo uma guerra louca né?

Eu – E por isso que faz sentido ter suprimento indo pra lá.

Gustavo – É mesmo...

Gustavo leva alguns segundos para realizar o que eu insinuei.

Gustavo – Porraaaa! Fuuuuuu...Vamo fazer o que? Tá tendo guerra lá; é perigoso! Como vamo voltar? Já tamo no meio do mar!

Eu – Os caras do navio devem voltar pro Brasil; não vi nenhum com arma. Aí voltamo junto; fica de boa aí.

Gustavo – Tu vai acabar matando a gente alguma hora, vei.

Eu – Você que falou que queria andar de navio.

Gustavo – Foi mesmo. e.e .

Eu – Brasil é tenso né. O navio tava no lugar que devia tá o de Portugal.

Depois de comermos não há nada para fazermos.

Gustavo – Tem uns joguinhos no pager; já viu?

Eu – Acho que vou ir dormir; o mar tá me dando uma preguiça com sono. Depois treino com o bokuto.

Gustavo – É mesmo né; dá tipo uma fraqueza de preguiça no cara.

Vou até uma das cabines e rapidamente caí no sono, porém sou acordado bruscamente ao ser lançado da cama à parede e atinjo o teto da cabine no caminho.

Eu – Mas que porra é ess- .

Gustavo chega gritando na cabine.

Gustavo – VAMO MORRER VE!!!! D: .

Eu – Toda hora tu fala isso; fica quieto vai. Por que o navio tá todo locão assim?

Gustavo sai de frente da porta da cabina e aponta para onde deveria ser a ‘parede’ ou casco do navio.

Eu – Holy shit (merda)! É por isso que a água tá na minha cintura então... Essas coisas pebais do Brasil são tensas.

Tem um buraco que mais parece um portão aberto no casco do navio e deve ser inevitável não afundar.

Gustavo – VAI! FAZ ALGUMA COISA!!

Eu – Quer que eu faça o que!? Bora lá pra cima né!

Boto minhas katanas em seus lugares e subimos para o deck superior. Há uma tempestade absurdamente grande acontecendo.

Eu – Tem um tufão ali ôh que filé. Sempre quis ver um.

As ondas atingem e lançam o barco como se fosse um pequeno brinquedo. Os raios parecem que irão cortar o deck em duas partes a qualquer momento. Os suprimentos e até alguns marinheiros estão sendo sugados por tufões. Gustavo está muito perplexo para falar algo ou o som da tempestade é muito alto para que eu possa ouvi-lo. A próxima coisa que sinto é um impacto extremamente forte e então perco a consciência.

## Epílogo 五

Rapidão – Extremamente rápido.

Filé – Algo interessante, legal, bom.

Boss – chefe. Alguém com poder ou autoridade.

Vixi – Expressão usada geralmente quando algo ruim está acontecendo ou aconteceu. Surpresa.

Deitar – Algumas vezes usado no sentido de 'derrubar' alguém; matá-lo.

Lança – Existe a lança (spear) e a lança (lance). Se não for especificada com o “(lance)” na frente se deve entender como spear.

Spear – Tipo comum de lança que é uma haste longa de madeira com uma ponta metálica.

Lance – Tipo de lança geralmente carregada por cavaleiros medievais; possui um pequeno local para segurar e o resto é uma longa ponta coniforme (em forma de cone).

Shuto – Golpe que usa a lateral da mão como área do impacto. Cortando com a mão.

Tanga – Algo que falha, não deu certo, 'deu ruim'.

Epifania – Uma realização súbita de uma 'verdade maior'.

Cimitarra – Um tipo de espada levemente curvada comum ao Oriente Médio.

Smirk – Um tipo de sorriso ou risada, muitas vezes forçado, que expressa presunção, complacência, desprezo ou escárnio em vez de prazer. Sorrir afetuosamente (um sorriso de pura alegria e afeto) ou ironicamente (um sorriso de pura zombaria e escárnio). É algo bastante comum e será bastante usado; por isto usarei simplesmente 'smirk' para descrevê-lo. Smirk é o equivalente a tal ato em inglês e já que em português é necessária uma extensa descrição para se referir ao ato eu usarei 'smirk'. Será conjugado normalmente 'eu smirko, tu smirkes, ele smirke, nós smirkimos, vós esmikies, eles smirken'

Oxe/Oxente – quando se ouve algo estranho ou contraditório a suas ideias. Surpresa.

Dafuq – Expressão interrogativa ao se confrontar com algo estranho ou extremo; 'mas que porra é essa?'

Bokuto (bokken) – Espada estilo katana feita de madeira com peso semelhante a uma katana de aço; usada para treinar movimentos. Ou uma espada de quebrar e impacto invés de cortar.

Este é o fim do 'Primeiro Ato' que se trata da apresentação; da inicialização da estória do Azure Hunter. O segundo ato é mais extenso e mais profundo e nele aprenderemos sobre o 'Nenokuni'. E assim ele é nomeado 'Segundo Ato; Conhecimento'.



Jonas Fialho

ジョナス。フィアロス

Ele nasceu em 31 AEK (1985). É um chefe de tribo naga que usa sua força para lutar.

Ele tem 1,80m de altura em sua forma humana. Seu cabelo é de cor **fuligem** e ele sempre o raspa. Sua vestimenta são roupas do cotidiano aqui na terra ou armaduras nagas quando não está em forma humana. Sua pele é **morena** e possui olhos **amarelos**. Ele é forte em sentido muscular.

Jonas – Academia todo dia!

Como naga sua pele é **verde** e escamosa; além de ser careca. De seu quadril para baixo ele é semelhante a um tritão, porém com cauda de cobra. Suas orelhas são como nadadeiras de peixes e seus dedos são ligados por uma fina membrana que o ajudam a nadar.

Ele se preocupa em obedecer às leis e a cultura de seu povo, porém não permite que isso dite seu modo de vida. Ele é bondoso e sempre ajuda quando há oportunidades para fazê-lo. Ele é extrovertido, civilizado e intelectual quando não está em combate. Ele simplesmente adora ‘pegar as minas’ e isso muitas vezes causa-lhe problemas; ele tem uma fixação absurda com sereias.

Jonas – Sereias existem!!!!!!!!!!!!!! A vida vale a pena!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Ele usa diferentes tipos de armas ou usa seus punhos e garras no combate; sempre combate corpo-a-corpo. Além da forma humana e de naga ele tem uma forma monstruosa de naga na qual ele atinge quatro metros de altura e sua força fica absurda; além de seus dedos ficarem como afiadas garras. Muitos poucos nagas podem invocar tal forma e contra Gubu ele ainda não estava perto de poder fazê-lo (sim, acabei de falar-te alguns ‘spoilers’). Como um guerreiro em sua tribo ele é acostumado a batalhar até trivialmente todo o tempo.

Ele é bastante amigável e dificilmente alguém conseguirá mudar no que ele acredita. Ele não mantém inimigos ou procura confusões; ele simplesmente as deixa de lado. Às vezes é visto como ‘intelectual’ pois está sempre lendo, sabe usar as palavras e tem conhecimento sobre muitas coisas, todavia não possui o desejo verdadeiro de aprender e nem tem a visão crítica de aprender por si mesmo – apenas aprende como passatempo e acredita em quase tudo que lê; soa como alguém estúpido, mas não é diferente de toda a comunidade científica de hoje.

Naga.

# SEGUNDO

## ATO

### 知識

ちしき

\_\_\_\_\_ Conhecimento \_\_\_\_\_

# 六

## A Jornada Ao ‘Submundo’

*“Abaixo eu vi lamento e chamas, e trevas onde o fogo não podia remanescer, ainda, movido por insondável Fé, eu pulei.” – Kaiho, Canto 6.*

Clareza... Acordo repentinamente com a luz do sol em minha face; acordo totalmente atordoado. O sol está cegante, mas o clima está extremamente frio. Sinto a água gelada do mar atingir minhas pernas; levanto-me da areia e ainda tonto começo a olhar ao meu redor. Parece que a alva acabou de raiar no horizonte.

Vejo destroços do navio e parte da tripulação; tento acordar o mais próximo a mim, porém está claramente morto e também está o próximo e também o após – a inteira tripulação que chegou aqui à praia está morta. Minha visão ainda está turva e consigo me mover apenas se usar meu Kaiho para me dar forças e uma katana em sua bainha como suporte.

Pelo estado de meus ferimentos e da decomposição dos marinheiros é seguro assumir que estive inconsciente por alguns dias. Parece que passei esse tempo a beira do mar porque estou com um alto nível de hipotermia – e mais importante; o sal deixou meu cabelo em um estado horrível.

Rapidamente tiro minha camisa e calça que estão ensopadas e começo a fazer movimentos para aquecer o corpo – já passei do ponto que levaria à morte, porém meu Kaiho me dá a resistência sobre-humana necessária para permanecer vivo. Toda energia gasta é dispersa pelo corpo em forma de calor. Eu empunho uma katana e começo a cortar palmeiras e botá-las todas juntas. Em seguida eu lido com a desidratação por comer das pequenas frutas de uma conífera – talvez seja uma podocarpácea – e depois movimento meu bokuto contra uma palmeira com velocidade suficiente para iniciar uma fogueira – danificou-o um pouco, mas sobreviver é mais importante.

Após comer das frutas e me aquecer com exercícios e uma fogueira eu me sinto fraco e sonolento; quando estive desmaiado não foi bem como um descanso suave ao meu corpo e por isto agora tenho que dormir. Antes de ir dormir pego uma capa de marinheiro para usar no lugar de minha blusa de frio que sumiu e uma calça qualquer; deixo-as secando próximas ao fogo. Eu pego algumas folhas de palmeira que ainda não estão queimadas e uso-as para fazer uma pequena cabana contra o sol; e aqui eu durmo. O sol já está quase acima de mim; o que significa que é quase meio dia.

...

Vários sons e grunhidos estranhos disturbam meu sono; quando abro meus olhos vejo dezenas de necrófagos e quimeras (mistura que cria animais humanoides de maneira grotesca) que estão lutando pela carne dos marinheiros mortos.

Eu continuo sentado sem atrair sua atenção enquanto penso no que devo fazer; no horizonte vejo que o sol está a se por e logo a penumbra começará – o que no momento não é algo bom.

Ainda sonolento eu sou forçado a tomar ação quando minha atenção, e a de todas as criaturas aqui, se voltam para o som de um necrófago mugindo de dor e uma rajada de fogo passa atingindo muitas criaturas.

Gustavo está com olheiras bem avançadas e com o cabelo extremamente bagunçado. Está com a roupa rasgada e está descalço. Ele parece estar exausto e mal está conseguindo manter as criaturas longe dele por usar ataques de fogo. Um necrófago maneja conseguir uma abertura e lança uma ofensiva em direção as costas de Gustavo; ele está a ponto de ser atingido, porém eu intercepto as garras do necrófago com meu bokuto.

Eu – Demorou para aparecer por que vadio?

Gustavo – Tô morrendo veii; me salva aí vai...

Gustavo cai apoiando-se em mim após falar isto. Eu seguro-o com minha mão esquerda e uso a direita para manusear meu bokuto e abrir caminho pelas muitas criaturas que estão na ofensiva. Logo eu consigo um caminho limpo e saio saltando sobre eles e para longe enquanto levo Gustavo.

De um lado há o oceano e do outro grandes paredões de rocha ou florestas. Após um tempo movendo-me encontro uma caverna que parece ser apropriada; é bem próxima de onde acaba a montanha e há uma entrada para a floresta. Eu derrubo algumas palmeiras e monto-as à frente da caverna como uma forma leve de barricada; após isto boto algumas folhas no chão e deixo Gustavo dormindo. Eu fico sentado à entrada da caverna na ‘posição de Buda (posição de lótus)’ com meu bokuto enquanto medito no que deve ser feito. Algumas criaturas aparecem e vou lidando com elas com meu bokuto – enquanto não vier uma grande quantidade delas será apenas como um treinamento; não posso ficar treinando normalmente porque meus antebraços ficam extremamente cansados e doloridos por usar tanto a espada e logo só uso-a quando é necessário. Percebo que só temos as roupas do corpo e minhas katanas (e meus anéis, mas não devem fazer diferença) – até os pagers foram perdidos.

...

Depois de muitas horas, quando já se pode sentir a alva chegando, Gustavo acorda.

Eu – Tá de boa aí?

Gustavo – Arhn... Não; tô todo dolorido e com fome e com sede e cansado.

Eu – Tem umas frutinhas aí ôh.

Gustavo – Eu comi delas, mas não sabia se era de comer ou até se era venenosa.

Eu – Aconteceu o que com tu?

Gustavo – Teve uma hora \*shruu shruu\* (chupando a fruta) que uma metade do barco caiu em tu e te jogou no mar \*shruu shruu\*. Daí eu pulei para te achar, mas não te achei e quando olhei para trás o barco já tava afundando; eu peguei em um pedaço aí de pau e sai boiando até a praia. \*munch munch\* (comendo a fruta).

Eu – Tem quanto tempo isso?

Gustavo – Têm uns três dias. \*munch munch\*. Eu fiquei lutando com um bucado de bicho e andando pela praia e nunca achava ninguém. Eu não conseguia pegar as frutas direito para comer e não achava água; pensei que eu ia morrer. Como que tu tá vivo?

Eu – Eu acordei morrendo na praia ontem. Daí achei comida, descansei e tô aqui.

Gustavo – Eu quase morri de frio também, mas meu fogo meu salvou. Como que tu não morreu de frio?

Eu – Tu ficou com as roupas molhadas? Primeira coisa que fiz foi exercício, uma fogueira e trocar as roupas molhadas.

Gustavo – Tu é sabido né? ‘-‘.

Eu – Temos que ir para um lugar mais civilizado; não gosto de ficar assim na natureza e comendo fruta.

Gustavo – Cadê os caras que tavam no barco?

Eu – Tá todo mundo morto; sobrevivemos por que o Kaiho fortalece também o corpo.

Gustavo – Tô entendendo... Olha! Tem um bicho ali!

Eu – Parece uma tartaruga meia humana...

Gustavo – Correu... Fazer um ensopado muito louco para fortalecer a gente ainda mais. Uma daquela deve dar altos healing; só falta nível para preparar. Altos survival games. e.e .

Eu – Muitas poucas coisas parecem ser mais repugnantes que ensopado de tartaruga.

Gustavo – Era para ter uns cocos aqui nerá? Mas daí eu não iria conseguir abrir e só ia derramar a água toda até tu chegar para abrir...

Após alguns minutos a tartaruga-humanoide volta junto com sua tribo empunhado lanças e começam a atacar-nos; aparentemente esta caverna pertence a elas. Não parecem ser criaturas com capacidade de raciocínio e a única alternativa que temos é matar ou morrer.

Eu uso meu bokuto e tento acertar em seus pescoços já que os cascos devem ser extremamente resistentes. A velocidade delas é bem mais alta do que devia ser e superior a de um humano comum e têm largas bocas cheias de dentes ameaçadores. Gustavo ainda está cansado, mas ele usa seu Kaiho para atralhar as tartarugas enquanto atinjo-as fatalmente na

base de seus pescoços – diferente de uma katana de metal que corta os bokutos possuem um efeito de impacto muito bom.

Quando vão morrendo as tartarugas gritam e isto acaba atraindo mais criaturas – o resto das tartarugas foge para a água. Eu e Gustavo corremos enquanto enfrentamos os monstros. Algumas das quimeras possuem ataque à distância e assim complicam minha vida. Eu tenho que focar em eliminá-las primeiro, porém os necrófagos e quimeras de corpo-a-corpo as defendem. As tartarugas sobreviventes voltam com reforços de mais dezenas de tartarugas.

Eu sou forçado a guardar meu bokuto e usar minhas katanas ao passo que a batalha vai ficando mais intensa e difícil. As criaturas fazem um tumulto grandioso e isto causa muitas outras criaturas a serem atraídas ao local; quando a última criatura cai morta a noite também já caiu sobre nós.

Eu e Gustavo estamos exausto e com muita fome, mas tudo que podemos fazer agora é sair daqui antes que mais inimigos cheguem; não podemos comer a carne de tais criaturas repugnantes – isso até talvez matar-nos-ia envenenados.

Limpamo-nos do sangue no mar e procuramos outra caverna para dormirmos; após entramos eu selo a entrada com uma grande rocha. Estamos cansados o suficiente para dormirmos no úmido e gelado chão da caverna.

Na madrugada somos acordados pela agitação de varias criaturas do lado de fora da caverna. Pensamos estarmos seguros dentro da caverna, porém algum tipo de feíssima toupeira-humanoide sai do chão dentro da caverna e nos ataca; está muito escuro e sou forçado a chutar a pedra que está a bloquear a entrada da caverna.

Dezenas, ou talvez centenas, de criaturas estão à nossa espera e parecem já terem se alimentado das criaturas que matamos durante o dia. Desta vez as criaturas são bem diferentes e até mesmo mais medonhas. ‘Crawlers’ são criaturas que andam se rastejando e lembra a forma de um humano; eles possuem uma boca que abre do tamanho de sua cabeça e uma língua capaz de esticar-se e puxar sua presa até ele – eles são completamente **negros**, bastante ágeis e vivem no subterrâneo longe da luz do sol.

Corremos para a floresta para fugir dos crawlers, contudo enquanto corremos vemos ainda mais criaturas por toda a floresta – o inteiro lugar é um imenso covil de seres sanguínários; e parecem famintos.

Na floresta nos deparamos com vários wendingos; que são como alces que ficam de pé em duas patas, bastante magros e de braços extremamente longos com garras afiadas. Gustavo vai ateando fogo à floresta para que ele possa simplesmente controlar o fogo ao invés de criá-lo; assim ele gasta apenas uma quantidade menor de Kaiho. Não que seja fácil atear fogo nestas tantas árvores de madeira de lei; ao menos há uns pequenos arbustos flamáveis.

Continuamos correndo e eu vou atacando os que aparecem no caminho – continuamos a lutar por horas até que o sol renasce no céu. Com o nascer do sol as criaturas noturnas recuam para as partes mais profundas da floresta.

Continuamos a correr sem saber para onde por saber que qualquer lugar deve ser melhor do que aqui. Enquanto corremos encontramos uma trilha na floresta e a seguimos até uma pequena cidade. A placa mostra que é uma vila chamada 'Oban'; possui casas e prédios comuns, porém parece estar deserta. Os supermercados estão todos arrombados e sem nenhum alimento. Pegamos algumas roupas deixadas nas lojas de roupas e vamos ao rio limparmo-nos. Voltamos à cidade e descansamos em um hotel. É em torno de oito da alva.

...

Acordo e olho pela janela para perceber que já o anoitecer sobre cai novamente. Embora eu ainda esteja com muita fome e dolorido é revigorante dormir no 'conforto' de uma cama.

Eu sei que as criaturas noturnas atacam de novo está noite e correr é uma solução.

Eu – Acorda vai vagabundo!

Gustavo – Tô cansado; deixa eu dormir vai.

Eu – Já tá de noite; nestante os bichos vão aparecer.

Gustavo quase que pula na cama ao ser lembrado deste 'detalhe'.

Gustavo – Porra! É mesmo! Vamo sair logo daqui; eles devem saber que tamo aqui.

Eu – Eles devem estar por todo lado; se sair daqui vai para a floresta que é melhor para eles.

Gustavo – Quer fazer o que então?

Eu – A vida tá muito precária aqui; essa noite eu ponho um fim nessa putaria dos bichos me fazendo correr pela minha vida.

Gustavo – Vai lutar vei!? Tá locão!? Tem mais de mil bichos; tu vai matar nem cem e vai morrer – nem cinquenta!

Eu – Quer ficar só correndo por aí é? Levanta logo que temo que ir para outro prédio.

Gustavo – Por quê?

Eu – Eu não vou pular no meio do mob e sair atacando na louca né; temos que montar as defesas antes que eles cheguem e pra isso precisa ser no lugar ali que tem três prédios que são parcialmente de madeira.

Gustavo – A gente vai viver?

Eu – Cala a boca e vem logo; quando o dia amanhecer não vai ter nem um monstro que ouse me perseguir nessa ilha.

Gustavo – Tamo numa ilha é?

Eu – Sei lá.

Gustavo – Auhsaushaushaushaushaushaushaushaushausha; e por que tu falou?

Eu – Vamo logo e fica quieto.

Andamos até o local que possui prédios propícios e vamos montando nossas defesas enquanto conto a Gustavo a estratégia que deverá ser usada. Felizmente terminamos de fazer barricadas nas escadas do primeiro andar de cada prédio – térreo e dois andares cada e um com três andares – antes que as criaturas cheguem.

Assim que avistamos a primeira criatura, Gustavo corre e põe em chamas partes determinados do pilar do prédio e vai para o terraço. Do terraço ele ataca os inimigos à longa distância. Eu fico pelas janelas derrubando os que estão tentando escalar o prédio; também fico a jogar abajures, estantes, livros e garrafas – tudo que acho pode ser usado como arma se jogado com força suficiente. Jogo-os quando vejo um grupo de inimigos juntos que atinge a vários de uma vez.

Ao entrar no prédio muitos morrem queimados, porém conseguem quebrar a barricada que fizemos na escada. Eu recuo para o terraço e fico enfrentando-os na escada onde apenas poucos podem tentar me atacar de cada vez – usando meu bokuto já que preciso apenas atrasá-los. Gustavo está apenas derrubando os que tentam escalar o prédio já que a quantidade de criaturas continua aumentando sem fim.

Logo o fogo que Gustavo acendeu no começo da batalha se junta com o criado durante o combate por ele atacar os bichos que estavam escalando. O prédio está em chamas e seus pilares entram em colapso. Eu e Gustavo já havíamos planejado isto e pulamos para o prédio vizinho a tempo; as criaturas são pegas de surpresa e dezenas são mortas pela queda do prédio flamejante.

Gustavo – Oia; tá dando certo – tamo matando meio mundo de bichos. =D .

Este prédio está com as barricadas e o fogo do anterior serve com o mesmo propósito nele; a única diferença é que neste algumas criaturas já haviam atingido o terraço por escalar o prédio e temos que livrar-nos delas antes de fazermos o mesmo que fizemos no prédio passado – acontece o mesmo com o terceiro prédio.

Gustavo – Essa técnica que tocar fogo e usar o fogo já feito economiza Kaiho demais.

Eu – É obvio que controlar o fogo vai gastar muito menos que criar, porém também é mais fraco.

Gustavo – Tá matando os bichos então tá bom. :v .

Agora que o terceiro prédio está prestes a cair, a alva surge no horizonte e vejo a belíssima baía em forma de meia lua que a cidade possui.

Eu – Oban... Uma cidade perto da Austrália com uma baía em meia lua... Tamo na Nova Zelândia.

Gustavo – Como tu sabe? Deixa pra lá. O prédio tá caindo; vamo fazer o que?

Eu – Tá ficando de dia; eles vão tentar correr, mas estão cercados pelo fogo que se espalhou pelas casas. A única saída é por aquele lado da rua; vamo cercar eles e acabar com isso.



A nossa rota de fuga do prédio já estava planejada: uma piscina na casa ao lado. Meu Kaiho me protege do fogo no caminho e Gustavo não é afetado por fogo. Vamos à única saída que as criaturas não seriam queimadas vivas e evitamos que fujam – as que não morrem em nossas mãos morrem queimadas ao tentar fugir e algumas simplesmente pelo sol.

Gustavo – Teve uns bichos que fugiram antes do fogo cercar tudo; tu viu?

Eu – Vi, mas eles não serão burros de voltarem para atacar a gente.

Gustavo – Tô com fome.

Eu – Vamo procurar umas frutas por aí.

Gustavo – E se forem venenosas?

Eu – Se forem venenosas então deu tanga.

Gustavo – Huehuehuehuehuehuehuehuehuehue; então tá né. :v .

Eu – Parece que a maioria das criaturas daqui não comem frutas.

Depois de comermos fomos ao rio limparmo-nos e depois pegamos roupas novas.

Eu – Olha essa blusa de frio branca com listras preta como é top; vou usar ela.

Gustavo – É igual a que tu tinha. Pronto; tamo de boa agora. Como vamo voltar pra casa?

Eu – Sei lá; vamo ir procurar um porto para irmos às cidades melhores; aqui é só uma ilha que pertence à Nova Zelândia.

Vamos à praia procurar por docas, contudo não achamos nenhum barco que não esteja destruído ou danificado. Enquanto andamos pela praia avistamos uma pessoa deitada na areia e a pessoa está descalça vestida apenas com uma sunga de banho.

Gustavo – Ele é humano?

Eu – Não sei... Eu sinto como se fosse de um humano, mas é um pouco diferente do humano...

Ele anda até nós.

?????? – Iaê; só de boa?

Gustavo – Só de boa.

Eu – Não; estamos sendo atacados tem dias e passamos a noite em claro matando criaturas.

?????? – Ahhhh; então aquele fogo foi vocês? Vocês que mataram os tanrpede?

Gustavo – o que? Que bicho era esse?

?????? – Um que parece uma tartaruga e anda assim (começa a andar meio torto com a coluna inclinada e a mexer as mãos de uma forma estranha).



Eu – Não podia não.

Thiago – Podia.

Eu – ...

Thiago – Tá vendo; ganhei! Hahahahahaha!

Chegamos à cidade chamada 'Bluff' e nos despedimos de Thiago. A cidade está em ruínas e há vários monstros fracos vagando por ela – toda a Nova Zelândia foi tomada por monstros e então abandonada pela humanidade durante a guerra. Eu vou derrotando os monstros no caminho com meu bokuto para treinar e apenas quando está perigoso que uso minhas katanas.

Uso-as em 'modo de defesa' por segurá-las viradas para trás – com a parte de trás da lâmina virada ao meu antebraço (como tonfas); apenas durante alguns movimentos que troco a posição das katanas para continuar um ataque. Este é meu estilo de usar duas katanas. Desenvolvo minha primeira técnica – "Rearengo no Gyakusatsu" – onde fecho os olhos e ataco tudo que sinto a presença; é imparcial e atacará o ser vivo mais próximo logo não pode ser usada com amigos por perto.

Continuamos por comer frutas (e poucas vezes dingos que cruzam nosso caminho [quase tentei capturar uma foca uma vez, porém julguei perigoso]) e dormir em hotéis bastante empoeirados. Também achamos bicicletas para mover-nos de uma cidade para outra. Em cada cidade sempre procuramos por coisas nos supermercados abandonados; desodorantes e sabonetes deixam a vida muito mais agradável – ainda mais produtos de lavar o cabelo.

Gustavo – Já furou o pneu de novo vei! Vamo de carro!

Eu – Pega uma nova na próxima cidade; já fomos de carro e o conforto deixa a gente vulnerável e os bichos mais ousados... Além das pistas estarem ruins com carros no meio.

Gustavo – Ali mais uma cidade; vai lá procurar pelos teus xampu que vou pegar uma bike filé e ver se tem algo de bom nos mercados.

Eu – Ainda tenho do xampu passado, mas meu cabelo ainda está meio duro. Verei lá se é bom.

Vamos pela costa da Nova Zelândia de 'Invercargill' até 'Christchurch'. No caminho encontramos centenas de criaturas e o único traço de seres humanos que encontramos é uma vila selvagem de 'maoris\*' na floresta 'Catlins'.

Gustavo – Os negos são fodões mesmo; nem os monstros pegam eles. i.i .

Chegando em Christchurch encontramos adversários formidáveis – são um grupo de vampiros que conseguem manter a luta contra mim e Gustavo. Durante toda batalha e em tempo vago eu treino com meu bokuto (o que dói demasiadamente meu pulso, antebraço e ombro) e vou criando meu próprio estilo de manejo da espada. Contra tais vampiros sou forçado a usar minhas katanas e mesmo assim eles mantêm a luta – eles não são como as outras criaturas que confrontamos na ilha; eles são treinados em batalhar.

Após um combate onde apenas fomos avaliando as capacidades um do outro eles pediram uma trégua. Ao conversarmos com eles aprendemos que eles desertaram o exército do Lorde Vampiro e agora dominam a ilha sul da Nova Zelândia – ou pelo menos tentam. A ilha sul é disputada por quatro facções superiores, contudo apenas duas delas vivem em campanha militar – os vampiros e os lobisomens (novamente).

Os vampiros ouvem nossa história e propõem um acordo. Eles vêm ouvindo sobre como Gustavo e eu abrimos nosso caminho através das hordas de criaturas e prometem ajudar-nos a voltar à civilização se matarmos os lobisomens. Os vampiros me dão uma ‘wakizashi\*’ como primeira forma de pagamento e diz que quando terminarmos o trabalho eles pagarão muito mais e nos ajudarão. A wakizashi possui uma coloração **púrpura** com detalhes **negros** e é feita com um metal do reino dos vampiros.

Começamos a viagem ao outro lado da ilha – à ‘Greymouth’ que é a base da facção pertencente aos lobisomens.

Gustavo – Pra que tu quer essa espada? Tá fazendo coleção? e.e .

Eu – Os caras que me deram; era para eu rejeitar? É feita de um metal diferente; talvez seja mais resistente... Fica com ela aí; qualquer coisa serve para corta carne ao algo assim.

Gustavo – Só serve pra isso mesmo; olha o tamanho da ‘espada’. A katana do cara deve ter quebrado aí ele te deu esse toco. Asuhuashuashuashuashuashuashuashaushaushua.

Eu – Fica quieto e vamo logo.

Sigo o mapa que os vampiros forneceram – procuramos, mas não havíamos achado nenhum mapa até agora. Enfrentamos poucos inimigos no caminho; parece que estão começando a temer-nos assim como fizeram na ilha anterior e também devem ter ouvido sobre nossa aliança com os vampiros.

Viajar de noite é difícil por causa das criaturas noturnas estarem em vantagem e as lanternas apenas entregam nossa posição além de a luz ser muito focal, contudo em noites de lua cheia ou de céu limpo é fácil ver o caminho e viajamos em tais noites já que viajar a noite é muito mais fresco do que sob a luz do sol.

Chegamos à Greymouth e já encontramos os lobisomens junto com dezenas de outras criaturas – já estavam esperando o confronto.

Gustavo – Eta porra; olha o tamanho daquele!

Um lobisomem está em sua forma bestial e atinge quase quatro metros de alturas, possui garras enormes, grande força e velocidade. Eu empunho minhas katanas e preparo-me para o combate brutal que está à frente. Contra os vampiros fomos oponentes e estudávamos os movimentos – fomos civilizados, porém os lobisomens têm como único objetivo acabar com o inimigo à sua frente; correr não é uma opção então a única maneira é atacar com a intenção de matar.

Gustavo vai para um lugar mais elevado para poder atacá-los mais facilmente; eu vou atacá-los no corpo-a-corpo. A cada batalha pelo caminho eu treinei vários aspectos e agora em um combate de verdade eu posso testar minhas técnicas. Usando minha agilidade superior eu desvio dos ataques do lobisomem bestial e uso os prédios para atacá-lo. Eu tenho agilidade e força suficiente para pular a alguns metros de altura até a parede de um prédio e de lá me impulsionar até meu alvo – é quase como voar através dos inimigos.

Com toda minha habilidade atual eu elimino o lobisomem bestial (após muitos grandes choques entre garras e katanas) e alguns outros enquanto Gustavo queima o restante até suas mortes – as outras criaturas fogem ao presenciar o poder total de luta que eu e Gustavo temos.

Depois de eliminarmos os inimigos começamos a viagem à ‘Westport’ que é onde os vampiros disseram que iriam prover um jeito de sairmos de lá e o resto da recompensa – como sempre eu nunca acredito no que alguém meramente falou e por isto estou sempre pronto para reagir.

Depois de dois dias chegamos à Westport. A cidade está totalmente deserta e nem mesmo sinais das criaturas que deveriam estar vivendo aqui. Ao andarmos mais pela cidade percebemos que é uma emboscada; centenas de criaturas começaram a sair das casas, prédios e até do mar. Os vampiros chegam e estão numa posição privilegiada; como a de um comandante que assiste a batalha de um monte ao longe.

Varias sombras começam a surgir e percebemos que reforços de criaturas voadoras estão vindo das montanhas que no horizonte circundam a pequena cidade enquanto atrás de nós, do Rio Buller e de sua vegetação, saem mais criaturas. Estamos perto do final Rua Rintou quase no cruzamento com a Rua Palmerston para o lado do Rio Buller.

Junto com os vampiros estão as outras duas facções restantes – os nagas que vivem nos oceanos e lagos e as harpias que dominam as montanhas e céus. Os vampiros fizeram-me destruir seus inimigos e então se uniram com as outras facções para lidar com uma ameaça a seus reinados – O Azure Hunter.

Por destruir impiedosamente todas as centenas de criaturas que me atacaram eu passei a ser conhecido em toda a Nova Zelândia que já é quase uma sociedade de seres do ‘submundo’.

Quando lutei com os vampiros ambos usamos apenas parte de nosso poder, mas já que eles não foram capazes de destruir os lobisomens por si mesmos eles não devem ser tão poderosos – tudo que eles têm são números superiores, controle do céu e do mar e conhecimento sobre o terreno... Vitória está ao meu alcance.

Gustavo – O bagulho tá loco; vamo em quem?

Eu – Tá meio difícil de chegar aos chefões com todos esses caras no caminho; solta a louca aí e sai tocando fogo em tudo. Os que voam são perigosos – vou ir ‘deitando’ logo eles.

Novamente temos que ir de encontro a tudo que aprendemos em sociedade e engajar em brutais batalhas físicas – a única ‘razão’ que tais criaturas entendem são a força e o poder. Assim como os mais poderosos Kaihojins se tornaram os líderes mundiais quando a guerra começou os líderes do ‘submundo’ devem ser ridiculamente poderosos.

Eu vou pulando entre os telhados das casas e eliminando os inimigos que possuem força aérea enquanto Gustavo atea fogo e faz explodir um posto de combustível logo na esquina; ele foge para o espaço aberto do estacionamento e usa ataques em área para dizimar as forças inimigas. Continua um combate feroz e os líderes juntam-se à ofensiva.

Vampiro – Você está morto, Hunter!

Eu – Usotsuki korosu beshi (aqueles que para mim mentiram que estão).

Minhas katanas e as dele colidem com brilhos azuis e ameixa e elas cantam em muitas línguas metálicas que apenas as espadas podem entender. Logo acaba e nunca mais ele cantará.

Assim que seus líderes começam a cair um por um as forças inimigas entram em tumulto e as massas passam a fugir. As harpias veem que o resultado não será favorável e abandonam seus ex-aliados. Sem a intervenção dos ataques aéreos, Gustavo e eu finalizamos os restantes enquanto muitos fogem para nunca mais enfrentarem-nos novamente. O nome 'The Azure Hunter' agora é temido não mais como uma ameaça e passa a ser como aquele que domina sobre a Nova Zelândia. Não lembro quando falei este nome para eles, mas de alguma maneira todos o conhecem.

Algumas criaturas imploram perdão e querem juntar-se a nós – nos tornamos como reis. Eu não tenho interesse em tais seres abomináveis em todos os sentidos incluindo o moral e apenas requero informações para deixá-los fugir com vida. Também não sou um para perdoar.

A batalha foi complicada e Gustavo foi capaz de manter todas as forças inimigas contidas por usar uma técnica que suas pernas se tornam como um pilar giratório de fogo (ou tornado) e estando em uma área mais elevada ele pode atacar todos que se aproximem em trezentos e sessenta graus (tudo ao seu redor). Gustavo está aumentando a quantidade de fogo que pode produzir a cada batalha.

Continuamos movendo-nos em direção à ilha norte – varias criaturas falam que lá existe um portão que pode levar-nos ao 'submundo'. Decidimos ir até o 'submundo' e de lá achar outro portão que nos leve de volta à Superfície em um local 'mais próximo' à civilização.

Chegamos à cidade de 'Nelson' e as harpias oferecem transporte até a ilha norte em troca de um tratado de paz. Voarmos nos grifos até o outro lado parece ser perigoso, porém não há muito que eles possam fazer contra nos; aceitamos a oferta e atravessamos em segurança até a cidade de 'Wellington'. Está no Samhain (próximo ao inverno) e a cada dia fica mais frio com clima próximo à zero – vemos neve pela primeira vez. Eu tinha dúvidas sobre cavalgar grifos – como tenho de todos os animais –, mas foi um modo bastante maravilhoso de viajar.

Vamos em direção ao lago 'Taupo' que é próximo de onde está a passagem para o 'submundo' e encontramos poucos inimigos no caminho em comparação à ilha sul – é totalmente diferente lutar na nave. No lago encontramos uma cidade da raça sereia que é pacífica e nos dá informações mais exatas da localização do portão.

Vamos à 'Rotorua' e pegamos roupas novas, achamos alimentação enlatada ainda boa em um mercado, descansamos e passamos um tempo em um parque abandonada na cidade –

achamos varias coisas revigorantes aqui em Rotorua. Em seguida vamos ao portão no monte Tarawera.

Escalamos o monte que é na verdade um vulcão. Em seguida entramos no vulcão para acharmos o suposto local que leva ao 'submundo'. Há um caminho feito na rocha; provavelmente criado pelas criaturas que chegaram aqui, todavia é tão profundo que não vemos o fundo – apenas escuridão. Andamos até chegar a uma plataforma reta que possui vários túneis. Ao seguirmos o túnel mais largo chegamos a um imenso salão – lava pode ser vista em muitas áreas do vulcão e todo o frio que sentíamos some.

Gustavo – Que calor da porra; vou morrer.

Eu – Tu é de fogo; como é que tu sente calor? Tu é burro é? E calor é energia.

O local é tão espaçoso que a parte que chegamos é um penhasco subterrânea e descê-lo leva até 'o piso' do salão onde o portão está. Ao andarmos até a borda do penhasco vemos que há uma plethora – milhares – de criaturas ali e parecem estar esperando por algo. O portão parece ser feito de algum tipo de material entre rocha e metal de tom **avermelhado** e possui símbolos em suas portas em uma linguagem que nunca vi.

Um goblin grita de onde ele está entre a multidão e sua voz ecoa pelo grande salão.

Goblin – ALI ESTÃO OS HUMANOS!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Parece que nosso caminho foi tranquilo porque as criaturas estavam montando uma última tentativa de nos destruir. Talvez com medo de alguém 'do outro lado' saber o que estava acontecendo aqui ou alguma outra razão desconhecida – só sei que elas não parecem nada amigáveis e estão determinadas a impedir-nos. Eles absolutamente não querem que um humano atravesse... Mas eu irei!

Diferente dos inimigos anteriores esses não são algo que possamos derrotar; além de seus números exorbitantes em comparação a nós há também o fato de muitas criaturas que nunca lutei contra. Há minotauros, minhocas gigantes nadando na lava que pode ser vista em partes do salão além de criaturas estranhas voando que parecem pterodátilos, porém 'menos pré-históricos' e mais... Como galinhas? Eles têm colares penados.

Penso em tentar correr para o portal, contudo isto seria perigoso e iríamos simplesmente ficar cercados pelos inimigos. Repentinamente duas estátuas enormes (quase trinta e cinco) que estão em frente ao portão começam a se mexer e a falar.

Estátuas – Humanos não podem atravessar... Com vida.

Elas entram em posição de combate e seu mero movimento é o suficiente para o chão tremer.

Estátuas – Você deseja passar?

As outras criaturas não perdem tempo e começam a subir o penhasco para atacarem-nos – as estátuas são quase do tamanho do penhasco. Gustavo não espera e simplesmente ataca o rosto da estátua com uma bola de fogo – o ataque tem literalmente zero de efeito.

A estátua começa o assalto com um soco; ela é tão grande que seu ataque parece ser quase em câmera lenta. O ataque atinge o penhasco e o penhasco começa a desabar. Sem termos para onde ir simplesmente pulamos no braço da estátua. Pensei que isto iria fazer as estátuas se destruírem por atacar-nos enquanto estamos nelas – minhas expectativas não se cumprem e a estátua começa a balançar-se para derrubar-nos.

Novamente Gustavo age por si próprio e lança uma fina e concentrada rajada de fogo em direção ao teto. O teto está cheio de rachaduras e tais rachaduras estão ‘acesas’; por isso podemos ver na sala que deveria ser total escuridão – o ataque de Gustavo faz com que lava comece a gotejar do teto. Em alguns segundo o gotejar da lava se torna em uma cachoeira.

Grandes pedras caem do teto junto com lava e cai matando os seres que estão abaixo de nos além de irem danificando as estátuas. Logo se forma como um mar de magma e as estátuas que já estão rachadas passam a ter dificuldade para se moverem.

Nós acendemos a irá da Terra, pois ela treme, e o vulcão entra em atividade deixando a lava ainda mais agitada. Uma pedra cai e racha a cabeça da estátua que estamos e por causa da falta de mobilidade ela começa a cair de costas. Pulamos para a barriga da estátua e ela cai e começa a afundar lentamente no magma. Muita lava foi esparramada e respingou com a queda; eu usei minha agilidade para desviar de tais e Gustavo usou seu Kaiho para criar uma proteção de fogo.

A outra estátua cai de frente na lava e temos apenas o tempo de pularmos nela antes que a estátua que estávamos afunde. Corremos pelo braço dela que está estendido e submergindo até chegarmos as costas que será a última parte que afundará.

Gustavo – Fazemo o que agora? =( .

Eu – VOCÊ QUE DEU A LOUCA E ATACOU O TETO!

Quando estamos prestes a sermos engolidos pelo magma um tremor ainda maior ocorre e abre uma fenda no lado oposto do salão que suga a maior parte do magma (o tremor também criar gêiseres de lava para todo lado). A lava danificou o enorme portão, mas não parece que lava atravessou-o. Estamos flutuando nas costas da estátua e sendo sugados junto com o magma; já que o magma não é líquido – é pastoso quase sólido – eu decido tentar correr até onde está o portão. Pego Gustavo e corro em pulos antes que a lava queime minha bota – ao adentrar em contato com o magma minha bota entra automaticamente em combustão, porém rapidamente já dei vários passos a ponto de atravessar o portão.

Ao atravessarmos vemos a mudança no cenário. Ainda parecemos estar em um vulcão, mas próximos ao topo de um. O céu está coberto de nuvens **pretas** vindas do vulcão e não se sabe se é dia ou noite. O terreno é montanhoso e de onde estamos podemos ver tanto rios de água como de lava – não muito distante das descrições do ‘inferno’. O portão parece ter sido destruído do outro lado e explodiu.

Gustavo – ETA PORRA; essa foi loca, essa foi loca demais! Hahahahahaha. Nessa eu pensei que a gente ia morrer; começou a cair um bucão de ‘larva’ (lava) e as pedras caindo e



esmagando o povo lá embaixo e o povo morrendo queimado e toda hora passava uma pedra perto da gente. Foi filé demais!

Eu – Você tá locão aí também; viu que o teto tava todo ‘bugado\*’ e ainda ataca o teto. Foi sorte demais as estátuas caírem formando uma ponte. Agora ainda tamo preso aqui sem ter por onde voltar se precisar; vamo tentar ficar escondidos, de boa, disfarçados – pelo que me lembro de Khepri e de Ramisen parece que tem inimigos verdadeiramente fortes aqui e que por algum motivo não iam para o nosso mundo, a ‘Superfície’.

Gustavo – É mesmo; não podemos sair igual lá na ilha matando todo mundo não... A gente só fez matar bicho todo dia – esse fedor de sangue nunca vai sair de mim. T.T .

Eu – Tu só ficava de longe no fogo e eu que tinha que ir no corpo-a-corpo! Meu cabelo chega tá duro de tanto sangue imundo que me encharcava.

Gustavo – E agora; vamo para qual lado?

Eu – Vamo descer logo essa montanha e achar uma caverna para a gente dormir.

Gustavo – Huehuehuehue; já somo ‘homens das cavernas’ já.

Eu – O bagulho do portão explodiu loucamente aí e isso deve atrair meio mundo de bichos. Esse lugar aqui é habitado só por ‘monstros’ e já fizemo muita coisa hoje; só não tamo cansados por que foi muita emoção e adrenalina lá na lava.

Gustavo – É mesmo; nestante vai tá cheio de bicho aqui... Será que tem dragão? Nunca vi ninguém falar de dragão lá.

Eu – Desde quando a gente ficou de ir ao vulcão tu fica falando de dragão, para de falar de dragão, se existir dragões eles devem ser muito poderosos.

Gustavo – Mas aí a gente dava um bicho morto pro dragão e ele virava nosso amigo; aí a gente saía voando nele e ele queimando os bichos lá de cima. =D .

Eu – ... Vamo achar a caverna logo; tem uns rios de lava lá embaixo... Mas que lugar perigoso da porra.

Começamos a descer o vulcão em que estamos. O vulcão está em erupção e é a causa dos rios de lava e da fumaça no céu. Descemos o vulcão e achamos uma caverna; embora seja na base do vulcão parece ser fora do caminho da lava e ainda há uma brisa agradável nela. Não há nenhuma criatura aqui perto; descansaremos em paz.

## Epílogo 六

Demi-deus – Parcialmente deus, meio-deus, semi-deus. Filho de um deus.

Pagar pau – Ato de ficar admirado e impressionado com algo ou com alguém.

Maori – Tribo indígena que habita a Nova Zelândia.

Wakizashi – Um tipo de espada que é como uma katana curta.

Bugado – Com defeito ou problema.

Tonfa – Tipo de bastão defensivo. Comum para policiais.

É interessante olhar a trajetória percorrida em um mapa. Aqui está a linha do tempo:

Viaja pela Nova Zelândia até o ‘submundo’ durante o que seriam maio e junho; 133 à 176.

Dia 133 pegam o barco em Salvador.

Dia 137 é quando Alison acorda.

Dia 141 saem da primeira ilha (Stewart).

Dia 147 chegam à cidade de Christchurch.

Dia 150 chegam à cidade de Greymouth.

Dia 153 chegam à cidade de Westport.

Dia 159 chegam à cidade de Nelson e Wellington.

Dia 172 começou o inverno, contudo neva desde o dia 150.

Dia 174 chegam à cidade de Rotorua.

Dia 176 chegam ao monte Tarawera e no ‘submundo’.

Durante a maior parte do tempo Alison usou seu bokuto e constantemente treinava usando-o; apenas quando era necessário que ele utilizava suas katanas.

Esta viagem deu a Alison e a Gustavo a ideia inicial sobre o ‘submundo’ e de como é um sistema baseado em poder e força. Também foi um ótimo treinamento para suas habilidades. Assim como, descobrirão eles, muito mais.

## Thiago Pinheiro

チアゴ。ピンヘロ

Ele nasceu em 21 AEK (1995). É um tritão demi-deus que pode controlar água, falar com animais marinhos e virar um boto (golfinho de rio).

Ele tem 1,70m de altura em sua forma humana. Seu cabelo é **castanho** e ele possui mechas **amarelas** (algumas vezes deixa totalmente **loiro**). Ele sempre o mante curto com um topete. Sua vestimenta são roupas do cotidiano – geralmente boné, sem camisa e com bermuda – na terra ou roupas reais da raça sereia. Sua pele é **morena** e possui olhos de cor **fuligem**. Ele é bem magro e ‘fino’.

Thiago – Kkkkkkkkkkkkkkkkkkk; você que é otário e não sabe avaliar meu físico fodão!!!

Em sua forma de boto ele consegue nadar extremamente rápido e encantar mulheres.

Ele não se preocupa com quase nada e só quer ‘curtir a vida’. Ele é não é exatamente uma pessoa bondosa, mas também não tem nível nenhum de maldade. Ele é extrovertido e gosta de estar em grupos. Ele sempre tenta e falha em ‘pegar as minas’ e isso muitas vezes causa-lhe problemas; ele tem um extremo complexo de superioridade neste sentido.

Thiago – Olha aquela ‘gostosa’ ali que peguei ontem. Tu nunca vai pegar ninguém; kkkkkkkkkk.

Ele não usa armas e luta à média distância usando água ou até corpo-a-corpo já que uma força muito superior à humana é parte de suas habilidades. Como filho de Poseidon ele é treinado e se da bem em combate.

Ele é desinibido e muitas vezes é irritante como ele tem uma risada histérica e usa-a quase o tempo inteiro. Ele é descrito como um bom amigo e não parece fazer muito com seus ‘inimigos’ além de viver falando mal deles.

Tritão.

# 七

## A Vila Troll

*“E enquanto eu olhei para a besta meu corpo foi tomado por medo, e meus joelhos falharam abaixo de mim, ainda meu espírito foi guiado por Fé; e minha mente agiu.” – Kaiho, Canto 7.*

Acordamos no que deve ser o dia seguinte. O céu ainda está coberto de fumaça, porém a luz do ‘sol’ penetra através da intensa escuridão. Muitos dos ‘rios de lava’ já secaram e após toda a destruição que o vulcão causou o local ainda parece parcialmente amigável. Continuamos a viajar por seguir uma trilha que deve ter sido o caminho que os monstros geralmente usavam até o portão.

Gustavo – Ôh vei, tô com fome, vamo comer o que aqui? Tem árvore aqui? Se não tiver árvore a gente vai comer o que? D: .

Eu – Você que é o cara da lanchonete, pensa em algo aí vai, aqui não devem vender achocolatado não.

Gustavo – Huehuehuehue; acho que não. :v .

Eu – Uia; tem alguma coisa ali na frente. Parece uns matos velhos daqui, mas deve ser uma plantação ou algo assim.

Gustavo – É mesmo. Tô muito cansado aqui; tava um frio da porra o tempo todo lá nas ilhas e agora essa fumaça no céu tá dando um calor que tô morrendo.

Eu – Calor é energia e já falei que não tem como você sentir calor; tem hora que você transforma metade do seu corpo em chamas como que você pode sentir calor!?

Gustavo – Mas eu tô. Vai lá correndo com teu poder e vê se tem algo para comer; come uma primeiro para eu saber que não é venenosa. Huehuehuhue.

Eu – ... Só vou porque tô com fome também.

Uso meu Kaiho e chego rapidamente ao local. Faz algum tempo que corri assim; na ilha eu corria em pulos para desviar de projéteis e embora eu esteja correndo bem mais rápido que antigamente não tenho certeza sobre qual modo é mais veloz. Pular diretamente para frente deverá ser o melhor modo quando eu conseguir pular em longa distância.

O local não deve ser algo natural; é uma plantação de macieiras e está bem organizada – foi criada por alguém; deve haver uma vila por perto. Ainda estou analisando as maçãs que são maiores que um melão e percebo duas criaturas horrendas e de uma ‘pele’ cinza e rachada;

lembra um pouco a de um elefante. As criaturas possuem quase três metros de altura e estão com uma vestimenta primitiva de pele de animais. Cada um possui uma ‘funda\*’ e um deles tem duas cabeças – são definitivamente trolls. Nunca ouvi falar de trolls enquanto eu estava na Superfície. Eles coletam varias frutas, as põem em caixotes rudimentares e começam a ir em direção à uma vila que está a uns trezentos metros de distância da plantação, entretanto minha análise sobre eles é interrompida quando Gustavo se aproxima da plantação gritando.

Gustavo – ACHOU ALGO DE BOM AÍ!!!?

Os dois trolls ouvem, deixam as caixas com as frutas caírem ao chão e já preparam para usar suas fundas. Eu faço um sinal com a mão que significa que é para correr e em seguida aponto para os trolls. Gustavo percebe os trolls apenas a tempo de desviar da primeira pedra da funda que é do tamanho de sua cabeça.

Gustavo – AI MEU DEUS! MAIS o que QUE É ISSO!?

Eu começo a correr e acompanho a Gustavo.

Eu – São trolls; corre.

Ao verem que estamos fugindo os trolls param de atacar, recolhem as maçãs e voltam a ir para a vila. Supostamente os trolls são criaturas com capacidade de raciocínio não muito superior a de um animal selvagem; é inimaginável que uma criatura assim crie e mantenha uma plantação tão bem feita – talvez sejam mais inteligentes do que pensei.

Eu – Calma aí; parece que já tamo longe... Como você é burro vei; eu tô me escondendo ali e tu chega gritando igual a um retardado.

Gustavo – Como eu ia saber?

Eu – A gente tá no ‘inferno’ basicamente, cheio de bichos, é claro que não pode sair gritando por aí.

Gustavo – Achou alguma coisa lá?

Eu – Eu achei um pomar de maçãs, e são umas maçãs bem grandes, tipo uns melões, e parece que mais pro lado tem uns maracujás bem grandes também.

Gustavo – E agora; vamo voltar lá?

Eu – É claro; os trolls parecem que são burros e já devem ter ido embora. Só não fazer zoadas que a vila deles é lá perto.

Gustavo – Será que tem vaca aqui no ‘inferno’?

Eu – Por que você tá perguntando isso?

Gustavo – Sei lá... Me deu vontade de comer queijo.

Eu – Tá locão é?

Gustavo – Vamo lá comer umas frutas mesmo; já tamo profissionais em comer fruta.

Eu – É mesmo, mas eu não gosto de maçã; acho que vou comer uns maracujás mesmo – ficar calmo de boa. Hahahahaha.

Gustavo – Maracujá parece ser melhor mesmo; vamo lá, mas pode dar um sono no cara e vim um bicho e matar o cara.

Voltamos ao pomar e encontramos um armazém; colhemos alguns maracujás e vamos descansar no armazém. O sabor é bem mais forte que os maracujás da Superfície e seu interior é completo enquanto o da Superfície possui vários ocos e o interior quase não tem ligação com o resto da fruta.

O maracujá está maduro no ponto de modo que pondo pouca força ele já racha; seu interior como o de uma melancia branca e **amarela** onde o azedinho da primeira mordida envia prazerosos arrepios pelo corpo. Logo fome e sede são facilmente saciadas, contudo ele também deixa a pessoa 'bêbada' de sono tão rápido quanto – quase que desmaiamos pouco depois de comer algumas mordidas do maracujá.

Quando acordo eu e Gustavo estamos amarados em postes e ele ainda está dormindo.

Troll 1 com clava\* – Pessoa pequena acordar!

Troll 2 de duas cabeças – Pessoa pequena roubar comida!

Troll 3 narigudo – Troll quer comer pessoa pequena!

“Pessoa pequena não orc?” – diz a pelada troll 4 balançando a cabeça em confusão.

Troll 1 com clava – Não é orc não é orc!

Troll 2 de duas cabeças – É pessoa pequena!

Troll 5 com capa – SILÊNCIO ESTÚPIDOS!

Troll 1, 2, 3 e 4 – Troll silêncio agora...!

O quinto troll está usando um cajado e uma capa. Ele parece dominar a fala normalmente e ser o líder dos trolls – com certeza seu QI é muito superior ao restante dos trolls aqui. Ele aproxima-se de mim e fala:

Troll mago – Eu nunca vi tal espécime aqui... Parece um hitojin\*, mas não é... Parece até mesmo seres humanos da Superfície... Ontem parece que o portão que se abrirá para a Superfície fora destruído... Poderiam mesmo humanos terem entrado aqui?... Eu me pergunto... Quem é você!?

Eu – Eu sou um huma- (ele me interrompe e passa a quase dançar ao meu redor perguntando).

Troll mago – Aha; eu sabia!... o que vocês humanos querem aqui!? Quantos mais vieram?!

Eu – Só tô procurando uma saída daqui; não tem mais ninguê- .

Troll mago – MENTIRAS! MENTIRAS! MENTIRAS!

Troll 1,2,3 e 4 – MENTIRAS! MENTIRAS! MENTIRAS!

Troll mago – SILÊNCIO IMBECIS!

Troll 1, 2, 3 e 4 – Troll silêncio agora...!

Troll mago – Eu vou achar vocês humanos e descobrir o que vocês querem! VÃO DEPRESSA SEUS ANIMAIS; ENCONTREM OS OUTROS HUMANOS!

Troll 1, 2, 3 e 4 – ...

“VÃO; o que ESTÃO ESPERANDO!?” – o troll mago fala agora olhando diretamente para eles.

Troll 1, 2, 3 e 4 – E os animais?!

Troll mago – CALEM A BOCA E VÃO SEUS INCOMPETENTES!

Com isso os trolls ‘1’, ‘2’, ‘3’, ‘4’ e outros trolls da vila vão procurar por outros humanos. O troll mago vai fazer algo na cabana central da vila. Eu provavelmente consigo me libertar, porém talvez me machuque ao fazê-lo – esperarei Gustavo acordar e analisarei os trolls por enquanto.

A vila é bem primitiva e possui apenas algumas cabanas (entre quinze e vinte). As cabanas são iguais, mas com algumas exceções como a do chefe que possui grandes ossos na entrada, provavelmente costelas, fazendo algo como um túnel antes de entrar na cabana e outra no canto da vila que tem um formato mais retangular – como uma forma de prisão. Há varias estacas aqui próximas ao centro da vila e um local para fogueira. A vila é orlada por altas estacas pontiagudas de madeira e possui três entradas; uma ao leste, uma ao sul e uma ao oeste; as entradas não possuem portões – são simplesmente um espaço sem estacas. Ao olhar ao norte vê-se uma montanha que fica a uns cinco ou mais quilômetros da vila.

Eu percebo que os trolls deixaram minhas armas no chão; próximas à entrada da cabana central. Depois de alguns minutos os trolls voltam e um deles entra na cabana central.

Troll 1 – Chefe! Chefe! Chefe! Chefe!

\*pah\* (som de algo batendo; como um tapa).

Troll mago – Ahhhhhê; o que VOCÊ ESTÁ FAZENDO SEU IDIOTA!?

Troll 1 – Troll voltou!

\*thrizz\* (som de algo como um raio elétrico ou choque vindo da cabana).

O troll mago sai da cabana e olha em volta. O troll com clava (troll 1) sai da cabana acariciando sua cabeça.

Troll mago – Aonde estão os humanos!?

Troll 2 e 4 – Sem pessoa pequena!

Troll mago – o que? Eu comandeí-os os procurarem!!

Troll 4 – Troll não achar pessoa pequena; troll procurar!

Troll mago – Talvez... Apenas talvez você tenha dito a verdade... OU TALVEZ VOCÊS (falando com os trolls) QUE SEJAM UNS PALERMAS!!

Trolls – Troll é troll! Troll não palerma!!

Troll mago – Mas não importa... Vocês irão virar jantar de todo jeito rinhahahaha(risada fina em contraste com a voz grave que o troll possui).

Já que chegou a este ponto eu devo tomar ação, porém Gustavo acorda, levanta a cabeça e ao abrir os olhos dá de cara com o troll mago que está face a face com ele.

Gustavo – AI MEU DEUS o que É ISSO!? \*han han han\*(inalando ar com a boca).

...

Gustavo – Porra, levei um susto, bicho feio da porra... o que!? Eu tô preso!? Tu tá preso também!? A gente tá preso!!!?

Eu – Cala a boca e queima essas cordas logo; esse troll tá locão aí já.

Gustavo facilmente queima as cordas feitas de algum tipo de cipó – todos os trolls pulam para trás com medo do fogo, exceto o troll mago.

Troll mago – o que é isso!? Você é um pyromante!? UM HUMANO MAGO!?

Gustavo – Não só tenho um Kaiho de- (interrompido).

Troll mago – MENTIRAS! MENTIRAS! MENTIRAS!

Trolls – MENTIRAS! MENTIRAS! MENTIRAS!

Troll mago – SILÊNCIO SEUS PATETAS!

Trolls – Troll silêncio agora...!

Eu não perco tempo e jogo-me no chão, por baixo do troll mago, até onde minhas katanas estão. Quando as empunho o troll mago já está lançando algum tipo de magia **verde** contra mim – eu desvio e contra-ataco-o com minha katana esquerda. Eu acerto a katana com um bom nível de força diretamente em seu pescoço – um golpe que normalmente seria fatal, mas esta daqui não é uma ocasião normal; a katana trava na pele rachada do troll e a força que eu uso faz com que a katana entorte diagonalmente e quebre.

Gustavo – PORRA!

Eu – Porra<sup>2</sup>!

Eu fico atordoado com o que aconteceu e sem saber se a pele rochosa do troll é muito forte para meu nível atual de manejo da espada e para uma katana de aço ou se foi simplesmente uma falha crítica em meu ataque – o troll mago não espera que eu me recomponha e começa o assalto por lançar raios e fogo.



Eu desvio de seus ataques (não há como se defender de ataques de magia com as katanas; eles simplesmente passam pela katana por serem ondas de energia) e tento atacá-lo novamente; desta vez ele usa seu cajado e cria uma barreira incolor envolta de si que repele meu ataque e me arremessa longe. A barreira também anula a rajada de fogo que Gustavo lança contra ele.

Troll mago – o que ESTÃO ESPERANDO SEUS CRETINOS!?! VÃO ATACAR ELES!!

Trolls – Troll atacar! Troll atacar!

Os trolls começam a atacar freneticamente com clavas e outros com fundas. Eles não se importam com mais nada além de cumprir a ordem do troll mago e em sua ofensiva vão destruindo parte de sua própria vila.

Gustavo – Porra; esses bichos mongões são fortes!

Gustavo desvia das pedras já que os trolls possuem uma mira horrível e mantem os que possuem ataque corpo-a-corpo longe usando seu Kaiho.

Troll mago – VOCÊS ESTÃO DESTRUINDO MINHA CASA SEUS ENERGÚMENOS!

Trolls – Troll energúmeno! Troll energúmeno! =D (Parecem ter gostado do insulto).

Gustavo – Huehuehuehuehuehuehuehuehue.

Eu – São fortes; vamos sair daqui logo – é fútil lutar contra eles.

Pego a wakizashi, o bokuto e fujo até a entrada sul da vila. Eu arranco uma das estacas de madeira e Gustavo transforma-a em um explosivo por criar uma bola concentrada de fogo dentro da estaca. Jogo-a em direção ao troll mago e acerto-o logo abaixo de seu peito direito, contudo a madeira se despedaça e a explosão de fogo não parecer ter muito efeito; tudo que fizemos foi lançá-lo para trás com poucos ferimentos.

Troll mago – AHHHHHHHHHHH! HUMANOS INSOLENTES! PEGUEM ELES!

Trolls – Troll pegar! Troll pegar!

Vendo que a luta é totalmente sem propósito simplesmente corremos da vila para uma pequena elevação no terreno do lado oposto da estrada que fica o pomar dos trolls. Ficamos assistindo os trolls que andam por perto da vila a nossa procura.

Gustavo – Mas que bichos fortes da porra; a gente atacava e eles nem sentiam.

Eu – Mas também são bem burros.

Gustavo – Pelo menos a gente saiu de boa.

Eu – Vamo pegar mais umas frutas e ir embora então; já tô com fome de novo.

Gustavo – Aquele maracujá foi do cão vei; só comemo um pouco e começamo a dormir.

Eu – Vamos pegar umas maçãs dessa vez.

Pegamos maçãs no pomar e continuamos seguindo na mesma direção (leste). Andamos com passos largos até vermos uma ponte que cruza um rio ao longe, todavia algo já está

atravessando a ponte – aproveitamos que não devem ter nos visto ainda e nos escondemos fora do caminho da estrada de terra. As criaturas que passam são de coloração **cinzenta à verde**; possuem armas como espada, machado, manguais e arcos além de estarem montados em lobos (em wargs; um tipo poderoso de lobo usado como montaria e alguns entendem a fala) – são orcs!

Suas armas não são de boa qualidade e nem suas armaduras; muitas feitas até de pele de animais. Orcs vivem em batalhas e estão cobertos de cicatrizes – parecem ser extremamente violentos. A única direção que esta estrada de terra leva é à vila troll – com isto em mente decidimos deixar de viajar para o leste e ir ver o resultado do confronto.

Ao chegarmos em boa distância da vila troll vemos o que parece ser o chefe orc (melhor armadura e armas dentre todos) parlamentando com o troll mago. O orc parece estar tentando extorquir algo dos trolls, contudo as negociações não parecem ter ido muito bem pois o troll mago brande seu cajado e arremessa o orc para longe. Os orcs derradeiros na reta guarda começam a atacar com seus arcos usando flechas de fogo nas casas que são feitas de algum tipo de madeira/palha. Os trolls revidam e começa um combate brutal entre orcs e trolls – é, na maioria das partes, magnificamente lindo de se assistir. Há muito mais orcs que trolls, porém trolls são maiores e mais fortes. Os orcs possuem uma grande diversidade de armas e para destruírem um troll eles usam uma corrente segurada entre dois orcs para derrubar o troll; quando no chão eles atacam continuamente sua cabeça até destruí-la.

Gustavo – Mataro um olha; esses caras são profissionais no pvp mesmo. Mais que a gente. T.T .

Eu e Gustavo estamos assistindo a uma distância segura, mas então ouvimos alguém gritando – não parece ser um troll ou orc. Andamos até o som da voz que vem da cabana retangular que está em chamas e Gustavo não hesita em adentrar a cabana. Na cabana achamos um anão, mas um muito pequeno como um ‘anão (raça) anão (estatura)’.

Anãozinho – Por favorrrr me ajuda!

Eu – Quem é você? Por que você tá preso aqui?

Anãozinho – Vai me ajuda! Tá queimandooooo!

Gustavo – A grade da cela é de madeira; quebra aí e sai.

Anãozinho – Eu não consigo; me ajuda vaaaaaaaai!

Eu – Que Anãozinho da voz ‘gay\*’; salva o cara logo aí vai.

Gustavo – Sai de perto da grade carinha; vou tocar fogo.

Anãozinho – Nãããããoo; já tá pegando fogo no ‘trem\*’!

Gustavo libera uma rajada de fogo que destrói parte da grade da cela e o fundo da cela – libertando a ele e ao anão da cabana que está prestes a desmoronar em chamas.

Anão – MUITOOOO obrigaaaaaaaadoo; vocês salvaram minha viiiiiiiidaaa! =D =D =D .

Eu – Tem uns trolls e orcs se matando aqui fora; você só veio para um lugar mais perigoso.

Anão – Ahhhhh nãoooooo; por que você me libertou entãoooooo? Você é burroooooo?

Gustavo – Huehuehuehue. Que cara gay; me segue e vamo sair daqui logo antes que algum deles veja a gente.

Sáímos facilmente já que a atenção dos trolls e orcs está voltada para o combate em que estão. Pouco após fugirmos o combate acaba; dois troll foram mortos e se tornam uma pilha de pedras, mas o conflito acaba com os orcs batendo em retirada já que é muito difícil enfrentar um troll frente-a-frente como tentaram. O troll mago faz encantamentos e das rochas provenientes dos trolls mortos nascem dois trolls pequenos.

Seguimos em direção à montanha ao norte para um local onde os trolls não nos achem.

Anãozinho – Ufa; achei que a gente iamooooos morrer – valeu aí pela ajuda.

Eu – Quem é você e o que é você?

Anãozinho – Meu nome é Túlio; e o de vocês? Eu sou um anão.

Eu – Eu sou Alison.

Gustavo – Eu sou Gustavo.

Túlio – Que raça que vocês são? Nunca vi essa raça antes... Parece um hitojin.

Eu – Somos humanos.

Túlio – Humanooooooooooooooooooooooooooooos!? Que vivem no mundo da Superfícieeeeeeeee!?

Eu – Chegamos pelo portão ontem e tamo procurando outro portão para irmos para casa.

Túlio – Eu vi o trem explodindo ontem çô. O céu ficou todo pretooooo com fumaça e quando roteei para olhar de perto eu fui preso pelos trolls... Tô com fome; quero um pão de queijo.

Eu – Tem uma vila só de anões por aqui? Aonde você vive?

Túlio – Claro que tem né; vivemos no subterrâneo, mas lá é chato e eu gosto de ficar vindo aqui em cima.

Eu – Você sabe onde tem outro portão para o meu mundo?

Túlio – Sei não e vai demorar para consertarem esse que vocês destruíram... Como é que vocês destruíram esse trem mesmo? Vocês são doidos? É melhor fugirem antes que sejam presos.

Gustavo – Aqui é o inferno né? Como que vocês vivem aqui? Não é perigoso não?

Túlio – Riririririri (risada). Claro que não; você é burroooooo é?

Gustavo – Por quê? >\_> .

Túlio – Porque aqui não é o inferno; é o ‘Jisatai’ e não tem nada de perigoso. Tenho que ir para casa agora que tô com medo dos trolls me pegarem de novooooo.

Túlio anda em direção à uma caverna na base da montanha.

Eu – Mora na caverna que fica na montanha?

Túlio – Eu não moro numa caverna numa caverna né ôh; eu moro em uma cidade subterrânea e a entrada é pela caverna – entendeu? Quer ir lá?

Eu – Eu acho que é melhor eu ir ali fazer...

Subterrâneo é fora dos limites para mim; lembrar-se do desmoronamento no buraco infernal de Khepri ainda me deixa ‘de cabeça leve’.

Gustavo – É; acho que temo que ir ali para...

Túlio – Ôh vamooolá, por favor, por favor, por favor que aí eu não te peço mais nada.

Eu – Já tá escurecendo; temos que achar um lugar para ficar... Além do chão de uma caverna...

Túlio – Vamooolá; lá você pode dormir.

Gustavo – Ah, vamo logo, ele não vai parar não.

Seguimos Túlio pela caverna e enxergamos o caminho por causa de cristais fluorescentes que parecem ter sido estrategicamente colocados para guiar até a ‘vila’ dos anões. Quanto mais andamos pior eu me sinto por causa de minha claustrofobia, porém logo chegamos aos portões. Os portões são feitos em belo trabalho em metal e um pouco de madeira; ele ocupa a inteira circunferência do túnel. Há dois guardas anões bem equipados com armadura de qualidade e ‘alabardas\*’. Ao nos aproximarmos um guarda estende sua mão com um lampião e fala:

Guarda 1 – Auto! Quem se aproxima dos portões de Karavak?

Túlio – Sou eu.

Guarda 1 – Ôh! Bem vindo príncipe Túlio. Sua senhora mãe está a sua procura. Quem são estes homens que estão com você?

Túlio – Eles me resgataram; eles podem entrar.

Guarda 1 – Muito bem... ABRAM OS PORTÕES!

Entramos e nos encontramos em um poderoso forte (construção) feito de rocha e metal; após passarmos pelas suas linhas de defesa chegamos a uma cidade subterrânea impressionante onde tudo brilha a belos metais e cristais que enfeitam cada casa. Vamos à casa de Túlio que é o palácio no topo da cidade. Passamos por dezenas de guardas que se curvam ao verem o príncipe Túlio. Túlio é recebido calorosamente e os membros do alto escalão do palácio perguntam-no o que aconteceu com ele – Túlio conta a história de como novamente estava deambulando, mas que desta vez foi pego por trolls e de como foi salvo. Sua mãe não parece

preocupada ou cansada e não o reclama pelo que fez; ao invés disto ela anuncia um banquete para nós que o salvamos.

Um anão percebe que minha katana não está fixa em sua bainha e logo vê que ela foi quebrada – anões sempre foram conhecidos por serem mestres em forjadura e trabalhos em metal e por isto ele analisa minhas armas. A katana quebrada já me é inútil, porém ele pode reforjar a que ainda está inteira; a wakizashi já é uma arma de bom nível e não quebraria nem com toda força de um troll sobre ela.

Eu e Gustavo apreciamos nossa primeira refeição de verdade em quase dois meses e em seguida vou à forja. São impressionantes as artes em metalúrgica que os anões estão fazendo; logo o anão que analisou minha katana me oferece uma variedade de opções para reforjar minha arma.

O metal usado em minha wakizashi é um metal leve (velocidade) e absorve mais facilmente ataques de energia ('resistência\*') – gyatzuto. Entre as muitas opções que tenho, já que os anões têm a sua disposição amplas quantidades de materiais, eu escolho um metal chamado 'mubato'. É um metal de altíssima qualidade e apenas o metal conhecido como 'sukanto' ou os 'metais divinos' têm mais resistência e defesa que o 'mubato'. Sukanto é usado para armaduras ou armas de impacto porque ele não é capaz de manter o fio (o corte da lâmina); logo o mubato é a melhor opção que tenho para a katana pelo modo que quero usá-la.

O que já aprendi do manejo de espada me leva a automaticamente ter uma ideia de como lutar usando uma katana e uma wakizashi – usar a katana para defender e criar aberturas para que a wakizashi ataque rapidamente, fatalmente e inesperadamente o inimigo – logo um metal com melhor defesa e resistência é melhor para a katana. Também aprendo a como afiar uma arma usando a outra porque quando se entra em um combate entre espadas se chega com uma espada, mas se sai com um pedaço de metal – o atrito entre armas facilmente tira o fio do metal. Felizmente, ou infelizmente, armas com metal desta qualidade são mais difíceis de perder o fio.

Eu e Gustavo vamos às fontes termais que foram feitas pelos anões – não são naturais mesmo que este reino seja vulcânico e fontes termais são facilmente encontradas, mas neste caso específico a mineração dos anões nas profundezas da montanha destruiu a fonte – e aproveitamos os efeitos de cura elas possuem; além dos meros efeitos de descanso que um banho quente traz tais fontes são usadas para ajudar na cura de soldados feridos pois possuem poder regenerativo semelhante ao de poções.

Após isto vou dormir. Acordo no que deve ser a manhã seguinte com Túlio me chamando; ele me leva para conhecer as oficinas dos anões que é onde se desenvolvem boa parte da tecnologia usada no 'submundo', porém eu falo como não se compara a tecnologia que os humanos já criaram. Eles estão no processo de aperfeiçoar espingardas, canhões e objetos semelhantes, mas ao invés de pólvora ou algo explosivo a maioria é para ser utilizado através da magia – tudo é à base da magia e não é possível dizer se são de tecnologia superior ou inferior. Passamos pela biblioteca que é também grandiosa; é uma cidade bem próspera e rica.

Algumas horas depois...

Túlio – Eiiiiii; Alisooooon!

Eu – Que é?

Túlio – Terminei meus estudos por hoje; quer jogaaaaar?

Eu – Jogar o que?

Túlio – Aqui, vou te ensinar, é bãããooooo demaiiiiiiiiiiiiiissss! Já ouviu falar de Kiripiku?

Gustavo – Kiripiku!? Dafuq is this (que porra é essa)? Aashuahsu; tudo tem nome louco aqui.

Como não sei usar magia Túlio tem que ir fazendo também meus movimentos do jeito que eu o digo para fazê-los no jogo.

Túlio me mostra o jogo de tabuleiro parcialmente baseado em turnos chamado 'Kiripiku'. É um tabuleiro de cento e dez quadrados de comprimento por setenta de largura (há também unidades que voam e a altura máxima é indefinida); o que estamos usando é uma versão portátil de apenas sessenta centímetros por trinta.

Para começar um jogo cada jogador escolhe seu campo. Cada campo possui recursos, terrenos, bônus e habilidades diferentes. Um campo de floresta é mais propício para elfos assim como um campo oceânico é mais propício para criaturas marinhas. Os quarenta de comprimento em cada lado é o campo de cada jogador; deixando tinta de espaço entre eles para a 'área de combate'. Muitos campos possuem passagem de tempo e mudanças climáticas que influenciam a partida.

No início também se escolhe três runas que poderão ser usadas durante a partida. As runas são invisíveis a seu oponente até que sejam ativadas. Runas geralmente ativam um evento e acabam – são itens usáveis.

Cada jogador se desenvolve por colher recursos pelo mapa e fazer construções. Construções podem criar armas, comida ou qualquer outro aspecto da sociedade que seja voltado para criar um exército mais forte além de servirem para bônus e muitas outras finalidades.

Ao ter construções se começa a criar unidades. Existem centenas de tipos de unidades que são 'cópias' das criaturas, raças e classes existentes. Unidades vampíricas possuem habilidade de absorver coisas, como recuperar em sua vida metade do dano infligido por seu ataque e assim por diante. Existem unidades para combate, para cura, para suporte e também as unidades não combatentes que colhem recursos ou realizam qualquer outra função. Passagem do tempo e clima influenciam a maioria das unidades – caóticas são mais poderosas à noite, lobos lutam melhor no frio e assim por diante.

Uma unidade de tamanho humano, como um elfo, ocupa um quadrado no tabuleiro (um quadrado sendo um espaço complexo onde muitas coisas talvez estejam; como um item derrubado, besouros e outras coisas pequenas ocupando o mesmo um espaço). O tabuleiro é como um campo de batalha no qual você tem total controle sobre seu exército.

O movimento das unidades varia de acordo com sua agilidade e o terreno. Agilidade também determina a habilidade de evadir um ataque, acertar um crítico ou passar por obstáculos.

Pontos de defesa reduzem o dano que ataques físicos causam. Força influencia o dano de ataques físicos e a possibilidade de abrir caminho através de obstáculos e assim por diante – existem complexas características para cada unidade para que tal simule de perto a criatura qual foi baseada.

Para criar unidades do tipo ‘monstro’ mais poderosas é normalmente necessário sacrificar monstros já criados como tributo. Para criar guerreiros mais poderosos ele pode simplesmente aumentar seu nível em combate, equipar itens ou cumprir certas condições.

Também há elementos que influenciam grandemente no combate; cada elemento tem bônus e penalidades.

No início do jogo começa normalmente com duas unidades não combatentes de colheita e com a unidade do jogador. Se a unidade do jogador for morta ela renascerá no centro de cidade que fica na parte mais protegida de seu campo. O objetivo do jogo é destruir o centro de cidade inimigo e então destruir a unidade adversária que não terá onde renascer e perderá o jogo. A unidade do jogador é basicamente inútil e em futuras versões o jogo criará melhores funções para tal; por enquanto pode ser usado para exploração no começo do jogo e mais tarde ficar quieto no centro de cidade onde fortifica a defesa e ataque de tal.

Existem diversos tipos de construções e unidades além de campos com recursos especiais e condições próprias para trazer uma ‘unidade lendária’ ao jogo. Mesmo sendo um jogo de tabuleiro as peças são impressionantes porque é jogado com magia – as peças são ‘reais’ pois são invocadas ao jogo. Não é uma animação ou algo programado; simplesmente invoca-se criaturas através de mágica para lutarem por você – não são necessariamente seres vivos; são exatamente como os yobidasus usados pelos shoukans (mago invocador). É uma experiência totalmente diferente de qualquer jogo que os humanos poderiam criar; hologramas não poderiam chegar nem perto de se comparar a um jogo que é real como este.

O jogo é bastante complexo e segue uma representação ‘quase perfeita’ aqui do ‘submundo’ – aprender a jogá-lo também me fará conhecer as criaturas que aqui habitam.

Túlio usa uma estratégia simples e previsível, contudo toda vez que prevejo sua estratégia e tento bloqueá-la ele usa alguma habilidade especial de uma unidade ou token (construções que garantem certas habilidades a uma raça, elemento ou área) e vence. Eu devo ganhar dele quando tiver um bom conhecimento sobre todos os aspectos do jogo.

A magia é parte do dia a dia aqui no ‘submundo’ assim como a energia elétrica é na Superfície.

Falamos sobre como apareceram os Kaihos do nada e estas criaturas do ‘submundo’ lá na Superfície. Túlio fala que tudo que sabe sobre isto é que se abriram portões para à Superfície; mais nada. Também que aqui não existe tal coisa como o Kaiho, porém já sabem sobre tal.

Eu procuro nos livros sobre a localização dos portões, mas nenhum fala disto e os mapas nos livros estão dezenas ou centenas de anos atrasados; terei que ir fazendo meu próprio mapa.

Decidimos que é hora de ir procurar um portal de volta para a Superfície. Embora a cidade seja ampla e bem arejada ainda é bem desconfortável para mim.

Túlio – Quando vocês vão voltar?

Eu – Não pretendemos voltar; porque você não vai para a Superfície?

Túlio – Ah; neeeeem.

Eu – Você é um príncipe do reino dos anões; eu trabalhava como alguém que caçava bichos que eram ameaças aos humanos. Provavelmente vamos nos encontrar de novo por aí; valeu.

Gustavo – Valeu Túlio.

Túlio – Ahhhhhh nããããããoooooo vaaaaiiii eeeembooraaa nããããooo... Tá, tchau, valeu.

Sáímos da caverna e vemos que os trolls estão reconstruindo a vila; passamos ‘de fininho’ e despercebidos. Pegamos a estrada em direção ao oeste já que a estrada ao leste parece ir à vila orc que engajou os trolls ontem. Ganhei um papel para desenhar o mapa de onde passo e o mapa desaparece e reaparece quando eu quiser; isto é algo chamado ‘cofre astral’.



Mapa01

Mapa02

## Epílogo 七

Funda – Um pedaço de pano ou couro que é usado para lançar pedras ou projéteis afins.

Clava – Porrete; geralmente um pedaço de madeira usado para combate.

Gay – Usado de forma pejorativa que indica comportamento 'estranho' para o sexo em questão; sem preconceitos no quesito e o alvo que julga se está o ofendendo ou não.

Trem – Gíria mineira que pode significar qualquer objeto ou evento; sendo real ou abstrato.

Alabarda – Arma de haste longa com machado na extremidade; lança + machado.

Hitojin – A raça mais comum no 'submundo'; superficialmente idênticos aos humanos.

O 'sol' mencionado é 'algo que brilha no céu', não o mesmo visto da Superfície (da Terra). O mesmo para quando se fala de 'estrelas', 'lua' ou semelhantes enquanto estão no 'submundo'.

Foram mencionados alguns metais neste capítulo. No 'submundo' existem vários tipos de metais que são extremamente poderosos em comparação aos encontrados na Superfície; um dos motivos é que após encontrar o metal bruto eles usam magia para refiná-lo e se tornar um material com todas as características preservadas e aumentadas.

Metais divinos são metais extremamente raros que são encontrados apenas em reinos específicos; há cinco tipos de metais divinos.

Sukanto é o metal com maior defesa se os metais divinos não entrarem na questão, porém ele não é capaz de manter fio (corte). É útil para armaduras e armas de impacto como martelos.

Mubato é o segundo melhor metal em termos de defesa, possui uma boa resistência e é capaz de manter o fio; contudo ele deixa a desejar em velocidade e ao receber dano ele geralmente fica danificado sem possibilidade de conserto. Por alto defesa de algo se refere à durabilidade contra ataques físicos e resistência a ataques de magia, reiteki, Kaiho ou formas de energia em geral. O Sukanto tem uma defesa extremamente alta, porém não tão boa resistência.

Jisatai é o nome do 'reino' onde estão; a frente entender-se-á melhor sobre reinos.

Os anões são uma das raças mais desenvolvidas e produzem grande quantidade de armamento de qualidade. Suas poderosas cidades fortificadas são no subsolo. Comerciantes.

Orcs são uma raça mais bárbara que vive de atacar e extorquir outras raças. Suas armas são de madeira, ossos ou pedras a não ser que tenham furtado armas de metal ou comprado; muitas poucas sociedades de orcs são desenvolvidas ao ponto de se auto sustentarem. Muitos dominam criaturas como lobos e as usam como montaria. Vivem em florestas e montanhas.

Os trolls são uma raça com baixo nível de inteligência que vivem por encontrar uma fonte estável de alimento e se manter ali. Geralmente habitam em cavernas e montanhas, mesmo assim alguns evoluíram e expandiram em outros habitats como os trolls de floresta ou pântano.

**Túlio Cunha**

ツリオ。クンハ

Ele nasceu em 17 AEK (1999). É um príncipe da raça anã que não possui proficiência em combate.

Ele tem 0,50m de altura. Seu cabelo é **preto** e ele sempre o mante curto. Suas vestimentas são roupas leves, mas com todo o luxo da realeza anã – geralmente está com uma mochila. Sua pele é branca e possui olhos de cor **fuligem**. Ele é pequeno e ‘gordinho’.

Túlio – Riririririri; tá me chamando de gordo? Para sua informação eu tenho o peso ideal para minha altura.

Ele sempre obedece às leis e tem seu pensamento voltado para seus estudos. Ele é bondoso, mesmo que faça pouco para ajudar alguém, e gosta de fazer amigos. Mesmo sem tentar ele tem um ‘jeito engraçado de ser’. Diferente da maioria dos anões ele tem uma sede de conhecimento e não se importa muito com metalúrgica ou combate; ele também não tem preconceito ou racismo que é algo muito comum na sociedade que vive.

“Oia çô; o que é esse trem aqui? É bão demais!” – exclamou ele ao comer pão de queijo pela primeira vez.

Ele não sabe como utilizar nenhuma arma, porém tem conhecimento sobre estratégias, modos de luta e das artes de magias comuns.

Ele acredita em algo assim que seu professor ou alguém ‘com formação superior’ diz e vive debatendo assuntos fúteis. Ele tem um senso de superioridade, contudo isto não tem um efeito muito negativo em seu modo de se relacionar com outros.

Ele possui três gatas de estimação e fala delas tanto quanto fala de estudar. Mind é a mais velha com seis anos; possui pelos **cinzas** e olhos **verdes**, é violenta e é exigente com o que come. Azula possui dois anos de vida e distintas características por ter o belo branco com extremidades **pretas** com olhos **azuis** além de ser siamesa; ela é descrita como fiel. Luna possui apenas um mês e meio; ela é **cinza** com extremidades **pretas** e olhos **azuis** – ela é medrosa e infiel. As informações contidas neste último paragrafo são completamente inúteis e virtualmente irrelevantes para a estória embora serão lembradas no futuro pois Túlio é do tipo de pessoa que ama gatos (e felinos em geral).

Anão.



## Engajando Em Algo Muito Maior

*“Lá, após encontrar uma clareira, eu deparei-me com uma grande árvore, e a árvore moveu-se e falando para mim ela disse: ‘Mova-se para lá, e além, sempre para baixo, porém longe do lamaçal – e não vire-se tu e volte por onde veio.’. E após uma reverência eu parti.” – Kaiho, Canto 8.*

Estamos andando em direção ao oeste e após um tempo chegamos em uma bifurcação na estrada. O sol ainda está baixo e logo devo ter acordado na madrugada e não de manhã como pensei.

Eu – Há dois caminhos...

Gustavo – Eu sei... Três se contar o de voltar. e.e .

Eu – Há apenas duas escolhas de seguir em frente...

Gustavo – Ou então pode sair andando no meio do mato sem seguir nenhum dos dois.

Eu – A escolha que eu fizer pode levar-nos a uma saída ou então à nossa morte...

Gustavo – Ou então não ter nada em nenhum. :v .

Eu – É uma decisão que decidirá o rumo de nossas vidas e sou forçado a tomá-la agora!

...

...

...

Eu – Vamo por esse daqui que leva à floresta.

Gustavo – Por quê?

Eu – Por que o outro leva à montanha e não quero subir uma montanha.

Gustavo – AUShashasuhuashuashaushaushaushaushausha. Tá bom né. Se você diz.

...

Gustavo – Já tô traumatizado com florestas vei; são cheia de bichos perigosos e tem uns mosquitos gigantões que ficam sugando o cara.

Eu – Montanha é ruim demais de subir, é frio e mais difícil de achar comida.

Procedemos em direção à floresta que fica do outro lado de um rio; há uma ponte de madeira branca e ornamentada que leva ao outro lado. Ao aproximarmos da ponte a visão é atordoante; diferente de tudo que vimos até agora a floresta possui uma beleza natural irreal (as praias da Nova Zelândia estavam em terrível estado). O rio com suas águas **azuis-cristalinas** banha pinheiros, carvalhos, teixos, bordos e freixos que ficam em sua margem além de muitas árvores frutíferas enfeitadas tanto com suas próprias flores quanto de orquídeas que amalgamam-se com as árvores além de meu conhecimento. Na própria ponte vinhas de maracujá enrolam-se e oferecem fruto e flor a todos que passarem.

Entre as árvores há várias caramboleiras e de cada lado do caminho árvores de pequenas frutas como aceroleiras, umbuzeiros, pitangueiras, amoreiras, cajazeiras e as jabuticabeiras que sempre achei tão estranhamente assustadoras. O rio as mantém sempre **verdes** e exala um constante ‘petrichor\*’ no ar. As únicas paisagens que chegam próximas a esta que já vi foram em filmes ou fotos; é mais uma descrição do paraíso do que de um ‘inferno’ ou ‘submundo’ – é como um bem zelado pomar jardim do mais poderoso dos reis que controla até a própria natureza, contudo a sensação é de algo natural que nunca poder-se-á imitar.

A floresta possui altas árvores e a luz do sol graciosamente penetra através das folhagens das copas mais altas; ao adentrarmos sentimos uma leve brisa que vai e vem pela caminho da floresta – meramente estar aqui neste túnel onde o teto e as paredes são folhas e flores e frutas é mais revigorante que qualquer coisa que já fiz.

Gustavo – Olha que fruta bonitinha; parece um guaraná... Tem passarinho comendo ela então deve ser seguro comer; aprendi isso numa série. Sou sabido né?

Eu – *Actaea pachypoda*; é conhecida como ‘olho-de-boneca’ e se você comer provavelmente morrerá. Ela não faz nada nos passarinhos, mas na pessoa ela deixa o coração lento até parar.

Gustavo – Ai meu deus. D: .

Gustavo perde qualquer preocupação ou inibição que talvez tivesse enquanto olha o cenário que orla a estrada. Enquanto aprecia a caminhada pela floresta eu sinto que não estamos sozinhos, contudo também sinto que não é uma presença que quer nos fazer mal.

Eu paro de andar e levemente olho para a esquerda, direita e então para trás em direção aos que estão nos vigiando entre as copas das árvores.

Eu – Oi?

Gustavo – Oi...

Eu – Não tô falando com tu não.

Gustavo – Tá falando com quem? Com a planta? Tá locão? Huehuehuehuehuehuehue.

Eu – Com uns caras que estão nas árvores seguindo a gente.

Alguém na árvore – Então você pôde sentir que estamos aqui?

Eu – Não é como se vocês estivessem tentando esconder suas presenças.

Pessoas de maioria com roupas leves, arcos, cabelos **dourados** e olhos **azuis** ou **verdes** descendem das árvores – são definitivamente elfos! Um elfo está usando uma completa armadura, porém leve, que cobre também seu rosto; o mesmo que iniciou o contato comigo. Parece ser o que está em ‘comando’ do grupo de elfos.

Elfo de armadura – Que assuntos vocês têm aqui na floresta de Harstloon, forasteiros?

Eu – Não viemos fazer nada aqui; estamos apenas de passagem para... Para algum lugar ainda não determinado.

Gustavo – Ainda não determinado mesmo; nem sabe para onde tamo indo. e.e .

Elfo de armadura – São humanos, eu suponho.

O elfo de armadura parece ter percebido imediatamente que somos humanos, porém o restante deles cochicham entre si e muitos parecem fascinados ou até repugnados por estarem na presença de humanos. Os elfos são relativamente pacíficos, todavia são treinados em diversas formas de combate e estão sempre prontos para protegerem sua religião e as árvores que muitas vezes são vistas como sagradas. Eles possuem espadas curvadas e leves, arcos longos, adagas e uma forma de espada élfica com duas lâminas e sem ‘tsuba\*’ (uma em cada extremidade; se segurada no meio pode-se atacar dos dois lados ou girá-la). Os elfos são uma das poucas raças que ainda possuem religião e deidades que para muitos são ‘fictícias’; a maioria das outras ‘religiões’ servem diretamente aos deuses que habitam neste mundo.

O elfo entende que falamos que estamos apenas de passagem, mas humanos são vistos como seres traiçoeiros e com todo tipo de características ruins designadas a tais. Com uma voz um pouco relutante o elfo fala:

Elfo com armadura – Se o que dizes é veraz; que tenham paz em seu caminho.

...

Elfo de armadura – Devo também alertá-los que incursões constantes dos orcs estão a ocorrer e não é uma boa ideia irem para o lado norte da floresta... Pelo que ouvi os humanos não possuem muita... ‘Habilidade de sobrevivência’.

O elfo está de capacete, mas ele está claramente smirkando (verbo smirk) e insinuando que os humanos são fracos em comparação aos guerreiros élficos. Após ele falar isto todos os elfos aqui demonstram um ar de superioridade e smirkam – tolos bastardos insolentes.

Pouco depois somem entre as árvores tão rapidamente como apareceram.

Gustavo – Uia; esses são da paz – geralmente o povo ataca a gente e sem nem falar nada.

Eu – Viu as espadas deles como são diferentes das que conhecemos? Deve ser diferente de todos os métodos de combates conhecidos na humanidade.

Gustavo – Gostei das armaduras; parecem bem levinhas, mas também bem forte.

Eu – Elfos são avançados; melhor não mexer nas árvores para não quererem matar a gente.

Gustavo – e.e .

De alguma maneira misteriosa acabamos perdidos do caminho de ferro e em meio à floresta. Enquanto andamos nos deparamos com uma estranha árvore falante; ela tem dois galhos principais que são mais flexíveis, como braços, e pode mover suas raízes de modo a andar livremente. A árvore aponta em uma direção e diz que lá acharemos um caminho na floresta.

No caminho encontramos vários animais pequenos e dóceis. Ao continuarmos andando chegamos a uma estrada de terra semelhante a qual entramos na floresta por, contudo bem mais larga que parece cortar a floresta ao meio. Analiso o solo e vejo que a maior parte de movimentação recente foi apenas para uma direção. Andamos ainda mais por horas e chegamos à saída da floresta; no horizonte à nossa esquerda vemos o sol se pondo e a treva começando a dominar o céu.

Gustavo – Olha para essa montanha, vei... Olha o gelão lá encima... Acho que a gente saiu do lado errado da floresta; essa deve ser a estrada que ia pela montanha. D: .

Eu – Culpa sua... O lado certo é o outro então; os elfos ainda falaram que não devíamos vir aqui para o lado norte.

Gustavo – Vamo voltar a andar mais na floresta então? i.i .

Eu – Tá anoitecendo; ainda tem tempo de andar antes de precisarmos dormir.

Gustavo – Tá bom... Pelo menos a floresta é segura né, mas meu pé já tá ‘morrendo’.

Eu – Quer tentar dormir por aqui então? =P .

Gustavo – Não. e.e .

Voltamos pelo caminho que viemos e enquanto passo pela estrada eu sinto algo que se aproxima pela minha direita – meu reflexo faz com que eu me abaixe e desviei da flecha que vinham em minha direção.

Gustavo – ETA PORRA! Como é que toda hora tu desvia das coisas? Se fosse eu só ia levar a flecha e cair morrendo no chão. Huehuehuehuehuehuehuehuehue. i.i .

Eu – Eu treino meu corpo; por isso não é fácil me atingir... Tem vez que simplesmente sinto algo se aproximando sem nem ter ideia do que é.

Gustavo – Essa flecha foi o que mesmo? Pensei que os elfos eram do bem. D: .

Eu – Olha essa flecha; é toda torta e de madeira **marrom escuro**... Os elfos que vimos usavam madeira **bem mais clara**, tipo eucalipto, e não usariam uma flecha torta assim; parece uma flecha que um orc usaria.

Gustavo – Eu não tô vendo nenhum orc; nem zoada de guerra. sobe numa árvore aí e vê.



Com meu Kaiho posso pular alto e subir rapidamente em árvores; também consigo usar meu Kaiho para aprimorar minha visão e enxergar coisas ao longe – uma técnica que é comum entre os elfos, grande visão, e para mim é mais que uma simples técnica pois eu costumava usar óculos. Na confusão dos dois anos para mim foi impossível conseguir novos óculos, além que nunca gostei de usá-los – eu estava mais que acostumada a não reconhecer ninguém que estivesse a mais de dois metros, mas é claro a vida é muito melhor agora que posso ver.

Eu – Achei! Tem uns elfos pulando entre as árvores e atirando nos orcs enquanto os orcs estão tentando acertar os elfos com umas redes... Eta; tem um bucadão de orcs vindo por um lado da floresta e um bucado de elfos a cavalo indo em direção a onde os orcs estão – parece que vai começar um pvp bem loco!

O local onde estão é uma clareira na floresta e então de cima da árvore posso ver suas tochas queimando em meio ao mar de escuridão. Prestando mais atenção se eu focar em aprimorar meu olfato e audição eu posso ouvir as colisões e sentir o cheiro de madeira oleada das tochas.

Gustavo – Eta porra; vamo lá ajudar os caras.

Eu – Quer morrer é? Deve ser por causa que sabiam que ia ter essa guerra que não prenderam a gente e não ficaram nos interrogando.

Gustavo – Nada haver, eles são gente boa, vamo logo... Vai; é bom que a gente já treina... Né?

Eu – Está tentando me persuadir é? Já falei que é perigoso; assistir poderia ser até vantajoso, mas tu ia ficar com pena dos caras e daí ia para a guerra... Vamo lá então, mas NÃO VÁ para o meio da guerra!

Gustavo – Eu sei né... Vou ficar só de longe nas bolas de fogo.

Corremos até o local da batalha que está prestes a começar e Gustavo já chega lançando uma rajada de fogo que atinge cinco orcs e quebra sua linha primária de defesa – os elfos percebem que seremos de ajuda e mostram que a aceitam por irem atacar aos orcs e não a nós.

Eu empunho minha katana de mubato que possui uma bela coloração **verde azulada** e não preciso empunhar minha wakizashi ainda. Eu vou até a frente de batalha para engajar em combate corpo-a-corpo enquanto fico alerta para desviar de ataques à distância – tanto de inimigos como de aliados. Intensas lutas já estão acontecendo pois com ‘da batalha que está prestes a começar’ eu quero dizer que ambos orcs e elfos continuam chegando e tomando posição na formação antes da colisão total entre os exércitos.

A katana de mubato é altamente efetiva contra as armas de má qualidade que os orcs usam e por não possuírem habilidade ao manusear suas armas eu posso derrotá-los facilmente seja usando habilidade ou força bruta. Com minha nova katana tenho grande facilidade em cortá-los e não preciso me esforçar na batalha; os elfos possuem grande habilidade com espada, arcos e magia e estamos conseguindo vitória no combate mesmo contra a extrema vantagem numérica dos orcs.

Vejo que a batalha está mais fácil que pensei; o descanso em Karavak deve ter restaurado totalmente minhas forças que estavam sempre cansadas nos combates anteriores. Decido que

é hora de fazer maior progresso na luta e vou acabar com a retaguarda orc que possui dezenas de arqueiros que estão causando dano considerável aos elfos que tentam quebrar suas linhas de defesa.

Os orcs não são as criaturas mais inteligentes, mas eles percebem o que estou fazendo e por isto muitos deles tentam impedir que eu continue a destruir sua fonte de ataque à distância que está a prevenir que os elfos avancem no campo de batalha. É uma nova experiência lutar contra os orcs que usam machados, maças e espadas grandes e pesadas – esta experiência me ajuda bastante a melhorar meu próprio manejo de espada e a como usar e lidar com outros tipos de armas.

Eu uso minha agilidade superior e fujo de meus agressores para onde eles não possam me atacar todos de uma vez; eu uso machados, maças e martelos de orcs já mortos no combate para sentir como é e ganhar ainda mais experiência em combate – enquanto eu não precisar usar todo meu poder de luta não tem porque eu me preocupar em usar minhas katanas.

Enquanto estou apenas analisando as armas e modos de combates de diferentes maneiras sem realmente me importar com o resultado final da batalha, os elfos estão lutando arduamente para protegerem sua vila e entes queridos que lá moram. O elfo que falou comigo esta manhã destaca-se no campo de batalha pela maneira magnífica que usa sua espada longa élfica. Ele gira-a e em seu movimento atinge vários orcs de vez; até mesmo os arremessando para o lado ou para cima com os ataques. Também demonstra proficiência com seu reiteki ao usar sua mão esquerda para atirar projéteis de reiteki élfico nos inimigos quando não está com as duas mãos na 'tsuka\*'.

Nossos estilos são diferentes já que sou acostumado a usar uma katana em cada mão e tenho pouca proficiência em segurar a katana com duas mãos, porém percebo que tal elfo treinou o manejo da espada durante anos.

Enquanto estive aqui na retaguarda orc a batalha já esquentou ao ponto de ferver e nenhum exército controla mais uma parte do campo; eles estão todos espalhados lutando exceto por cada extremidade com os arqueiros.

Antes mesmo de o orc levantar sua arma já sei por onde ele atacará por causa da inclinação de seu corpo e modo de movimento; já contra um verdadeiro guerreiro é fútil tentar prever seus golpes – tem que reagir pelo instinto de combate ou ele usará seus movimento para lhe enganar e golpeá-lo por um outro ângulo enquanto você pensa ter previsto seus movimentos. É verdade que não sou um mestre espadachim, contudo sou alguém que aprende rápido – apenas alguns meses com katanas e minha mente tem uma visão superlativa sobre todas as formas de combates que já vi e das possíveis desambiguações que podem ter.

Os elfos parecem estar fazendo um bom progresso, contudo todos os orcs se movem organizadamente e abrem 'corredores' pelo campo de batalha. Orcs montados em wargs, equipados com lanças e armaduras chegam ao campo de batalha e invadem o campo dos elfos através de tais corredores; vão diretamente aos arqueiros élficos que estão quase indefesos – um ótimo movimento estratégico; ainda mais para criaturas vistas como inferiores como os orcs são.

Ao tentar impedir um dos orcs lanceiros o elfo de armadura entra em seu caminho, porém é atingido na cabeça pela lança; não chegou a levar dano, todavia seu capacete é lançado fora pelo impacto e é mostrada sua verdadeira identidade: é na verdade uma elfa.

Elfas geralmente treinam com adagas para ataques furtivos ou aperfeiçoam-se usando arco ou cura; ela usar corpo-a-corpo deve ser o motivo por qual esconde seu rosto – talvez como um modo de respeito às raízes de sua cultura embora já não seja mais algo incomum.

A batalha parece ter virado em favor do orcs, contudo ainda outro evento passa a se desenrolar na batalha.

Um ar gélido enche todo o acalorado campo de batalha junto com uma fumaça **púrpura** que cobre a todos do joelho para baixo. A noite há muito já começou e tudo que clareia o campo de batalha são as flechas em chamas que os orcs usam e os ataques de reiteki élfico. Ouvimos passos e dentre as árvores vultos gigantes permanecem na escuridão. Uma voz passa a dizer:

Vulto – Hahahahahaha(risada insana). Não precisa me procurar; eu não preciso me esconder de seres inferiores como vocês! Hahahahaha.

A risada e voz me soam de alguma maneira familiares; como se eu já tivesse ouvido elas antes. Os elfos olham em volta e parecem ser capazes de identificarem a presença do inimigo; têm conhecimento sobre quem ou o que é.

Elfa (antes elfo de armadura) – Um necromante!? És um inimigo!? Os orcs não poderiam ter pensado em algo assim!

Necromante – Hahahahaha! Sou o Grande Necromante Gabriel e não perderia meu tempo me juntando com míseros orcs: vim porque esse campo de batalha acaba de me dar um novo exército! Muahahahahahahahaha!

Eu – Você de novo!?

Gabriel – o que!? Você é aquele humano miserável que causou-me infortuna! Agora será diferente! Contemple meu PODER!

A miasma **púrpura** que cobre o solo do campo de batalha agita-se e os orcs já caídos em combate são possessos pela fumaça que entra em suas bocas – eles levantam-se para lutarem novamente; desta vez sem temer a dor, o dano ou a morte. Apenas a destruição total os fará cair de novo. Dentre as árvores dezenas de mortos-vivos cercam o campo de batalha e os grandes vultos mostram-se ser gigantes como o que Gabriel usou da primeira vez que o vi.

Gabriel – Muahahahaha. Eu aperfeiçoei minhas técnicas; não são mais frágeis cadáveres: são tão forte quanto os guerreiros que eles eram e ainda mais resilientes! Vocês não poderão matá-los... PORQUE ELES JÁ ESTÃO MORTOS! HAHAHAHAAAA!

Gabriel ordena que os esqueletos comecem o assalto e entrem na guerra; desta vez ele parece ter controle sobre todos seus soldados. A elfa empunha sua espada usando as duas mãos e concentra seu reiteki na lâmina; seu cabelo **dourado** reluz com o reflexo de sua aura que agora a cerca. Ela concentra todo poder que carregou em sua lâmina e faz um corte vertical lançando

um ataque de espada à distância feito de reiteki élfico à sua frente que elimina uma grande quantidade de orcs e abre caminho até Gabriel.

Os orcs, elfos e mortos-vivos começam uma batalha ainda mais intensa que a anterior; a cada um que morre um morto-vivo levanta-se. A elfa está indo em direção à Gabriel até que finalmente realiza algo. Ela para de correr e abaixa sua cabeça; seus punhos apertam fortemente a espada quase a ponto de sangrarem e com uma voz trêmula ela fala:

Elfa – Onde conseguistes esses esqueletos?...

Gabriel – Acho que a resposta é óbvia!

Gabriel normalmente iria rir, mas ele simplesmente fica com um grande sorriso no rosto para provocar a elfa ainda mais – ele smirka.

A elfa levanta sua cabeça e está com um olhar de pura fúria. Ela pula e ataca frontalmente a Gabriel em sua fúria; seu ataque corta o esqueleto gigante que Gabriel estava ao meio, todavia Gabriel evade o ataque por se teleportar. A elfa perde totalmente o controle e está abrindo caminho através do campo de batalha até Gabriel; ela combina seu manejo de espada com energia espiritual e cria ataques de alto nível – combinar reiteki com manejo de espada é altamente efetivo. Gabriel continua fugindo e seu exército crescendo com cada um de seus inimigos que caem em combate.

Gabriel – HAHHAHAH; esse é o melhor que você consegue fazer? TENTE COM TODOS ESSES!

Gabriel tenta parar a elfa usando vários de seus esqueletos gigantes; quando muitos esqueletos normais são destruídos em batalha ele os usa para criar mais um esqueleto gigante. A elfa vê que não poderá continuar a perseguir Gabriel antes de lidar com os esqueletos e ameaça-o antes que ele fuja.

Elfo – PAGARÁS POR VIOLAR O DESCASO DE MEUS ANCESTRAIS!!!!

Gabriel – Aquele cemitério élfico? É... Foi um bom local para criar meus soldados!

Enquanto estou analisando o curso da batalha vejo esqueletos sendo consumidos por fogo – o que significa que Gustavo aproxima-se de mim.

Gustavo – Quem é esse cara? De onde tu conhece ele?

Eu – Ele é o que fez os zumbis daquela cidade lá; eu e Manuel enfrentamos ele, mas ele próprio se derrotou. Ele fez um desses esqueletos grandões e não conseguiu controlá-lo... Mas parece que ele também ficou mais poderoso.

Gustavo – Vamo fazer o que agora? Ataco os mortos-vivos ou os orcs?

Eu – Nenhum... Se fosse para ganhar teria que 'deitar' Gabriel se não ele vai continuar fazendo mais guerreiros dos mortos, mas é claro que a escolha certa é seguir nosso caminho e procurar logo por um lugar para dormir.

Gustavo – Tô ligado; vamo lá deitar ele. Ele parece que é vadio do mal e muito ousado.

Eu – Tá bem mais perigoso que antes e a qualquer momento tu pode ser atingido por uma flecha ou um inimigo que vir por trás; vamos embora.

Gustavo – Mas esse cara é muito do mal; viu como ele deixou a elfa bem revoltada? E ela é da paz. Ele também atrapalhou a gente lá na Superfície; quer bater nele não?

Eu – Se tu quer ir então vai; vou continuar aqui pelos cantos matando os mais fracos com esse machado.

Gustavo – Onde tu arrumou esse machado? E as espadas?

Eu – Não precisa usar as espadas aqui; tem meio mundo de armas aí pelo chão e peguei ele... Se tu for sozinho tu pode morrer; ataca ele aí que eu mato por trás.

Eu decido ajudar.

Gustavo arremessa uma esfera de fogo na direção de Gabriel, contudo um dos esqueletos o protege e Gabriel percebe onde Gustavo está. Ele se prepara para fazer um movimento contra Gustavo, porém o ataque que eu disse para Gustavo fazer foi apenas uma distração enquanto eu chego por trás para eliminá-lo com minha wakizashi.

Gabriel percebe-me e mesmo com minha lâmina apenas a alguns centímetros de distância ele consegue se teleportar a tempo. Em seguida arremesso o machado contra ele apenas para ser interceptado por um dos esqueletos.

Gabriel – Agora você me pagará pelo que fez daquela vez!!

Eu – Dessa vez você não vai conseguir fugir.

Gabriel – E quem é esse aí? Trocou de sidekick (ajudante)? HAHHAHAHA.

Eu – Silêncio tolo! Ele estava cuidado dos zumbis enquanto eu e o vampiro cuidávamos de você; com ele seria muito fácil de lhe derrotar.

Smirko para provocá-lo.

Gabriel – Seu mísero humano inferior... Arh(grunhido como que de raiva)... Como ousa falar isso? Você pagará por sua insolência. Você está desafiando a um deus da necromancia!

Eu – Não seria o primeiro deus que perde contra mim; e o outro era literalmente um.

Sorriso ainda mais que antes.

Gustavo – Éhh... Meu nome é Gustavo...

Gabriel – NÃO IMPORTA!! MORRAM!!

Gustavo – D: .

Gabriel prepara-se para atacar, como deveria após minha provocação, e eu pulo para encontrá-lo; a provocação prova não ser tão efetiva sua e ele teleporta-se para longe ao invés de encontrar-me em batalha. Para qualquer lugar que ele chega com seu teleporte eu posso

chegar rapidamente com um simples pulo e isto força-o a fugir sem tempo de contra-atacar. Após segui-lo pelo inteiro campo de batalha ele chega próximo de onde a elfa está e eu decido ajudá-la ao invés de apenas seguir a Gabriel para todo lado; mesmo sendo habilidosa ela tem dificuldade ao lidar com os cinco esqueletos gigantes de uma vez – é importante preservar seu reiteki para Gabriel e se eu lembro-me bem Manuel usou um ataque bastante poderoso para poder acabar com o esqueleto, entretanto estou certo que ele exagerou ‘um pouco’ em tal.

Eu – Esse é o poderoso necromante? Só correndo do inimigo?

Gabriel – Parece que você melhorou seu nível de luta, mas não importa; você nunca chegará ao meu nível!

Eu – Você está basicamente só correndo; como podes dizer isso? Você é estúpido, tolo!?

Gabriel – SILÊNCIO! Essa é a minha estratégia; logo você se cansará e então eu lhe matarei e transformarei em um de meus wights!

Wight, não um zumbi... Entendo; então isso é a razão que os cadáveres são fortes e não mongoloides, bastante como eram em vida – enquanto zumbis são simples asseclas iniciais de necromancia um wight é claramente de nível bem mais elevado. Ele realmente melhorou em tão pouco tempo.

Eu – Hahahahaha; você cansaria muito antes de mim, porém tenho coisas mais produtivas para fazer com meu tempo.

Gabriel é atingido por um projétil de energia branca e foge.

Gabriel – Au!

Elfa – Maldito necromante; pagará pelo que fez!

Eu chego para ajudar a elfa no tempo certo pois um orc com mais de dois metros chega brandindo sua espada junto com seus subordinados em direção a elfa; provavelmente é o clímax do combate pois ela deve ser a líder e ele o chefe dos exércitos. Eu permito que ela lute com os orcs enquanto cuido dos esqueletos; lutamos de costas um para o outro e embora não conheçamos o estilo de luta um do outro nós lutamos muito bem juntos por seguirmos uma linha de pensamento estrategicamente similar.

Gabriel vê que estamos ocupados e ri enquanto assiste nossos esforços; após um tempo simplesmente assistindo ele percebe que poderia estar atacando-nos ao longe ao invés de perder tempo, todavia ele é atingido por um projétil de fogo logo antes de fazer seu primeiro ataque.

Gabriel – Au!

Gustavo – Au? What (que)!? AUshuahushsuhauhaushaushaushaushaushausha.

Gustavo engaja Gabriel em combate – a decisão final da guerra parece ser eminente já que todas as peças importantes estão em jogo.

Gabriel – GAARRHH (grunhido de dor e raiva)! POR QUE NINGUÉM ME ATACA PELA FRENTE!!? COVARDES!!!

Eu – Eu tentei, mas você só faz correr; daí fica difícil né.

Gustavo – Já que você só sabe correr eu vou enfrentar você! Eu ataco à longa distância também.

Começa a batalha entre Gustavo e Gabriel. Gustavo atira varias bolas de fogo que colidem com as magias de gelo que Gabriel atira(não são pedras de gelo, mas uma magia azul claro que congela e da dano à aquilo que acertar). O choque entre fogo e gelo cria uma névoa intensa no terreno mais elevado onde eles se enfrentam – se vê apenas os ataques de fogo e raio cruzando de um lado e outro da névoa.

Gustavo lança uma rajada de fogo e Gabriel segue o movimento usando uma rajada gélida; Gustavo aproveita a enfraquecida névoa que se intensificou usa-a como cobertura para aproximar-se de Gabriel. Estando em alcance corpo-a-corpo Gustavo usa um soco de fogo, contudo Gabriel defende-se com uma barreira de energia criada por seu cajado.

Gustavo sorri e usa o soco como impulso para subir encima de sua barreira que tem formato oval em volta de Gabriel; estando exatamente acima de Gabriel Gustavo lança uma poderosa rajada de fogo com os dois pés. A barreira é destruída e causa danos consideráveis ao chão, porém Gabriel pôde se teleportar antes de sofrer dano. Gabriel não espera e antes que Gustavo volte ao chão ele ataca-o com raios; Gustavo corta seu ataque ao meio usando uma rajada diagonal de fogo.

A luta vai indo bem e Gabriel parece estar cansando, mas repentinamente Gustavo é atingido por um glacemante (mago de gelo) e tem suas costas parcialmente congeladas – ele instantaneamente cai desmaiado no chão. Dezenas de pyromantes e glacemantes cercam o campo de batalha junto com soldados com armadura completa; eles atacam a todos sem demonstrarem parcialidade.

Tudo acontece repentinamente e antes que eu possa fazer algo tenho que eliminar os cinco esqueletos grandes restantes quais apenas estive atrasando enquanto procrastinava assistindo outros lutando. Eu deixo de reter meu nível de luta e ataco-os com força sem pensar nas consequências para qualquer um que seja atingido pelos destroços de tais. O que está logo a minha frente é arremessado contra o chão e se despedaça com um poderoso fumikomi geri; o que me ataca em seguida eu destruo seu crânio com um mawashi geri. O que está ao meu lado eu ataco-o com um teisho forte o suficiente para fazê-lo esmagar o que está atrás dele; o último vem por trás e eu destruo por quebrar seu equilíbrio com um uraken e quebrar sua coluna com um shuto. Talvez eles estavam muito danificados, talvez Gabriel tenha sido enfraquecido pelos novos atacantes ou simplesmente os fez mais fracos para poder controlá-los, e talvez eu tenha perdido controle e usado mais força que o que deveria – só sei que os esqueletos foram quebrados como rebentos (pequenos galhos).

Embora eu tenha derrotado os esqueletos rapidamente e os destroços de tais limparam o meu redor no campo de batalha por matar a quem estivesse lá, os magos e exércitos que apareceram do nada já sumiram. O ataque repentino dizimou a maior parte dos combatentes

e os orcs sobreviventes fogem; Gabriel teve que lutar e não foi capaz de continuar a reanimando os cadáveres ou manter os já levantados vivos. Gabriel está ferido e sem soldados, alguns orcs feridos e os outros mortos e o mesmo com os elfos – mesmo tendo protegido sua vila os elfos não são verdadeiramente vitoriosos na batalha; ninguém, além de reis e deuses, nunca é.

Os magos estavam usando túnicas **negras** e uma faixa da cor de seu elemento; os soldados com armadura estavam de **preto, prata** e branco. Ignorando toda a chacina ao meu redor falo:

Eu – Quem foram esses? Cadê Gustavo?

A elfa ainda está chocada ao ver os corpos sem vida e profanados de seus irmãos e irmãs elfos.

Gabriel – Aquele pyromante? Ele foi levado pelo exército real; provavelmente vai ser executado por eles no palácio... Merda! Perdi de novo! A CULPA É SUA, HUMANO MISERÁVEL!... Pelo menos conseguir escapar de ser prisioneiro...

Eu – Foi levado para onde!?! Por quê!?! Exército real!?!??

A elfa se levanta apoiando-se em sua espada e com a cabeça baixa começa a andar até Gabriel para trazer justiça pelo que ele fez; Gabriel tenta escapar, contudo não tem poder suficiente para contra atacar ou se teleportar – se tentar correr morrerá do mesmo jeito por sua agilidade inferior e os elfos arqueiros ainda vivos.

A relação da localização entre a elfa, Gabriel e eu é quase um triangulo; eu levanto-me e ando até o caminho entre a elfa e Gabriel. Eu também quero que o tolo infeliz morra logo, porém preciso dele no momento. Ela tem destreza e poder, mas não parece estar acostumada a... Isto.

Eu – Não poso permitir que ele morra, não ainda.

Elfa – o que estás dizendo!? Você estava tentando matá-lo há pouco tempo!

Eu – Eu sei, mas agora eu quero ele vivo.

Elfa – Então você não me deixa escolha.

Ela empunha sua espada e começa a aumentar sua aura élfica por ameaçadoramente liberar mais reiteki. Eu não tenho intenção de lutar contra ela e contra os elfos, contudo a única prioridade aqui é levar Gabriel vivo. Se os tolos desejam a morte, que seja.

Eu – Vale a pena?

“Que?” – pergunta a elfa em confusão, porém entendeu minhas palavras.

Eu – Você provavelmente me viu lutar e como ainda estou em perfeita condição; vale a pena apostar a vida de ainda mais elfos para ter sua vingança!? O melhor curso de ação é tratar dos feridos antes que eles também morram.

A elfa é selvagem e não gostou nada de minha sugestão – ou talvez foi de meu tom. Ela se torna ainda mais ameaçadora e ela é perigosa; eu preferiria evitar isto.



Eu – Não me tente, tola! Um erro e você cairá, haverá sangue e apenas eu e o necromante sairemos daqui vivos. Abaixei tua espada, elfa!

Se eu tivesse levado a luta a sério eu não teria como me levantar contra a elfa ou ir em busca de Gustavo imediatamente; não é sábio envolver-se na luta de outros como se fosse sua própria. A elfa está inconformada pelo que Gabriel fez, todavia ela ouve a voz da razão e vê que seria tolo tentar me desafiar na condição que os elfos estão. Eu vou até Gabriel enquanto os elfos procuram sobreviventes e cuidam dos feridos usando seu reiteki que é ótimo na arte de cura.

Eu empunho minha katana e ponho a 'kissaki\*' à frente do pescoço de Gabriel.

Eu – Estou a ponto de acabar com sua vida aqui e agora; eu aconselho que você me seja útil.

Gabriel – E-e-eu te ajudo; eu se-e-ei onde seu amigo e-e-está!

Eu – Onde é o palácio e o que é o exército que real que falastes?

Gabriel – Pr-pro sul! O exército real serve a Dark Queen.

Eu – Você pode simplesmente se teleportar e fugir quando sua mana se restaurar; me dê uma solução para isto ou você não será de uso para mim.

Gabriel – Eu n-n-não vou fazer nada que você não dizer; não v-v-ou fugir!

Eu – É melhor você achar uma solução satisfatória ou você irá morrer.

Gabriel – T-t-t-t-tá bom! Um selo pode evitar que eu use meu teleporte!

Eu – ...

Gabriel – É verdade; eu juro!

Elfa – Ela fala verdadeiramente; o palácio é ao sul e um selo poderia tirar todos os poderes de yamimancia, inclusive seu teleporte.

Eu – Acalmou um pouco?

Elfa – Hunf! Eu não preciso de você me dizendo o que fazer, mas você... Você e seu amigo ajudaram os elfos no combate e por isto eu sou grata... Quanto a você necromante eu deixá-lo-ei ir, porém apareça aqui novamente e não haverá uma segunda chance!

Seria ótimo se ela juntasse-se ao 'grupo' como em um Rpg sob o pretexto de repagar suas dívidas por salvar Gustavo e então finalmente poder vingar-se de Gabriel, mas então conheceriam um ao outro melhor na jornada onde um salvaria a vida do outro em perigosas batalhas ou situações – acabando por fazer melhores amigos de antes inimigos. É claro que isso é o mundo dos jogos – o doce mundo dos jogos no qual eu quereria estar agora sentado em frente a um computador feliz e ansiosamente esperando que o jogo que quero saia apenas para que eu termine-o em três dias.

Eu – o que você sabe do exército que levou meu amigo? Eles atacaram os elfos também; o que vocês farão?

Elfa – Não podemos simplesmente atacar alguém como a Dark Queen; iremos informar o senado élfico e eles decidirão o que fazer.

Eu – Entendo. E onde posso achar um... ‘Selo’?

Elfa – Não temos nenhum inkaner na vila; talvez você encontre com os anões em Karavak. Pela sua katana parece que você já esteve lá... E sua horrível essência de anões imundos.

Eu – Agradeço pela ajuda e já devo ir ajudar meu amigo.

Elfa – Talvez nos encontraremos de novo em circunstâncias melhores; você possui interessantes habilidades de luta e coragem.

Eu – Assistir a maneira graciosa com qual lutas provavelmente me ajudará a melhorar.

Gabriel – Uhhhuuu; amor à primeira vista. Hehehehehehehe.

Aproximo a kissaki ao pescoço de Gabriel novamente.

Eu – É melhor você fazer silêncio e começar a andar... E rápido.

Mesmo depois de batalhar a noite inteira nós começamos nossa caminhada até Karavak; a alva já está chegando ao horizonte.

Eu – Se você sair de perto de mim eu cortarei você em dois.

Gabriel – ...

Vamos à Karavak; o guarda me reconhece e me permite entrar. Vamos até a forja e falo com o anão que me ajudou com as espadas sobre o que preciso; ele diz que é fácil e faz algum tipo de desenho em uma alga. Eu fico com a chave das algemas para Gabriel não fugir.

Selos são formas desenhadas ou conjuradas que realizam uma função específica; semelhante a escrever um código de programa em um computador, contudo não é como se eu entendesse como se faz ou como funciona.

Gabriel – Satisfeito?

Eu – Você ainda pode usar seus outros poderes?

Anão – Ele ainda pode usar qualquer outro tipo de poder; com exceção da yamimancia.

Eu – Se tentar alguma coisa você morre; sabe né?

Gabriel – Sei... Só vou lá lhe mostrar onde é; não vou tentar nada não.

Eu – Só vai mostrar? Vamos entrar, encontrar Gustavo e tirar ele de lá.

Gabriel – Você quer que eu também faça isso!? ISSO É SUICÍDIO; A DARK QUEEN TEM UM IMENSO EXÉRCITO E É UMA DAS PESSOAS MAIS FAMOSAS DO MUNDO!!!

Eu – Não posso fazer nada; você que causou isso tudo. Se você não quiser ir eu posso matar você aqui mesmo...

Gabriel olha para os lados sem saber o que fazer e sabe que ele não tem bem uma escolha.

**Mapa03**

**Mapa04**

## Epílogo 八

Petrichor – Chamado de 'cheiro de chuva'.

Tsuba – 'Guarda mão'; parte entre lâmina e tsuka.

Tsuka – 'Cabo'; local onde se pega na katana.

Kissaki – 'Ponta'; extremidade afiada e pontiaguda da katana.

Guerras e batalhas entre tribos não são incomum, porém raças mais desenvolvidas como elfos ou anões não agem por si mesmo como apenas uma tribo. Ao invés disto eles agem como um povo e decidem o que fazer com base na decisão de seus líderes.

O senado élfico consiste em vários elfos de destaques que cuidam de todos os assuntos envolvendo os elfos; dentro e fora de seu povo. Os elfos possuem um sistema bastante complexo de sociedade onde é dividido por 'casas'; cada 'casa' ou família possuem um determinado status e influência na sociedade – além de geralmente serem também conhecidas por características distintas como uma casa de guerreiros ou uma de magia.

Os anões são liderados por um rei proveniente da família real, contudo o rei também usa conselheiros e ajuda para governar – o rei sempre tem a palavra final enquanto os elfos resolvem as coisas como um grupo.

Anões são especializados em metalúrgica e armas como machados e martelo. Elfos dão destaque à cultura, preservação da natureza e treina diferentes formas de combate; na filosofia élfica ter habilidade com arco e flecha, espada, mágica e reiteki é o básico antes de prosseguir para uma área específica.

Elfos e anões são duas raças quase opostas e é comum preconceito entre elas, mas como são mais civilizadas que a maioria elas raramente entram em conflito.

Necromantes são extremamente raros. Eles são magos que lidam com os mortos e sua forma de ataque se baseia em glacemancia, denkoumancia e yamimancia em um nível mediano.

A passagem do tempo (duração de dia e noite; não que o tempo seja mais lento em um ou outro) no 'submundo' é bem diferente da que acontece na Superfície. Alguns reinos tendo ciclo similar ou idêntico de dia e noite, mas outros já tendo dias curtíssimos ou extremamente longos

Dia 179 Alison e Gabriel iniciam a jornada para resgatar Gustavo.

**Gabriel Moraes**

ガビリエル。モラエス

Ele nasceu em 18 AEK (1998). É um jovem necromante.

Ele tem 1,69m de altura. Seu cabelo é **preto** e ele sempre o mante curto, caso contrário ele cresce selvagem como um arbusto cacheado. Suas vestimentas são robes e capas de tom escuro – geralmente bem danificadas para parecer que é um ‘verdadeiro necromante’. Sua pele é branca e possui olhos de cor **fuligem**. Ele está na média em basicamente todas as características, contudo ele costumava ser uma criança gorda.

Gabriel – Você que não é capaz de ver minhas habilidades por que são muito altas para você!

Ele anda pelo mundo fazendo o que vem na mente, porém tem senso de perigo e evita-o. Ele é um necromante e usa mortos como seu exército, mas quando ele se envolve amigavelmente com outros ele é um grande amigo. Ele não tem um objetivo claro de vida e talvez viaje pelo mundo procurando por tal; ele também não tem preconceito ou racismo que é algo muito comum na sociedade e muitas vezes ajuda alguém que sofre por tais – ou pelo menos isto é o que ele tenta; mesmo sem perceber ele pratica racismo o tempo inteiro.

Gabriel – Sou bondoso cara; sou do bem. Paz e amor.

Ele utiliza um cajado para atacar de longa distância – o estilo dos necromantes é fazer outros lutarem por eles até mais que um shoukan (um invocador). Mesmo após adquirir sua lança (lance) e armadura ele continuará sendo um lutador à distância (spoiler).

Ele gosta de se envolver com outros e formar algum tipo de amizade além de estar sempre compondo estranhos poemas para qualquer garota que vê. Ele tem um senso de superioridade muito grande desde que cresceu e emagreceu, contudo ele sabe se tal coisa é demais para ele ou não.

É como se ele imagina que ele é grandioso, mas sabe que existem outras coisas que são grandiosas enquanto normalmente alguém não se acharia grandioso se houve tantas coisas mais grandiosas.

Embora ele seja um amigo leal que vai ajudá-lo quando você cair ele também vai geralmente levá-lo ao problema para início de conversa.

Hitojin.

# 九

## O Resgate

*“Em espanto eu observei as Grandes Muralhas; e o ainda maior Monumento após elas, ainda eu não os temi pois meu espírito pôde perceber a maior das coisas dentro.” – Kaiho, Canto 09.*

Meu corpo já está cansado, porém pelo modo que uso meu Kaiho este não é um problema; já a respeito de Gabriel não importa, mas acho que um necromante ele não se preocupa muito com comer ou dormir.

Por causa da urgência da questão eu me movo correndo e saltando por obstáculos ao invés de dar a volta; Gabriel usa iarmancia para movimentar-se mais rapidamente. A noite cai e o amanhecer já deve estar aproximando-se novamente quando chegamos a um local coberto de neve que fica ao sul da floresta de Harstloon, mas não antes de passar por planícies tão largas quanto a própria floresta – fizemos apenas algumas poucas pausas no caminho por causa da mana de Gabriel que vai acabando com o uso; felizmente, ou infelizmente, ele tem poções que aumentam a regeneração de sua mana por um determinado tempo.

Prosseguimos andando pelo caminho que fica cada vez mais difícil de seguir por causa da neve que cai do céu sobre nós. Vai ficando cada vez mais frio – muito mais que na Nova Zelândia – e meus volumosos longos cabelos **castanhos** tornam-se brancos e úmidos pela cobertura de neve; nas planícies a lua nos guiava em nossa estrada, mas agora até ela nos abandonou. Em pouco tempo já estamos em meio a uma nevasca e não temos ideia sobre onde está a estrada. Necromantes geralmente se tornam lichés por transformarem a si mesmos em mortos vivos – isto descarta qualquer necessidade de alimentação, calor, ar ou a maioria das necessidades básicas que os outros seres vivos têm, contudo Gabriel por algum motivo se apega a sua ‘forma viva’ (provavelmente ele também não é hábil o suficiente para tornar-se um lorde lich) e sente o frio de uns vinte graus negativos – ele não morrerá por, mas deve ser bastante ‘desconfortável’; eu simplesmente mantenho o calor em meu corpo usando Kaiho como venho fazendo desde os ventos noturnos nas planícies.

Andamos por horas através da neve até chegarmos a uma floresta.

Gabriel – Esta floresta é do lado contrário do caminho certo e é perigosa; é tudo culpa sua por querer andar nessa nevasca!

Eu – Cale a boca.

Gabriel – Mas esse lugar é perigoso; jotuns vivem aqui!



Eu – Quer ficar rodando sem destino através da neve? E estou cansado; vamo ali para eu te prender na árvore antes de ir dormir.

Gabriel – Vai dormir aqui!? Quer morrer congelado!!?

Eu – Uma das primeiras coisas que treinei foi de usar meu Kaiho enquanto durmo ou faço outras coisas para poder ter natural controle sobre ele.

Antes que eu algeme a Gabriel em uma árvore aparece um contratempo – vários jotuns. Um jotun é bastante semelhante a um orc; pode-se até dizer que é a versão nórdica de um orc, porém com pele entre branco e azul e seus tamanho podem variar em até vários metros. Também há a existência de dois tipos distintos de jotuns; uma espécie mais bárbara, gigante e de extrema força física e outra normalmente mais azulada, de olhos vermelhos e que geralmente usam reiteki ou magia – aqui encontramos o tipo mais bárbaro de jotuns.

Eu e Gabriel lidamos com o contratempo e ao verem que não somos uma presa fácil eles decidem que é melhor bater em retirada e nos deixarem em paz – uma sábia decisão. Dormimos e descansamos na neve entre as árvores – já estou quase acostumado a dormir assim e geralmente durmo sentado; dormir deitado é muito mais exposto, limita os sentidos de percepção e ao acordar se sente atordoado enquanto sentado já se acorda pronto para ação.

Percebo Gabriel demonstrando grande interesse em algo; ele tenta disfarçar, porém é óbvio que ele a todo momento dá uma olhada para o norte onde há algo brilhando. É algo circular, da mesma cor que a neve e parece estar girando como um espiral que emite luz – não importa o que seja ele não chegará lá enquanto estiver algemado à árvore.

Chega a hora de irmos e após libertar Gabriel da árvore olho ao redor procurando sinal de inimigos ou de algum caminho. Repentinamente Gabriel passa a correr em direção ao espiral de luz; não sendo algo que deixei de notar antes de ir dormir eu reajo a tempo e jogo a wakizashi logo à sua frente – a wakizashi fica presa em uma árvore e Gabriel cai para trás.

Eu – Quer morrer vadia!? Eu sabia que você tentaria algo. O que é esse coisa de luz?

Gabriel – Nada não; eu só queria ver de perto.

Eu – E daí saiu correndo até ele? Não me tente que ainda não é hora de matá-lo!

Nós dois olhamos para o espiral de luz com olhares completamente diferentes.

Gabriel – Deixa eu ver de perto aí; só um pouco. Olha como é bonito!

Eu – Se você quer viver você não chegará perto disso.

Gabriel – Por que cara!? Você é louco!?

Eu – Porque não vai; há algo indesejável nesse espiral. Eu vi você olhando para ele ontem.

Após um pouco mais de insistência ele assume a derrota e prosseguimos em nosso caminho.

Gabriel – *Os ouvidos sangravam, o clima era turvo, sons de espadas, sons agudos, a poesia clamava por espaço, os homens por barulho... ♪ .*

Eu – ...

Gabriel – *Por silêncio os mortos vieram à vida, por erro do destino, cruzei novamente meu caminho, como um andarilho vendido ao cinismo de acreditar que a honra é o caminho... Sou um bardo fudido, vivendo em um mundo de gritos. ♪* .

Eu – Cala a boca cara. Você só canta porcaria e nem faz sentido; nem um bardo você é!

A nevasca passa e seguimos nosso caminho de volta para a estrada que é para o leste – o lado que o sol nasce; não é sábio tentarmos ir ao sul por que acabaremos em meio a montanhas ou planícies sem ter ideia a onde está a estrada. E não sei se o sol aqui nasce como o da Terra; apenas sigo para o lado oposto da floresta.

Após uma caminhada através da neve e encontrarmos muitas pegadas perturbadoras durante o caminho nós chegamos a uma estranha vila. A vila é um domo de gelo; como um grande iglu\* com duas entradas – ao norte e ao sul que é por onde a estrada passa pela vila.

Algo me diz que eu não deveria entrar na vila – minha intuição que sempre está certa – e mesmo estando um pouco curioso para vê-la por dentro eu decido ir para a estrada sem passar pela vila. Infelizmente, ou felizmente, nós somos vistos por grandes criaturas peludas semelhantes a gorilas albinos só que maiores e muito, muito mais assustadores; provavelmente os que deixaram as pegadas na neve – os yetis!

Gabriel – Vamo fazer o que!?

Eu – Por que sempre me perguntam isso?

Gabriel – Por que eu tô algemado e tu tá me ameaçando de morte o tempo todo, PORRA!

Eu – Então cale a boca e vai lutar.

As bestas são poderosas e um humano ganancioso logo pensaria sobre pô-las em um circo, usá-las em trabalho manual ou alguma outra forma de exploração – por algum motivo eu começo a apreciar a minha capacidade de pensar nas diferentes coisas que diferentes tipos de pessoas fariam com os yetis enquanto desvio de seus ataques que são bastante letais. Lutar com algum tipo de criatura é interessante por sua falta de inteligência; muitas vezes são bastante poderosas, mas por não poderem pensar são incapazes de usar efetivamente seus poderes e a luta atinge outras dimensões como um combate entre inteligência e talento bruto. Por manter o calor de meu corpo usando meu Kaiho eu também evito que minhas espadas congelem em suas bainhas, deixando-as prontas para o uso.

Parece que estou desenvolvendo um mau hábito de ‘brincar’ com meu oponente e ficar apenas estudando-o ao invés de finalizar a batalha na primeira oportunidade como eu costumava fazer – eu e Gustavo fomos capazes de vencer diversas vezes por aproveitarmos ao alguém nos subestimar ou quando o inimigo ainda não estava preparado – eu estou quase cometendo o mesmo erro que levou meus inimigos a seus fins, todavia é realmente interessante que eles não estão simplesmente tentando nos esmagar; ao invés disso estão protegendo a entrada da cidade e não se afastam muito de tal como se alguém os houvesse dado uma determinada e específica ordem – isto também explica o porquê nos atacaram ao nos verem.

Por algum motivo sinto vontade de ir mais afundo e desvendar todas as questões que surgiram em minha mente sobre a vila, porém tenho que ir salvar a Gustavo sem demora. Não há nada que eu possa fazer a respeito de eu apreciar lutar contra monstros quando eu virtualmente odeio lutar (principalmente odeio se machucar ou me cansar) e queira investigar mais – afinal de contas nos jogos eu dificilmente fui pvp e gastei todo meu tempo fazendo quests e logo sendo mvp.

Começamos uma retirada, contudo algumas ‘dunas’ de neve se movem e bloqueiam nosso caminho – logo as ‘dunas’ se levantam e mostram-se ser ‘golens\*’ de neve. Em pé na entrada da vila está uma mulher de pele tão branca como a neve e de longo cabelo **negro**. Ela estende sua mão e Gabriel anda lentamente em sua direção como que sob efeito de um feitiço. Eu olho para situação confuso e ela parece ter estranhado o ‘feitiço’ não ter funcionado em mim.

Mulher – Kisama wa... dareka...

“Você é... Quem...”

Eu – Nani!? Omae... Kisama wa yuki onna\* da!

“Oque!? Você... Você é uma yuki onna!”

Mulher – Mei Ou Koujo!

“Rei Princesa Imperial das Trevas!”

Eu – Mei Ou Koujo? The Dark Queen? Eu fui enviado pela Dark Queen. Não há como você saber quem sou e você que iniciou este feudo.

Mulher – Você é um espião e não sairá daqui vivo! Como mais entenderia meu idioma nativo!? Sei que foi enviado para ‘dar conta’ de mim!

Eu – Milhões de pessoas entenderiam. Liberte o necromante de o que quer que seja que fizestes com ele e eu deixarei que continues a viver.

A mulher olha-me diretamente nos olhos e apenas faz gestos estranhos; quase como se estivesse tentando flertar comigo.

Eu – Rápido, tola! Tenho o que fazer!

“*Koi, senshi; anata no nayami wo wasurete. Watakushi to atatameru.*” – ela canta para mim.

“*Venha, guerreiro; esqueça suas preocupações e aqueça-se comigo.*”

Eu – Não me tente, demônio tolo! Já a avisei que você está desperdiçando meu tempo.

Mulher – Nani (que)!? Nenhum homem jamais resistiu a mim!!!!!!

“Talvez você não seja meu tipo.” – eu falo smirmando enquanto finalmente decido cortá-la.

Eu empunho minha katana para ameaça, mas antes que eu possa fazer um movimento ela faz um que causa a neve de varias direções a me atacarem; eu não perco tempo e em um único

impulso fico face a face com ela. Ainda utilizando a força do mesmo impulso que me levou até ela eu retiro minha wakizashi da bainha e a tsuka atinge sua barriga e lança-a para cima.

Ela transforma-se em uma nuvem de neblina e granizo e vai em direção ao pequeno palácio no centro da cidade. As criaturas que estavam paradas esperando ordens voltam a atacar-nos.

Gabriel – Que? Onde eu tô?

Eu – Tá loco cara? Vamos logo; há uma yuki onna para ser caçada.

Gabriel – Eu tava lutando e... Uma yuki onna? Que merda é isso? Ela me enfeitiçou!?

Eu – O caminho de trás está bloqueado por criaturas em seu habitat natural; o caminho até o pequeno palácio parece mais seguro.

Gabriel – Derrotar ela deve dispersar eles... Vamos ensinar para ela com quem ela tá mexendo.

Ao adentrarmos na vila percebemos que tem o nível de neve bem baixo e é protegida das nevascas por causa de seu grande domo de gelo que é o iglu. Na vila há dezenas de casas e vários 'barbegazis\*' curiosos com o que está acontecendo. No caminho ao pequeno palácio de gelo nós encontramos as linhas de defesa da yuki onna que são yetis e wendingos – wendingos vivem na floresta congelada qual passamos mais cedo. Com um pouco de cuidado eles não são um desafio já que somos mais ágeis e podemos ir por cima das casas e passar por eles; mesmo que Gabriel esteja algemado é apenas em uma mão e logo não restringe seus movimentos – apenas nega seu controle sob yamimancia e nada mais.

Somos forçados a matar alguns deles e Gabriel as reanima de modo que tais enfrentam as outras enquanto passamos pelas linhas de defesa até o pequeno palácio.

A yuki onna aparece novamente à frente do palácio flutuando no ar e começa a 'hipnotizar' Gabriel; eu ataco-a tão rapidamente que ela percebe apenas quando já está cortada no chão. Ao ver que suas técnicas convencionais não funcionarão ela passa a manifestar sua verdadeira forma: uma bruxa de gelo com longos braços e garras pontudas ao invés de dedos, cabelos grisalhos e olhos translúcidos, vazios e sem pupila. Ela foge para a câmara interior do pequeno palácio para a batalha final.

Yuki onnas são conhecidas por seduzirem homens para suas mortes (ou algumas vezes para fazer uma família temporariamente feliz), entretanto agora que adquiriu sua forma verdadeira ela está pronta para começar uma batalha de verdade.

Eu e Gabriel usamos a vantagem numérica e atacamos por lados diferentes ao mesmo tempo. Ela contra-ataca a estratégia por avançar brutalmente em minha direção de modo que fica difícil Gabriel fazer algo que não me atinja. Ela ataca-me usando suas afiadas garras que são como cinco espadas em cada mão. Eu defendo-me de seus ataques usando minha katana; uma batalha entre uma espada contra dez inábeis e enquanto Gabriel vai a uma posição mais favorável de atacá-la eu a distraio.

Gabriel lança o ataque no exato momento que eu saio da área corpo-a-corpo com a yuki onna; ela vira em direção à esfera de raio lançada por Gabriel e grita. É um grito extremamente

agudo e imbuído com magia; dá até mesmo para ver as barreiras do som criadas pelo grito que se choca com o ataque de Gabriel e anula-o. Enquanto ela gritava também liberou algum tipo de neblina pela sua boca que agora se transforma numa estaca de gelo apontada à Gabriel. Eu posso usar minha katana para destruir a estaca e salvar Gabriel, contudo prefiro usar a oportunidade para atacar a yuki onna.

Eu – Hizamazuite!

Eu acerto-a com um corte diagonal profundo que vai de sua cintura à sua testa. Gabriel maneja de desviar da estaca a ponto de apenas machucar levemente seu braço.

Eu – Você deu sorte; quase morria para esse ataque dela haha. Até que foi fácil- .

Antes de terminar de falar eu sinto algo gelado subindo por minha coluna, tudo fica escuro e percebo que estou perdendo a consciência.

Eu – \*Ah \* \* Ah \* \* Ah \* (suspirando por ar).

Acordo em minha cama como se tudo tivesse sido apenas um sonho ruim; não apenas acordo em casa, mas estou em um tempo onde não se existia Kaiho ou monstros... Um tempo onde tudo era... Normal... o que é isso!? Será que sonhei tudo isto!? Será que morri e estou revendo minha vida!?!?

Levanto-me da cama e desço as escadas; meu pai está no sofá assistindo e minha mãe cozinhando como se não tivessem nenhuma preocupação na vida. Eu pergunto onde está Gustavo, o que estou fazendo aqui, que dia é hoje, onde está meu Kaiho – em meio as minhas perguntas sem tempo para respostas tudo escurece novamente e eu me encontro caído ao chão com Gabriel tentando me ressuscitar.

“Ahhhhhhhhhhhhhhhh!” – eu acordo gritando em surpresa.

Gabriel – AHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH!!!! TÁ LOCO CARA!? QUER ME DAR UM INFARTO!?!?

Eu – Onde... Que?

Gabriel – Que!? Cara você tá bem?

Eu – Onde eu tô?

Gabriel – Tá no castelo da yuki onna; bateu a cabeça e ficou maluco de vez?

Eu – Mas eu...

Gabriel – Tu o que? Apanhou que nem um noob? Foi!! Caiu igual a uma jaca velha!!

Eu – Não lembro, mas eu sinto como se eu tivesse tido um sonho muito estranho...

Eu não tenho ideia com que tipo de sonho eu tive ou se realmente sonhei e não é apenas uma expressão; tudo que sei é que eu estava lutando, desmaiei e agora que acordei tenho que ir encontrar Gustavo.

Eu – Deixa pra lá; vamos logo.

Gabriel – Consegue andar?

Eu – Consigo né; você é burro? Porque não conseguiria?

Gabriel – Sei lá; a yuki onna te acertou um ataque nas tuas costas e tu desmaiou aí por mais de hora – pensei que tinha morrido.

Eu – E por que estava tentando me ‘ressuscitar’?

Gabriel – Por que pensei que você estava morrendo. ‘-’.

Eu – Não seria melhor pegar as chaves da algema e fugir?

Gabriel – É MESMO!!! PRA QUE FUI PARAR E SALVAR SUA VIDA!?!? Eu podia ter fugido... Eu deveria ter fugido! Você deixou ela me atacar e nem ligou se eu sobreviveria...

Eu – É; você foi burro. Vamo logo. Por causa disso talvez eu deixe você viver depois que salvamos Gustavo.

Gabriel – Tá; valeu... Ei, ei, ei; espera aí! Talvez!? Você planejava me matar mesmo depois de eu lhe ajudar a salvar seu amigo!?

Eu – É claro! Tudo isso é culpa sua para iniciar, você tentou me matar já mais de uma vez em combate e ainda salvei sua vida quando a elfa tentou lhe matar.

Gabriel – Eu deveria ter deixado você morrer e ter fugido mesmo...

Eu – Eu sei, mas já perdemos muito tempo aqui; faça mais coisas úteis que deixo você viver.

Estamos prestes a sair quando os barbegazis da vila nos cercam. Eles agradecem; jubilam em agradecimento por termos derrotado a tirana que os escravizava. Eles me ajudam com medicinas e um tratamento rápido para minha coluna que foi parcialmente congelada pelo ataque da yuki onna – uma cicatriz semelhante a uma estrela de oito pontas permanecerá.

Saindo da vila vemos que os golens são agora apenas montes de neves; o que significa que não eram golens de verdade e apenas criaturas que a yuki onna criou. Os yetis e criaturas que a serviam se dispersaram e deixaram a vila.

Ao olharmos para o céu vemos que está de noite; quase a tempo de a alva raiar – a yuki onna mantinha nevascas como uma forma de proteção. Algo que não sei como foi efetivo já que a vila fica na estrada principal, ainda assim não podemos ver o céu desde que na neve entramos.

Aproveitamos a hospitalidade que os barbegazis demonstram e descansamos de nossa intensa viagem através do Jisatai. Comemos, dormimos e bebemos antes de voltar a nossa viagem; aparentemente isso levou o dia inteiro e é pouco após o cair da noite que resumimos nossa missão de resgate.

Após sairmos da área nevada sinto um reiteki familiar aproximando-se... Masaka (não pode ser)... É um reiteki vampírico; nante kottai (como pode ser)! Quando percebo eles já estão

acima de nós; cinco vampiros voando em alta velocidade na direção oposta que estamos indo. Por algum motivo eles param e do alto planam e olham para nós até um que reconheço o vampiro que está liderando os outros.

Ramisen – Humano!? Você é aquele desprezível humano que se opôs a mim!!!!

Eu – Ramisen. Qual a probabilidade de simplesmente encontrar pessoas ‘conhecidas’ por aqui? Amaldiçoados sejam os deuses.

Por algum motivo Ramisen fez o fantoche que usou na Terra a sua semelhança – que egomaníaco.

Ramisen – Como você chegou aqui!? Isto não faz sentido...

Ramisen está tão surpreso que está falando rapidamente como se estivesse falando apenas para si mesmo, contudo logo ele recompõe sua compostura e volta a seu modo ‘normal’.

Ramisen – Entendo... Você quem destruiu o portão. Você é o “famoso” Azure Hunter.

Eu – Como você sabe tal nome!? Eu não esperava encontrá-lo tão cedo, mas eu vou fazer você pagar pelo que fez na Superfície!

Ramisen – Você veio aqui me caçando!? Me fazer pagar? Você que atrapalhou meu reconhecimento da Superfície. Você é um ignorante simplório que não sabe nada sobre o mundo em que vive. Você e cinco outros não conseguiram fazer nada contra uma mera marionete; como então seu nome foi capaz ser ouvido como o primeiro humano que invadiu o Nenokuni?

Eu – Tenho mais o que fazer que lidar com você no momento; vai me dizer onde tem outro portão ou vai morrer primeiro?

Ramisen – Fufufufufufufun tua ignorância é hilária; por isto lhe direi algo sobre você mesmo. Eu ouvi dizer que você derrotou as centenas de criaturas que habitavam o país onde ficava o único portão que permitiria um humano passar. Os portões podem ser trancados impedindo que humanos os use ou até os veja, porém não é possível trancar a todos e tivemos que escolher um que fosse destrancado ao uso humano. O portão do Jisatai foi escolhido por causa das milhares de criaturas que habitam o país e por não haver mais humanos lá, contudo agora que você o atravessou todos os outros portões poderão ser usado por outros humanos. Entende agora o caos que será com humanos entrando no Nenokuni!? Humanos não eram supostos de serem capazes de passar pelas hordas de criaturas e ainda menos pelas estátuas. E é por isso que você se tornou ‘famoso’.

Eu – Isso certamente é uma informação útil... Mas não acho que me ajudará em nada por agora. Você falou tanto e vai querer morrer sem me falar onde encontrarei outro portão?

Ramisen – Você não tem ideia sobre o que significa verdadeiro poder e não acho que sou paciente o suficiente para fazê-lo sofrer até que descubra.

Ramisen voa em minha direção a uma velocidade que mal pude vê-lo mover-se. Eu empunho minha katana apenas a tempo de defender seu nukite que tem força suficiente para me lançar

a vários metros; em seguida ele lança um projétil fino pela ponta dos dedos que usou o nukite – eu ponho a katana de lado para defender o projétil já que pela lâmina ele passaria pelos lados e me atingiria. Mesmo assim a katana fica vibrando violentamente pelo poder do ataque que mal pude suster.

Ramisen – Parece que você realmente é o culpado; e também conseguiu armas de verdade. Já perdi muito tempo aqui; viva mais um pouco, Hunter.

E tão rapidamente quanto apareceu ele e os outros vampiros somem no horizonte. Por minha sorte ele está ocupado; seu golpe deixou claro que meu nível de luta não é nada para ele – não há comparação e ele poderia ter me matado tão facilmente quanto no passado. Hoje eu poderia lutar com a marionete, contudo tentar lutar diretamente com ele seria como tentar enfrentar a marionete sozinho no passado – não há sombra de dúvida que eu seria aniquilado.

Gabriel – Esse foi... Ramisen?

Gabriel fala lentamente; está perplexo de medo e reagindo exageradamente como sempre.

Eu – Foi. Por quê? Conhece ele?

Gabriel – TODO MUNDO CONHECE ELE, CARALHO! É UM DOS CARAS MAIS FAMOSOS E FODÕES QUE EXISTEM!!!

...

Gabriel – Todo mundo lhe odeia; já vi isso. Vamos logo salvar seu amigo; não quero mais ficar mais tempo perto de você – a qualquer momento pode aparecer a mais inesperada das pessoas, dizer que você fez algo de mal a ela e então me matar por eu estar com você.

Eu – Então cale a boca e vamos logo.

Continuamos andando até chegarmos a uma vila; é uma vila com varias pousadas e armazéns. É uma vila mercante onde até agora de noite há dezenas de mercadores vendendo suas mercadorias – me pergunto o que são estas coisas que estão vendendo... Há vendedores dos mais diversos tipos; alguns vendem diferentes tipos de carne, fruta e bebidas. Já outros vendem metal bruto, obras em metal, armas ou equipamento em geral. Outros vendem itens para serem usados com magia; como bolas de pedra azul espelhado enevoadado ou poções de diferentes cores, formatos e densidades – a feira continua com uma diversidade enorme de loja e raças em apenas um lugar.

Passamos pela vila e continuamos na estrada que agora se inclina ao sudeste; mesmo estando a quilômetros de distância nós vemos o imenso palácio e suas enormes muralhas. É gigantesco e rivaliza as montanhas ao seu redor, mas eclipsa todas elas com os brilhos de suas muitas tochas na muralha púrpura. A muralha é completamente irreal com quase meio quilometro de altura e esticando-se tão longa quando a floresta de Harstloon (qual tem uns 60 quilômetros) – atrás da muralha há o palácio que fazer a muralha parecer flébil.

Em cada um dos quatro cantos há vastas torres fortificadas e há muitos portões que podem ser vistos ao longe além do colossal portão principal qual a estada leva para. É tão grande que



não importa quanto andemos ele ainda parece longe, mas então em um instante parece estar sobre nós com toda sua magnificência qual a própria terra malmente pode suster.

Gabriel – Esse é o Kuraunhouseki; o palácio da Dark Queen. O melhor tipo de pedra para se construir algo é obsidiana e ele é completamente feito de obsidiana; largo o suficiente para acomodar o inteiro Nenokuni confortavelmente. É dito ser a segunda mais segura fortaleza que já existiu.

Eu – Obsidiana? Mas ela pode se facilmente quebrada.

Gabriel – Talvez a da Superfície, mas a daqui é a rocha mais poderosa contra magia e pode ser facilmente encantada com selos para se tornar quase inquebrável. Tem um vulcão atrás da muralha de trás e é lá que a Dark Queen produz obsidiana.

Eu – Sabe mais o que? Que inimigo vamos encontrar lá? Não parece ser possível invadir um lugar desse...

Gabriel – A Dark Queen tem um exército que não faz nada além de obedecê-la; é impossível invadir!

Eu – Eu percebi que Ramisen é forte- .

Gabriel – Forte? FORTE!? O CARA É TODO PODEROSO!

Eu – Tá bom ; o cara é muito mais forte do que eu pensava e logo a Dark Queen deve ser muito poderosa... Vamos invadir sem chamar atenção. Talvez seja virtualmente impossível invadir com um exército, mas deve dá para entrar despercebidamente em um lugar tão grande.

Há dezenas de guardas na muralha e muitos outros sobrevoando o palácio em dragões\*. Um exército poderia ser facilmente ser visto ao longe, porém somos apenas dois aproximando-se de algo com proporções gigantescas e por isto chegamos até a base da muralha sem problemas (as muralhas se estendem por quilômetros ao redor do palácio principal).

Como invadir uma fortaleza assim? Se esconder em alguma carroça que entrará com suprimentos a algum momento? Todas as perguntas acabam quando encontramos o portão aberto; o portão menor já que o portão colossal possui vários portões nele.

Nós prosseguimos com cuidado e não há guardas na entrada que é um túnel através da grossa muralha. Nós saímos do outro e não encontramos oposição alguma, apenas o jardim até a entrada do palácio – o qual deve ter mais de dez quilômetros e além da beleza de flores e fontes parece ter todas as plantas que posso nomear e todas as outras.

“Olha o tamanho... Como que vamos achar o seu amigo aqui?” – fala Gabriel com a boca aberta; parece que um palácio assim não é algo comum mesmo neste mundo.

Eu – Eu ia falar que as prisões geralmente ficam no subterrâneo, mas acabei de lembrar que eu posso sentir a presença das coisas e saber onde ele tá.

Gabriel – Você é com presenças!? E por que precisou de mim para vir até aqui então!?

Eu – Como poderia eu sentir a presença dele a mais de duzentos quilômetros, tolo?

Concentro-me e sinto a estranha presença que os guardas possuem; é quase como se não fossem seres vivos... Ou melhor; são simplesmente vida sem possuírem a individualidade de um ser. Além dos guardas sinto os dragões que estão sendo usados como montarias e as presenças alagam minha mente sem que possa distinguir entre eles; em meio a tal confusão de tantas presenças eu busco a que conheço e encontro Gustavo à minha esquerda.

A entrada principal do palácio possui três caminhos a seguir; um longo corredor à esquerda, um longo corredor à direita e um grande salão à frente. Os corredores são bastante longos e espaçosos, são iluminados com tochas que fazem a obsidiana refletir um belo tom de **roxo** e possui vários quadros, esculturas e prateleiras de parede com curiosos itens ao longo do caminho. Continuamos seguindo o longo corredor da esquerda e ignorando ambos os quartos com porta ou sem porta ou as escadas – quais o palácio tem abundantemente – até que chegamos onde o corredor faz uma curva e logo antes da curva há uma escada em espiral indo para baixo.

Tenho que agir rápido já que a mera ideia de ir ao subterrâneo já me deixa sem ar. Minha claustrofobia não é um medo irracional de lugares confinados; mesmo que eu ‘supere o medo’ simplesmente fico sem ar, me sinto fraco e mal a ponto de desmaiar facilmente se estiver em um local qual parece ‘sem saída’. Sou um caçador que não caça no subsolo; o que é irônico já que grande parte de minhas aventuras épica em Rpg foram nas partes nas mais profundas das minas dos anões.

Eu – Tem muitos poucos guardas aqui nesse lugar; não tem nem o suficiente para viajar algo importante como a entrada central do palácio...

Gabriel – Alguma coisa tá errado... É UMA ARMADILHA E VÃO PRENDER TODO MUNDO AQUI!!

Eu – Que todo mundo? E pra que iriam ter tanto trabalho para prender-nos? Você é louco; fica quieto.

Gabriel – Todo mundo é a gente; você não vale nada, mas eu sou muito importante! Não posso deixar minha vida acabar aqui! Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Eu – Você só é importante para si mesmo; não há ninguém que perderá tempo elaborando algo para lhe matar – nem a elfa lá se esforçou para isso.

Gabriel – Espere aí... Entramos tão facilmente e o que Ramisen estava fazendo aqui? Algo muito errado está acontecendo; alguma coisa muito ruim! D: .

Eu – Com base em que você assume que Ramisen estava aqui?

Gabriel – o que mais ele viria fazer aqui? Deve ter vindo resolver algo com a Dark Queen...

Continuamos andando enquanto Gabriel paranoicamente fala de como é tudo um plano extremamente complexo e elaborado para tirarem a vida dele até que ouvimos um grito que irritantemente ecoa através dos corredores – Gustavo!

Gabriel – AI o que FOI ISSO! ACHARAM A GENTE! CORRE!

Eu – Cala a boca; é Gustavo.

Gabriel – Como você sabe? Ah! Você conhece a voz dele... Sou gênio né? Dois segundos e eu mesmo respondi minha pergunta pelos meus poderes de percepção! Hahahahahahah!

Eu – Você é muito burro; para de falar besteira e se prepara para fugir – Gustavo tá correndo em nossa direção. E eu conheço a voz não apenas por ele ser meu amigo, mas por que raramente olho para a face de outros e uso as vozes para saber quem é.

Gabriel – Você é sinistro cara... Ali ele!

O remarque de Gabriel é totalmente fútil já que estamos na escada espiral onde só se vê alguém quando se está a poucos metros de distância.

Gustavo – \*han\*\*han\*\*han\* (respiração pesada). Tá fazendo o que aqui vei? Foi preso também?

Eu – Não; vim te salvar. Tá fazendo o que fora da prisão?

Gustavo – Eu acordei preso e fiquei locão tocando fogo em tudo e explodi minha cela e tô fugindo; vamo logo que tem uns caras me perseguindo!

Gabriel – Ele já tá fugindo sozinho! Só me pôs em perigo atoa!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! E POR QUE VOCÊ TÁ GRITANDO DEPOIS DE TERMOS TODO O TRABALHO DE CHEGAR AQUI EM SILÊNCIO!??

Gustavo – Esse cara tá fazendo o que aqui? D: .

Eu – Capturei ele e agora ele luta pra mim. Animal companion (companheiro animal).

Gustavo – Asashaushaushaushaushauhaushaush.

Gabriel – E- .

Eu – Cala a boca e vamo logo.

Ouvi os passos de Gustavo bem antes que ele chegasse pela capacidade de aguçar a audição como eu fiz com minha visão ou posso fazer com qualquer outro sentido; do mesmo modo ouço os guardas vindo em nossa direção e sendo atrasados pelo peso de suas armaduras.

Analisando a velocidade de movimento dos que perseguem Gustavo eu sinto que fugir seria fácil, contudo logo é possível ouvir os outros guardas vindo pelo corredor e nos encurralando.

Gustavo – D: .

Imagino dezenas de cenários calculando o resultado de batalhas, situações e rotas – também ouço uma leve risada em ‘fun’ que deve ser parte do estresse de minha imaginação. Decidindo o curso mais apropriado eu passo a executá-lo.

Eu – Lutar gastará tempo, contudo não tem como fugir sem lutar – tentar iria nos prender entre os dois inimigos. Seguraremos o forte aqui.

Gustavo – É... Eu tava correndo por que meu Kaiho quase acabou quando usei para destruir a cela. e.e .

Gabriel – Meus ataques de raio não fazem muito efeito neles e de ar vai fazer muita zoadas das armaduras batendo... Além de serem ‘um pouco’ mais fracos.

Eu – Fiquem perto e me deem suporte então.

Usando minha wakizashi eu ‘mato-os’ e chuto-os escada abaixo sobre os outros, porém eles não sangram, gritam ou demonstram dor em nenhuma maneira. Eu achei a energia que possuem estranha, mas agora tenho a certeza que não são seres vivos de verdade; são bem mais próximos de algum tipo de robô feito de matéria orgânica.

Gabriel – Tá esperando o que!? VAMO LOGO PORRA!

Sendo bem sucedidos em lidar com os na escada espiral, nós subimos de volta ao corredor onde vemos os inimigos aproximando-se. Olhando para o lado vejo uma das escadas do corredor; uma larga escada que leva ao andar de cima – a escada fica antes dos inimigos e podemos facilmente fugir por ela além de que não ouço nem sinto nenhum perigo lá encima... Sou tentado pela oportunidade e penso em mudar o plano que inicialmente fiz; novamente sinto como se houvesse uma voz em minha imaginação e que desta vez fala para mim através do próprio ar: “O que farás agora?”.

Viro meu rosto que olhava para a escada e olho para o corredor para o inimigo à frente. Seguirei com meu plano original. Novamente a voz ri levemente.

Engajo os soldados guardas e o modo de luta que cada um deles demonstra ter é bastante falho, porém diferente um do outro e o fato de serem basicamente robôs torna isto muito intrigante a ponto de tirar meu foco sobre uma rota de fuga.

Eu – Esses caras são muito estranhos.

Chegamos à entrada do palácio, entretanto os soldados estão se juntando em formação no jardim e entrando em grupos organizados no palácio – isto nos força a entrar no salão principal do palácio. É um salão amplo e alto que possui um grande lustre no centro assim como candelabros por todo o redor. Há duas escadas curvadas para a parte mais alta do salão que já é parte do andar de cima pois o salão toma o espaço de dois andares e no centro da parte mais elevada há uma passagem com alguns degraus para a próxima sala.

Eu vou lidar com a primeira ‘onda’ de inimigos enquanto Gabriel se prepara para lidar com a próxima. Gustavo está propagando fogo pelas cortinas e tudo mais inflamável para que possa usar tais em combate ao invés de ter que criar fogo de puro Kaiho.

Usando minha katana e wakizashi eu imaginei que seria fácil derrotar soldados com tantas falhas em seu modo de luta, todavia sou surpreendido quando todos começam a atacar em conjunto; são os mesmos movimentos que vi antes, mas usados em conjuntos eles são apenas um único movimento ‘perfeito’. Não há como defender, contra-atacar, desviar ou pará-lo; cada uma das falhas é preenchida pelo movimento do próximo soldado – cada um é como a

engrenagem que faz o outro funcionar; separados foram presas fáceis, mas juntos são uma força para ser reconhecida e temida.

Eu fico perplexo ao ser atingido pelo ataque; cada vez que eu defendia um dos golpes o próximo se tornava mais preciso e cada um deles tem sua parte em tal harmônico desígnio. Não fui atingido por uma simples questão de força ou velocidade; é finalmente um inimigo que pode me vencer em estratégia de batalha – finalmente um inimigo que pode ler meus movimentos, impedi-los e contra-atacar de modo que eu pareça um tolo ao ser atacado vez após vez. Cada movimento calculado me faz replicar de uma maneira determinada para que então em uma especifique quantidade de movimentos seja xeque-mate e eu seja atingido.

A mera realização de um inimigo com superior estratégia me faz perder a linha de pensamento e a cada vez menos saber o que fazer. Não posso simplesmente tentar usar pura força ou velocidade; tudo que sei fazer é vencer mentalmente o inimigo e agora enfrento um que não sou capaz de vencer em uma batalha mental. A única resposta que vejo é arriscar tudo em meus reflexos, velocidade e força. A falta de um deles faria com que todo o ataque se tornasse obsoleto, no entanto agem como um só organismo que protege todas as partes de si.

Gabriel não está tendo dificuldades na luta já que sempre se baseia em puro poder e sorte para ganhar. Já eu estou sem opção alguma; posso ver todos meus golpes sendo neutralizados e recebendo um ataque inevitável se tentar continuar o assalto. Tudo que faço é manter minha distância e analisar; eu simplesmente não consigo prosseguir meu ataque pois vejo que não será bem sucedido – não posso lutar com alguém que me vence até em cenas imaginadas por mim mesmo.

Gustavo atea fogo em tapetes e quadros em torno da sala e está esmagando os inimigos com punhos gigantes feitos do fogo; Gabriel continua criando oportunidades para Gustavo atacar por usar iarmancia e por os inimigos juntos para os ataques em área.

Já a ponto de perder minha mente pela confrontação de um inimigo que é totalmente imune a tudo que penso eu sou abençoado com um tempo para acalmar-me quando todos os soldados assumem uma mesma posição e curvam-se em direção à passagem entre as escadas. Olhamos atentamente para a passagem e um súbito silêncio toma a sala que estava agitada pela batalha; até as próprias chamas de Gustavo parecem terem se tornado mudas. Ouvimos lentos passos vindos da passagem e uma figura começa a aparecer.

## Epílogo 九

Iglu – Muitas vezes chamada de 'casa de neve'. Uma cabana de gelo.

Golem – Seres bastante comuns e muitas vezes artificialmente criados por apenas um material base; raramente possuem inteligência e raciocínio.

Barbegazi – Um tipo de criatura que é como um 'goblin das neves'. Eles são pequenos e possuem pés grandes e peludos; são uma raça pacífica.

Yuki onna – Literalmente 'neve-mulher' é parte da mitologia japonesa como uma bela mulher que aparece para os homens em locais nevados e seduze-os para suas mortes. Ela pode se alimentar da energia vital de tais e tornar-se mais poderosa ou procriar. São 'ayakashi'; algumas vezes chamadas de 'youkai' – você se tornará exímio em tais termos no futuro.

Dragões – Existem diversos tipos de dragões. Um tipo específico é bastante usado como montaria pois atinge apenas determinado tamanho e muitas vezes não possui fogo; não confundir com o raro 'dragão chinês' ou os monstruosamente colossais e lendários dragões.

Neste capítulo foi interessante notar como todos estão ocupados com suas vidas e há muito mais acontecendo do que o mostrado ou do que Alison sabe. Ramisen estava realmente ocupado com algo, por algum motivo havia poucos soldados em um gigantesco palácio e muitas pessoas (como os barbegazis) estão morrendo, sofrendo ou sendo salvas todos os dias ao redor do mundo.

É uma mera ilusão pensar no 'bem' por libertá-las pois provavelmente logo serão o alvo de outro; não há como libertar todas e muitos dos próprio salvos causarão o 'mal'. Por ter uma ideologia própria Alison percebe coisas assim e por isto se preocupa primariamente consigo mesmo e seus amigos.

Os humanos são um dos seres que têm e demonstram empatia; a empatia é a base para todo senso de 'certo', 'errado' e por boa parte da 'justiça'. A empatia pode ser vista de vários pontos diferentes, porém muitos seres simplesmente não a possuem.

Algo importante demonstrado foi mais uma vez ressaltar quão decisivo Alison é; quando confrontado com algo ele sabe ou não o que fazer. Durante as lutas ele analisa o oponente e toma ações com o resultado final já em mente ou confrontado com situações inesperadas ele age para criar um resultado final favorável – como quando ele instantaneamente realizou que Gabriel seria necessário. Neste capítulo vimos o efeito contrário disto; ele se confronta com um inimigo e adquire a plena certeza que é impossível que ele obtenha vitória – ele já sabe que tudo que fizer resultará em um final indesejável e tal realização pode eventualmente ser fatal já que ele não verá razão para prolongar o sofrimento por postergar sua própria morte.

Início do mês sete quando Alison encontra-se com a Dark Queen (dia 182 ano 002).

**Ramisen Del Lacourte**

ランミセン。デル。ラコウルテ

Ele nasceu em 159 AEK (1857). Comandante das forças armadas do Império Vampírico.

Ele tem 1,80m de altura. Seu cabelo é **negro** e ele o mantém até o meio de suas costas; geralmente amarrado com uma fita na altura dos ombros e novamente perto do final – fazendo a figura de um longo ‘8’ com uma pequena cauda como finalização, ele é certamente bastante estiloso. Parte notável de sua vestimenta é que quase sempre usa um sherwari, geralmente nas cores **púrpura**, **quantum** e **vermelho**. Sua pele é pálido-branca e possui olhos de cor **âmbar**. Ele é de físico bastante definido por seus anos de treino e batalhas. Ele tem a aparência semelhante ao de um humano de vinte e cinco anos.

Ele serve ao Lorde Vampiro e tem que obedecer a suas leis e as do ‘Conselho’. Embora ele já sirva ao Lorde Vampiro há anos ele tem seus próprios objetivos que procura atingir. Ele tem algo como um complexo de superioridade, é arrogante e possui muitos inimigos.

Ramisen – Suas palavras são fúteis; não perderei meu tempo com um tolo desprezível.

Ele também sempre tenta manter a compostura e a calma, porém mesmo assim ele não esconde os verdadeiros traços de sua personalidade.

Ramisen – Estais me insultando, tolo maldito!?

Ele possui duas ‘espadas gancho’ feitas especialmente para ele de Bedenium; seu nome é Futasuki (両吸血鬼). Ramisen é extremamente hábil em corpo-a-corpo ou à distância. Ele usa seu reiteki vampírico para projéteis e também em conjunto com suas espadas; sua defesa, ataque, agilidade e estratégia são excelentes. As espadas-gancho possuem um meio especial de combinarem seus ataques e podem aumentar bastante o alcance de seus ataques em movimentos que combinam o uso das duas como apenas uma arma (ele ama tal alcance). Seu modo de luta é perfeitamente balanceado e ele é conhecido por todos por ter sido um caçador de recompensas famoso (conhecido como o mais poderoso caçador e caçando com sucesso até dois ex-comandantes do Conselho) e agora ser o comandante do exército vampiro – não apenas um lutador excepcional, mas também um estrategista excepcional; habilidoso, astuto e esforçado em conseguir o que quer ele é admirado até pelos que o odeiam. Ele não hesita em abater seu inimigo ou até inocentes que acabarem em seu caminho.

Embora ele possua muitas ‘más qualidades’ é ruim apenas tê-lo como inimigo, mas não é incomum ele estar acompanhado por algum dos amigos que tem no Conselho e afora ou ajudando seu povo mesmo que seja parte de seu trabalho. Ele é daltônico para o espectro **azul**, mas isto não tem real efeito já que ele pode sentir a presença de tudo e até determinar que embora ele veja duas coisas da mesma cor as cores são na verdade diferentes – o único efeito é que se pode dizer que o mundo é menos belo para ele.

Vampiro puro sangue. Marquês. A+ rank.



## The Dark Queen

*“E o Ser Divino aliciou-me; e foi a mais bela e pura das coisas deste mundo.” – Kaiho,  
Canto 10.*

Uma bela jovem de cabelo **amêndoa** em estilo ‘cobra bun’ com uma tiara e ornamento segurando o ‘cobra bun’, usando um vestido escuro sem mangas e luvas que se estendem por todo seu braço; sua íris é de cor **orquídea escura** com um olhar frio, mas misericordioso como o de uma deusa olhando aos seus indignos súditos. Um sabre rapieira em sua bainha se encontra ao seu lado preso pelo cinto em sua cintura. É verdadeiramente uma pessoa imponente, porém algo faz com que eu não me sinta ameaçado por sua presença.

Logo sou levado de volta à ‘Terra’ quando Gustavo atrapalha minha contemplação.

Gustavo – DEU TANGA VEI! VAMO FAZER O QUE!!? O BOSS CHEGOU!!!

Eu – É... É... Os inimigos lutam em perfeita harmonia; é tolo lutar com eles assim. São como formigas que possuem funções insignificantes, mas que são essenciais para o sucesso. Tenta fugir e esmagar as ‘formigas’ separadamente que não apresentarão uma ameaça.

A aparência divinal da Dark Queen destaca-se ainda mais quando – com um tom calmo, não obstante firme; lindo e doce, contudo não meloso pois sua voz é grave – replica ao que falo. É como uma sinfonia dançando entre a melodia das oitavas sempre crescendo, mas que ameaça parar entre cada bemol. Um som tentativo qual sempre se quer ouvir mais pois parecer esconder nas sombras não ditas o real significado e mais.

Dark Queen – Formigas mensageiras do mal são. São como abelhas.

Formigas e abelhas, assim como muitos outros insetos, possuem uma forma de divisão social ‘perfeita’ onde cada um realiza funções específicas para que sua sociedade continue de modo harmonioso; o que a Dark Queen falou foi totalmente fora do ponto e basicamente apenas confirmou o que falei, todavia ela parece esperar uma resposta. Com algo tão insignificante como a frase que ela falou ela já pôde me pressionar contar a parede; sinto-me do mesmo modo de quando estou apenas avaliando meus oponentes por fazer movimentos que os causaram a reagir da maneira que quero – a Dark Queen acaba de fazer isto usando uma simples frase. Suas simples palavras são a coisa mais aterrorizante que já confrontei; intimida minha própria mente e intelecto de um modo nunca antes imaginado. Como meras palavras têm tanto efeito sobre mim!?



Deixar o inimigo ter efeito intimidador sobre mim quase me custou caro contra seus soldados; não sou alguém que permitirá que isto aconteça novamente – não sou alguém que pode ser destruído psicologicamente.

Eu – O resultado final será o mesmo; apenas cortarei as asas antes de esmagá-las.

‘As asas’ é uma clara analogia ao que os mantêm – ela.

Dark Queen – ‘Minha minha\*’; quão agressivo, nada obstante não parece veraz vindo de alguém que estava destinado a perecer há pouquíssimo tempo. O que farás então?

Eu – Eu preciso apenas...

É uma conversa aparentemente calma, contudo cheia de insultos e provocações ‘leves’. Eu faço uma pequena pausa em meio à sentença enquanto inclino um pouco minha cabeça para baixo entrando em posição favorável.

Eu – ... Esmagar a rainha!

Sem a rainha não há sociedade; se tornam insetos individuais que podem ser esmagados com facilidade. Eu termino a frase já pulando e começando um assalto direto à Dark Queen – seu semblante muda levemente para um de surpresa.

Ao meu sinal de agressividade todos os soldados resumem o combate que estavam antes de a Dark Queen chegar. A Dark Queen dá um passo para trás e soldados claramente superiores aos demais tomam sua frente para protegerem-na.

Dark Queen – Paz!

Em resultado a sua firme ordem os soldados param imediatamente na posição que estão e ficam como estátuas – ela cancela a ação que é sua própria defesa.

Dark Queen – Eu não esperava que fosses agir tão precipitadamente... Pela descrição no relatório que recebi tu deves ser Azure; o humano que destruiu o portal do Jisatai.

Ela não está perguntando; ela fala com a completa convicção pois sabe que está certa. Ela entra para a próxima sala e parece estar convidando-nos para segui-la. Sem entender o que está acontecendo ou que tipo de armadilha pode ser eu não posso fazer nada além de ficar com um olhar confuso.

Dark Queen – Não há razão para atacar-me ou de sermos inimigos.

Eu – Eu não lhe ataquei; eu estou lidando com os que me atacaram.

Dark Queen – Atacaram-te porque invadistes meu palácio.

Eu – Invadi porque me atacaram e prenderam meu amigo aqui.

Dark Queen – E o que se alguém o atacou e o prendeu aqui? Este é o exato ponto com o qual permiti que aqui chegassem; em suma a ordem para o ataque não foi por mim dada. Siga-me e poderemos resolver isto de maneira mais civilizada.

É um cenário semelhante a uma armadilha óbvia, porém decido conceder o benefício da dúvida... Não que eu tenha um amplo leque de opções para escolher meu curso de ação.

Eu – Ouvirei o que tens a dizer.

Andamos pela passagem entre as escadas e chegamos à sala do trono; outro grande salão bem decorado e com um imponente trono que fica a alguns degraus acima do nível do resto da sala – a sala é repleta de detalhes em ouro e seda **carmesim**. Em nossa esquerda há uma passagem para uma sala com uma longa mesa; uma sala de jantar com cadeiras esculpidas em ébano possuindo detalhes em ouro e um acolchoamento em linho fino – é a exata visão do glamour da realeza medieval e sem aparentar ser algo inferior ou ‘do passado’. De fato a madeira da mesa e cadeira é além da perfeição de qualquer verniz humano.

Na sala há alguns ‘goblins\*’ e ao vê-la saem da sala. Ela senta-se na cadeira em uma das extremidades da mesa, Gustavo na outra e Gabriel próximo a Gustavo. Eu não finjo as coisas e não vou ‘me comportar’ com alguém que estava tentando matar agora a pouco; assim permaneço de pé com os braços cruzados esperando o que ela tem a dizer.

Suor quente, já tornando-se frio, escorre em minha testa e logo os goblins voltam com um bule de fina porcelana e xícaras de estanho. Ela lentamente enche parte de sua xícara e prova o chá; como uma ocasião qualquer.

Dark Queen – Desejas um pouco de chá? Tenho ‘quase’ todos os tipos.

Eu – Eu não aprecio chá. Quero terminar o que vim fazer e ir embora.

Dark Queen – Minha minha; e o que seria isso?

Eu – Resolver o problema de que me atacaram... Você sabe muito bem o porquê estou aqui!

Dark Queen – Entendo; vais direto ao ponto.

Eu – Não simpatizo com ‘o inimigo’ e até onde sei você ainda é um.

Ela põe seus cotovelos sobre a mesa e apoia seu queixo sobre seus polegares atrás das mãos.

Dark Queen – Em meus relatórios tu, Azure, possuis apenas um companheiro...

Eu – Esse necromante se envolveu durante o ataque e tive que usá-lo para chegar aqui.

Dark Queen – “Usá-lo”... Muito bem; com respeito ao ataque... Sim; foram alguns de meus soldados que te atacaram e levaram como prisioneiro teu amigo, agora um homem livre, entretanto não fui eu que ordenei o ataque.

Eu – E porque deveria eu acreditar no que você diz?

Dark Queen – Não tens por que; a escolha é tua.

Eu – Só isso? Que tipo de pessoa convence alguém assim!?

Gustavo – Tu; tu fala bem assim e se não acreditarem é problema deles. e.e .

Eu – Não vejo razão para acreditar; se não tiver mais nada há falar eu irei resumir meu assalto.

Dark Queen – Resumir teu assalto? És um homem livre e podes banquetear-se aqui antes de andar teu caminho.

Eu – ...

Dark Queen – Mas pense bem; qual razão teria eu para atacar um humano qualquer? Tampouco vejo motivo para que queiras me atacar; logo estou tentando trazer-te entendimento sobre o que está acontecendo, entretanto como falei: tu decidirás. De qualquer maneira está aceitável para mim.

Sua falta de preocupação com a situação trás aflição e não felicidade pois seu olhar na última frase deixa claro que não sou ameaça alguma para ela; ao olhar para ela se pode ver que ela não é alguém que blefa. Minha melhor opção é ver o motivo final por qual ela está se dando o trabalho de explicar-se.

Eu – Supondo que o que você diz é verdade; quem enviou o exército, por que e como sugere que isso seja resolvido?

Dark Queen – Minha minha; não tenho a intenção de apresentar em vão. Não posso agregar em meio à corações duvidosos.

Eu – Se eu tivesse intenção de sair em paz eu teria o feito há três diálogos atrás.

A Dark Queen smirka e prossegue a dizer: “Eu libertei os goblins que eram meus servos como parte da Família Real e após isto eles escolheram servir-me de volição própria. Porém ainda há goblins que têm... ‘Ressentimentos’ com respeito ao tempo que eram escravos. O nome ‘The Azure Hunter’ foi bem falo entre as criaturas pelo modo que lidastes com centenas delas. Acredito que um goblin enviou o exército para que tu viesses aqui e executasses a vingança dele sobre mim.”.

Eu – Parece muito conveniente para se acreditar, mas eu posso mudar de ideia após ouvir a conclusão que vês para tudo isso.

Dark Queen – O goblin usou alguns soldados para atacarem os ‘cherufes\*’ que vivem próximos ao palácio. Normalmente uma tribo de cherufes não representa uma ameaça, entretanto grande parte de meu exército não está aqui e os que estão logo não passarão de estátuas – o que também foi obra do goblin. Assim como deve ter ocorrido contigo, eles encontram passagem livre até o palácio.

Eu – Está supondo que além de acreditar em sua estória tenho que lutar por você contra seus inimigos!?

Dark Queen – Exatamente o que falei. Humanos são mais inteligentes que pensei.

Eu – HAHHAHAHAHAHAHAHAHAHA; isso é um absurdo! Espero que você ainda tenha algo mais para dizer porque agora quero atacar-lhe bem mais que antes de você começar a falar.

Dark Queen – Minha minha; o modo como falas demonstra tanta presunção que é insultante. Pois bem; ainda não terminei minha oferta. *Irás acabar com meus inimigos em meu lugar e sobre o mundo ensinar-te-ei.* É de conhecimento meu que estais à procura dos portões e posso dizer-te exatamente onde estão e muito mais sobre este mundo que não sabes nada sobre.

Eu – Você poderia ter economizado meu tempo e corrido menos risco de morrer se apresentasse sua proposta logo de início. Usotsuki korosu beshi.

Dark Queen – Fufufun; não esperei que entendesses sem uma estória.

Eu – Você diz que eu sou insultante, contudo você que nós trata como tão inferiores que falar como igual lhe é insultante.

Dark Queen – Certamente não somos iguais, mas tratar-te mau!? Sou o ser mais misericordioso que conhecerás... Por tua mudança de atitude devo perceber que aceitarás minha oferta?

Eu – Não é como se eu acredite na estória que contaste, porém o oposto também é verdade que não vejo o porquê causaria isto tudo. Além de que o que tenho a ganhar com a proposta é tentador. Já que me pede para lidar com os cherufes devo presumir que são do nível das criaturas que enfrentei na Nova Zelândia?

Dark Queen – Nas ilhas dos humanos? São um pouco mais poderosos e perigosos, entretanto não acho que posarão um desafio.

Gustavo – Vai aceitar mesmo vei?

Gabriel – É claro que ele vai! É a coisa mais sortuda que já vi acontecer na minha vida! O cara entrou atacando a pessoa e acaba fazendo um trato com ela; vocês não sabem, mas o que ela diz é verdade. Se ela quisesse já teria matado a gente!

Eu – Cala a boca vai cara; se ela tem poder para acabar conosco por que ela precisaria de nós para acabar com os cherufes?

Os dois olham para ela como se esperando uma resposta, mas ela apenas sorri levemente.

Gabriel – É mesmo né... Não aceita não; é enganação!

Eu – Já falei para ficar quieto; vamo lá logo que já somos bons em matar as coisas.

Dark Queen – É apenas razoável que tenha aceitado; um caçador (Hunter) não recusaria um convênio tão benéfico para ele.

Gustavo – Tá bom; tu que sabe das coisas... Que porra é um cherufe?

Eu – É basicamente um lagarto humanoide grande e de rocha com lava.

Gustavo – Como tu sabe disse vei!? Ninguém no mundo sabe disso!

Eu – Eu sei de muitas coisas. É parte da cultura lá da América do sul, de onde hoje é o Chile. É um conhecimento comum de mitologia; você que fica na rua todo dia sem aprender nada.

Uma explosão corre e nós sabemos que começou; Gabriel e Gustavo olham ao redor ansiosamente como se estivesse procurando por uma janela, contudo pelo tamanho deste palácio a janela mais próxima em algumas direções devem estar há mais de um quilômetro de distância. A Rainha calmamente toma outro gole de seu chá e eu acidentalmente olho para meu ombro quando vou mentalmente encontrar a posição do inimigo.

Eu sinto algum peso neles; como quando eu senti a diferença de Ramisen para os outros vampiros na Superfície – desta vez sinto nublado, mas muito mais preciso que antes e estou comparando com as presenças que senti dos monstros na Nova Zelândia. Depois do fiasco contra os bonecos da Rainha eu sinto-me levemente inseguro em ir contra alguns super fortes homens-lagarto feito de rocha fervente enquanto eu uso espadas.

Eu termino minha sessão de análise e eles estão apenas alguns quartos, e um andar, de distância. Eu pego uma xícara da mesa, bebo todo em um gole e viro-me para a luta que não está a minha espera, mas antes que eu possa dar um passo para frente sou levado de volta pelo sabor em minha boca.

“É isso jasmim?” – eu pergunto incredulamente.

Rainha – Sim; Meu favorito.

Eu – Você tem bom gosto.

Eu resumo minha saída, mas mais uma vez sou impedido.

“Em que?” – ela pergunta misteriosamente.

Eu – Em ambos caçador e chá.

Dark Queen – Apenas?

Eu – Isto ainda estou para aprender.

Ela smirka. Eu vejo que ela gosta de dançar com as palavras. Bem, eu sou um caipira, mesmo assim apenas um tolo ousaria desafiar-me na maneira de jogos de palavras.

Eu estou a ponto de sair; cheguei na porta, mas encontro ainda outro obstáculo à minha saída.

Gustavo – Tô sem poder ainda; faço o que?

Eu – Ainda dá para tu controlar o fogo já feito; fica aqui e usa o fogo dos candelabros se precisar. Gabriel; vai para aquele salão inicial e destrói os que apareceram por lá.

Gustavo – Que candelabro?

Eu – Esses aqui aí com as velas; tá ficando burro é?

Gustavo – Ah é; tinha esquecido.

Gabriel – E tu vai fazer o que?

Eu – Não importa; só vai fazer o que eu disse. Vou ir ajudar os soldados ainda restantes na frente de batalha e caçar qualquer cherufe que vagarem pelo palácio.

Dark Queen – Esperar-te-ei aqui. Avise-me quando tiveres terminado para que os goblins façam os reparos necessários.

Gustavo permanece com a Dark Queen enquanto eu e Gabriel vamos para nossas posições.

Gabriel – Tu confia nela é? Ela tá tramando alguma treta; tô sentindo.

Eu – Eu sei; acha que sou burro? Mas só luto quando é preciso e ela é certamente infinitamente mais útil que você... E além do mais os dois lados parecem estarem sendo beneficiados. Eu luto mais um pouco como em treinamento e ela pode me dar conhecimento por simplesmente abrir sua boca e falar.

Gabriel – Vai ser enganado e vai morrer; tô dizendo. Me liberta logo antes que ela mate a gente vai!

Eu – Toma as porcarias das chaves; se fugir sem destruir os bichos que aparecerem aqui eu lhe pego ein.

Gabriel – Eu sei né; vou matar e depois vou embora. Tomara que ela mate você mesmo.

Ele destranca as algemas e começa a rir freneticamente.

Gabriel – MUAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA! MUAHAHAHAHAHAHAHA! FINALMENTE! LIBERDADE! CHEGOU A HORA DE USAR ISTO!!!!

Ele tira mais uma de suas poções do puro ar, porém esta é diferente. Ao beber a poção sua mana tem um boost tão alto que chega a emanar lentamente de seu corpo.

Gabriel – Aêla; agora você vai ver o que é poder! Vou derrotar tudo com um golpe só!

Eu – Tenho mais o que fazer; não deixa nenhum passar.

Deixo Gabriel em seu posto defensivo e parto para a ofensiva; logo vejo os primeiros cherufes. Lagartos humanoides feitos de pedra e lava possuindo em torno de três metros cada – algo assim costumava ser um dos monstros de filmes de ficção e certamente um único dizimaria um inteiro vilarejo humano, mas para mim a única preocupação que ele me causa é sobre se as rochas irão ‘cegar’ minhas lâminas.

Em meu primeiro ataque minha preocupação acaba – já estraguei o fio de minha katana e terei que afiá-la antes de usá-la novamente para cortar. Meu corte atinge sua lateral esquerda da barriga e a katana fica presa entre as rochas. Ele tenta me atingir com um golpe com seu braço esquerdo; desvio por me abaixar. Logo em sequencia ele tenta um soco de direita e desvio dando um ‘salto mortal’ para trás enquanto puxo a katana de sua barriga no processo.

Ele ‘sangra’ um pouco de lava e vejo que não são simples rochas; é algum tipo de organismo rochoso. As rochas que constituem sua barriga são diferentes do resto de seu corpo; répteis geralmente possuem escamas e muitas vezes suas barrigas são um ponto fraco em uma

armadura natural – mesmo assim não posso simplesmente cortar através de rocha sólida enquanto um lagarto gigante tenta me matar. Obviamente tal criatura tem uma força extraordinária e mesmo com minha agilidade não correrei o risco de levar um soco deles.

Não tenho ideia de onde é o arsenal para que eu pegue uma arma de impacto como um martelo (contanto um martelo é muito diferente de espadas e eu preferiria uma maça); o tipo de arma usada muitas vezes decide o resultado do combate – não há muito que eu possa fazer com minhas espadas nesta situação.

Por serem criaturas com intelecto inferior eu tenho como escolha usar técnicas mais ousadas para destruí-los. Atraio vários para um mesmo local e desvio de seus golpes de modo que se destruam; uso as rochas dos já caídos que não estão coberta em lavas como projéteis para destruir outros e assim por diante. A humanidade sofreu extensos danos contra muitas criaturas bárbaras como esta pela razão que não soube como lidar com a situação; talvez agora eu entenda melhor o que Ramisen disse sobre nível de poder – não é uma real experiência de luta lutar contra seres bárbaros assim. A luta entre os elfos e orcs foi algo totalmente diferente que este desorganizado e fútil ataque que os cherufes estão fazendo.

O que aprendi sobre manejo de arma tive que aprender por mim mesmo; não foi como se meus adversários me fossem úteis – eu simplesmente assistia e via as muitas oportunidades que eu tinha para atacar e assim eu aprendi de qual ângulo é melhor para cortar, como mais efetivamente segurar a espada quando defendendo, atacando ou esperando.. Contra os soldados da Dark Queen que lutam com técnica eu fiquei praticamente indefeso; percebi que ainda não sei nada sobre batalhas de verdade e malmente sou capaz de lidar com criaturas intelectualmente inferiores como os cherufes.

Continuo andando pelo palácio e destruindo as partes vitais dos cherufes com ataques à distância; jogando o que encontro no caminho como fiz na grande batalha na ilha Stewart – como tenho mira horrível jogo os projeteis de perto e isto até os fazem mais efetivos.

“Eu preferiria que não estragasses meus antigos livros e inestimáveis obras de arte que contam toda a estória deste mundo.” – ouço a voz da Rainha em minha mente.

Eu – Eu relutei, mas não vejo maneira melhor de enfrentá-los.

Rainha – Três câmaras à frente, uma a esquerda e mais uma vez à frente e um arsenal encontrarás.

Eu prossigo para o arsenal.

Rainha – Destruístes mais cinco preciosas obras.

Eu – Eu não podia chegar ao arsenal com eles me perseguindo.

Rainha – Qual arma desejas?

Eu – Pensei em usar uma maça, contudo no momento que eu esmagar um membro de um cherufe eu receberei um banho de lava... Qual recomendas?

Rainha – Recomendo que sigas o que bem desejares.

Eu – Uma maçã é problemática, contudo é estrategicamente proveitosa. Pensar em onde atacar para não ser atingido pela lava enquanto calculo o dano de impacto e não de corte será uma difícil e perigosa aprendizagem que me fará mais forte para o futuro.

Não há resposta alguma da Rainha em minha mente, contudo posso quase sentir seu smirk. Com a maçã em mãos volto a destruir os cherufes e em passo bem mais rápido agora que estou melhor armado... Pensando bem estou bem e quase curado dos golpes que recebi dos guardas; claro que quando eu via que iria ser impossível evitar futuros golpes eu escolhia ser atingido antes por um golpe de impacto ao invés de cortes, porém ainda recebi considerável dano e limitações... O chá da Rainha é certamente da mais alta qualidade e não seria surpresa que ele sirva, até certo ponto, como as poções de regeneração.

Continuo aleijando e matando cherufes – trocando de braço quando o peso da maçã e dos golpes doem em meus músculos – até que sinto batalha no segundo andar. Chegando à sala de jantar encontro a mesa virada e Gustavo enfrentando uma besta que cospe fogo.

Gustavo – ALISON! CORRE AQUI! ESSE DRAGÃO É DA DESGRAÇA DEMAIS!

Eu olha para a besta e não vejo asas; olha para a Rainha e vejo um olhar que só pode significar: “Eu já informei-te que é uma salamandra.”.

Salamandras são lindos anfíbios e praticamente inofensivos se não forem peçonhentas, contudo as criaturas mitológicas conhecidas como salamandras são realmente seres lendários; são raros até em histórias. São ‘anfíbios’ que vivem tanto na terra quanto na lava; não sei muito além disto – aprenderei enquanto luto-a.

Eu – Como mato isso? Só cortar a cabeça fora?

Dark Queen – Se conseguires fazê-lo, funcionará.

Eu lanço a maçã fora enquanto empunho minhas espadas e me preparo para um combate mais perigoso que meros cherufes; embora não seja uma criatura ‘inteligente’ – apenas um animal – ela percebe que seus ataques de fogo não são muito efetivos contra Gustavo e que sou a maior ameaça. Com isto ela direciona sua atenção a mim.

A salamandra começa por cuspir projéteis de fogo; ela não simplesmente atira uma rajada constante de fogo, ao invés disto ela lança um projétil mediano, espera meu movimento e ataca novamente – muitos animais têm um ‘instinto’ natural de combate e maneiras diferentes de lidar com ameaças. Animais geralmente sabem medir a ameaça que o adversário representa e fogem de batalhas que as probabilidades estão contra eles. Até os animais sentem a manifestação do poder de outro que é chamada ‘presença’; logo esta salamandra deve estar sentindo minha presença e acredita que vencerá.

Eu começo o assalto por ir a sua direção enquanto desvio de seus projéteis de fogo. Estando em corpo-a-corpo eu ataco-o freneticamente na área de seu pescoço e cabeça; cada ataque é em um ângulo e local diferente, contudo sua pele é escamosa como a de um réptil e meus ataques não têm efeito. Uso a katana para não perder o fio perfeito da wakizashi.



Continuo atacando enquanto ele tenta me acertar com fogo e com patadas; ele é bastante ágil, contudo eu manejo de desviar enquanto ataco-o. Prossigo saltando e rodando ao redor dele ao mesmo tempo em que desvio de seus golpes e atinjo diferentes partes de seu corpo. Suas pernas, cabeça, costas e cauda são virtualmente imune a meus ataques; apenas minha wakizashi conseguiria fazer tanto quanto um arranhão, mas guardá-la-ei para quando encontrar o ponto fraco.

Sua cauda tem a ponta larga e achatada assim como a de um anquilossauro; vendo que meus ataques cortantes não têm efeito eu decido tentar ataques de impacto. Ele ataca-me com sua cauda e sustenho o impacto com as duas mãos; em seguida uso sua cauda para jogá-lo contra a parede. Tenho que usar quase cem por cento de minha força para arremessá-lo e mesmo assim ele evita sofrer dano por enrolar-se igual a um tatu e chegar ao chão ileso.

Dark Queen – Minha minha...

Ele continua rolando em minha direção e sou forçado a me defender usando minhas espadas; ele continua pressionando e me coloca contra a parede. Mesmo se eu tiver força para lançá-lo para trás isto danificaria grandemente minha katana; por isto decido pular sobre ele – mesmo que me cause dano é a melhor opção.

Ele começa a andar ao meu redor e tenho que ser mais cuidado já que seu último ataque feriu minha perna. Realizando sua vantagem ele tenta me restringir ainda mais antes de tentar o golpe final por voltar a usar projéteis de fogo.

Com minha mobilidade reduzida e sem sinal de enfraquecimento da salamandra eu percebo que tenho que finalizar a luta o mais rápido possível. Seus olhos provavelmente podem ser perfurados até o cérebro, contudo isto a daria uma ótima oportunidade de me despedaçar e se falhar a katana ficaria presa; sua parte do corpo que parece mais vulnerável é sua barriga que tem um tipo diferente de escama.

Parto novamente para a ofensiva e desvio de seus ataques por pular sobre suas costas; até faço com que ele atinja a si mesmo com sua cauda, porém não causa real dano. Consigo o planejado que é que ela fique sobre duas patas e deixe sua parte menos protegida exposta. Com a oportunidade em vista eu atinjo-o com uma estocada\* dupla das duas espadas ao mesmo tempo. Sua pele aqui é realmente menos resistente, contudo é muito espessa e não causo o efeito necessário; apenas me melo com a gosma que sai de seu couro além de deixá-lo mais irritado.

Ele tenta me esmagar e eu rolo no chão para minha direita onde joguei a maçã; no tempo que a salamandra vira para mim eu já peguei a maçã – ela tenta uma rajada de fogo logo à minha frente, contudo eu desço a maçã com toda força em sua cabeça de modo que a boca não abre para solta o fogo. Não calculei bem a força do impacto da maçã e o choque corre pelo meu braço e talvez tenha deslocado meu ombro (sempre pude mover o osso de meu ombro e não sei se deslocou, mas posso mover meu braço ainda embora esteja em dor). A rajada que deveria ter saído explode dentro da boca da salamandra e me lança alguns metros para trás.

Eu levanto-me parcialmente atordoado e com o braço doendo e a salamandra apenas parece mais irritada enquanto silva deixando sair fumaça entre suas presas.

Gustavo – Porra! Tu já bateu em todo lugar do bicho; essa porra é indestrutível. D: .

Eu – Esse bicho já tá me revoltando; vou matar ele nestante.

Gustavo – Ele que tá ganhando.

Gustavo está certo e se continuar deste jeito eu serei derrotado em breve; como já tentei quase tudo que me veio à mente está na hora de uma solução mais radical. Já tentei atacá-lo por todas as áreas externamente e causou apenas ruína a minha katana – terei que atacá-lo por dentro. Não acredito que ele será tão resistente por dentro e se for não tem como eu matá-lo mesmo; este assalto decidirá o vencedor do combate.

Gustavo – Tu vai fazer o que vei? TU VAI FAZER o que!!??

Eu – Quem disse que vou fazer alguma coisa?

Gustavo – Tu tá com aquele sorrisinho do mal na cara; TU VAI FAZER o que!!?? MORRE NÃO EIN PORRA!!!

Dark Queen – É verdade; é o mesmo semblante que usastes ao me atacar.

A Rainha parece estar entretida.

A salamandra possui um metro e meio de altura e mais de três metros de comprimento; é mais que o suficiente. A salamandra parece estar esperando meu movimento e fica olhando cuidadosamente pra mim; repentinamente começo a correr em sua direção. Ela lança rajadas de fogo as quais eu apenas movo-me um pouco para direita ou esquerda enquanto continuo aproximando da besta.

Eu – Hizamazuite!

Ao chegar até ela eu defendo-me de sua rajada de fogo com minha blusa de frio enquanto ‘mergulho’ em sua boca. Rapidamente puxo minhas pernas de onde podem ser mastigadas e passo a ser apertado pela salamandra que tenta impedir que eu prossiga mais fundo dentro dela – eu giro com uma lâmina em cada mão para força meu caminho dentro dela. Enquanto passo de sua garganta e empurro-me ainda mais fundo ela começa a mover-se randomicamente e usar rajadas de fogo que se formam dentro de seu corpo; felizmente, ou infelizmente, eu estou coberto dos fluídos gosmento dela e o fogo lançado quase não tem efeito sobre minha blusa de frio coberta pela camada de gosma.

Eu cortei boa parte de sua garganta e agora em seu estômago já sinto que ela parou de se mover; uso minha wakizashi e abro sua barriga por dentro que é muito mais macia que a resistente camada do lado de fora.

Eu saio da barriga da salamandra e estou ofegante além de coberto em gosma e sangue; Gustavo está feliz por ver que ganhei, mas também com nojo de minha situação atual. A Dark Queen está demonstrando satisfação com minha vitória, contudo também um pouco de repugnância quando ao meu estado. Gabriel entra na sala.

Gabriel – Parece que acabaram os cherufes... TÁ NASCENDO CARA!? ASUHASUHASUHASUHSU.

A salamandra decompõe-se em cinzas e de entre elas um bebê salamandra surge.

Eu – Tenho que matar esse também...?

Dark Queen – Ele renasceria novamente. Glacemancia causaria uma morte permanente.

Gustavo – Mata não vei!

Eu – Por quê?

Gustavo – Olha como é bonitinho. =D .

Eu – ...

Dark Queen – ...

Gabriel – Isso é uma salamandra? UMA SALAMANDRA!? Um bicho desse é muito raro; se não quiser ele então me dá que eu crio ou então vendo... Um bicho desse vale muito!

Gustavo – Naum (não); eu que vou criar ele!

...

Dark Queen – Azure...

Eu – Oi?

Dark Queen – Teu cabelo está em chamas.

Eu – ...

Não consegui discernir o significado das palavras falas.

Gustavo – Vixe meu deus! Tá pegando fogo! Rápido; joga água!

Percebo que suas palavras foram literais; dentro da salamandra deve ter iniciado um pequeno fogo que agora cresceu e se tornou visível. Sem perder tempo apago o fogo, contudo causou danos ao meu cabelo e agora é preciso cortá-lo. Estava pouco abaixo do meio de minhas costas; agora mal chega aos meus trapézios e ombros. Quão entristecedor após todos os anos que levou para que crescesse... É raro que eu fique triste.

Dark Queen – Parece que cumpristes tua parte Azure; queres um pouco de chá antes de começarmos a discutir além?

Eu – Você está vendo o estado em que estou!? Quero discutir onde tem um banho quente, comida e onde dormir; então falaremos sobre o que quero saber.

Dark Queen – Limpe-se nas fontes do jardim antes de banhar-se no palácio.

Eu – Gabriel. Pode ir embora; deixarei você viver por enquanto.

Gabriel – Uhhuuuuuuuu! Thau; fui valeu... PORRA; ESQUECI DA POÇÃO! EU PODERIA TER FUGIDO DESDE O COMEÇO COM MINHA POÇÃO!

...

Gabriel – Tchau...

Gustavo – Tchau.

Gabriel bebe uma poção e desaparece em uma luz multicolorida.

Vou limpar-me e finalizar o corte de cabelo com muito cuidado utilizando minha wakizashi; eu venho usando-a também para tirar minha barba. Gustavo fica brincando com a salamandra e pensando em qual nome deve dá-la. Antes mesmo que eu chegue à fonte o sangue e muco da salamandra transformam-se em cinzas e são levados pela brisa do jardim no qual agora o exército não passa de estátuas decorativas.

Os goblins que servem a Dark Queen começam os reparos no palácio; quando eu deixei a sala da jantar onde foi a batalha contra a salamandra ela estava em ruínas está em ruínas (o que não seria um problema já que o palácio tem muitas salas de jantar), todavia quando volto ela está assim como da primeira vez que a vi.

Comemos e resolvemos descansar antes de aprender sobre o ‘Nenokuni’; não acho que a Dark Queen queira fazer algo contra nós – ao contrário creio que ela será de grande ajuda. No caminho a nossos dormitórios eu tenho a chance de reverenciar seu poder pois passamos pela biblioteca; no chão há cinzas e livros parcialmente queimados e rasgados quais os goblins não foram capazes de restaurar, porém a Rainha faz apenas um movimento de seu dedo e as cinzas passam a flutuar e recompor as páginas como se o tempo estivesse sendo rebobinado, as cinzas juntam-se e a ser um livro elas instantaneamente retornam – todos os danos são consertados e os livros voam para onde estavam antes de eu pegá-los.

Após dormir meus próximos movimentos são em uma bela manhã; comer e ir lidar com o goblin que causou isto tudo. Há uma mina ao oeste das muralhas que é onde a maioria dos goblins que servem a Dark Queen vivem; os outros servem no palácio junto com seu exército.

Com vagas instruções chego à mina e junto depoimentos, pistas e indicações até chegar ao grupo de goblins que atacaram os cherufes, provocaram a salamandra e também a mim; encontro-os enquanto tentam uma emboscada contra mim – mais fácil que eliminar humanos.

Dark Queen – Já voltastes Azure? Ouvi dizer que fostes bastante violento...

Eu – O que querias que eu fizesse? Mesmo que eu perguntasse falarias: “Faças o que quiseres”.

Dark Queen – Fufufun... Só. Comecemos teu aprendizado de uma vez; prestai atenção pois não me repetirei – tenho muito que fazer.

## Epílogo †

Minha minha – Expressão um tanto semelhante a ‘Oh céus...’.

Aêla – Expressão comum na Bahia que implica aceitação, alegria e contentamento; seria semelhante a dizer “Bom!” “Aê porra!”; expressa que está tudo certo e gostou de algo.

Chewstone – É o nome das ‘bolas de cristal’ e usando-se mana elas servem para comunicar-se com outros que também tenham uma chewstone. Além de voz podem passar imagem ou qualquer tipo de informação ou ‘documento virtual’. Ela pode servir como dispositivo de armazenamento e tem inúmeras funções ligadas com a magia.

A magia é bastante diferente do Kaiho e não há estilos predeterminados para o usuário – ele aprenderá a manipular e controlar a mana para decidir o que bem fará com ela. Como já mencionado magia elementar é bastante comum; ao entender como manipular a mana poderá combinar técnicas de mais de um estilo em uma só ou criar suas próprias ‘formulas’ e estilo particular. Lidar com mana pura, ou magia não elementar, é muito mais raro e difícil.

A mana não é presente apenas nas criaturas inteligentes; o próprio ar do Nenokuni é abundante em mana. Plantas e animais também possuem mana em diferentes quantidades – poderosas bestas geralmente possuem grandes quantidades de mana.

Além de combate a mana é usada para infinidade de coisas; mais usada que a energia elétrica na Superfície. Para pegarem algo sem se levantar podem usar magia e fazer o objeto flutuar até si. Faz objetos flutuarem e misturarem-se no ar nas medidas exatas ao cozinhar algo. Aparelhos, meios de transporte e comunicação funcionam a base de mana – até encanamento ou água são raramente usados pois mana se torna água, é usada e então desaparece no ar.

Habilidades de cura providas por magia é bastante limitada; por esta razão reiteki e poções (feitas de ervas como remédios) são meios mais utilizados.

Diferente da mana o reiteki é mais ligado ao corpo do usuário – se tornar mais poderoso fisicamente aumentará o reiteki que melhora a resistência e eficiência do corpo. É inviável que o reiteki seja usado como fonte de energia para aparelhos por causa de sua estabilidade – a mana pode ser convertida e transformada como o usuário desejar; o reiteki possui características únicas em cada raça e muito dificilmente poderá ser moldado para realizar uma função. Em suma o reiteki é destinado principalmente para aperfeiçoamento próprio enquanto mana é parte essencial da vida de cada ser no Nenokuni – uma energia universal.

Há seres com pele literalmente branca ou **negra**; deve-se entender ‘branca’ como o considerado branco (ou ‘amarelado’) para os humanos (15-20 na escada de von Luschan). Se for literalmente branca, como esta folha, será especificado.

Dia 183 Alison elimina dos goblins e começa a aprender sobre o Nenokuni.

## The Dark Queen

冥冥王皇女

Ela passou a existir em 195 AEK (1821). Filha única do antigo governante do Nenokuni.

Ela tem 1,70m de altura. Seu cabelo é **amêndoa** e vai ao final de suas costas; ela usa centenas de penteados diferentes provenientes de todas as culturas que já existiram. Parte notável de sua vestimenta é que são simples, contudo claramente 'superiores' pois são as roupas usadas pela realeza nos tempos medievais; principalmente da cultura anglo-saxônica. Ela sempre está com uma coroa ou tiara. Sua pele é branca e possui olhos de cor **orquídea escura**, contudo pode variar entre **azul ardósia** e **triássico**. Sua aparência é como a de uma jovem adulta.

Ela é paciente e uma grande estrategista que possui incognoscíveis desígnios. Ela tem conhecimento abundante sobre quase tudo. Ao ela decidir não tomar o trono de seu pai o Conselho da Magia foi formado, no qual ela detém considerável autoridade. Qualquer declaração contra a Realeza é rebeldia punida com morte.

Dark Queen – Não tens algo mais proveitoso a fazer que falar de mim, Mr. Autor?

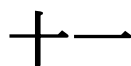
Ora; o que jamais seria mais proveitoso para *nossos* leitores que aprender de ti, Koujo-sama?

Ela continua aprendendo e estudando sobre o mundo e conhecendo pessoalmente sua cultura; embora ela engaje em muitas formas das finas artes, pode-se dizer que seu 'passatempo' é assistir tudo que acontece através de sua chewstone. Ela ama chá, principalmente de jasmim, e conversar sobre raças, indivíduos e ideologias enquanto o bebe.

Ela tem conhecimento avançado sobre uso de magia e diversos tipos de luta, todavia não é versada na arte do combate. Ela cria seu próprio exército e sopra o fôlego de vida sobre suas criações; ela possui um poderoso exército que obedece a cada um de seus comandos – ela tem a habilidade de criar força de vida e total controle sobre suas criações.

Um membro da família Real é visto como um ser santo e sagrado; até mesmo os deuses que habitam no Nenokuni ajoelham-se para a imortal Realeza.

Realeza. Duquesa. ? rank.



## Apresentando Um Novo Mundo – O Nenokuni

*“Como resultado encontro-me vislumbrando O Mundo Abaixo, e ansiando por ele, e as coisas nele, pois ele é mais encantador que O Mundo acima jamais foi.” – Kaiho, Canto 11.*

Dark Queen – Muito bem Azure; há um jogo que te ensinarás quase tudo que precisarás para tuas viagens. Já ouvira falar de Kiripiku?

Eu – Joguei um pouco em Karavak.

Dark Queen – Ótimo; então seremos mais breves que pensei. As peças e locais são réplicas dos que existem aqui no Nenokuni. Pessoas poderosas têm até mesmo uma peça especial feita com base nela. Ao nos relacionarmos com o mundo dos humanos, qual é voltado para a diversão, um grupo criou este jogo que agora fará um círculo por ensinar-te o suficiente.

Gustavo – O que é o ‘Nenokuni’? ‘-’.

A Rainha demonstrar ter muito conhecimento – até sobre nós –, mas tal pergunta parece ter sido inesperada.

Dark Queen – ... Porque estão aqui? Não têm nem mesmo ideia de onde estão?

Parece que ela sabe o ‘como’, mas não o ‘por que’ de estarmos aqui.

Eu – Não temos um motivo sólido para estarmos aqui; é apenas um caminho até onde queremos. Nós estávamos presos sem saída em um país que é uma ilha e a única opção de voltar à sociedade que parecia disponível foi usar o portão.

Ela parece intrigada com uma nova faísca de interesse. É melhor eu a manter interessada.

Dark Queen – O que achas que é o Nenokuni?

Eu – Pelo que vi usarem parece ser onde estamos; o ‘submundo’ e aqui mais especificamente como um país; o Jisatai.

Dark Queen – Bastante perceptivo, Azure. ‘Submundo’ dá a ideia de algo inferior; não seria bom usares tal termo depreciativo aqui. O Jisatai é onde estamos; é um gigantesco bloco de terra flutuando no nada – ao chegares ao final tu encontrarás apenas uma barreira invisível inquebrável logo antes de um inalcançável infinito abismo. O Jisatai é um dos reinos do Nenokuni; portais ligam os muitos reinos que o Nenokuni possui. Tais portais que aparecem de maior parte randomicamente. Ao passar por um de tais portais que se assemelham a um

vórtice de luz já estarás em outro reino. A totalidade de todos os reinos é o Nenokuni enquanto o ‘mundo dos humanos’ é conhecido como a Superfície. Alguns portais são mais raros que outros; existem seis camadas no Nenokuni que determinam a raridade do portal – apenas os reinos na primeira camada possuem um dos portões para a Superfície.

Gustavo – Calma aí; deixa eu pensar aqui... Acho que tô entendendo...

...

Gustavo – Ô ENTENDENDO! QUE FILÉ!!!!

Eu – Vejo que é um sistema bastante complexo, contudo a forma simples que explicou deixou claro como funcionam as coisas aqui.

Dark Queen – Agora que entendes isto precisa saber como são diversos reinos e raças que o Nenokuni habitam; Kiripiku é mais que suficiente conhecimento para um iniciante.

Ela termina seu chá e levanta-se guiando-nos até uma área do palácio que é uma varanda a dezenas de metros de altura; pela minha esquerda há a parede do palácio e para minha direita e frente é livre para sentir a gentil luz da alva com sua leve brisa de Beltaine (verão).

No centro da varanda há um tabuleiro de Kiripiku de cinco metros de comprimento.

Gustavo – Ôh filé! Esse é dos grandões; oia o tamanho!

Eu – Filé demais mesmo; esse jogo é filé demais também.

A Dark Queen assume sua posição ao outro lado do tabuleiro e de costas para a bela visão da varanda. O vulcão que fica atrás do palácio está calmo como um gigante adormecido e o céu está azul claro com pouquíssimas nuvens. Também é visível um gigantesco monte após a área do vulcão e pastagens verdes que cobrem a paisagem antes de tal magnífico monte, mas é claro que a grande muralha de quatrocentos metros está para onde quer que se olhe e as montanhas parecem sair dela – em meio a esta visão está a Dark Queen com seus cabelos sendo levemente impelidos pela brisa para sua direita; tal mesma brisa atinge a lateral do palácio por quilômetros e quilômetros antes de chegar aos jardins de trás, muralha e montes distantes demais para que eu ouse sondar a distância. Em meio a este cenário ela me vê perdido novamente em meus pensamentos e fala:

Dark Queen – Quando quiseres.

Eu – É... Não sei começar; não sei usar magia. Quando joguei outro fez os movimentos que eu indicava.

Dark Queen – !?

Gustavo – Todo mundo usa magia pra tudo; vi até os caras usando para fazer a comida e para arrumar as coisas. Só a gente que não sabe; somos burros. D: .

Dark Queen – Minha minha... O que devo eu fazer?



Ela fala com a visão voltada para o nada enquanto pensa em uma solução; sem demora ela responde, contudo sei que suas respostas são já pensadas para guiar seu ouvinte a uma linha de raciocínio que será benéfica para ela.

Dark Queen – Requer muito estudo e são informações mais antiquadas para aprender sem usar magia...

Já imaginando aonde ela quer chegar eu respondo prontamente.

Eu – Você poderia simplesmente fazer os movimentos em meu lugar.

Dark Queen – Eu poderia ver tudo que fazes inclusive tuas runas e seria um jogo fútil; não haveria real uso de estratégia e com batalhas assim não conhecerias as peças.

Eu – Mas mesmo assim eu aprenderia sobre os terrenos e raças... O que propõe que façamos? Sei que tens algo já em mente.

Dark Queen – Minha minha; o que poderias querer dizer com isso?

Eu – Está novamente me guiando com palavras; é mais simples falar diretamente comigo. Eu passei a estimar tua habilidade grandemente nesse curto período de tempo; oferecê-la-ei mais tempo que o que originalmente planejei.

Dark Queen – Fufufun; muito bem, Azure. Pelo teu modo de luta e agora que sei que não sabes como usar magia tu precisas aprender muitas coisas antes que possas aprender sobre o que desejas. Proponho que aprendas magia comigo.

Gustavo – Uia; também quero aprender.

Eu – Sei que ainda falta o que você quer com isto.

Dark Queen – Hahahaha; realmente deverias parar de adiantar minhas falas. Eu simplesmente passei a também estimar tua habilidade e desejo jogar contigo.

Ela fala tal coisa abrindo os braços, que estavam cruzados, e tendo as palmas das mãos e pontas dos dedos voltadas para cima enquanto move os braços levemente – uma expressão exatamente igual a minha própria em toda minha condescendência.

Gustavo – Pensei que falar ‘tu’ era feio ou má educação, mas agora vejo umas palavras bem tops que usam ‘tu’ ‘teu’ ‘ti’ ou ‘s’ no final; acho que tô ficando sabido aqui.

Dark Queen – Aprender magia é algo natural para todos aqui como tens notado e não apenas para combate. Posso ensinar-lhes como se usa enquanto cuidam de ‘assuntos’ em meu nome.

Certamente ela não precisa de nós para tal coisa; ela quer apenas assistir-nos em ação para seus propósitos obscuros... Não posso reclamar de tal baixíssimo preço.

Sinto um crescente perigo de alguém que pode ver tão distante e profundo quanto eu, porém ela não me ameaça – é apenas o perigo de que talvez haja alguém em meu patamar de superioridade... Que existência assustadora... Lidar com ela é atrativamente cansativo.

Gustavo – Que assunto? Matar o povo? D: .

Dark Queen – Não necessariamente; fazer o que meu exército faria como explicar aos elfos o que aconteceu e outros assuntos a respeito das criaturas que vivem sob meu governo no Jisatai. Também aprenderiam em primeira mão sobre tais criaturas.

Gustavo – Então tá bom. Vamo lá que quero aprender a usar uns poderes filé de magia. =D .

Eu – Desde quando é você sabe o que é melhor fazer?

Gustavo – É mesmo né; só faço besteira. Decide aí então. T.T .

Eu – Vai depender do tempo que leva para aprender; só quero ir até o portão para sair daqui.

Dark Queen – Cada um toma seu próprio tempo para todas as coisas; aqui as crianças aprendem como aprendem a andar e falar.

Eu – Eu odeio forçosamente aprender algo...

Dark Queen – Forçosamente? Tu pareces saber de muitas coisas e idiomas. Tu agarrastes um conceito do Nenokuni e percebes a verdade não dita. Eu tomei-te por um estudioso.

Eu – Na Superfície há tecnologia onde posso simplesmente mudar tudo que uso no mundo digital para outro idioma e conectar com pessoas do mundo inteiro – troquei tudo para tal outro idioma e aprendi sozinho lentamente como me dava vontade. Não cheguei a terminar o que lá é conhecido como ensino médio; tentarei aprender magia, porém não creio que eu consiga perdurar por mais de um mês. Veremos no que dá.

Dark Queen – Tua atitude é sábia, mas com as palavras de um tolo. Admito que até eu estou interessada para os resultados que mostrarás... ‘Meu pupilo’.

Eu – Bem, você deveria estar já que vem levando-me aqui o inteiro tempo.

“Fufufun.” – ela smirka.

E assim começa uma relação benéfica para ambos os lados. Estudo magia em livros antigos e na prática com a Dark Queen – depois de poucas horas Gustavo fala “Essa porra é coisa do cão! Dá pra aprender isso não!!” e desiste de magia; a Rainha começa então um ensinamento muito mais profundo dos mesmos superficiais caminhos da magia. Continuo estudando sobre como é um tipo de energia controlável pela maioria dos seres; inclusive os humanos. É muito mais semelhante à estamina e mais simples que o Kaiho em termos de energia, porém não é nada fácil de manipulá-la como se quer – ainda mais quando ‘sentir’ é a resposta, não manipular.

Rainha – Foque na maior concentração de mana, Azure!

Eu – Eu sei! Eu estou focando! Vá brincar com sua chewstone e me deixe aprender em paz!

Rainha – Não, tu não sabes! Tu estais forçando tua presença sobre a mana; tu tens apenas que deixá-la fluir livremente ou irás obscurecer tua visão!

Eu – Eu sei! Eu sei que estou forçando a mana e sei que tu me destes este treinamento pois nele precisarei ter a disciplina que não precisei ter nos outros de manipular o poder à minha vontade; eu sei exatamente o que você quer! Então me deixe em paz para fazê-lo!

Rainha – Foque. Na. Mana.

É como a experiência de aprender um novo idioma pela primeira vez. Quando já se sabe mais de um idioma é comum sentir uma grande facilidade em entender os conceitos de ainda outro novo idioma, mas na primeira vez é um inteiro novo mundo do qual você não sabe por onde começar e por onde seguir – é como expandir-se além de si próprio para novas fronteiras.

Rainha – Sim, Azure, permita tua mana fluir pela chewstone, mas não sobrecarregue-a; permeei-a, mas permita-a a liberdade de estar conectada ao universo maior... Bom. Muito bom. Mantendo a harmonia não é necessário para atirar-res fogo pelos dedos ou congelares teus inimigos, não obstante manipular a mana à tua vontade sem forçá-la a fazê-lo é o caminho de um verdadeiro mago.

Eu – Eu compreendo... Partirei para onde devo ir; quando lá eu estiver você me informará pela chewstone o que devo fazer.

Rainha – Quando lá chegares eu já estarei ocupada fora; deixarei uma mensagem na chewstone e lá tentarás ouvi-la.

Sirvo como algo semelhante a um mensageiro régio da Dark Queen no tempo que não estou treinando em seu palácio. O primeiro destino foi com os elfos de Harstloon; explicamos a situação por cima apenas de modo que entendam que não foi a Rainha que ordenou o ataque... Apesar que após conhecê-la não há dúvida que ela estava mais que ciente de tal...

Usamos dois dragões como montaria para irmos de um local a outro; visitamos a vila de elfos negros\* que vive na floresta escura ao lado do deserto – eles estão tendo desentendimentos com os ‘imps\*’ que são vis criaturas que habitam um abismo no centro da floresta escura.

Continuamos como mensageiros da Rainha por todo o Jisatai; desde uma montanha gigantesca com harpias à um pântano com necrófagos. Vou treinando o uso da magia com a Dark Queen enquanto Gustavo treina seu Kaiho e brinca com sua salamandra a qual deu o nome de ‘Ember’.

Consigo gerar mana e usar magia, contudo é em quantidade tão ínfima que é virtualmente inútil para fazer qualquer coisa – serve apenas para que eu entenda o conceito em primeira mão ou, com bastante esforço, usar algum objeto como uma chewstone.

Gustavo – Chegamo; é para fazer o que aqui mesmo?

Eu – Não sei; a Rainha deixou a mensagem aqui para eu ver quando chegássemos.

Gustavo – Por que ela não falou logo? Tu sabe usar isso? Vamo ter que viajar tudo de volta até o palácio para pergunta que porra viemos fazer aqui. D: .

Tento ver a informação na chewstone – como se fosse reproduzir um vídeo –, porém ainda me é extremamente difícil e exaustante navegar pela mana codificada na rocha; penso ouvir algo

sobre um lobisomem e subentendo que tenho que ‘pacificar’ um que deve estar causando problemas na área. Antes que eu procure-o ele me encontra e em um assalto surpresa ele morde-me e causa-me dano – estando em desvantagem e não sendo poderoso o suficiente para tentar subjugá-lo, eu vou para matar (o que é a primeira vez já que em todas as outras ‘missões’ eu pude resolver diplomaticamente com nada ou pouco combate).

Alguém mordido por um lobisomem torna-se um lobisomem; este detalhe havia escapado minha mente assim como o de quando um vampiro morde alguém – tantas raças diferentes que agora sei que existem que o ideia de mudar de raça não parecia possível, mas acabo tornando-me um lobisomem. De início foi um pouco difícil controlar meus instintos, mas com meu autocontrole eu domino a fera que me tornei – meu poder físico aumentou e tenho a capacidade de transformar-me em um lobo guará (o Brasil me persegue até aqui) ou um lobo guará humanoide (lobisomem); tenho a chance única de experimentar carne crua (virtualmente ainda viva) e apreciá-la além do que é possível pelo paladar humano. Após tal brevíssima experiência eu tomo uma poção e em alguns dias estou curado e de volta ao meu normal ser.

Dark Queen – Muito bem Azure; não pensei que conseguirias demonstrar uso da magia tão apressadamente. Agora que entendes como funciona deve treiná-la de diversas maneiras para se tornar algo natural e para que tua quantidade de mana cresça.

Eu – Parece que você tem algo mais em mente já que me deu todas as instruções seguintes com respeito à magia...

Dark Queen – Já ensinei-te tudo que precisas; agora seguirás teu próprio caminho até a mestria da magia. Chegou a hora de treinar-te em combate; há técnicas essenciais para qualquer guerreiro. Técnicas base para todas formas de luta.

Eu – Estou ouvindo.

Dark Queen – A primeira é sobre partição de peso. Deves ter percebido que há pessoas com poderes destrutivos muito acima do teu; o que achas que acontece quando um deles defende um ataque?

Eu – Eu sei que de alguma forma não ‘afundam’ no chão e uma grande área ao redor deles que sofre a pressão ao invés de apenas onde seus pés estão.

Dark Queen – Perceptivo como sempre, Azure; é necessário que saibas fazer o mesmo se quiseres ter alguma chance de progredir em teu modo de luta. Inicialmente aprenda apenas pelos pés (suster-se), entretanto será necessário aprender pelas mãos (suster outros corpos), outras partes do corpo e enfim através de objetos (suster múltiplas conexões). Para alguém que domina esta técnica ele poderia sustentar todo o impacto usando uma agulha na superfície das águas sem afundá-la ou mais normalmente a ponta de sua arma.

Eu – Só falar como é que testo aqui.

Dark Queen – Fufufun; como irei eu saber como fazem?

Eu – O que!? Mas você que está aí falando! E é claro que você sabe.

Dark Queen – Eu ‘tenho ideia de como fazem’, entretanto não acho que palavras servirão para entenderes; simplesmente imagine como é e tente. Ao encostar-se em algo podes com um movimento idêntico escolher empurrar o objeto ou empurrar-se; podes escolher fazer mais peso ao chão ou pular. Com isto em mente tente desenvolver a técnica; estarei em meu trono. Tenho assuntos a atender – não distorbe até que tenha progredido.

Eu – !?

Tentando aprender algo tão inusitado que nem ao menos entendo, apenas sei como deve ser o resultado final, eu inicio meu treinamento na técnica de ‘distribuição de pressão’. Tentar fazer uma atividade que será impossível sem adquirir a habilidade desejada é uma ótima ,e perigosa, maneira de conseguir o que quer – como pular em um lago sem saber nadar.

Com a ajuda dos goblins que servem a Dark Queen eu organizo um local para treinamento no jardim interior do palácio. Consiste em algo bem simples; ou aprendo ou ficarei como um tolo enlameado. O campo é um retângulo de cinco partes; rocha, terra, areia mole, lama e água. Terei que simplesmente ir de um lado ao outro enquanto empurro uma rocha muito maior que eu ou levo-a nas costas – como é perceptível na rocha será normal, mas a cada parte do retângulo a dificuldade aumentará grandemente; o campo também não simplesmente muda de um material para outro, ao invés disto ele vai mudando aos poucos até estar totalmente do outro material. Ss goblins fizeram este local com muita facilidade usando magia especializada para construção.

O treinamento continua por dias – tão intenso como o sobre magia e muito mais cansativo, frustrante e sujo; é um treinamento físico afinal. Sempre quando se conhece algo novo e interessante este algo se torna ‘viciante’. Continuo afundando e travando a pedra em locais que não consigo tirar; goblins usam sua magia em tais situações para que eu possa continuar com o treinamento – até fazem comentários sobre a situação e que um ser humano não conseguirá, apostas e piadas a respeito de meu desempenho. Supostamente conseguir ficar de pé sem afundar é bem mais fácil que distribuir a pressão sobre outra coisa para que tal não afunde, contudo tento ficar de pé na próxima parte apenas após conseguir sustentar a rocha na anterior – a lama só prova difícilíssima mesmo sendo bem mais densa que a água.

...

Dark Queen – Azure!?! Certamente tomastes teu tempo...

Gustavo – Eta vei; tu sumiu tem umas duas semanas já! Pensei que tinha morrido pra algum bicho por aí. e.e .

Não tem uma semana que o vi, mas como ela não faz nada deve parecer ter mais tempo.

Assim como nos jogos eu continuei a ‘evoluir’ até estar satisfeito ou não conseguir mais; minhas alimentações foram irregulares e a Rainha constantemente estava fora do palácio – quando eu não estava treinando distribuição de pressão com os goblins eu estava em um local quieto meditando nos caminhos da magia ou dormindo enquanto fazendo-o.

Eu – Falta o que agora?

Dark Queen – Dominastes a técnica que estavas treinando?

Eu – Não...

Dark Queen – Por que viestes até aqui?

Eu – Eu não cheguei nem perto de dominá-la; quanto mais eu avanço na técnica mais formas de usá-la eu vejo – é mais grandiosa do que posso ver no momento.

Dark Queen – Bom... Estais começando a entender a verdade. A próxima parte é usá-la através de algo; usá-la pela tua katana.

Eu – O que já aprendi me fez ver sobre como usar através de minha katana; como atacar um local e cortá-lo, empurrá-lo, empurrar-se usando o impacto, quebrar o local atingido, quebrar a parte de trás do local atingido ou infligir o dano onde e da maneira que eu quiser. Está é a técnica de distribuição de pressão.

Dark Queen – Sim; já que aprendestes a partir o peso falta apenas uma última técnica antes que possa desbloquear teu potencial a usar uma arma.

Eu – Distribuição de pressão.

Dark Queen – Como aprendestes sozinho poderás chamá-la como desejares. Em alguns momentos do combate pude ver como imbuístes teu corpo com teu Kaiho para diminuir o dano recebido ou ficar mais forte e rápido. Há uma técnica semelhante usada por todos; imbuir sua arma, projétil ou a si mesmo em seu poder. Esta técnica permite atingir seres ou ataques incorpóreos como um projétil de energia.

Eu – !!

Dark Queen – Fufufun; parece que finalmente demonstras interesse.

Eu – Quando fui atacado vindo para cá tive que defender um ataque usando a lateral de minha katana ou o ataque iria simplesmente passar pelos lados e me atingir. Ao treinar a distribuição de pressão eu estava pensando em como distribuir a pressão em um ataque de magia para que atingisse uma grande área usando a lamina da katana, porém só faz efeito em coisas físicas. Gustavo pode transformar partes do corpo em chamas e quando me imbuo com meu Kaiho eu posso tocá-lo e atingi-lo mesmo quando está assim...

Dark Queen – Está dizendo que é a técnica qual estavas tentando desenvolver? Hahahahahahaha; não deixas de me surpreender, humano.

Gustavo – “Humano” aushaushaushuashuashuashuashuashuash.

Dark Queen – Algo errado?

Gustavo – É que quando ele ficava com os outros ‘humanos’ eles diziam que ele era um vampiro porque não saía de casa etc... É mais engraçado na minha mente. ‘-’.

Dark Queen – Entendo... Como está a raça humana?

Eu – Do mesmo jeito que estava seis mil anos atrás.

Dark Queen – o que queres dizer com isto? Claramente houve progresso na humanidade.

Eu – Sim; criaram coisas e conectaram as pessoas juntas assim como se espalharam e se tornaram bilhões, contudo são os mesmos tolos de sempre. Seis mil anos atrás tudo que acontecia era atribuído aos deuses mesmo quando estes não faziam nada – eles tinham fé que era assim e nada mudaria a opinião deles; para eles era um fato aquilo. Hoje eles continuam achando que sabem o que está acontecendo e ‘explicam’ as coisas através da ciência – são tão tolos quanto os que achavam que sabiam de algo ao atribuir tudo aos deuses.

Dark Queen – Ha-ha-ha-ha-ha. E como um humano tão jovem pode ter um ponto de vista tão superior sobre outros? Tu és de fato desrespeitoso.

Eu – Há tempos atrás o voo da abelha era vista como impossível e quebrava as ‘leis da física’, porém chegaram a uma explicação de o porquê que ela consegue voar e como está em harmonia com as leis que eles próprios criaram e acreditam ser a ‘verdade’. Em anos irão novamente chegar a uma explicação de o porquê a explicação atual está errada e terão uma nova e o mesmo continuará acontecendo durante os milênios. É assim que a raça humana sempre foi e continuará sendo – como um todo ela não muda. Eles desperdiçam suas vidas procurando por progresso e criam máquinas quando eles próprios continuam os mesmos. É além de minha compreensão quando pode haver um ser tão tolo em existência!

Gustavo – Quando tu fala dos humanos baixa a rage louca. e.e .

Dark Queen – Grandes filósofos, pelo menos os que tiravam tempo para considerar a raça humana, têm a mesma opinião sobre tal; é uma opinião unanime entre eles.

Gustavo – Também tem um bucado de frescura, tipo: se zoar um cara branco não tem nada, mas se zoar um preto vai preso. Se zoar um ‘normal’ não tem nada, mas se zoar um gay vai preso. Se zoar um homem não tem nada, mas se zoar uma mulher vai preso; what the fuck man; no sense!

Dark Queen – Foi analisado que com a falta de outras criaturas para terem como inimigos os humanos fazem inimigos de si mesmos.

Eu – Sempre achei os ‘grandes filósofos’ ainda mais tolos que a maioria. Os caras não fazem nada além de cuspir merda da boca.

Dark Queen – Tuas palavras soam completamente desarrazoáveis, porém parece que fostes capaz de viver em paz mesmo em meio a seres que tens completo desdém... Estou passando a ver que realmente não és um humano ‘normal’.

Eu – Quando tempo já passou? Tenho que voltar à Superfície para continuar como um caçador e diferente dos outros não passar minha vida inteira trabalhando para meramente sobreviver.

Dark Queen – Passastes cinco dias aprendendo magia e dezesseis empurrando uma rocha.

Chuvas leves de Beltaine foram comuns e de maior parte as ignorei ou agradei por elas, contudo em pelo menos dois dias tive que ficar dentro do palácio e treinar apenas magia.

Eu – Também tentei usar magia enquanto treinava lá; não consigo fazer projéteis com meu Kaiho ou usá-lo fora de meu corpo, mas com a ajuda do controle da mana talvez consiga usá-lo para imbuir a katana – por imbuir partes do corpo eu pude espalhar meu Kaiho sobre a superfície e facilitou aprender a distribuir a pressão usando apenas força física. Andar sobre a água ainda requer que eu use meu Kaiho.

“Concentre teu poder em tua arma, tente criar uma camada de tua energia sobre ela e use-a como uma parte de ti mesmo.”. Esta é uma das muitas instruções para aprender a imbuir armas – uma técnica essencial já que lutar apenas com ‘um pedaço de metal’ está muito atrás do nível de combate atual. Ao tentar defender uma grande bola de fogo com uma espada o fogo simplesmente atravessará e me atingirá em cheio; usando está técnica eu não permitirei que a bola seja cortada pois estarei usando energia para tocar o que não é sólido, mas empurrá-la-ei – segurá-la-ei usando a lâmina da espada de modo que não passe através e assim eu posso destruí-la ou jogá-la de volta.

Dark Queen – Eu vi como lutares em teu caminho; fizestes bem contra meus soldados. Não obstante és muito defensivo; vejo que entendes que enquanto atacares forçará o inimigo a defender – o que deve evitar que ele ataque, contudo ainda faltas o equilíbrio. Ofensa e defesa não são separadas; são duas partes de uma única dança.

Eu – Quando cheguei tu tinhas um sabre em tua cintura... Tu estavas refazendo meus movimentos aqui contra os bonecos de treino!

Dark Queen – Sim. É um belo estilo de duas espadas, contudo sem uma tu faltas e o estilo único é a base para todos os outros. Ensinastes manejo de espada a ti mesmo.

Eu – Sim...

“Venha. En garde!” – fala ela enquanto levanta o mais belo sabre que já vi.

Mais seis dias de treinamento leve e aprendo a imbuir minha arma; não perfeitamente, mas é o suficiente para que crie o resto da técnica por mim mesmo. Pude ver o estilo nobre de manejo de espada que a Dark Queen sutilmente mostrou-me e desenvolver movimentos mais precisos – apenas velocidade ou força é fútil se não forem precisos. Até uma fraca estocada poderá ser fatal se usada no local certo – daí entra a necessidade de precisão. Já precisão é fútil se não souber onde, o quando, é necessário atacar – mesmo ao final do treinamento ela continuava sendo capaz de tirar a katana de minha mão com quatro golpes; contra ela é como se eu estivesse desarmado e totalmente indefeso.

Dark Queen – Agora que entendes a base do combate chegou o momento de aprenderes sobre o Nenokuni.

Andamos até a sala que o tabuleiro de Kiripiku se encontra e começamos o jogo. Não consigo manter o jogo como deveria, a Dark Queen que mantém toda energia do jogo, mas já tenho o suficiente para mover as peças e isto é o suficiente para jogar normalmente. Minha mana já deve estar cansada por treinar tanto sem descanso; depois de descansar devo poder usar algo como um jogo de Kiripiku.



Ao início do jogo eu pego um mapa comum; com vários recursos e vou usando a técnica de coletar os recursos e ir construindo uma de cada construção de colheita junto com uma unidade de colheita para cada construção – por pura experiência, além de lógica, eu sei que os coletores são um item chave e eu deveria fazer muito mais deles, mas sem ainda ter domínio sobre o jogo ainda eu tenho que fazê-los apenas quando eu vejo que preciso mais de um específico recurso; o que grandemente atrasa meu progresso. Em seguida o ponto é fazer unidades combatentes e usar a pedra que coletei para construir uma muralha e torres na frente de meu território – tais construções protegem meu território e dão bônus para meus guerreiros que lá ficam; em tais jogos eu sempre odiei sofrer ‘invasão cedo (early rush)’ e fazer defesas contra tais gastaria recursos melhores usados para aumentar meu progresso enquanto o inimigo simplesmente cancelará o rush quando eu tiver as defesas. Porra; eu odeio gostar deste tipo de jogo – jogá-los é infuencedor ao invés de serem agradáveis.

Mas antes que eu possa fazer algo já perco. A Dark Queen usa um mapa que eu não conheço – não acho que tinha este mapa quando joguei antes – também não lembro das unidades que ela usa, exceto pelos goblins. Ela usa uma unidade que cria uma névoa de guerra sobre seu território, sendo assim eu não posso ver os movimentos que ela faz, apenas ela pode ver através da névoa. Depois de alguns turnos com a névoa ela lançou um ataque que me destruiu facilmente – um muito poderoso para ser chamado de ‘early rush’, mas foi early (cedo). i.i .

Ela usou unidades que passaram pelo subterrâneo – apenas o jogador que possui estas unidades pode vê-las no campo enquanto estão escondidas (ou se o outro jogador tiver algo que o permita ver). Ela joga a um nível totalmente diferente e está usando coisas que eu nem sabia que existia.

Dark Queen – ...

Eu – ...

Gustavo – Huehuehuehuehuehue; eta humilhação vei. e.e .

Eu – Perdi. D: .

Gustavo – Sério? Nem percebi; pensei que tu ganhava quando teus caras eram destruídos. Uehuehuehuehuehuehue .

Dark Queen – Quando “aprendestes” a jogar?...

Eu – Aprendi alguns dias antes de vir aqui, joguei em um tabuleiro bem menor e não havia nenhuma das coisas que você usou... Você deve ter visto pessoalmente eu e Túlio jogando.

Dark Queen – Jogastes com a formação iniciante... Este jogo é jogado por muitos no Nenokuni e existem campos, unidades, habilidades e muitas outras peças que são raras. Quando jogam em competições o perdedor tem que dar uma peça que o campeão escolher de seu conjunto. Ao comprarem peças é comum virem repetidas e jogadores de certo prestígio possuem quantidade ilimitada de peças que podem oferecer a quem pensarem ser merecedores. As peças que alguém possui ficam salvas; gravadas em sua mana.

Eu – Então eu teria que jogar contra varias pessoas para poder aprender sobre mais criaturas, locais além de para melhorar no jogo...

Dark Queen – Ao adquirir novas peças poderás usá-las e ter um bom conhecimento sobre as criaturas; com teu nível de poder atual provavelmente conseguirás voltar à Superfície.

Eu – Devo ir agora; algum dia voltarei ao Nenokuni e mais nós jogaremos.

Dark Queen – Nosso jogo está longe de terminado e esse dia chegará apressadamente... Dar-te-ei algumas peças; não vencerás uma única batalha com a formação inicial.

Ela começa a jogar em um nível bem mais baixo, usando peças simples e analisando quais serão melhores para mim – partidas instrutivas como fazem os grandes mestres de go. Quão condescendente. Eu aprendo a como usar as criaturas em conjunto com minhas unidades; muitas podem ser usadas como montaria. Esta técnica pode dar a minhas unidades varias vantagens como usar uma criatura aquática como montaria na água e ter vantagens em um terreno que é normalmente desvantajoso ou uma criatura voadora para sair de uma zona perigosa e burlar algumas defesas. Aprendo melhor sobre como fazer unidades mais poderosas e sobre o uso das três runas que se escolhe no começo da partida. Cada partida é como uma lição e quando pareço ter aprendido a Dark Queen me dá uma nova peça.

Após aprender a jogar eu engajo em mais uma partida contra ela na qual ela usa o mesmo estilo de jogo de nossa primeira...

“Desde quando duelamos com espadas penso em algo; eu não iria perguntar, mas não acho que eu possa mais me conter...” – transmito pela telepatia entre nós que está aberta.

Dark Queen – Sim, tem havido um distúrbio em tua mana.

Eu – Tu vistes me duelar; e muitas vezes. Eu a vi utilizando a completa extensão da capacidade de chewstones; com ela tu vês este e outros reinos ainda mais claramente que vês este tabuleiro de Kiripiku – os controla com mais mestria que peças de Kiripiku.

Dark Queen – Sim...

Eu – Tu me vistes desde que atravessei o portal; me viste lidar com os trolls, congrega com os anões e lutar ao lado dos elfos – tu ouvistes cada palavra privada que tive com Gustavo e não é inconcebível que tenha ouvido ainda mais!

Dark Queen – Sim, Azure. Tu entendes bem como a mana flui. Assim tua questão é sobre mim.

Eu – Tu vistes a tropa atacando os elfos; tu vistes eles viajando até Harstloon e eles deixando o palácio – tu vistes cada ação do goblin e já sabia suas intenções antes mesmo dele agir! Toda a confusão e problemas poderiam ter sido evitados, mas você simplesmente não os evitou!

Dark Queen – HAHHAHAHAHAHAHAHAHA; minha minha!

Eu – Eu pensei que eu estava perdendo o ponto e entenderia eventualmente; eu então pensei que eu não precisava entender afinal as ações de pessoas são sem sentido, mas agora... Agora eu não consigo sondar a razão mesmo que eu tente; nem mesmo o mais tolo dos seres

permitiria o goblin agir mesmo que não pudesse ver distante o suficiente para tais maiores consequências.

Dark Queen – Poderias tu prever tais ‘maiores consequências’? Poderias tu prever este exato futuro no qual chegamos? Estas perguntas, é claro, foram retóricas, mas eu o pergunto, Azure, o que haveria acontecido caso eu falhasse os designios do goblin?

Eu – A melhor desculpa que as religiões têm para o deus cristão permitir o mal é que, além do livre arbítrio, os outros anjos pensariam que o iniciou a contenda estava certo e por isto deus o destruiu – logo permitir o mal existir é a forma de deus provar que o que iniciou a questão as soberania está errado e ele é o único que pode governar, assim deus poderá o destruir sem levantar mais dúvidas. Mesmo se tu destruísse o goblin os outros conhecem tua soberania e que fazes tudo com razão.

Dark Queen – Sim, Azure. Nada ocorreria. Eu estaria em meu dia a dia no palácio e talvez nossos caminhos nunca cruzassem-se – tudo permaneceria o mesmo. Eu permiti as possibilidades desenrolarem-se e revelarem a mim o que é até mesmo além de minha visão. Progresso é mudança; não há melhoria em estagnação.

Eu – Isto é trocar o certo pelo duvidoso; mudança é inevitável e esperamos as oportunidades favoráveis para tal – não uma tentativa de assassinato de um antigo escravo revoltado!

Dark Queen – Tu és muito sábio, e eu encanto-me por tal, mas a melhor e mais sábia das escolhas cria apenas um caminho estável e não um que leve aonde um quer chegar. Para seguir um caminho nunca antes trilhado é necessário explorar todos os destinos ao longo do caminho. Eu vi o que deu início ao desenrolar dos eventos e assisti para terminá-los caso desviassem-se do caminho correto. O resultado é o presente; o maravilhoso futuro imprevisível que cruzou nossos caminhos – e talvez objetivos. Oportunidades favoráveis são raras, e não raro provam-se falhas – em toda mudança há o caminho para sucesso.

Eu – God dammit! Você é ainda mais insana que eu!

... Ela me esmaga totalmente e mostra que ainda tenho muito que aprender antes de dominar o jogo; meu jogo tornou-se sólido, mas assim como faz na vida ela permite as situações desenrolarem-se e revelarem um novo futuro incognoscível – situações adversas qual eu elimino automaticamente e mantenho um caminho sólido e estável.

Gustavo – Ela acabou de te falar como jogar e tu já perdeu novo. >\_> .

Eu – Fica quieto vai. Acabei de aprender o básico e ela já é profissional.

Gustavo – Já vai embora já? Aqui é bom. e.e .

Eu – Tem dez dias já que tô querendo comer sorvete; tenho que voltar pra Superfície logo antes que eu esqueça das coisas boas tudo.

Gustavo – É mesmo; tem um bucado de coisa boa lá né? Povo aqui só sabe se matar.

Dark Queen – Antes de irem devem também aprender quem não enfrentarem. Nem todos são selvagens orcs; há pessoas tão importantes que desrespeitá-las poderá custar-lhes a vida.

Gustavo – Tipo tu? ASUhasuhasuhasuhasuhushsuhauhwasuhasu.

Eu – Hahahahahahaha!

Dark Queen – Sim, mas eu sou misericordiosa... O Nenokuni é dividido em vários reinos, como já sabem bem, e na maioria deles há governantes que estabelecem ordem, porém há uma organização que está acima de todos estes reinos e é a lei no Nenokuni. Ao invadirem aqui selaram seus destinos pois mesmo se fugissem esta organização os caçaria e eliminaria.

Eu – Então o problema de arranjar algum problema é que vai acabar crescendo em um problema com o grande poder da lei.

Dark Queen – Precisamente; por isto não debes nem considerar enfrentar algum governante ou ir contra as leis do Conselho – assim é chamada tal organização.

Aprendemos sobre a classificação de destaque e influência que alguém pode ter perante o Conselho e todo o Nenokuni. Duque é o título mais elevado e restrito a alguns poucos como Lenilda – uma das estrelas do Conselho, autoridade no senado élfico e quem erradicou a transmissão de doenças virais no Nenokuni através do ar – e Ex-Ensen – uma das estrelas do Conselho além de ter posição de destaque no senado élfico foi indicado como líder dos guardiões élficos e criou portais artificiais entre reinos além dos portões para à Superfície. Abaixo de duque está marquês; título de grande influência reservado para reis, governantes de reinos e pessoas de grande influência na sociedade em geral. O terceiro e mais baixo dos títulos, embora ainda muito importante, é conde. O título de conde é dado a pessoas de grande importância em reinos, como ministros de guerra ou da cultura assim como líderes de raça menos influentes como lobisomens, trolls, orcs, felomens e assim por diante.

O Conselho em si é separado em divisões; cada uma com um comandante e um lu tenente que cuida para que seus deveres sejam cumpridos – cada divisão possui função principal específica. Há sete divisões que cuidam das seguintes funções: trabalhos em metais, artesanato (como túnicas e armaduras leves), furtividade (intel e missões mais silenciosas), cultura, inventário, caça e combate. Além das sete divisões há a central na qual cuida das demais necessidades e se tem a universidade de magia do Conselho – a mais prestigiada de todo o Nenokuni. O Conselho é controlado por também sete indivíduos conhecidos como ‘estrelas’; cada estrela supervisiona o desempenho do comandante de sua designada divisão.

Há também a classificação individual de poder de cada um; de ‘F- rank’ à ‘S+ rank’.

Gustavo – Ai meu deus; muita coisa! Tá travando minha mente já. D: .

Eu – Entendi superficialmente; não devemos irritar nada que tenha haver com o Conselho – se for tão importante quando diz então aprenderemos mais cedo ou mais tarde.

Dark Queen – Enquanto não irritarem o Conselho não precisarão de mais nada; desejo-lhes uma boa viagem.

Recebendo uma ‘bússola’ de sete ponteiros que aponta em direção aos portais nós resumimos nossa cruzada de volta à Superfície. Felizmente, ou infelizmente, a Dark Queen explica com

clareza suficiente para que eu não precise me interessar sobre explorar o Nenokuni e possa concentrar-me em voltar para 'casa'.

Mapa05

Mapa06

## Epílogo 十一

Elfos negros – Não é apenas uma diferença de pigmentação de pele, mas uma outra raça (ou sub-raça) semelhante a raça élfica. Além de pele **acinzentada** eles possuem um reiteki levemente diferente e são bem mais violentos. Os elfos são maioria, mas algumas raças distintas existem em quantidades bem menores como a mal vista raça de elfos negros ou a idolatrada raça de elfo brancos (visto como seres quase divinos).

Imps – Raça que só foi encontrada vivendo nas profundezas da floresta escura do Jisatai; muito conhecida como ‘diabinhos’. São **vermelhos**, possuem chifres e uma cauda pontuda além de asas semelhantes à de morcegos. Poucos imps possuem a capacidade da fala e seu tamanho pode variar desde vinte centímetros a criaturas colossais de mais de quatro metros. Apenas uma outra raça conhecida possui um reiteki mais vil que o dos imps.

O Nenokuni possui uma complexa organização e divisão de classes sociais para que uma sociedade tão mista e diferente funcione em conjunto – tudo isto é possível apenas por causa do antigo governante do Nenokuni o qual trouxe todas estas raças juntas.

Além da organização do Conselho Da Magia foi mencionado o senado élfico e seus guardiões.

A Sociedade Élfica é governada por senadores que cuidam de determinadas áreas e que tem determinada influência em decisões que serão tomadas (decidem assuntos por votos no senado). Os elfos também podem possuir importantes títulos; um Herói Élfico é aquele que dominou completamente as artes élficas de arma corpo-a-corpo. Um Mestre Élfico é aquele que dominou as artes máximas de arco e flecha (arma à distância em geral) e um Lorde Élfico é aquele que domina magia e reiteki em combate. Um grupo seleto de cinto elfos é conhecido como os Guardiões Élficos – cada um deles é mestre em pelo menos duas das três características citadas acima e são a maior força da sociedade élfica. A sociedade élfica importa-se com cada um de seu povo e os mais pobres dos elfos têm o semelhante à classe média alta na sociedade humana.

O império vampírico, a sociedade élfica, o reino anão e a nação hitojin são as quatro maiores potências no Nenokuni – muito mais poderosos que qualquer outro povo e são praticamente parte do Conselho. Os muitos povos e raças aliam-se ao Conselho e formam a organização mais poderosa no Nenokuni; seus únicos visto como inimigos são chamados de ‘ameaças’ e recebem o título de barão – aqueles que dominam o ‘submundo’ de comércio de armas e o que mais o Conselho não permita, mas que rendam dinheiro, fama ou poder são também barões.

Foi dito que Ex-Ensen criou os portões à Superfície. Portais randômicos levando à Superfície apareceram pelos reinos da primeira camada do Nenokuni e para evitar que aparecessem do nada como fendas no espaço (o que é algo bastante perigoso) ele projetou os portões de modo que os portais para a Superfície ficassem em um local fixo e já determinado.

Alison permanece com a Dark Queen até próximo ao início de agosto (dia 208 ano 002).



**Lenilda Silva**

レニルダ。シルバ

Ela nasceu em 1028 AEK (988). Poderosa elfa que muitas vezes representa sua inteira raça.

Ela tem 1,60m de altura. Seu cabelo é **negro** e vai próximo ao meio de suas costas; geralmente usa-o solto ou enrolado em um 'coque'. Usa roupas leves da mais alta qualidade e ostenta apenas quando comparece a reuniões importantes. Sua pele é branca e possui olhos **castanhos**. Ela é bastante magra e está na idade entre adulta e senhora para os elfos.

Ela tem procedência de uma família pobre sem destaque e foi construindo sua reputação com as próprias mãos através de seu esforçado estudo de magia, reiteki e de suas ideologias pacifistas – almeja nada menos que a absoluta paz a todos; nem que tenha que fazer guerra e destruir todos que não concordarem para isto. O mal perecerá!

Lenilda – Apenas quando viverem na paz que desejo é que poderão entender o porquê eu faço o que faço.

Progredindo academicamente conseguiu o lugar de destaque que precisava para expor seus ideais; as quais não tiveram repercussão antes dela torna-se uma das mais famosas pessoas no Nenokuni. Por continuar estudando diligentemente ela desenvolveu uma maneira de limpar o ar de todas as bactérias nocivas; o ar repleto de mana no Nenokuni prova-se capaz de atender as suas expectativas.

Após desenvolver seu projeto em pequena escala ela apresentou-o ao governante do Nenokuni – o qual achou uma ideia estupenda e declarou que deveria ser feito em todo o Nenokuni já que as doenças de raças como orcs e trolls matavam muito mais que seus ataques.

Logo ela se torna uma importante parte da corte do Rei do Nenokuni e suas ideias sobre paz são difundidas entre todos.

Seus anos de estudo foram sobre como usar magia e seu reiteki em testes e pesquisas como na destruição das bactérias sem causar efeitos colaterais, contudo também serviu para que ela se torne uma poderosa maga de classe sete em quatro elementos (a mais alta classe) e perita em uso de reiteki élfico. Com a formação do Conselho ela tornou-se uma das sete estrelas.

Por sua firmeza em suas próprias ideias ela é muitas vezes vista como uma pessoa desagradável, toda via aqueles que têm real contato e passam tempo com ela sabem que no geral ela é bem mais amável do que aparenta. Ela pode ser severa ao ensinar, mas visa o melhor para seus alunos e para o futuro.

Elfa. Duquesa. S- rank.

## Qual É A Desse Reino

---

**Jisatai**

地獄咲太陽

Reino localizado na primeira camada do Nenokuni. É governado pela Dark Queen e não há objeção ao seu domínio.

Há tanto criaturas selvagens quanto raças inteligentes vivendo em harmonia no reino. Ao noroeste encontra-se a floresta de Harstloon onde elfos e kis habitam assim como trolls florestais e criaturas menos agradáveis. Na floresta escura ao leste encontra-se uma das poucas vilas de elfos negros e no deserto abaixo é comum encontrar elfos do deserto; entre o deserto e a floresta escura há uma sinistra floresta carmesim e um gigantesco poço onde é a única localização conhecida deimps. Ao sueste encontramos uma montanha com alguns quilômetros de altura; em seus cumes há harpias, grifos e pequenos dragões – seres alados.

Ao norte há uma cachoeira que desce as montanhas e forma o único lago e rio na superfície do Jisatai; nele habitam diversas espécies de lâmiás. Ainda ao norte encontra-se a cidade anã de Karavak a qual coleta minérios do Jisatai. Vilas orcs são encontradas em diversos pontos do Jisatai e embora haja apenas uma vila troll é comum encontrar trolls vivendo solitariamente nas montanhas.

Ao centro do mapa há um portal para a Superfície de livre acesso a quem quiser utilizá-lo e acima dele há um pântano cercado por um pantanal (pântano sem árvores) e com profundas cavernas em seu fundo – é habitado por nagas e lâmiás anfíbias. Ao oeste há uma planície congelada habitada por yetis e golens de neve além de uma vila pertencente aos barbegazis. Ainda nas planícies congeladas há uma floresta habitada por jotuns, wendingos e orcs. Abaixo há uma pequena vila mercante.

O local mais importante no Jisatai é o Kuraunhouseki – o palácio da Dark Queen. Lá vivem a governanta do reino, seus soldados e goblins que a servem diretamente. Ao lado do Kuraunhouseki há a cordilheira de montanhas que divide o reino e atrás há uma área vulcânica de onde a Dark Queen produz obsidiana de melhor qualidade para comercialização; ele é habitado por cherufes e salamandras também foram vistas na área. Ao oeste do Kuraunhouseki há uma monstruosa montanha e uma vila habitada por goblins que trabalham para a Dark Queen; eles que produzem a obsidiana e trabalham nas minas em busca de metais preciosos ou o metal divino do Jisatai – Bedenmon.

Apenas o baluarte do antigo Rei é uma fortaleza mais segura que o Kuraunhouseki – caso seja necessário o Kuraunhouseki pode sustentar a inteira população do Nenokuni e ter as terras para prover-lhes alimento.

Sua dimensão total é aproximadamente quatrocentos quilômetros de leste a oeste e trezentos quilômetros de norte a sul (127 777 km<sup>2</sup>). Sua altitude máxima é na ionosfera a cem quilômetros. Seu tempo é considerado comum e bastante semelhante ao da Superfície em termos de dia e noite; as estações são similares as do hemisfério norte na Superfície.

## 十二

### Duat; O Reino Da Areia

*“E aqui neste inferno uma minhoca pela areia ardente atrás de mim vem e mostra seus dentes como presas, e a fome insaciável dela a faz maior que eu. Eu não sabia de onde tal monstruosidade poderia ter possivelmente sido originada, mas eu sabia que é minha lei natura opor-me a ela.” – Kaiho, Canto 12.*

Gustavo – Ah é. Já sabe para onde vamos?

Eu – Tô em dúvida ainda.

Gustavo – Sabe usar esse coisa aí?

Eu – Sei nem ligar isso; tô botando uma mana nele e ele tá só ficando loucão assim.

Gustavo – Segue uma seta aí e vamo vê no que dá.

Eu – Essas porcarias podem tá lá longe. Vindo com aquele cara foi bem rápido; só que você é muito lento aí. Aprende uma habilidade de movimento vai.

Gustavo – Meu poder só serve para jogar fogo nos caras. D: .

Eu – Tem aquela montanha com os grifos lá; podemos pegar um e ir de boa voando.

Gustavo – Você foi pegar um lá na Nova Zelândia e quase morreu lembra? E a montanha fica do outro lado do reino; mais fácil ir para um portal.

Eu – Vamo seguir esse daqui então.

Gustavo – Qual é esse daí?

Eu –Duat, eu acho.

Gustavo – O dos caras do Egito?

Eu – ‘LOL’; como é que tu sabe?

Gustavo – Eu aprendi as coisas também; tá achando que sou burro é? e.e .

Eu – Vamo então.

A Dark Queen não me sugeriu diretamente para onde ir, mas pude sentir em seus conselhos e informações que sua mão me empurrava em direção ao Duat. Não quero participar do que quer que seja que ela esteja jogando, mas continuarei por agora.

Gustavo – Vai roubar esses dragõezinhos da Dark Queen não? Ela saiu de novo não sei pra onde aí.

Eu – Que roubar; tá louco é? E quando foi que ela saiu antes que não vi?

Gustavo – Quando tu tava treinando ela passou a maior parte do tempo viajando e voltava com uns guardinhas... Acho que era coisa lá do Conselho. E tu rouba as coisas direto. :v .

Eu – Quando que roubei algo? O negócio lá da carroça o cara devia a vida dele à gente. As motos para Salvador o povo já tava morto. Tudo que peguei eu tinha total direito ou então era inimigo. A Dark Queen ajudou demais; é claro que não vou roubar – terei é que ajudar ela depois para ficar certo.

Gustavo – Isso é o que eu falo e você rouba do mesmo jeito. e.e .

Eu – Cala a boca e vamo logo.

...

Gustavo – Uia; esse é o caminho para onde a gente tava né? Lá pra floresta dos elfos.

Eu – É; um dos motivos que escolhi o portal pro Duat é porque já tá pelo caminho que sei melhor e porque deve sair lá no Egito quando for para a Superfície. O Egito foi uma nação que sobreviveu bem a guerra e de lá vai ser fácil voltar para o Brasil ou onde quer que seja.

Gustavo – Tô ligado... O portal é um treco de luz rodando né?

Eu – A Dark Queen falou algo assim... Por quê?

Gustavo – Porque tem um ali. e.e .

Aproximamo-nos do que Gustavo descreve como 'um brilho escuro'. É um feixe de luz em forma de espiral pairando logo acima do solo.

Gustavo – Esse tá perto; vamo nesse mesmo?... Dá um medo de passar por esse coisa. '-'. .

Eu – Esse não tá na bússola aqui não. É melhor ir procurar um que o coisa aqui aponte.

Gustavo – Vai ser meio ano procurando esses portais para poder achar os outros portais para a Superfície. Vamo logo nesse.

Eu – Fica quieto vai; esse não tem o para a Superfície. Seria burrice demais perder tempo nele.

Gustavo – Como tu sabe que não tem? Só indo pra ver.

Eu – Tu não sabe de nada vei; só os da primeira camada que tem o da Superfície. Não viu a Dark Queen falando? Os seis que têm portões tem aqui na bússola e o outro é a capital do Nenokuni; The Cathedral.

Gustavo – Mas uma outra hora ela explicou que os monstros apareciam lá pela Superfície por que aparece umas fendas para a Superfície e leva os caras.

Eu – Ela falou que isso acontecia antes e foi a causa que levou a construírem os portões; para acabarem com as fendas e agora com os portões ativos não existem mais elas. Tu sabe nem o que tu tá falando. E mesmo se fosse no tempo das fendas seria imprevisível saber onde uma apareceria exceto que seriam na primeira camada; que não é por aí.

Gustavo – Então tá bom; não sei de nada não! Mas ainda acho que esse aqui é o certo.

Antes que pudéssemos continuar conversando um bando de orcs saem às presas pelo portal; o qual se fecha antes que todos passem por causa do demasiado uso.

Gustavo – Deu tanga vei! Tamo cercados!

Os muitos orcs não parecem interessados em atacar-nos e continuam correndo; como se estivessem fugindo de algo. A maioria está em sua comum montaria de lobos e muitos estão feridos ou até a beira da morte.

Eu – Os caras já tão morrendo; tem alguma coisa maligna no portal que tava matando eles...

Gustavo – Ainda bem que a gente não foi nele né. e.e .

Eu – É; ainda bem que não ligo para o que você fala.

A naturalidade com que reagimos ao que poderia ter sido dezenas de bandidos nos atacando é atordoante – quanto mais tempo passamos aqui menos coisas nos surpreendem. O chamado ‘senso comum’ na Superfície não se aplica aqui.

Os lobos que correm carregando corpos de orcs mortos são inúteis para nós já que estão feridos e cansados; devem estar voltando de alguma batalha. Por motivos óbvios raramente um orc vive muito.

Gustavo – Nunca mais tivemos notícia de banda né? Povo ficava lá na rede social tudo locões com coisa dos famosos. Será que tem essas coisas naquele pager dos caçadores?

Eu – Como que vamo ter notícias da Superfície se tamo aqui vei? Tá ficando louco?

Gustavo – Tô falando não só aqui; desde quando começou os ataques dos bichos não teve nenhuma banda ficando famosa.

Eu – Direto tinha as festas lá na cidade como sempre; não?

Gustavo – É, mas ali é das pebal demais. Tô falando aquelas que fazia uma música e ficava bem famosa\* e todo mundo ficava só falando da música o tempo todo; daí todo mundo enjoava e parava de ser famosa. e.e .

Eu – Tem aquele cara da guitarra bem famoso. Aquele que é dos Guardians.

Gustavo – É mesmo né; até sem internet todo mundo conhecia o cara. Deve ser fodão demais ele.

Eu – Não dava para ouvir as músicas dele por que ficam ruins gravadas; só fica boa ao vivo que ele usa o Kaiho para fazer umas coisas com o som.

Gustavo – E além de ser bem famoso\* tocando musica ele é dos chefões lá nos Guardians... Será que vamo ficar famosos assim algum dia também?

Eu – Hahahahaha; quando sairmos daqui já vamos estar fortes. Daí se quiser ficar famoso é fácil, mas quero só ganhar dinheiro para poder comprar as coisas e ficar lá de boa... Vou ficar o dia todo jogando Rpg quando eu voltar.

Gustavo – É né; ficar famoso pode ser perigoso... Tem uns caras que o governo caça e se for amigo do governo os Freelers caçam. De todo jeito o cara morre. D: .

Eu – Se as pessoas daqui sabem da gente os da Superfície devem saber também; eles interrogam os monstros para saber mais do que tá acontecendo entre eles, mas sem internet e essas coisas fica difícil para acharem a gente. Devemos ser meio famosos nos fóruns já.

Gustavo – É; vamo lá então que depois de chegar lá tem que achar como viver ainda. Quero comprar um dos videogames novos que os caras tavam só falando que ia lançar.

Continuamos nosso caminho a pé e passamos pela vila mercante. Após muito andar descansamos na vila dos barbegazis ondem demonstram hospitalidade e nos oferecem provisões para a viagem. Tudo que carregamos são as roupas do corpo e levo minhas espadas (e os mapas, mas no cofre astral); até o bokken deixei no Kuraunhouseki – o palácio da Dark Queen. Gustavo por sua vez leva apenas seu bichinho de estimação e as recém-adquiridas provisões da comida exótica que os barbegazis fazem usando molho das flores que crescem em sua região nevada e carne de yetis.

Ao chegarmos à floresta de Harstloon percebemos que estamos próximos ao portal já que todos os pequenos movimentos levam o ponteiro a mover-se. Embora não mencionados é comum ter vários encontros ao longo do caminho; tanto de uma batalha rápida, um estranho que compartilha informações do caminho ou simplesmente pessoas que passam por nós.

Uma das pessoas que passou por nós foi um velho **moreno** e barbudo; por algum motivo ele me pareceu familiar, mas não recordei de onde. Até que percebo pela sua presença que é a árvore que encontrei da primeira vez que estive nesta floresta – entendo agora como é a raça chamada apenas de 'ki'. São uma raça entre vegetal e animal e podem transformar-se não apenas em árvores, mas também em fungos e algas; cada indivíduo da espécie possui sua específica transformação. É a raça mais interessante que ouvi falar até agora.

Ao passarmos tempo com a Dark Queen aprendemos não apenas os detalhes das raças que tínhamos apenas lendas na Superfície, mas também a existência de muitas outras. Lobisomens são uma raça que podem transformar-se em caninos; cada indivíduo possui sua própria subespécie de lobo ou cachorro – caninos em geral – que podem transformar-se. Assim também são os felomens, contudo eles transformam-se em felinos e não em caninos; tendo até mesmo poderosas transformações de pantera ou leão entre si. Seguindo este rumo há muitas outras raças que possuem uma forma humanoide de um animal e embora sua população não chegue nem perto das raças maiores como vampiros, elfos ou hitojins elas são bastante interessantes.

Ao viajar podemos por em prática o que aprendemos sobre o Nenokuni e temos uma visão bastante diferente das coisas; no quarto dia após a nossa saída do Kuraunhouseki encontramos o portal aqui na floresta de Harstloon (pouco mais que 200km de distância, mas apreciamos calmamente a viagem – até ousaria dizer que após o treinamento tornamo-nos confiantes e despreocupados com andar pelo Nenokuni). O sol já se pôs e sobre a escuridão é fácil ver a luz que emana do portal. Este portal é diferente do outro, este é **amarelo**, mas não um **amarelo** vivo; é mais como um **amarelo** cor de areia. Como a cor **couro**.

Gustavo – É esse o portal né?

Eu – Deve ser; se rodar em torno dele a bússola aponta pra ele.

Gustavo – Parece com o outro lá; só que a cor é diferente... E é mais calmo também.

Eu – Deve ter coisas que influenciam o portal que não sabemos; vamo passar logo.

Gustavo – Já tá anoitecendo. Não é melhor dormir aqui antes não?

Eu – O portal pode sumir e termos que ir procurar de novo; já tem quatro dias que a posição dele tá aqui. E pode não ser de noite lá.

Gustavo – Será que tem um Saci ou Curupira por aqui?

Eu – Aqui onde? No Nenokuni?

Gustavo – É. Deve ter a Mula-Sem-Cabeça, Boitatá, Lampião né?

Eu – Lampião nem é um bicho mitológico cara.

Gustavo – É mesmo; sou burro. Asuhasuhsauhsuahushashashuashaha.

Prosseguimos através do portal e saímos exatamente onde imaginávamos. A sensação de passar pelo portal é quase indescritível. Em um momento você está em um lugar e no outro, após pisar no portal, você aparece em um local totalmente diferente, com outro clima, temperatura, densidade do ar e levemente até a gravidade muda. Tal mudança repentina é maravilhosa de um jeito único.

Gustavo – AI MEU OLHO MEU DEEEEEEEEEEEEEUSSS!!! AI MEU OLHO!!!!!!!!!!!!

...

Gustavo – Porra! Fiquei cego!! Teu olho tá doendo não vei?

Eu – Vindo das trevas para a luz vai doer né; gritar não vai mudar nada. Vai abrindo o olho e vê se já tá bom aí.

Gustavo – Abre tu vai; quase me cegou essa porra.

O portal nos leva da escuridão que está à floresta sem luar para a claridade de um sol a céu aberto em um deserto de quase 50°C.

Eu – Se os caras tentarem prender a gente é só fugir pelo portal.

Gustavo – Dá muito trabalho achar esses portais, os caras vão capturar a gente antes de fugirmos. E só tem areia pra todo lado; como vamo lembrar onde tá!?

Eu – A gente procura um mar. Hhahahaha .

Gustavo – ... Não entendi. ‘-’ .

Eu – O mar vermelho cara; esqueceu?

Gustavo – Ahhhhhhhhh entendi... Hahahahaha ; que idiotice. e.e .

Eu – Acho que tem algo sobre usar um portal duas vezes ou algo assim... Não lembro direito...

Gustavo – É aquilo que se usar o portal muito ele muda de lugar, não?

Eu – Acho que não... Depois a gente descobre.

Ainda esperando que nossos olhos ‘acostumem-se’ com a luz nós somos forçados a abri-los quando a areia da duna que estamos começa a desmoronar para um buraco que surge forma em sua base.

Gustavo – Que merda é essa vei!?! Areia movediça!?!?

Eu – Não seja burro cara; areia movediça é só uma areia molhada e é quase impossível uma poder sugar uma pessoa toda.

Gustavo – Os filmes me enganaram... Que porra é essa então!?!?

Logo sua pergunta é respondida ao uma ‘mongolian death worm\*’ aparecer no centro do desmoronamento da areia.

Gustavo – É aquelas minhococonas\* do deserto!

Eu – Shit; é ágil!

Gustavo – É ligeira. e.e .

A mongolian death worm (quatro metros altura e largura por doze metros de comprimento) move-se na areia como um tubarão na água ou um pássaro no céu – é como se a areia leva-a para onde ela desejar. Ela mergulha de volta na areia e a duna que estamos começa a tremer; já sabemos que ela sairá abaixo de nós e por isto pulamos da duna. Ela não apenas sai pelo topo da duna, mas também com uma força suficiente para lançá-la a alguns metros no ar. No ar ela completa seu ataque por mergulhar já tentando comer alguém.

Seu alvo é Gustavo e ele desvia por lançar-se rapidamente como uma chama – ele pode transformar-se rapidamente em um jato de fogo e lançar-se; o que é usado para evasão rápida de ataques. Ela mergulha e esperamos para ver onde ela sairá em seguida.

Gustavo – Cadê?

Sinto sua presença com meu Kaiho antes que ela manifeste-se por vibrações na areia.



Eu – Vai sair nessa duna atrás de mim.

Gustavo – Sério!? Que treco sabido atacando pelas costas... Foge vai!

Eu smirko com a exclamação de Gustavo e preparo-me para contra-atacar o assalto da mongolian death worm. Novamente ela emerge do alto de uma duna e pega altitude para um ataque mais devastador; eu abro minhas pernas um pouco e fico numa posição melhor para receber o impacto. Ao ela vir eu espero o momento certo para acertar-lhe um soco na parte inferior de sua cabeça (onde seria o queixo se ela possuísse um; na mandíbula). Ataco-a usando a técnica de distribuição de pressão tanto para evitar que eu afunde com o impacto quanto para que meu punho não simplesmente penetre sua pele, mas para que tenha um impacto em toda sua parte inferior da cabeça.

O poder do soco e as técnicas em conjunto criam um ataque tão poderoso que é como se a gravidade tivesse mudado de lado – a minhoca para no ar enquanto a onda do impacto atravessa seu corpo mole. Até mesmo ‘inúmeros’ grãos de areia ao meu redor seguem a direção do soco como que puxados por uma força maior que gravidade. A onda do impacto vai até sua cauda e sem ter mais para onde ir sua cauda é destruída e explode como uma bomba de sangue e carne. Seu maxilar inferior é quebrado e seus dentes são atirados pelo impacto com força suficiente para perfurarem através de sua cabeça. Ela é arremessada alguns metros no ar e então cai sem vida nas areias do deserto.

Gustavo – Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeta pooooooooooooooooorra!

Eu – Acho que usei muita força. e.e .

Repentinamente outra Mongolian death worm, esta um pouco menor, emerge da duna atrás de Gustavo. Levado por seu reflexo ele lança fogo contra a minhoca; o que causa que ela mude seu rumo para o lado e não consiga mergulhar na areia. Sem perder tempo eu pulo dentre as dunas e acerto-a com um seiken, porém uso muito menos força que o passado para que ela sobreviva. O soco tem a potência de lançá-la de modo que colida contra uma duna.

Gustavo – Tá viva ainda; mata vai!

Eu – Calma; eu só prestei atenção naquela que matei e daí não percebi que tinha outra vindo. Agora tô ligado e vai ter ataque surpresa mais não.

Gustavo – Tá, mas mata o bicho logo. Vai deixar vivo é?

Eu – Fica de boa; vamo montar ela.

Gustavo – Tá louco cara? Ficar forte tirou tua inteligência? O bicho vai comer a gente!

Eu – Porque você acha que essas duas estavam aqui? Talvez sejam inteligentes e sabiam que pelo portal viria gente para comerem. As coisas aqui não são como lá na Terra onde todo bicho é burrão.

Gustavo – Se é inteligente ela te ‘trollou\*’ então; treco fugiu e já tá lá longe oia. ASUhsuhsauhuhuhushuash.

Eu – Por que não me disse antes seu vadio? Hahahahahahaha.

Gustavo – Fazemo o que então? Só tem areia para todo lado que eu olho. i.i .

Eu – Vamo ir dormir. Passamos o dia todo procurando pelo portal, esqueceu?

Gustavo – É mesmo né; esse sol daqui ficou enganando minha mente... Melhor esperar de noite para ir dormir, não?

Eu – Nem; vai querer sair andando e morrendo aí pro sol? De noite é um frio da porra, mas se formos viajar de noite já fica ótimo.

Gustavo – Só de falar isso já dá vontade de viajar de noite.

Andamos pelo deserto e encontramos algumas formações rochosas, contudo sempre que pensamos em descansar em tais algo nos impede – algo como escorpiões gigantes ou mais minhocas muito próximos para conforto e embora as dunas pareçam calmas e imóveis as areias do deserto estão sempre mudando assim como as criaturas abaixo delas; criatura que embora não vejamos sentimos que estão lá... E aqui.

Gustavo – Eta vej; não vai ficar de noite não!?

Eu – Sei lá... Parece que tá é nascendo outro sol ali...

Gustavo – Porra! É mesmo! Tem outro sol ali vei; tem dois sóis no céu... Hahahahahahaha; tá querendo me enganar né? Deve ser miragens que dá no deserto. Tá achando que não sei é?

Eu – Você que já tá locão aí; sei que é comum encontrar em estórias locais com dois sóis.

Gustavo – Aqui é ruim demais! Ahhhhhhhhh; tô numa agonia aqui com esse calor dos inferno. Pega a bússola aí e vamo sair daqui logo. Nestante dá um câncer de pele e a gente morre.

Eu – Calor é energia. E já falei que aqui é um bom lugar de achar o portão e nem se quisesse dava para ir atrás de outro reino...

Gustavo – Por quê?

Eu – Eu quebrei a bússola sem querer naquela hora que bati no primeiro bicho. e.e .

Gustavo – Owari da (é o fim); vamo morrer. D: .

Eu – É só andar reto que chega a algum lugar; o pior seria andar para o lado errado e chegar às bordas que a Dark Queen falou, mas daí seria só andar pro outro lado que deve achar os caras ou algum povo que vive aqui.

Gustavo – Ou então a gente morrer de fome no caminho... Eu falei que não era para comer aquela comida que os caras deram toda de vez!

Eu – Morreríamos com sede de desidratação bem antes de morrer de fome. Se eu não tivesse comido toda eu já iria estar com fome aqui e seria pior; vamo pro lado de lá.

Gustavo – Para que? Sabe pra onde tá indo ou tá na louca de novo? Tô revoltado aqui já vei.

Eu – Você tá muito revoltado mesmo; só fica quieto e me segue.

Vou para a direção qual senti que havia uma mongolian death worm próxima; assim como as outras ela nos ataca, mas eu apenas a ‘educó’ para que possamos usá-la como montaria.

Gustavo – Sorte tua que não tem IBAMA aqui. Hahahahaha!

Montamos na mongolian death worm e começamos a atravessar rapidamente o deserto em uma direção aleatória; em algum momento chegaremos em algum lugar... Eu espero.

Gustavo – Tu deve tá morrendo aí com essa blusa de frio né? e.e .

Eu – Nestante o sol vai começar a lhe matar e você vai ver como seria melhor estar com uma para lhe salvar.

Eu dispo-me de minha blusa de frio e uso-a sobre minha cabeça como um keffiyeh árabe enquanto sento na ‘posição de Buda’ sobre a mongolian death worm; minha blusa protege minha cabeça e rosto dos raios direitos (não que proteja muito dos raios UVB e UVA) e da luz do sol enquanto o vento provocado pela velocidade com qual a mongolian move-se revigora meu corpo. Tenho tempo para sentar em paz e meditar sobre o que fazer em seguida.

Nossa tranquilidade é interrompida por um assalto repentino. Tal assalto causa a minhoca a dar um solavanco que lança-nos de suas costas; chego ao chão já pronto para retaliar ao ataque, mas percebo que atacam apenas a minhoca. Com a mongolian death worm já está amoque eu permito que continuem atacando-a enquanto Gustavo levanta-se da duna a qual caiu de frente. Analisando os atacantes eu percebo uma semelhança gigantesca com os elfos.

Ando até onde minha camisa caiu e nem a visto; apenas coloco-a sobre meus ombros (como uma capa) enquanto ando em direção aos atacantes para fazê-los prestar contas por terem interrompido meu descanso e deixado minha montaria fugir.

Gustavo – Oia o tanto de cara vei; pvp vai ser loco.

Quando chego a uma distância suficiente para alcançá-los de apenas um impulso eu preparo o ataque, contudo refreio-me ao ouvir um deles dizer:

Homem-do-deserto – Vocês estão bem!?

Uma estranha pergunta para um inimigo, porém logo percebo que atacaram a Mongolian por pensarem ser apenas mais uma criatura selvagem. Conversamos e vemos que são amigáveis; são elfos do deserto. Elfos do deserto são originalmente nômades, mas com o crescer da população muitos trocaram para a vida sedentária nas vilas. Aprendo que aqui no deserto há muitas pequenas vilas ‘subterrâneas’ que possuem fonte de água; aproveitam de formações naturais e criam uma grande laje para evitar que as inquietas areias do deserto causem problemas à vila – como o ar frio desce a vila fica em temperatura agradável e não é o que vem à mente ao pensar em ‘subterrâneo’, ou seja, não me causa claustrofobia (a saída é logo ali afinal). Os elfos que nos atacaram vivem como mercenários e comerciantes nômades de uma vila para outra e muitas vezes fazem este trabalho de vigiar a vila para o ataque de qualquer criatura em troca de comida e abrigo assim como trabalham levando notícias,

tecnologia e bens de uma vila para outra – pensaram que a Mongolian death worm que estávamos era mais um ataque.

Após resolvermos o mal-entendido é oferecido a nós que descansemos de graça na vila; é um local onde tudo é pago e não se tem hospitalidade pois é de maior parte mercantil onde todos estão só de passagem, mas os elfos querem nos dar um local para descansar como forma de pagar pelos problemas que causaram.

Descansamos, aprendemos mais sobre onde estamos, o Duat, e comemos algo antes de partirmos.

Gustavo – A comida daqui é boa né?

Eu – Deve ser porque você tava querendo comer até aquela Mongolian.

Gustavo – É, mas não pareceu muito saudável comer ela não. e.e .

Estamos em um buraco de areia comendo o que conseguiram encontrar no deserto; é a pior coisa que já comi se for comparar com a comida no Kuraunhouseki – em realidade tudo que já comi é a pior coisa que já comi perto de sua contraparte lá. De fato nenhum lugar deve poder se quer comparar com a qualidade absurda de lá.

...

Gustavo – Tamo comendo o que aqui mesmo? Isso é carne! Deve ser das minhocas também!

Eu – Para de loucura vai; isso é kebda. É fígado de algum bicho. Minhoca não tem fígado.

Gustavo – Comi demais já; quero ir dormir de novo agora.

Eu – Já deve tá de noite; pega uns keshk desse aí para a gente levar e vamo embora.

Gustavo – Qual que é keshk?

Eu – Esse branco aí que parece um bolinho.

Com um lanche para o caminho e sabendo que se seguir na direção da lua chegaremos à um rio e seguindo-o ao portal nós continuamos nossa viagem.

Elfo-do-deserto – Ei! Esperem!

Gustavo – Que foi? Não fizemo nada. Ele que disse para eu roubar os bolinhos. D: .

Elfo-do-deserto – Que? Não é isso... É que os deuses não permitem que qualquer um entre na fortaleza de Migdol e muito menos que usem o portão.

Eu – Bom aviso; vamos entrar furtivamente então... E esses keshk podem atrair algum bicho?

Elfo-do-deserto – Não; pode-se carregar comida pelo deserto sem preocupação. Serão atacados mesmo sem comida de qualquer jeito... Mas cuidado com carne do outro lado do rio; tem chacais lá.

Prosseguimos a caminhar por horas seguindo a mesma linha que o movimento lunar e logo a alva resplandece no horizonte atrás de nós.

Gustavo – Tá ficando de dia de novo; tomara que a gente ache algum lugar logo porque esse sol é maligno... Os dois ainda.

Eu – Minha camisa me protege quase todo do sol.

Gustavo – Vai ficar usando ela assim agora é?

Eu – É. Faz menos calor, entra mais ar e ainda é mais filé. Né?

Uso-a sobre meus ombros; como se fosse uma capa.

Gustavo – Parece um louco sem teto que fica usando as roupas como capa. Aushuashasusa. Mas quando passa um vento fica filé mesmo.

Com o levantar do sol passamos a ver melhor e perceber que a quantidade de animais na área está aumentando quanto mais prosseguimos e logo podemos ver um rio ao longe.

Gustavo – Tô vendo um rio bem grande ali no meio do deserto; deve ser uma miragem. Quando o sol tá forte assim fica zoando a cabeça do cara né?

Eu – Miragens não são coisas da ‘cabeça do cara’; podem ser até fotografadas. É uma maneira que a luz reflete... Você só precisa saber que o que você acha que sabe é besteira.

Gustavo – Mas ali é uma miragem né? Tem a ponta de alguma construção ali também...

Eu – Não né; para de falar nisso. Olha o tanto de bicho que já tem aqui perto; obviamente estão indo para um lugar onde tem água.

Gustavo – Como que tem tanto bicho no deserto vei?

Eu – Sei lá; só sei que o Egito fica na África e a África é cheia de bicho.

Gustavo – Oia; tem um voando ali.

Eu – Esse bicho não parece um pássaro não...

Gustavo – Nem um \*\*\*\*\* .:v .

Eu – Parece que é um bicho da família pégasi.

Gustavo – Que ‘pégazai’? Um pégasus?

Eu – Pégasus é o nome daquele pégaso lendário. Um pégaso é aquele animal da mitologia grega que é como um cavalo alado. Pégasos é o plural de pégaso e pégasi se refere a toda família semelhante a equinos alados.

Gustavo – Que merda é aquela ali vei? Parece um camelo...

Aceleramos o passo e vamos aproximando-nos do rio que é para onde o dromedário alado está indo. Ao passarmos das dunas que limitavam nossa visão vemos que no centro do rio há uma ilha com palmeiras e vegetação fechada. No rio estão elefantes, hipopótamos e antílopes assim como crocodilos e jacarés e cobras d'água; sem falar dos que estão na margem como os leões, búfalos e até... Mamutes!

Do outro lado do rio deve haver chacais como o elfo falou; o que me faz supor que também há os grandiosos bodes aoudad ou os elegantes íbex-da-núbia assim como os feios roedores da hiracoidea, mas o mais notável, além do grande aoudad, são os fenecos. Conhecidos como 'raposas-do-deserto' eles têm grande chance de serem os animais mais lindos que já vi – é melhor que eu não deixe Gustavo ver um ou distrações de nosso alvo ocorrerão.

Gustavo – Porra! Tem um mamute ali vei! Tem um mamute ali!

Eu – Os cientistas lá na Superfície dizem que ainda tinha mamute na Terra quando estavam construindo as pirâmides – a de Giza já tinha mais de mil.

Gustavo – Que lugar filé; mais filé que os zoológicos.

Eu – Zoológico sem jaula. Perigoso.

Gustavo – Mas se um bicho atacar ele apanha pra gente. e.e .

Eu – Ali o bicho que tava voando.

Gustavo – É um camelo mesmo uia e tem um chifre ainda!

Eu – Alicórnio é um unicórnio com asas; esse bicho é tipo um alicórnio modo dromedário.

Gustavo – Chifre dele tem magia então né?

Eu – É... Bora pegar um bicho para comer.

Andamos entre os animais e eles não demonstram nenhuma agressividade nem medo; agem como se nem estivéssemos aqui.

Gustavo – Bichinhos bonitinhos e tudo da paz, vei... Vai matar um mesmo?

Eu – Quer comer o que então? Tem uma floresta ali na ilha, mas fruta é ruim e talvez sejam venenosas... Ou peçonhentas. e.e .

Gustavo – Tô com pena de matar um bichinho... E se os outros verem não vão atacar a gente, não?

Eu – Vamo deixar um ficar sozinho que pegamos ele.

Esperamos um bebê hipopótamo andar para longe de sua manada e me preparo para emboscá-lo. Empunho minha wakizashi que possui melhor fio que a katana e ataco-o para matá-lo em apenas um golpe – sem que ele sinta dor ou que possa atrair atenção de outros –, contudo meu golpe é parado por uma figura misteriosa que ascende da areia. A figura

misteriosa olha para mim e com um simples movimento de sua mão lança-me contra uma duna. Ela possui cabeça de um felino e está trajada com uma abaya egípcia; é a deusa Bastet.

Bastet – Vocês não devem fazer isto a esta pobre criatura... Não neste solo sagrado...

Eu – Algumas criaturas simplesmente comem as outras; é a ordem natural das coisas.

Ao falar isto outra deusa aparece. Desta vez é Ma'at.

Ma'at – A ordem natural das coisas!? O que um humano poderia entender da ordem natural da vida!? Eu pensei que tinha terminado com você caçadores, mas claramente ainda não.

Eu – Não ainda com o caçador azul-celeste (Azure Hunter). ;( .

Ma'at fala com tom agressivo – claramente ofendida com minha exclamação por ser a deusa de equilíbrio, ordem e moral – e antes que eu possa falar mais sou atacado. Ela usa o mesmo movimento que Bastet – uma onda de energia distribuída em esfera no ar que sai pressionando tudo em seu caminho –, contudo é uma onda bem mais poderosa e violenta; destinada a esmagar-nos contra a areia. Os deuses certamente não estão acostumados a humanos se oporem a suas ações e até a pacífica protetora dos animais, Bastet, muda seu semblante quando eu e Gustavo desviamos da punição de Ma'at.

Certamente elas duas não são os únicos deuses aqui e nossa simples ação de desviar é vista como um ato de rebelião já que humanos, e a maioria das raças, são supostos de aceitar o que quer que seja que os deuses ditem. O ataque levanta uma nuvem de poeira que ao abaixar revela a chegada de muitos outros deuses – rebelar-se contra um é manchar a autoridade de todos e ainda mais aqui em sua terra sagrada; o Duat.

Khnum, um deus com cabeça de carneiro, Sobek, um deus com cabeça de crocodilo e Hapi, um deus com um pote de plantas aquáticas como elmo. Estes três aparecem atrás de nós no rio enquanto Ma'at e Bastet estão à nossa frente. Os três são ligados ao Rio Nilo e ao controle das águas; parecem pacíficos e apenas Ma'at está demonstrando agressividade – parecem estar aqui apenas para certificar que o julgamento que Ma'at decidir seja cumprido.

Estando cercado a opção que tenho é retaliar o ataque de Ma'at que tenta vir em corpo-a-corpo. Posso facilmente prever seu movimento e desviar de seus ataques; logo a acerto com um mawashi geri leve. Ela defende-o e os outros deuses continuam apenas assistindo. Percebo que se eu representar algum perigo a ela eles interferirão e certamente não será uma luta fácil; por isto espero que ela resuma seu assalto e acerto-a com um teisho usando a mesma força que ataquei a mongolian death worm quando cheguei ao Duat. Ma'at é cravada profundamente em uma duna e os outros deuses prontamente começam o ataque.

O ataque assusta os animais da área e isto permite que os deuses lutem sem restrições; o primeiro é Khnum que me ataca com uma cabeçada – um ataque comum para um carneiro – que tem o poder semelhante ao de um aríete de cerco. Eu defendo seu ataque, mas o impacto é poderoso o suficiente para criar uma cratera no local e como estamos perto do rio ele já usa seus poderes para fazer uma tromba d'água erguer-se abaixo de mim. Sobek e Hapi estão preparando um ataque usando a água do rio enquanto Gustavo enfrenta as invocações de

animais de Bastet. Enquanto lutamos somos atingidos pelo ataque de Sobek e Hapi; uma onda que além de dar um impacto arrasta-nos para o rio onde temos muito menor mobilidade.

Lanço Gustavo para fora do rio onde ele possa usar seu Kaiho e empunho minhas katanas para sustentar as investidas dos deuses – a situação não parece nada boa, contudo ela logo muda. Imbuo minhas espadas em meu Kaiho e tento atacar Khnum, porém Ma'at levanta-se do que deveria ser seu túmulo de areia e intercepta meu ataque. Tento atacá-la, mas uma força maior faz com que eu caia ao chão no meio do caminho – chegaram os deuses Geb, Nut e Shu; Terra, céu e ar. Por combinarem seus poderes que são referentes a todo o planeta eles podem controlar a gravidade como bem entenderem.

A gravidade que causam é bem mais que o suficiente para imobilizar um humano comum, contudo eu levanto-me e continuo o ataque; desta vez tendo eles como alvo já que não posso lutar contra os deuses em uma gravidade que é difícil mover-me.

Os deuses são poderosos e conviveram juntos durante milênios – o que os leva a ter uma magnífica combinação de ataques. Cada um está fazendo sua parte para imobilizar-nos e isto torna a batalha bastante complicada. Tefnut – esposa de Shu e mãe de Geb e Nut – chega e assim também Atum, o deus da criação. Como deusa de dádivas Tefnut tem como função aumentar o poder de seus aliados em batalha.

Gustavo – WTF!? Que tanto deus é esse cara!!? Pensei que só tinha uns seis, tá difícil demais lutar com esses de água e agora ganharam um boost louco aí; vamo morrer!!

Eu – Tô lutando com vários já; se vira aí vai.

Os deuses chegam e ao ver que os seus companheiros deuses estão em batalha eles também engajam em batalha. Com a benção dada por Tefnut os deuses passam a demonstrar uma aura **dourada** que é a manifestação do reiteki divino; não acho que eu posso ganhar contra tantos de uma vez só. Melhor que eu pense em algo... E rápido!

Atum levanta seu cajado em direção aos céus e os deuses Khnum, Sobek e Hapi criam junto com ele uma enorme esfera de água – é a lendária água de criação, ou destruição – Nun! Quando a destruição é eminente mais uma figura aparece; desta vez com uma presença poderosa o suficiente para ofuscar a de todos os outros deuses aqui presentes. Ela desce do céu trajada de um kaftan e também um nemes que é em forma de naja – é Ísis. A deusa mais conhecida de todo Duat e esposa de Osíris, o antigo governante do Duat, chega com poderosos ventos que dissipam o ataque de Atum – Nun – e que causa todas as dunas próximas a se tornarem um terreno plano, contudo sem causar dano a ninguém.

Ísis – Não lhes cause dano, pois sabemos quão tolos são. Ao invés disto deixa-me apascentar lhes, pois são os primeiros de sua raça que vêm até nós nos últimos dois milênios.

Embora palavras generosas como esperadas da deusa da maternidade, elas são claras e objetivas: ordenou que os deuses não interferissem conosco e que é um assunto que cabe somente a ela.



Obedecendo-a os deuses partem sem a necessidade de falar uma única palavra e ficamos a sós com Ísis.

Ísis – Não tema humano pois venho em paz.

Eu – Não venho para fazer paz ou guerra; desejo apenas encontrar o portal para a Superfície.

Ísis – Shhhhhhhh; sei muito bem a razão que os trazem aqui, entretanto este não é o lugar nem a hora para falarmos disto. Peço que compreenda e siga-me até um local apropriado.

Eu e Gustavo nos entreolhamos e como fomos salvos por ela decidimos ver onde ela nos levará e como ela 'sabe' o porquê de estarmos aqui – de qualquer maneira ela sempre foi minha divindade preferida dos contos Egípcios.

Eu – Cadê seu bicho?

Gustavo – Ember? Eu botei para ele fugir quando começou o pvp.

Eu – Você foi meio inteligente até... Só que meio burro também. Como vai achar ele?

Gustavo – Não sei. D: .

Ísis nos guia através da água cristalina do rio e adentramos na vegetação da ilha em direção ao seu centro onde há um obelisco que serve como uma forma de templo.

**Mapa07**

**Mapa08**

## Epílogo 十二

Famosona – Suposto aumentativo popular de famosa.

Famosão – Suposto aumentativo popular de famoso.

Mongolian death worm – São uma raça de minhocas gigantesas que vivem no Duat ou em grandes desertos; não era incomum serem vistas no deserto da Mongólia.

Minhocona – Suposto aumentativo popular de minhoca.

Trollar – Verbo com mesmo sentido que ‘enganar’. Usualmente de maneira hilária.

Além das quatro maiores raças do Nenokuni há também três reinos de grande destaque; o Duat, o Olympus e Miðgarðr. Cada um deles é um reino pertencente a um panteão de deidades. Tais deidades aliaram-se ao Conselho mesmo contra sua mais boa vontade apenas para não o terem como inimigo.

Mesmo após Rá ter tomado o controle do Duat ainda é Aset que representa seu reino ao lidar com o Conselho. A vida no deserto não é nada fácil e Aset faz tudo em seu poder para ajudar seu povo, contudo aos poucos se tornou a terra desolada pela vontade de Rá. Como visto por Alison o Duat é hoje pouco mais que um local de encontro entre fora-da-lei; há também a fortaleza conhecida como Migdol onde os deuses mantêm o resto de seu povo.

Apesar das condições desfavoráveis alguns deuses mantêm viva a esperança de que um dia o Duat será novamente a terra prospera que um dia foi; assim como foi seus reinados sobre o Egito antes da ‘interferência Dele’.

A sociedade no Duat é quase inexistente e os próprios deuses usam seus poderes divinos para produzir alimento enquanto as raças que os servem são apenas soldados e sacerdotes. Seus súditos foram criados pelos próprios deuses que os governam e a obediência de alguns é restrita a seus deuses; como os anubites de Anúbis ou os aleirafun de Rá. Há também ‘monstruosidades’ como os serpopardos, esfinges, hieracoesfinges e crioefinges.

Em suma é apenas um grandioso reino que tombou e agora reside em ruínas, não obstante logo poderá mudar.

Em breve será abordado o tema sobre níveis de poder e rank; não é plausível que alguém do nível de Azure derrote uma mongolian death worm com tanta facilidade – supostamente é uma luta difícil entre uma mongolian death worm e um D+ rank, contudo o uso de técnicas abriu a possibilidade para que Azure saísse vitorioso. Lembre-se disto no futuro e releia que verá o quão impressionante o uso das técnicas foram ao comparar com outros D+ rank.

Alison encontra-se com Aset (Ísis) dia 213 ano 002.

**Aset Ishtar**

アセット。イシュタル (عشتار إيزيس)

Ela passou a existir em algum período em torno de vinte mil anos atrás. Poderosa deusa da maternidade e magia.

Ela tem 1,65m de altura. Seu cabelo é **negro** e de comprimento que chega pouco abaixo de seus ombros. Usa roupas do estilo lehenga de linho fino tingido e seda com muitos detalhes e ornamentos de ouro. Sua pele é um doce tom de **caramelo** como uma pele branca que foi perfeitamente adornada pelos sóis do Duat; ela possui olhos **dourados**. Ela é de magnífica imagem como deve ser uma deusa ligada à sexualidade desde os dias de outrora.

Ísis – Eu não sou, mas uma mera serva.

Muito antes do início da humanidade ela já reinava como deusa sobre seu povo – diversos tipos de criaturas humanoides. Parte de seu antigo povo ainda reside sobre sua proteção no Duat, contudo a grande maioria foram raças ‘inferiores’ que não sobreviveram ao poder do tempo e das eras – nem mesmo em contos escritos, mas em sua memória.

Embora seu marido, Osíris, tenha sempre sido quem liderara o panteão sempre houve guerras. Rá e Seth, a título de exemplo, sempre desafiaram o direito que Osíris possuía em governar. Com o êxodo ao Nenokuni os deuses estabeleceram um tratado de paz entre si, todavia já era tarde demais para Osíris que havia sido destronado tempos antes. Desde então Ísis viu-se forçada a tolerar o reinado de Rá até uma oportunidade de retomar seu trono.

Ísis – Logo o trono do Duat voltará a seu rei e novamente haverá abundância e gozo para todos aqueles que o servem. Assim digo eu, Astarte.

Aset, ou Ísis, é seu nome egípcio, mas pelos babilônios, acadianos e assírios ela é conhecida como Ishtar assim como os fenícios a conhecem como Astarte (Ashtoreth) ou Inanna pelos sumérios – há mais de uma centena de deuses, mas mais de um milhar de nomes.

Ísis vive pacificamente e sabiamente; seus interesses são apenas para o bem de seus súditos. Seus poderes estão centrados na fertilidade e proteção de outros, porém ela possui habilidade com magia e usa a abundante areia do Duat para defender seu povo por meio de seu divino julgamento.

Deusa. Marquesa. C rank.

# 十三

## Diferentes Objetivos, Mesmo Caminho

*“Em uma cova escura nesta terra estrangeira eu encontrei seus deuses falsos e eles tentaram seduzir-me, mas eu resisti e pela Graça de Deus eu prossegui adiante com minha cruzada.” – Kaiho, Canto 13.*

Ísis – Serei direta com vós, Azure Hunter e Gustavo Lopes, pois assim ouvi de vossa Rainha. Sei que desejais usar o portão à Superfície, todavia isto não será possível.

Eu – ...

Ísis – O Duat não está sob meu comando para que conceda-lhes passagem, nem tão pouco permitirá Rá que humanos entrem em seus domínios.

Eu – Na crença Egípcia há sobre como Osíris perdera o poder... Rá ainda reina com Set então. O que você veio propor?

Ísis – Eu proponho que deis meia volta e fujam antes que Rá os encontre; isto é o que eu sinto, porém chegou-me a conhecer que não o farás e continuarás em teu caminho mesmo contra Rá.

Gustavo – Oxe; por que tá preocupada com a gente?

Eu – Como deusa da maternidade é compreensível isto e também que não pode desafiar a Rá abertamente. Já sabia que eu continuaria e enfrentaria os deuses; pretende ajudar-nos mesmo assim?

Ísis – Queria eu que fosse ajudar-vos, mas eu serei quem será ajudada ao que pode custar vossas vidas. Como falastes não posso envolver-me diretamente, contudo posso conceder ao menos uma luz de esperança em sua vitória. Há catacumbas que levam ao centro de Migdol e poderão ter esta vantagem. Há também uma espada, uma espada capaz de fazer até um humano desafiar um deus, e ela está na câmara de Osíris nas catacumbas. Devo avisar-lhes, porém, que um humano não sobreviveria ao mero toque da espada, mas se não fores capaz de empunhá-la tão pouco serás de derrotar a Rá em combate.

Eu – Uma espada hum? Não lembro disto nas lendas... Contudo o plano é falho desde o começo – eu sou claustrofóbico e não posso ir no subterrâneo.

“Eu não... Estava ciente disto... Então a esperança é vã.” – diz Ísis repentinamente perplexa.

Eu – Continue; conhecimento me será útil independentemente do caminho que eu siga.

Ísis – A existência da espada foi mantida em segredo dos humanos; é a Ankh Sayf – a arma mais poderosa do Duat. Devo ir antes que suspeitem de algo a meu respeito, todavia há ainda algo mais que desejo fazer por ti ó guerreiro que lutará pela liberdade de meu povo. Se vestires o ankh eu poderei abençoar-te com minha divina proteção para que prevaleça sobre tamanho desafio.

Usando conjurações Ísis cria um ankh (cruz alçada egípcia [cruz ansata]) de luz no ar e crava-o na parte interior de minha blusa.

Ísis – Desejo-lhes a vitória e que encontremo-nos mais uma vez. Adeus Azure Hunter.

Eu – O desejo de um deus é o inescapável destino.

Ísis – E quando deuses desejam por coisas diferentes?

Eu – Apenas o único verdadeiro deus prevalecerá.

Ísis sorri tristemente e volta a seus deveres para que não haja possibilidade de desconfiarem e então prepararem-se para algo.

Gustavo – Eta veí; isso tá parecendo perigoso de mais. Dessa vez podemos morrer mesmo; viu como aqueles deuses são fortes? Imagina o boss! D: .

Eu – Como ela falou a espada lá pode deixar até um humano capaz de derrotar um deus; imagina agora que somos no mínimo dezenas de vezes mais fortes que humanos comuns? Pra tu a espada não será problema de pegar e se for poderosa como ela diz então dá para ganhar.

Gustavo – Tô dizendo que vamo morrer, mas se você diz né. Eu vou tá lá para jogar uns fogos nos caras enquanto tu vai matando com a Ankh Sayf... Gostei desse nome; parece fodona.

Eu – Ishizu tá se comunicando comigo através do ankh aqui.

Gustavo – Ísis?

Eu – É; ela é conhecida por muitos nomes e eu gosto de falar 'Ishizu'.

Gustavo – Já tamo sabendo mais dos deuses do que os caras lá que adoravam eles. e.e .

Eu – Ela tá me falando aqui sobre os exércitos que tem lá e o que devo ter cuidado com.

Gustavo – Esse lugar é igual uma livraria; pega uns livros aí e aprende uns trechos vai.

Eu – Eu tava olhando eles nestante; não viu?

Gustavo – Só olhou, mas não leu nada.

Dou um livro para ele e ele folheia-o.

Gustavo – Dafuq!?! Tá em japonês essa porra!

Eu – Que japonês cara!?! Tá tudo em cóptico, sumério e todos mesopotâmicos né animal.

Gustavo – Ah; é mesmo né esses trecos são mais velhos que tudo. E tudo entende japonês.

Eu – Vamo comer algo e descansar no templo do obelisco que parece ser seguro; daí continuamos para as catacumbas.

Gustavo – Sabe onde é?

Eu – Ishizu tá me dando umas inspirações aqui e é como se eu já conhecesse como andar no Duat todo.

Gustavo – Apelão esse negócio aí né? Por que eu não ganhei um? D: .

Eu – Se fosse dividir o poder para dois ficava pebal né; melhor só em um que fica forte e sou eu que irei engajar no corpo-a-corpo.

Gustavo – Pode ser, mas agora vamo caçar algo que tô morrendo de fome aqui.

Descansamos no templo; a energia que emana do obelisco no centro da ilha é impressionante – ela ajuda a tudo que estiver próximo e abençoa o crescimento das plantas e animais. Humanos foram ditos de fazer coisas impossíveis com a benção dos deuses e aqui agora vemos tal poder ao sermos revitalizados em poucos minutos – como se tivéssemos passado vários dias descansando após a maldita caminhada no deserto que foi como se estivéssemos caminhado por vários dias.

Gustavo – Passar por esse rio me deu um chulé vei.

Eu – Você tá com o mesmo sapato da Superfície ainda cara!

Gustavo – Uia; tu tá com uma bota nova. Onde tu arranjou isso?

Eu – Tem mais de mês já; foram os anões que me deram. Só que é muito pesada e ruim.

Gustavo – Quero uma também. Eu deveria ter pedido uma armadura para a Dark Queen. D: .

Eu – É pesada mesmo; você mal ia consegui andar. Vou arranjar uma de elfo depois que deve ser boa pra mim.

Gustavo – Viu; quero uma depois então.

Mesmo depois de muitas horas de claridade o sol ainda brilha forte no Duat.

Eu – O sol tá muito forte, mas vamo assim mesmo.

Gustavo – Os sóis; tem mais de uma ainda. Assim tá ruim demais vei.

Eu – Qualquer hora os caras lá podem saber da gente; lutamos com vários deuses ainda por cima. Temos que ir logo. Só tomar um banho ali no rio que dá para sobreviver. Somos da Bahia porra!

Gustavo – Queria ir pra uma piscina. .-. .

No rio encontramos um ‘peixe’.



Gustavo – Uia; vamo comer esse?

Eu – Tá louco? Isso é um liwyathán, é feio e deve ser ruim.

Liwyathán, ou leviatã, é o nome hebreus para baleia, contudo tornou sinônimo de qualquer grande monstro marinho pois é usado originalmente no Tanakh ('Velho Testamento') para referir-se ao 'grande peixe'. Muitas vezes tal é ligado a uma grande serpente marinha ou uma mistura entre peixe e serpente pois é ligado ao litan cananeu que é tal criatura; algo que aproxima ainda mais tal conceito é o fato do litan, servo do deus Yammu, ser derrotado por Ba'al Hadad (que após matou outra grande serpente, Têmtum) – Ba'al é dito ser o supremo deus e ser benevolente e assim Isaias descreveu em seu livro seu deus derrotando o liwyathán e tal com características serpentina. Em suma; o liwyathán é um peixe gigante específico assim como também é um termo mesopotâmico genérico para monstros marinhos.

Gustavo – Será que te caranguejo gigante aqui? Como atrai um caranguejo?

Eu – É só você dar atenção e influir em seus sentimentos; ASUHSASHASHUHASUHSUHS!

Gustavo – Que? Não entendi. Tu fez uma piada avançada aí que ninguém entende né? >\_> .

Eu – Deixa pra lá; não há técnica de caçar caranguejo. Só siri na praia que pode usar sal, mas o ecossistema aqui é totalmente diferente mesmo que tenha areia – não tem eles aqui.

Gustavo – Os deuses não gostam que mate os bichinhos ali não, mas ninguém deve ligar pra um bicho desse; vamo logo aí que tô com fome. Pega esse peixe feio mesmo.

O liwyathán a nossa frente é um peixe colossal tão grande quanto as mongolians death worm, porém de comprimento um pouco menor. O que mais se destaca do liwyathán é sua couraça escamosa que era impenetrável para as armas das embarcações que se deparavam com ele. Novamente minhas espadas possuem poder suficiente apenas para arranhar a superfície e são inúteis, porém um ataque de impacto será bem usado contra ele.

Desarraigo uma palmeira e uso-a como um bastão contra o liwyathán que está próximo à praia – a palmeira causa um solavanco que me lança para trás, mas despedaça-se sem causar dano algum ao leviatã. O liwyathán se irrita com as fibras da madeira que caem sobre seu olho e mergulha na água. Seguindo um movimento semelhante da mongolian death worm ele pega velocidade e salta da água em nossa direção, contudo apenas cai na areia literalmente como um peixe fora d'água.

Com a oportunidade em mãos eu pulo acima do liwyathán e acerto-lhe um seiken. Uso o impacto do seiken para distanciar-me dele e espero a poeira baixar para ver o resultado – meu punho dói e não parece que fui capaz de causar dano significativo por causa de sua couraça.

“Matou oia!” – fala Gustavo ao ver sangue espalhado na areia antes mesmo da poeira baixar. E realmente o liwyathán está morto; meu ataque não causou-lhe muito dano, contudo fez com que ele mordesse a própria língua e matasse a si mesmo.

Eu – Treco é burro ein; pulou na areia e se matou ainda.

Gustavo – Deu sorte se não ia ter que entrar dentro dele pra matar igual com Ember.

Eu – Tem um calango ali oia; não é ele?

Gustavo – Uia; é mesmo!

...

Gustavo – Será que é bom?

Eu – Peixe é ruim demais, quase não tem sabor e todo sabor é dos temperos; as outras carnes também precisam de muito tempero – isso sem tempero vai ser horrível demais.

Gustavo – Fazer o que né. D: .

Com o liwyathán já morto posso abrir sua couraça e cortar sua carne – a qual Gustavo usa seu Kaiho para fritar e comermos. A carne do liwyathán é uma carne dura, ruim de comer, é totalmente branca e parece borracha na textura; tem sabor como que de frango só que amargo.

Gustavo – Esse bicho é ruim demais mesmo \*chun chun chun\* (mastigando). Só tô comendo porque tô morrendo de fome \*chun chun chun\*.

Eu – Essa porcaria não dá é comestível; prefiro ficar com fome até achar algo de verdade.

Alimentamos também à Ember e fazemos mantos rústicos da parte entre a carne e a couraça do liwyathán que se assemelha a um tecido. Com estes mantos seremos muito menos afetados pelos sóis – prosseguimos a sudoeste do obelisco em direção as ruínas onde há uma entrada para as catacumbas.

Gustavo – Minha barriga começou a doer por causa do peixe, vei. D: .

Eu – Eu avisei; fica bom aí que catacumbas são no subterrâneo e vou começar a passar mal.

Gustavo – Nos outros subterrâneos tu ficou até de boa.

Eu – Fiquei pouco tempo neles e tinham bem mais espaço que as catacumbas.

Gustavo – Então tá; vamo rápido então que não dá nada.

Encontramos as ruínas que são os destroços de um antigo templo e um cemitério – supostamente há uma inteira cidade que foi coberta pela areia. Ao final das ruínas, já próximos da borda onde o Duat acaba, encontramos uma passagem para o subterrâneo – a entrada para as catacumbas. As catacumbas eram bastante usadas e possuem diversas ramificações de seus túneis por todo o Duat, contudo agora são apenas uma relíquia do passado e muitos poucos túneis não desmoronaram – é uma caminhada em linha reta daqui à fortaleza de Migdol.

Ao descermos as escadas cobertas em areia e poeira deparamo-nos com um ar extremamente denso e um calor exorbitante. Após andar por alguns minutos começamos a sentir falta de ar.

Gustavo – Ai meu deus! Tô morrendo sem ar! \*hun hun\* (respiração pela boca) .

Eu – Apaga essas tochas que tãõ na parede \*hun hun\* e vai clareando com seu Kaiho.

A passagem tem três metros de altura e quatro de largura, com exceção das câmaras que são mais espaçosas e dá para recuperar um pouco o fôlego. É visível a areia resvalando e minando pouco a pouco pelo teto e a impressão é que desabará a qualquer momento; não é um lugar aconselhável de se estar, contudo a Ankh Sayf e a entrada sem luta em Migdol devem valer a pena – provavelmente não desabará enquanto não fizermos nada drástico.

Gustavo – Ei; o que é aquilo ali?

Eu – Aquilo o que? \*huuuuun\* (inalação profunda).

Gustavo – Aqueles dois coisas brilhando ali na frente... O brilho é estranho.

Eu – Minha visão tá ruim demais já \*hun hun\* acho que tô morrendo.

Gustavo – Tu é imortal... Faço o que para saber o que é?

Eu – Joga um \*hun hun\* fogo lá.

Gustavo – É mesmo... Se tu morrer eu vou ficar preso aqui. e.e .

Eu – É.

Gustavo – Minha respiração tá normal já, só meio difícil de respirar, deve ser tua claustrofobia atacando.

Eu – ...

Gustavo – Lá na frente parece que tem uma sala grande; antes de chegar aos coisa brilhando.

Eu – Vamo lá \*hun hun\* logo.

Gustavo – Calma! Apareceu uma cobrona preta e outra cobrona de fogo atrás! A de fogo não tem cabeça, mas tem uns chifres e olhos de fogo. D:

Eu – Que... \*hun hun\*. Não olha pra elas \*hun hun\*.

Gustavo – Por quê? Corre vai; elas tão vindo!

Eu – Se eu correr eu desmaio \*hunnnnnn hunnnnnn\*; deve ser Boiúna e Boitatá.

Gustavo – Boitatá? Do Brasil?

Eu – Só pode \*hun hun\* ser.

Gustavo – Não desmaia não; senta aí no chão que vou ver o que faço aqui.

Eu sento na areia que agora é o chão e tento melhorar a respiração, contudo cada vez é mais difícil e já sinto o corpo leve pela falta de ar.

Gustavo – Meu fogo não tá funcionando na de fogo não e agora tem uma atacando com água também.

Eu – Deve ser \*huun... hun\* M'boi

Gustavo – Tudo boi nessa porra; uhuashusahusaashasuhahas! Morre não ein!

A M'boi, uma cobra gigante que faz parte dos contos brasileira e domina sobre os rios, ataca-me. Sem água para controlar ela pode usar sua mana para gerar água, contudo uma água que desaparecerá assim que ela parar de manter sua existência. Além da velocidade surpreendente que uma cobra tem ao dar o bote a M'boi ainda tem a capacidade de tentar dá-lo à distância; ela usa seu poder sobre a água para criar uma língua gigante feita de água e usa-a para me prender e puxar-me em direção a si mesma onde poderá me dilacerar de um único ataque, contudo Gustavo corta a 'língua' de água ao meio e evita que ela complete seu assalto.

Gustavo – Já tô lutando agoniado aqui, vei! Não vem me atrapalhar não!

Gustavo cortou apenas a 'língua' e não o movimento; fazendo assim que eu continue sendo arremessado em direção a cobra, porém sem sua 'língua' para guiar o puxão eu sou lançado bem além das cobras para a câmara atrás delas – tal a força do bote de água da M'boi.

Estando agora em um local bem mais espaçoso eu ainda não estou nem próximo de meus cem por cento, contudo já é mais que o suficiente para lidar com três 'cobras'. As cobras mitológicas viram-se em minha direção e tentam o assalto enquanto ainda estou levantando-me. Mesmo com a Boiúna já dando o bote e a menos de um metro de distância eu posso facilmente desembainhar minha katana e atacá-la, mas não antes de inalar uma grande quantidade deste ar quente e empoeirado – suas escamas grossas sustentam a maior parte do dano, mas mesmo assim ela recebe um corte profundo e sai quicando pelas paredes do túnel por causa do impacto. O Boitatá já está me atacando pelas costas e sem nem ao menos virar-me eu estoco-a com a katana – não só uma estocada, mas também lanço-o junto com a espada – uma estocada tão violenta que a espada penetra-o até o outro lado e crava-o na parede.

Gustavo – Eta apelação! Meu fogo nem fazia efeito nessa e na outra ficava refletindo nas escamas. i.i .

Eu – Já levantei na rage.

A M'boi parece ter um intelecto maior que as outras e está apenas andando em volta de mim – esperando a melhor oportunidade. Com a katana cravada no Boitatá e na parede eu tenho apenas a wakizashi para me defender. A wakizashi não é grande o suficiente para perfurá-la mortalmente, nem para defender-me de suas presas se ela der o bote... Terei que desviar de seu ataque e em seguida cortá-la horizontalmente.

Continuo acompanhando seus movimentos com meus olhos e a cada segundo o ar fica mais tenso; é então que decido fazer o primeiro movimento – logo minha adrenalina cairá e não terei um terço da força e agilidade que estou agora. Já fazendo minha investida eu perco o equilíbrio por uma explosão de fogo que quase me atinge.

Eu – Tá louco nego!?

Gustavo – Tem outra aí!

Olho e vejo a cobra que quase acertara o bote, todavia o ataque de Gustavo foi capaz de parar seu assalto. Por ter sido parado em meio a meu ataque fiquei vulnerável e a M'boi faz seu movimento – um bote direto vindo de cima e mantém água ao meu redor para que não possa rolar para os lados; pular me deixaria ainda mais vulnerável a seu ataque no ar. Sou forçado a usar o que não queria aqui – um ataque de impacto. Atinjo-a com um 'taka geri\*' em sua mandíbula com força mediana; apenas para afastá-la.

Eu – Shit! Essa agonia do subsolo me fez esquecer que tem quatro na mitologia brasileira e não consigo me concentrar para sentir as coisas ao meu redor.

Gustavo – Vai na de água aí que dessa eu ganho.

Eu – Não queima o oxigênio todo não seu 'viado\*'.

Gustavo – Eu sei né. Aushaushusahushausahushauhas.

Preparo-me para um segundo encontro com a M'boi, contudo novamente perco o equilíbrio por causa de Gustavo – ele está andando em direção à cobra como se não houvesse nada ali... Será este o poder da 'cobra-encantada'? A claustrofobia obscurece as memórias relacionadas.

Eu – FICOU INSANO, PORRA!!?

Gustavo – Tô de boa... Vei.

Mesmo se eu tentar não chegarei lá a tempo e o M'boi já começou seu ataque – não tenho opção a não ser nocauteá-la o mais depressa possível e fazer o mesmo com a cobra-encantada antes que algo aconteça. Dou um 'hokosaki geri' no M'boi que causa toda a estrutura a tremer e me impulsiona na direção de Gustavo, mas já é tarde demais.

Gustavo está na frente da cobra-encantada e passando a mão em sua cabeça como se fosse um animal de estimação. A cobra-encantada está com um sorriso malicioso no rosto e parece pronta para devorar o tolo.

Gustavo – Pronto... Tá bom agora?

Eu paro ao meio do caminho e fico atordoado pergunto-me o que está acontecendo aqui. A cobra-encantada começa a diminuir gradualmente e a mudar de forma até estar em forma e tamanho humano.

Gustavo – WTF!?

Eu – WTF digo eu; que porra você fez!?

Gustavo – Sei lá veí; quando eu olhava para a cobra eu ficava vendo uma pessoa mais ou menos... Não tem nada disso na lenda não?

Eu – ... Tem mesmo; o burro aqui sou eu então... Na lenda ela é uma mulher que é transformada em cobra e quem conseguir quebrar a maldição ganha riquezas.

Gustavo – Quero ficar rico! =D .

Eu – E também ganha à mão dela em casamento.

Gustavo – Não quero casar com ninguém não. D: .

Cobra-encantada – Awwhhrr (grunhido de alguém acabando de acordar).

Levantando-se da areia está uma bela jovem de cabelos negros – tão bela como raramente se vê. Uma índia de perfeitos traços faciais e corporais digna de representar a beleza da América Latina.

Eu – Dá a tua capa para ela vai animal!

Gustavo – Ah é; tava distraído aqui olhando. e.e .

A jovem veste o manto que Gustavo a dá e levanta-se lentamente. Acariciando sua cabeça enquanto se levanta ela passa a abrir seus olhos – olhos que são como **esmeraldas** e quase que brilham ao ver Gustavo. Ela pula nos braços de Gustavo abraçando-o.

Cobra-encantada – Meu herói! Meu príncipe! Meu cacique! Hihihihihhi (risada femininíssima).

Eu – ...

Gustavo – ...

Cobra-encantada – =D .

Gustavo – ‘-‘ .

Cobra-encantada – :3 .

Gustavo – Me salva, vei! Vai que essa é a técnica dela para atacar o cara. D= .

Eu – Se fudeu; se não respeitar essas coisas de lenda pode ter alguma maldição ou coisa assim.

Gustavo – D:..... .

Cobra-encantada – Oi.

Ela fala português, o que é interessante de ver aqui onde todos falam inglês.

Gustavo – Oi...

Cobra-encantada – Você quebrou a maldição; quando vamos casar? =) .

Gustavo – É... Sabe como é... Cadê meu tesouro? >\_> .

Cobra-encantada – Tá aqui... Onde a gente tá? 1-1 .

Gustavo – Tamo numas catacumbas no Duat...

Cobra-encantada – Que? Onde? Cadê a ‘Bacia Amazônica’?

Desde cacique ela usa termos em sua língua materna, contudo já os entendo nos conhecidos atualmente.

Eu – Você não lembra de quando estava amaldiçoada?

Cobra-encantada – Naum.

Eu – HAHHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!

Gustavo – Que foi? e.e .

Eu – Essa lenda é mais velha que o Brasil; tem mais que quinhentos anos. E tem aquelas coisas que ainda não entendemos como que os deuses vieram parar aqui etc.

Gustavo – Deu tanga então fia; só caso se tiver o tesouro. Precisa cumprir a profecia. :v .

Cobra-encantada – Mas, mas, mas... Okey! Acharei o tesouro e então iremos nos casar! (Y) .

Gustavo – Fala bem para uma índia oia. ‘-‘ .

Eu – Deve ter aprendido com o passar do tempo enquanto tava na forma de cobra.

Cobra-encantada – Não perguntará meu nome!? Que tipo de marido é esse? Eu lhe perdoou. Oi, meu nome é Kaolin, mas todos meus amigos me chamam... Chamavam de Kaolinha.

Eu – Gustavo; tá ruim demais aqui só que pude melhorar um pouco e usar meu Kaiho... Tem uns ‘negos\*’ vindo aí; devem ter sido atraídos pelo pvm que teve aqui.

Deixamos de lado o fato de uma cobra gigante ter se tornado uma menina e estar tentando se casar com Gustavo e nos concentramos em problemas mais urgentes; o Boitatá não está mais cravado na parede e alguém está vindo em nossa direção. Ouvimos vozes vindas do túnel:

Man 1 – Os sons estavam vindo daqui! Há algo aqui lorde Thoth!

Thoth – Se forem apenas aquelas malditas cobras novamente eu jugularei a elas e a vós!

A chegada de Thoth e os que parecem seus sacerdotes é eminente, contudo antes que cheguem Ishizu entra em contato comigo.

Ísis – Samaawi\*! Estás bem!? Os seres que habitam as catacumbas deveriam estar dormindo a esta hora. Foi um erro de minha parte não averiguar.

Pensado bem eu ainda estou consciente mesmo estando a um bom tempo no subterrâneo; abaixo de dez metros de areia e uma estrutura pobre – provavelmente apenas por causa do boost que o ankh de Ísis me concede.

Eu – Ainda estou bem, Ishizu, mas acho que algum deus está chegando.

Ísis – Sim; sabia eu que estarias bem e é por isto que te chamo. Deve fugir imediatamente Samaawi! Os sacerdotes que cuidam da proteção da Ankh Sayf ouviram o tumulto e chamaram os deuses. Felizmente eles não se atrevem a perturbar Rá ou Seth com coisas ‘triviais’ assim.

Eu – Não dá mais para fugir; acabei de sentir que há deuses vindo também pelo túnel que vim.

Ísis – Não preocupe-te, Samaawi; salvar-te-ei!

O susto de Ísis é evidente e seu tom de voz é como uma mãe indo salvar seu amado filho.

Eu – Sabes muito bem que não pode envolver-se, Ishizu; concentre-te apenas em tua sabedoria e não em teu ‘instinto maternal’. Eu lidarei com os deuses aqui... Posso matá-los; não posso?

Ísis – !?

Eu – Mais que qualquer outro povo ou religião os egípcios dedicavam tudo a aprender mais sobre a vida-após-a-morte. Não senti nenhuma extrema energia emanando daqui; como a espada pode ser tão poderosa então? Se tivesse algum selo restringindo seu poder então eu também não conseguiria simplesmente vir aqui e pegá-la.

Ísis – Deveras é tão perceptivo quando ouvi Samaawi... Não interferirei mais e deixarei as escolhas em suas mãos. Sim; caso um deus duático ele renascerá no obelisco ao meio do oásis no obelisco.

Eu – Agora tenho uma ideia do que a Ankh Sayf pode fazer e por que preciso dela para vencer contra Rá... O ankh é o símbolo egípcio para vida eterna.

Ísis deixa que me concentre na situação que estou e continua com seus deveres no Duat. Eu posso sentir poder fluindo através do Ankh em minhas costas e sua mão atrás de mim.

Gustavo – Tava falando com Ísis de novo? Vamo fazer o que?

Eu – Tá vindo uns caras; vai rolar pvp louco. Só que não estou nem com metade de minha força normal aqui...

Um deus com cabeça de íbis entra em cena.

Thoth – Humanos!? Digam-me... O distúrbio mais cedo no obelisco foram vós?

Eu – Sim...?

Thoth – Pois bem...

Os sacerdotes élficos que parecem servir a Thoth fogem e Thoth começa sua investida. Thoth, o deus da sabedoria, é muitas vezes encarregado de proteger artefatos de grande valor; o mesmo se deve com a Ankh Sayf e meramente vernos indo a tal já é motivo mais que compreensível de atacar-nos.

Por já estar em seu conhecimento que fomos nós que causamos uma confusão mais cedo e obviamente não fomos mortos ele logo percebe que ajuda será necessária. Os outros deuses que estavam a caminho apressam-se e em menos de um minuto da chegada de Thoth já



estamos cercados – os deuses que encontramos antes parecem ter imaginado que somos nós e se refrearam de vir.

Nephthys está em conflito ao atacar por que assim como Ísis ela ama aos humanos, contudo sua ‘maternidade’ e proteção é voltada principalmente para os princípios e locais sagrados – estarmos aqui já desrespeita grandemente a tais. Diferente de Ísis que representa o renascimento Nephthys representa a morte – algo essencial para o renascimento e renovação.

Com o ataque feroz de Nephthys o deus da sabedoria, Thoth, apenas a auxilia levemente por apenas fazer movimentos que nós atrapalham. Logo chega Bes, um deus que aparenta ser mais um animal que humano. Como deus da fortuna, Bes dá um boost para seus aliados. Em seguida Tawaret aparece; um hipopótamo com membros de felino e deusa da fertilidade e infantes (bebês) – seus poderes são de proteção.

Mesma com tantos deuses a única no ataque direto é Nephthys, contudo com esses boost ela seria uma adversaria formidável até se estivéssemos na superfície. Nephthys pausa seu ataque e permanece em pé ao meio da sala; no silêncio repentino passos ecoam nos corredores ao nosso redor. Eu, Gustavo e Kaolin estamos de um lado da câmara; Nephthys e os deuses do outro.

Sekhmet, uma deusa formidável, entra em cena junto com seu marido – Ptah. Sekhmet é tanto deusa de guerra e vingança quanto da medicina; o que a torna especialmente perigosa além de ser deusa do fogo. Ptah por sua vez é um deus de criação e artesanato. Com a chegadas destes dois deuses Nephthys levanta sua cabeça lentamente e proclama:

Nephthys – Já está preparado o vosso funeral!

Sekhmet dá um boost em todos seus aliados tanto de poder como de regeneração. Como deus do artesanato Ptah invoca amuletos que dão boost a todos seus aliados. Por ter uma deusa ‘mais importante’ é uma batalha bem diferente onde a função principal dos outros é suportá-la em combate.

Com seu poder aumentado em pelo menos trezentos por cento – além de boost em defesa, resistência e regeneração – Nephthys começa a carregar seu ataque. Ela concentra uma quantidade absurda de reiteki entre as palmas de suas mãos e mesmo antes de estar pronto o ataque já tem um esplendor cegante – em um brilho **branco-prateado** ela escreve o símbolo para ‘terra dos mortos’ e prepara-se para lançá-lo.

Eu – Porra; estão loucos! Não posso desviar disso!

Gustavo – Vai ser forte demais esse ataque; vamo tentar correr... Vai ficar aí!? Tá louco é!!?

Eu – Olha essa merda; algo assim vai desabar tudo e matar todo mundo se eu não pará-lo!!!

Retiro a katana que está na parede próxima a mim e imbuo minhas espadas em meu Kaiho que chegam a brilhar – preparo-me para suster o poder ou ele matará não só a mim, mas a todos.

Tudo parece ter ficado em câmera-lenta quando Nephthys libera seu ataque; é possível ver a surpresa até na face dos deuses que tentam fugir pelos túneis. Gustavo está com as duas mãos

na cabeça sem saber o que fazer e olhando para os lados enquanto eu estou com as duas espadas em uma forma de 'X' com objetivo de parar o ataque. A 'câmera-lenta' acaba e simplesmente estamos no deserto; sem deuses, ataques ou Kaolin – apenas eu e Gustavo.

Gustavo – WT...!

Antes que Gustavo complete sua exclamação um feixe de luz sobe da areia a nossa frente com um estrondo de trovão – somos lançados dezenas de metros no ar junto com uma grande massa de areia. O feixe rapidamente desaparece como uma esfera de luz no céu e o som deixa-nos surdos por alguns segundos. O deserto abaixo de nós se torna um mar de areia sendo sugado pelo buraco qual o feixe de luz passou. Voltamos a ouvir e não é um som nada agradável – é o som de imensas estruturas desabando.

Não entendemos como, mas sabemos que fomos teleportados para fora das catacumbas para o deserto logo acima de onde estávamos. A areia do deserto continua a fluir para as catacumbas e não se limita a câmara que estávamos; o impacto da areia causa com que a câmara desmorone e a areia corra pelos túneis e câmaras ainda mais profundas que a que estávamos.

Dezenas de escorpiões, escaravelhos, minhocas, solifugas, aranhas, libélulas, pterophoridaes, centopeias, formigas-leão e outros seres gigantes que vivem enterrados nas areias do deserto sobem à superfície tentando salvar-se de serem tragados pelo deserto. Caímos nas areias e somos sugados violentamente; como a correnteza brutal de um rio agitado ou de uma tempestade no mar, porém logo somos salvos por Kaolin que em sua forma de serpente pode 'nadar' facilmente pela areia.

Kaolin – Hihihihhi; pensou que Kaolin tinha morrido, sim?

Gustavo – Tava preocupado com a areia quase me matando; nem lembrei disso. e.e .

A 'correnteza' da areia foi periodicamente diminuindo até ficar nula.

Eu – Parece que aqueles deuses já eram.

Gustavo – Ganhamo! Uhuuuuu!

...

Gustavo – Olha o tanto de escorpião e de treco gigante vei; vamo morrer. D: .

No céu os dois sóis ainda brilham com toda sua força e o desmoronamento de areia faz com que o deserto se torne uma grande planície inclinada ao invés de ter dunas. Estamos em meio a dezenas de criaturas que outrora já tentaram usar-nos como alimento. Ainda mais que estão 'gritando'; parecem realmente enfurecidas com algo.

Mongolian death worm – WWAARRRRHHHHWWOOOO!

Eu – Eita; vamo se preparar. Kaolin fica como cobra e vai correndo enquanto de cima de você a gente ataca.

Kaolin – Por quê? =o .

Gustavo – Por que a gente não quer morrer ué.

Kaolin – Não sei se esse calor tá me deixando doidinha, mas acho que tô entendendo o que dizem...

Eu – Os urros dos bichos?

Kaolin – Estão com raiva, mas não parece ser de nós...

Gustavo – LOL; tá locona mesmo.

Eu – Talvez ter ficado como cobra tanto tempo deu essa habilidade para você...

Através do ankh ouço novamente Ísis chamando-me.

Ísis – Samaawi; não pude fazer o que me pedistes. Deixei meus deveres e tomei ação.

Eu – Fez o que?

Ísis – Estou selando os deuses no obelisco para que não possam sair do templo; após renascer seus poderes não estão completos e precisam regenerar-se antes de usá-los. Mesmo se conseguires derrotar Rá sem a Ankh Sayf seria fútil se ele pudesse simplesmente voltar; por isto decidi alterar o obelisco para capturar a Rá assim que o venceres. Conto com tua vitória, Samaawi! Infelizmente não poderei ajudar pois estou \*arh\* tentando manter os deuses presos.

Com tamanha agitação que causei não há como Rá não ter notado a nós; chegou a hora para marchar diretamente para Migdol e derrotá-lo Rá antes que Ísis não consiga mais selar o obelisco.

Aproximo-me de uma mongolian death worm que está urrando e ataco-a com um seiken – concentrei todo o poder em apenas impacto para empurrá-la e causar pouco dano. Após o golpe eu pulo encima da mongolian death worm e concentro meu Kaiho de modo a elevar minha presença. Com a areia levantada pelo ataque e com a presença elevada todas as criaturas entram em silêncio e olham em minha direção. Estando em cima da Mongolian death worm que ataquei eu faço o simples gesto de apontar em direção a Migdol – todos parecem ter entendido e começam a entrar em formação organizada. Lado a lado marcham os escorpiões, minhocas e seres gigantes do deserto; são todos gigantes em comparação aos ‘normais’ mesmo que seus tamanhos variem desde um metro até mais de dez.

Logo Gustavo e Kaolin acompanham-me.

Gustavo – Que porra foi essa vei!?

Eu – Fiz algo como fiz antes para domar aquela Mongolian death worm. Certamente o reinado de Rá prejudica a todos e eles querem vingança também.

Gustavo – Até os ‘animal’ odeiam o cara; pqp!

Kaolin – Que legal. Deixarei que vocês brinquem de guerreiro com esse tal de Rá; procurarei o tesouro e logo você será só meu Gustavo! Hihihihihihihihih; “bai-bai”!

Eu – “Bai-bai”.

Gustavo – ...

Eu – Kaolin tá indo embora.

Gustavo – Deixa ir. Não posso me casar; tenho tanto para viver ainda. D: .

Eu – Deve ser por causa que você perguntou do tesouro; para os índios geralmente o dote que recebe ao casar é a coisa mais importante. Ela deve procurar o tesouro e depois lhe achar de novo. Achei ela gente boa da paz e alegria na vida.

Gustavo – O mundo é grande; acha não e daqui pra lá eu penso numa desculpa boa. e.e .

Eu – Você que sabe né; descansa aí que Migdol é meio longe, mas chegando lá é pvp louco.

...

Gustavo – Como que fugimos do ataque lá mesmo? ‘-’ .

Eu – Sei lá.

Gustavo – Pensei que tu tinha feito alguma coisa aí...

Eu – Ishizu que deve ter feito algo... Eu acho...

Em pouco tempo as criaturas já estão cansadas – deve ter sido exaustante sobreviver a ‘correnteza’ do deserto. Mudamos o curso para o rio onde as criaturas e nós podemos descansar. Usando meu Kaiho já posso ver as muralhas de Migdol no horizonte ao longe – turvas pelo calor as muralhas de terra e pedra permanecem altas.

Para nossa surpresa um bando de elfos do deserto chega à outra margem do rio.

Elfo – Parece que vocês causaram um bom problema para Rá, ein.

Gustavo – Como que todo mundo fica sabendo do que a gente faz?

Elfo – Usamos gaviões e assim sabemos qual vila pagará melhor e onde poderemos achar melhores ‘trabalhos’.

Eu – Não pensei que elfos vivessem como mercenários...

Claro que sei, contudo é bom insultar as pessoas.

Elfo – Somos elfos do deserto! Não fazemos parte nem obedecemos ao senado élfico e vivemos sobre a proteção das areias do Duat; esses são os elfos do deserto. Contudo a vida de mercenário aqui malmente nos mantém vivos; por isto que viemos lutar por nossas terras! Por favor, permita-nos atacar a Migdol com vós!

Gustavo – Eta!

Eu – Como se chamas?

Elfo – Meu nome é Moushekashin.

Eu – Eu sou conhecido como o Azure Hunter e atacarei de frente a fortaleza de Migdol; uma vez que começar não tem mais volta – sairemos de lá vitoriosos ou mortos. Me seguirá, Moushekashin?

Moushekashin – É uma escolha muito melhor que continuar vivendo como ratos!

Eu – Então prepare seu exército; cuide das forças do Duat que cuidarei dos deuses.

Dezenas de elfos já prontos para a batalha proclamam: “Sim, Rabb (Lorde) Samaawi!”.

A cavalaria élfica com dromedários alados cruza o rio voando enquanto outros elfos saltam de um lado para o outro; outros usam de glaciagem e criam uma ponte para todos. Com novas forças adicionadas às nossas criaturas nós continuamos a marcha em direção a Migdol.

Voando acima dos exércitos estamos eu e Gustavo. Eu em um pterophoridae e Gustavo em uma libélula com Moushekashin e a cavalaria élfica logo atrás.

Gustavo – Não precisava da espada lá para matar eles não?

Eu – Se matar sem ela eles vão reaparecer lá no obelisco.

Gustavo – Eta shit! Imagina aí matar um boss e uns minutos depois ele já deu respawn. D: .

Eu – Ishizu tá no obelisco e fazendo com que assim que renasça fiquem presos, os elfos e criaturas também estão depositando fé em nossa vitória. Dessa vez não é mais só eu e você lutando; dessa vez a vitória é algo maior.

Gustavo – Essa é séria mesmo; se perdermos o povo todo aí morre... Usarei as novas técnicas que aprendi e vamo ganhar. Ganhando já voltamos para a Superfície e fica tudo certo. Acaba o dormir no mato, comer porcarias, quase morrer direto e tal. É agora ou nunca!

Eu – Não precisa ficar tão loucão assim também não. É agora ou depois.

Gustavo – Tô na emoção aqui já; chegando lá vou ganhar de todo mundo!

Uma forte brisa faz meu cabelo e blusa dançarem ao vento enquanto todos param; Migdol já está à vista e a batalha final está prestes a começar!

**Mapa09**

**Mapa10**

## Epílogo 十三

Viado – Forma mais comum de ‘insulto’ na Bahia; não significa nada em especial. Muito usado entre amigos. O ouvinte que julgará se isso o insulta e muitos não consideram como insulto.

Taka geri – Forma de chute para cima. Ideal para situações aparentemente desfavoráveis.

Hokosaki geri – Chute reto em forma de lança; ótimo penetrante, impacto ou impulso.

Nego – Forma comum na Bahia de se referir a qualquer pessoa independentemente de cor.

Samaawi – ‘Celeste’ usado para ‘azul celeste’, ou seja, ‘azure’. سماوي ازرق (azraq smawy).

Como dito por Moushekashin os elfos do deserto são dissociados do senado élfico. Elfos do deserto não são um povo novo e seus pais já eram e assim os pais de tais antes deles. Com as centenas de anos como povo singular a sua linguagem e escrita foi sendo alterada e agora assemelhasse mais a do Duat que ao élfico original – o élfico usado atualmente é também bastante diferente do original.

Cada raça que habita o Nenokuni possui sua própria língua ou dialeto; apenas na história élfica são relatados vinte e cinco grandes mudança em seu idioma. Claramente o idioma de orcs e trolls é rustico e de difícil manuseio – as centenas de alfabetos eram um problema gigantesco para a negociação entre diferentes povos no passado.

Contudo não mais; com o passar do tempo os povos evoluíram como sociedade em geral e deixaram de lado os preconceitos que antes tinham. Sob a unificação dos povos que o antigo Governante do Nenokuni trouxe todas as raças adotaram um único idioma.

Poder usar um idioma para todos facilitou a vida de modo surpreendente; raças antes hostis e que eram caçadas se tornaram parte importante da sociedade e cultura – infelizmente muitas raças foram exterminadas por causa de falta de entendimento entre ela e outras.

A língua usada em todo o Nenokuni e na Superfície é o inglês, os dois desenvolveram idiomas ao longo do tempo e incrivelmente chegaram a um resultado em comum; não exatamente igual, não obstante é semelhante o suficiente para entendimento (os diálogos do livro são em português porque o livro é em português). Além do inglês todos também conhecem seu idioma nativo e muitos outros aprendem outros idiomas para avançarem em seus estudos – os mais comuns são o élfico, anão e vampírico.

Alison forma uma tropa para invadir Migdol dia 214 ano 002.



Ex-Ensen Kyuusai

EX-エンセン。急才

Ele nasceu em 201 AEK (1815). É um divino elfo branco digno de epopeias lendárias.

Ele tem 1,85m de altura. Seu cabelo é de cor prata e de comprimento que chega pouco abaixo de seus quadris. Usa túnicas élficas de cores claras que vão de seu ombro a seus pés e possuem manga longa até suas mãos. Sua pele é um tom surreal de turquesa pálida, quase que branca, e possui olhos de cor azul ardósia. Sua aparência em si mostra que ele é parte da ‘raça superior’ de elfos brancos. Ele ainda é um jovem-adulto do ponto de vista élfico.

Elfos brancos são prodígios com magia e reiteki desde o nascimento, contudo um elfo destaca-se até mesmo entre os prodígios – seu nome é Ex-Ensen Kyuusai. Ainda criança ele desenvolveu maestria com magia superior ao padrão dos adultos; o que é surpreendente já que estamos falando da raça mais versada em magia que existe!

Ex-Ensen segue uma impecável carreira acadêmica onde aos onze anos é realizada uma conferência na qual demonstra ter ultrapassado os melhores professores em matemática, ciência e estudo da magia e reiteki. O gênio parecia ter deixado à cena, todavia ele reaparece nove anos depois com uma notícia que abala o Nenokuni.

Ao receber o título de Lorde Élfico aos onze anos ele ainda não estava contente; por esta razão procurou maneiras de expandir sua habilidade com mágica através das artes de shoukan (invocações), mas logo decide que é uma arte tola. Ao procurar mais sobre mágica ele se depara com técnica avançadas que exigem habilidades de outras áreas e este é o início de sua jornada em busca dos títulos de Mestre e Herói Élfico.

Ele aprende sobre a existência de três dragões lendários; as criaturas mais poderosas no Nenokuni e sobre as lendas que contam sobre aqueles que receberam uma arma de tais dragões – aos dezessete anos ele começa sua jornada no reino de Yamachi.

Após dois anos Ex-Ensen completa sua missão; caçar Mizukaze – o lendário dragão de ar e gelo. Sua missão foi um sucesso e como recompensa Mizukaze lhe dá sua própria garra a qual com seu poder transforma-se em uma espada que rivaliza o poder dos metais divinos; Saewataru Jisetsu (冴え渡る時節) – a mais poderosa espada de glaciamento. Com sua volta ele declara ser o glaciante mais poderoso que há.

Ao ser convocado pelo Governante do Nenokuni ele demonstra seu extremo poder e uma técnica sem igual – Ex-Ensen é o primeiro ser a fundir magia e reiteki em apenas um tipo de energia. A intensidade de seu reiteki élfico e sua grande habilidade com magia de glaciamento concedem-lhe o irrevogável título de mais poderoso glaciante.

Na corte do Rei ele novamente encontra algo que cativa seu interesse – um tipo raro de magia que requer do usuário uma ‘mente superior’; requer que conjure-a usando o mero pensamento.

Ex-Ensen tem apenas vinte e um anos quando o Rei cai e o Conselho é formado. Ele luta ao lado de Nihon Polan Ourashi – o segundo em comando para o antigo Rei e formador do Conselho. Embora os deuses e as maiores raças do Nenokuni tenham se aliado a Ourashi e ao Conselho a Revolução é poderosa.

Ex-Ensen serve como comandante da sexta divisão do Conselho e utiliza seus inimigos como alvos para testar inkaning – a magia que ele está aprendendo. Embora não tenha participado em grandes batalhas decisivas ele foi uma importante parte da defesa do conselho pois cuidou de dezenas de exércitos menores abaixo do título de coronel.

Agora que Ex-Ensen finalmente adquiriu conhecimento em uma batalha de verdade seu progresso foi absurdo e ele é nomeado líder dos Guardiões Élficos – posição que ele abandona após a guerra ao ser nomeado como Sexta Estrela do Conselho da magia.

Cento e setenta e cinco anos depois Ex-Ensen (agora melhor inkaner do mundo; outro título qual tirou de Ourashi) lida com os problemas a respeito dos portais que estão levando as criaturas para a Superfície. Ele cria os portões que são um portal definitivo e isto causa que os portais aleatórios deixem de aparecer. Este estudo de portais também o leva a criar portais artificiais entre os reinos e melhorar os transportes e poções de movimento em todo Nenokuni.

Sabendo das impressionantes realizações de Ex-Ensen enquanto ainda jovem é comum a pessoas perguntarem-se o que o futuro reserva para alguém tão genial; sabe-se apenas que ele vem estudando e melhorando suas técnicas de inkaning.

Ao contrário do que muitos imaginam ao ouvir de alguém tão ‘superior’ ele tem uma personalidade bem amigável. Embora não tenha nenhum amigo especial em particular ele tem boas relações com todos os membros do Conselho e não é incomum vê-lo ajudando desde os mais novatos aos mais experientes em seus selos.

Seu modo de luta consiste em usar glacemancia para imobilizar ou atrasar seu oponente enquanto ataca-o. A maioria dos selos que usa também são baseados em artes de glacemancia.

Ex-Ensen – ...

Não falarás nada, Kyuusai?

Ex-Ensen – Incomumente sou tão exaltado por aquele que tudo sabe; não ousarei interferir.

Fora do conhecimento de todos, exceto do meu e do dele mesmo, ele pratica artes que são estritamente proibidas; no tempo que ele pareceu estar parado ele esteve aprofundando-se em- (interrompido).

Ex-Ensen – Já me elogiastes o suficiente; não atreva-se a revelar mais nada a meu respeito!

Sumimasen deshita (lamento pelo que fiz)! Já dei muito spoiler sobre alguém que só no próximo livro vai participar ativamente; pararei por aqui como desejas, Kyuusai-dono.

Elfo branco. Duque. S rank.